UM

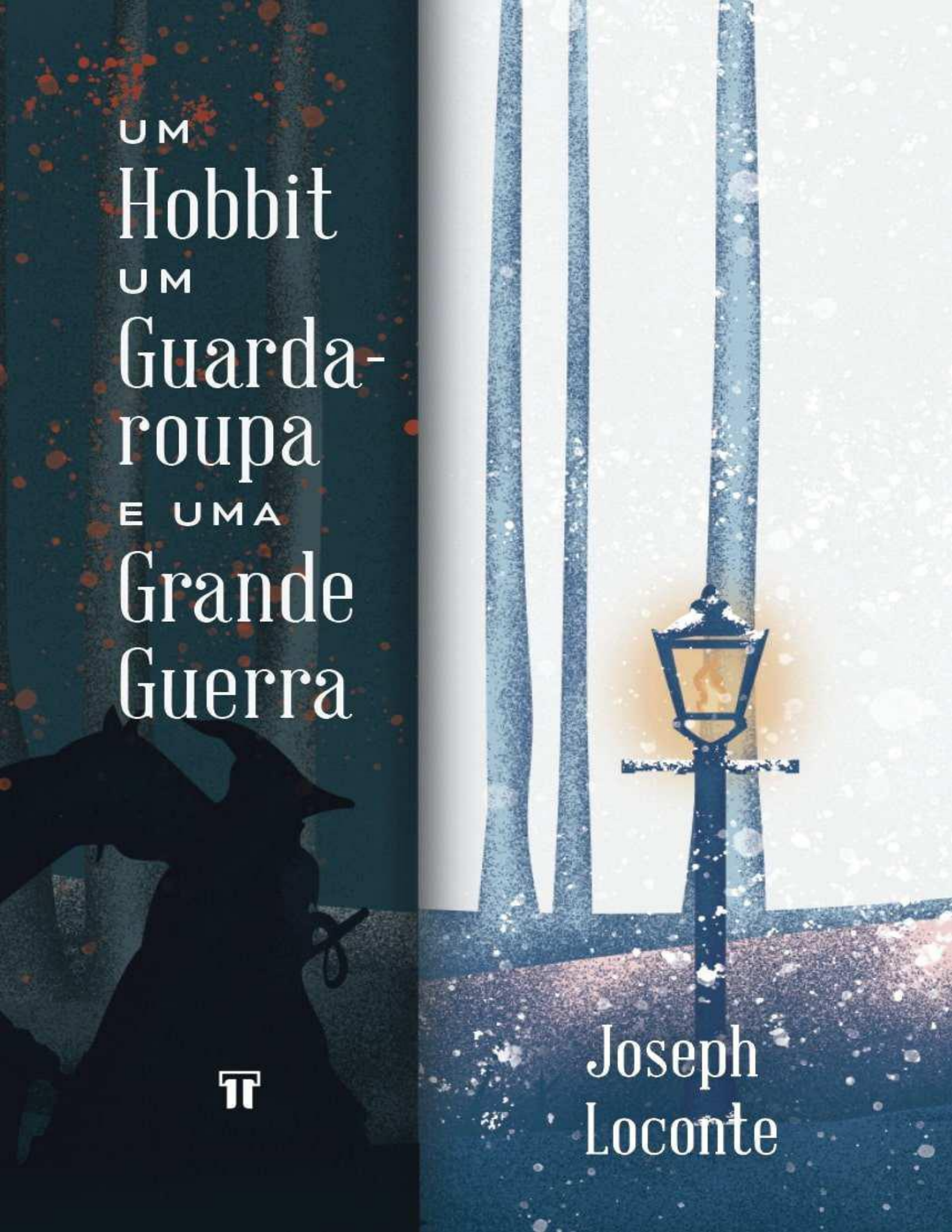
Hobbit

UM

Guarda-roupa

E UMA

Grande Guerra



Joseph Loconte

Copyright © 2015 by Joseph Loconte

Publicado originalmente sob o título:
A Hobbit, a Wardrobe, and a Great War: How J.R.R. Tolkien and C.S. Lewis Rediscovered Faith, Friendship, and Heroism in the Cataclysm of 1914-18

Published by arrangement with Thomas Nelson, a division of HarperCollins Christian Publishing, Inc.

1ª edição 2020

ISBN: 978-65-990583-4-9

Impresso no Brasil

Tradução: Júlia Ramalho
Revisão: Cesare Turazzi
Capa: Bárbara Lima Vasconcelos
Diagramação: Marcos Jundurian
Versão eBook: Tiago Dias

PIRATARIA É PECADO E TAMBÉM UM CRIME
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

O uso e a distribuição de livros digitais piratas ou cópias não autorizadas prejudicam o financiamento da produção de novas obras como esta.
Respeite o trabalho de ministérios como a Editora Trinitas.

L819h Loconte, Joe, 1961-
Um hobbit, um guarda-roupa e uma grande guerra / Joseph Loconte ; [tradução: Júlia Ramalho]. – São Paulo: Trinitas, 2020.

238 p. : il.

Tradução de: *A hobbit, a wardrobe, and a great war.*

Inclui referências bibliográficas (p. 209-229).

ISBN 978-65-990583-4-9

1. Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973 – Crítica e interpretação. 2. Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973 – Religião. 3. Lewis, C. S. (Clive Staples), 1898-1963 – Crítica e interpretação. 4. Lewis, C. S. (Clive Staples), 1898-1963 – Religião. 5. Guerra Mundial, 1914-1918. 6. Literatura e sociedade – Inglaterra – História – Séc. XX. I. Título.

CDD: 823.912

Catalogação na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB 07/6477

Todos os direitos reservados à:



Editora Trinitas LTDA
São Paulo, SP
www.editoratrinitas.com.br

“A Grande Guerra diferiu de todas as guerras antigas pelo imenso poder de seus combatentes e suas temíveis operações de destruição; distinguiu-se de todas as guerras modernas pela crueldade absoluta com que foi travada. Todos os horrores de todas as épocas foram reunidos, e não apenas exércitos, mas populações inteiras foram lançados no meio desses horrores.”

— Winston Churchill, *The World Crisis*, 1911–1918

“Homens então feitos íntimos pelas trincheiras entram em laços de dependência e sacrifício mútuos mais fortes do que qualquer amizade forjada em tempos de paz e dias melhores pode conceber. Este é o maior mistério da Primeira Guerra Mundial. Se pudéssemos entender seus amores, assim como seus ódios, estaríamos mais próximos de compreender o mistério da vida humana.”

— John Keegan, *A Primeira Guerra Mundial*

“Os mais corajosos certamente são os que enxergam com maior clareza o que está adiante, tanto glória como perigo, e, ainda assim, vão direto ao encontro de ambos.”

— Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*

Para minha mãe e meu pai,
que me ensinaram a ter coragem;
para meus avós, que enfrentaram a Grande Guerra,
e para os filhos de Ventotene

Sumário

Introdução

capítulo 1
O Funeral do Grande Mito

capítulo 2
A Última Batalha

capítulo 3
Numa Toca no Chão Vivia um Hobbit

capítulo 4
O Leão, a Feiticeira e a Guerra

capítulo 5
A Terra da Sombra

capítulo 6
Aquela Fortaleza Medonha

Conclusão
O Retorno do Rei

Agradecimentos

Uma Lembrança

Sobre o Autor

Notas

Índice Remissivo

INTRODUÇÃO

Em meio aos sofrimentos de uma das guerras mais destrutivas e desumanizadoras da história mundial, algo extraordinário ocorreu, para nunca mais se repetir. Aconteceu na noite de Natal, em 24 de dezembro de 1914.

A “Grande Guerra” vinha sendo travada furiosamente há cinco meses. Nenhum dos lados conseguia obter uma vantagem decisiva: a despeito de planos e promessas em contrário, os exércitos europeus estavam “disputando um impasse”.[1] Posicionadas na França, a maioria das tropas originais de 160 mil homens da Força Expedicionária Britânica (BEF) havia sido arrasada em Mons, Le Cateau e Ypres. As baixas nos exércitos francês e alemão foram ainda mais estarrecedoras. Nas primeiras semanas de guerra, os franceses haviam perdido 300 mil homens. No fim de dezembro, França e Alemanha contavam perdas em combate bem acima de 600 mil soldados, e ainda contando os feridos ou desaparecidos. Algumas das batalhas haviam sido travadas no combate direto, corporal. Conforme descrito pelo relato de um alemão da primeira Batalha de Ypre: “O inimigo lutou desesperadamente por cada acúmulo de pedras e por cada pilha de tijolos”.[2]

E, ainda assim, na noite de Natal, os exércitos de ambos os lados da Frente Ocidental baixaram as armas, cantaram hinos e trataram seus inimigos como irmãos.

Ninguém deu ordens para a então famosa “Trégua de Natal de 1914”. Não haveria quem planejasse algo assim. Surgiu espontaneamente, sem aviso, tanto entre oficiais quanto entre soldados rasos, ao longo de centenas de quilômetros de defesas fortificadas. “Entre as trincheiras, os oponentes odiosos e mordazes se encontraram ao redor de uma árvore de Natal e entoaram canções natalinas”, escreveu Josef Wenzl, soldado da infantaria alemã, a seus pais. “Um momento único na vida

como esse não se esquece”.[3]

No relato bíblico, o Anjo da Morte passou sobre as casas do Egito durante o cativeiro de Israel, e as destruiu. Já a visitação sobre aqueles soldados foi o inverso: uma explosão de humanidade que varreu as linhas da Frente Ocidental. Começando na véspera e prosseguindo por todo o dia de Natal, as máquinas de matar da Grande Guerra se silenciaram. Soldados saíram das trincheiras e cumprimentaram seus adversários na “Terra de Ninguém”, zona de disputa que separava as linhas de defesa inimigas. Eles se reuniram para cantar “*Stille Nacht*” (“Noite Feliz”) e trocar comidas, bebidas e tabaco. “Gradualmente, houve um cessar-fogo em quase todos os lugares ao longo da linha naquela véspera de Natal”, escreveu o historiador Modris Eksteins. “O espírito de Natal havia simplesmente conquistado o campo de batalha”.[4]

NO ABISMO

O espírito do Natal de dezembro de 1914 foi logo sugado para o abismo de morte e desolação. Muito do vigor, da confiança e da decência do Ocidente parece ter desaparecido junto dele. Como nenhuma guerra antes dela, explica o historiador John Keegan, a Primeira Guerra Mundial “causou danos na civilização, a civilização racional e liberal do Iluminismo europeu, que a piorou permanentemente, trazendo também, por meio do dano causado, pioras semelhantes à civilização mundial”.[5] Paul Johnson descreveu o conflito como a “tragédia fundamental da civilização do mundo moderno, principal razão por que o século XX transformou-se em uma época de tamanho desastre para a humanidade”.[6] Winston Churchill, que lutou na guerra, também refletiu, com perspectivas sombrias, sobre suas consequências: “Danos foram causados na estrutura da sociedade humana, danos que um só século não será capaz apagar, danos que podem se mostrar fatais à civilização atual”.[7]

O ano de 2014 marcou o centenário do início daquela tragédia: a guerra que tornaria o mundo um lugar seguro para a democracia, a guerra que acabaria com todas as guerras, a guerra que inauguraria o reino dos céus. Ao invés disso, no entanto, a Grande Guerra acabou com um continente e destruiu a esperança e a vida de uma geração. Antes que chegasse ao fim, quase todas as famílias da Europa choravam a perda de um membro, ou consolavam outras famílias em luto, ou cuidavam de um soldado ferido lutando para voltar à vida civil. Era, nas palavras do autor Aldous Huxley, "um tipo macabro de universo".[8]

O sustento de centenas de milhões de pessoas, incluindo membros de minha própria família, foi interrompido ou arruinado pelo conflito. Meu avô paterno, Michele Loconte, emigrante de uma pequena vila perto de Bari, no sul da Itália, morava nos Estados Unidos quando as hostilidades começaram. Recrutado para o Exército dos Estados Unidos, foi enviado à França em 1918, ano em que as tropas americanas começaram a chegar na Frente Ocidental. Ele sobreviveu à guerra, mas raramente falava a respeito. Meu avô materno, Giuseppe Aiello, deixou a ilha de Ventotene, onde nasceu, perto da costa de Nápoles, uma região no sul da Itália economicamente dizimada durante os anos de guerra. Chegou em Nova Iorque em 1921, pouco antes de Mussolini e os fascistas chegarem ao poder em Roma. Meus avôs estavam determinados a recomeçar a vida nos Estados Unidos.

Os especialistas continuam debatendo as causas e os resultados da guerra. No livro *Forgotten Victory*, Gary Sheffield admite a terrível natureza do conflito, mas insiste que "não foi nem fútil, nem sem sentido".[9] Uma Alemanha beligerante, ele escreve, tinha planos de conquista e dominação tais que as democracias da Europa simplesmente não podiam ignorar. No entanto, nas memoráveis palavras de Barbara Tuchman, "os canhões de agosto" apontavam para o início de um pacto suicida europeu: milhões de jovens perecendo nas trincheiras e sob arame farpado, a carnificina mecanizada de um conflito

que ninguém imaginava e que ninguém sabia como parar.

Como nenhuma outra força na História, a Primeira Guerra Mundial alterou permanentemente o panorama político e cultural da Europa, dos EUA e do Ocidente. No julgamento de outro historiador, a guerra tornou-se "o eixo sobre o qual o mundo moderno girava".[10] O crítico literário Roger Sale chamou o conflito de "o principal evento responsável por moldar a ideia moderna de que o heroísmo está morto".[11] Para uma geração de homens e mulheres, tal conflito trouxe o fim da inocência — e o fim da fé.

CONTRA A CORRENTEZA

Contudo, para dois autores e amigos extraordinários, J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis, a Grande Guerra serviu para aprofundar ainda mais sua busca espiritual. Os dois serviram como soldados na Frente Ocidental, sobreviveram à guerra de trincheiras e usaram a experiência nesse conflito para moldar sua própria imaginação cristã. Tolkien escreveu *O Hobbit* e, depois, *O Senhor dos Anéis*, o segundo romance mais vendido já escrito e obra que está entre as mais influentes do século XX. Lewis, por sua vez, ganhou fama com *As Crônicas de Nárnia*, uma série de sete livros infantis muito populares e que figuram entre os clássicos da literatura. Pode-se dizer que esses contos épicos — que contêm os pesares e os triunfos da guerra — nunca teriam sido escritos se esses autores não tivessem sido convocados ao combate na vida real.

A Primeira Guerra Mundial trouxe um enorme fardo de perdas para aquela geração. "As batalhas são vencidas com massacres e manobras", observou Churchill certa vez. "Quanto melhor o general, melhores são as manobras e estratégias criadas, o que diminui o número de perdas humanas".[12] Os generais dessa guerra, no entanto, sofreram muitas perdas. Até a chegada do Armistício, mais de nove milhões de soldados estavam mortos e cerca de 37 milhões feridos. Em média, mais

de seis mil homens eram mortos por dia durante o conflito, que durou 1.566 dias. Na Grã-Bretanha, quase seis milhões de homens — um quarto de sua população masculina adulta — passaram pelas fileiras do exército. Cerca de um em cada oito deles morreu na guerra.[13]

Tolkien e Lewis poderiam facilmente estar entre eles. Como segundo-tenente da Força Expedicionária Britânica, Tolkien passou muitos dias e noites na Frente Ocidental, frequentemente debaixo de fogo dos ataques inimigos. Ele lutou na Batalha do Somme, uma das batalhas consideradas mais sangrentas da história das guerras. “É preciso, de fato, passar pessoalmente pelos horrores da guerra para sentir verdadeiramente toda a sua opressão”, escreveu Tolkien décadas depois. “Mas, com o passar dos anos, parece que, frequentemente, nos esquecemos de que ter sido convocado em 1914 não foi menos terrível do que estar envolvido em 1939 e nos anos seguintes. Em 1918, ao final do conflito, todos, exceto um de meus amigos mais próximos, estavam mortos”.[14]

Também servindo como segundo-tenente da Força Expedicionária Britânica, Lewis foi imediatamente enviado para o *front* de batalha. A experiência de seis meses na guerra de trincheiras, um caos de sofrimento e morte, permaneceu com ele pelo resto de sua vida. Como ele mesmo refletiu certa vez, de maneira nada romântica: “As minhas lembranças da última guerra assombraram os meus sonhos durante anos. O serviço militar, para ser bem claro, é uma ameaça constante de todo tipo de mal”.[15] Lewis descreveu o sentimento de tristeza como “o bombardeio incessante nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, sem qualquer interrupção, por um minuto sequer”.[16] Assim como Tolkien, ele perdeu a maior parte de seus amigos mais próximos naquele conflito.

Após a guerra, os dois retornaram à Universidade de Oxford, onde começaram a trabalhar como professores de literatura inglesa. Eles se conheceram pela primeira vez em 1926 e estabeleceram um vínculo de amizade que transformaria suas vidas e carreiras. Tolkien teria um papel fundamental na

conversão de Lewis ao cristianismo, enquanto Lewis seria uma voz decisiva para persuadir Tolkien a concluir *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Dada a influência imensa e duradoura de suas obras, é muito difícil imaginar uma amizade mais significante no século XX — amizade que surgiu da dor e do sofrimento de uma guerra mundial.

Esses autores cristãos estavam nadando contra a correnteza do seu tempo. Durante os anos do pós-guerra, muitos veteranos produziram romances e poemas com um forte discurso anti-guerra. Muitos outros se tornaram moralmente céticos. No entanto, Tolkien e Lewis — profundamente cientes da "beleza e mortalidade do mundo" — insistiram que a guerra poderia inspirar sacrifícios nobres para propósitos humanos.[17] Enquanto toda uma geração de jovens autores rejeitava a fé no Deus da Bíblia, eles produziram histórias impregnadas com temas como culpa e graça, tristeza e consolo.

O jornalista Walter Lipmann, ao refletir sobre as consequências espirituais da Primeira Guerra Mundial, lamentou o fato de que "ilusões vulgares" tenham tomado o lugar da crença religiosa tradicional. "O que mais distingue a geração que alcançou a maturidade desde o desastre do idealismo no final da guerra, não é a sua rebelião contra a religião e o código moral de seus pais", escreveu ele, "mas sim a sua desilusão com a sua própria rebelião".[18] Parte da grande realização de Tolkien e Lewis foi reapresentar à imaginação popular uma visão cristã de esperança em um mundo torturado pela dúvida e pela desilusão.

DE VOLTA À REALIDADE

Ambos os autores, é claro, foram acusados de escapismo. Sua escolha de gênero literário — o mito romântico — foi considerado por algumas pessoas como "essencialmente, uma tentativa de fugir da feiura e do impasse moral do mundo moderno".[19] Contudo, nem Tolkien nem Lewis escolheram

escrever suas obras por influência de fantasias que exaltassem o escapismo, ou que glorificassem a guerra. Tolkien foi atraído a contos como *Beowulf*, com sua visão sombria da luta entre o bem e o mal. "A sua luta característica entre homem e monstro deve terminar, em última instância, na derrota do homem", escreveu Patricia Meyer Spacks. "No entanto, o homem continua lutando; suas armas são as armas dos hobbits: a simples vontade e coragem".[20] Por isso, em *O Senhor dos Anéis*, encontramos grande sobriedade sobre as perspectivas da vitória final nesta vida, como vemos nas palavras de Galadriel: "Por todas as eras do mundo, lutamos contra a longa derrota".

Quando pediram que citasse os livros que mais contribuíram para moldar a sua vida profissional, Lewis incluiu *A Eneida*, de Virgílio, a história mítica e violenta do início de Roma. Esse não é um conto de fadas para crianças. A submissão de Eneias ao desejo de cumprir o seu dever e a sua disposição para aceitar o seu difícil chamado o transformam em uma figura heroica. Porém, como Lewis observou certa vez, as dificuldades que ele precisa enfrentar transformam a obra em um "grande épico, difícil e amargo".[21] Apesar de ter sido escrito para crianças, o mesmo pode ser dito de *As Crônicas de Nárnia*, de Lewis. Há um triunfo final da luz sobre as trevas na história, mas não sem derramamento de sangue, perdas terríveis e medo da morte. "Siga o meu conselho", diz o Sr. Castor. "Sempre que você encontrar algo que será humano, mas ainda não é, ou que já foi humano, mas não mais é, ou, ainda, que deveria ser humano mas não é, fique de olho nele e tome cuidado".[22]

Tolkien e Lewis foram atraídos pelos gêneros de mito e romance, não porque desejavam escapar do mundo, mas porque, para eles, o mundo real possuía uma característica mítica e heroica. O mundo é o cenário de grandes conflitos e grandes buscas: ele cria cenas de violência, dor e sofrimento implacáveis, bem como de profunda compaixão, coragem e sacrifício altruísta. Em um tempo em que o cinismo e a ironia eram exaltados, Tolkien e Lewis tentaram recuperar uma

tradição mais antiga do herói épico. Suas descrições das lutas na Terra Média e em Nárnia não representam uma fuga da realidade, mas sim um retorno a uma visão mais realista do mundo como ele é de fato.

Na verdade, foi a experiência da guerra que ofereceu grande parte da matéria-prima para os personagens e temas de suas obras de fantasia. Em um sermão chamado "Aprendizado em Tempo de Guerra", Lewis explicou como a guerra expõe a loucura que é depositarmos a nossa felicidade em esquemas utópicos para a transformação da sociedade. "Se pensarmos que estamos construindo um paraíso na terra, se buscarmos por algo capaz de transformar esse lugar de peregrinação em um lar permanente para a satisfação da alma humana, então ficaremos completamente decepcionados — e rápido nos decepcionaremos".[23] Como veremos, ao contrário da desilusão que oprimiu grande parte de sua geração, Lewis usaria a sua experiência na guerra — todo o seu horror, assim como toda a sua nobreza — como um guia para a clareza moral.

O mesmo se deu com Tolkien, que saiu da guerra com um profundo respeito pelo soldado comum. Por ser oficial do Exército Britânico, ele não podia fazer amizade com muitos soldados de seu batalhão, nem com os "*batmen*", soldados encarregados de cuidar dos equipamentos de um oficial e atender às suas necessidades diárias. A guerra, no entanto, acaba por suavizar as hierarquias militares. Ao lutar ao lado desses soldados, Tolkien testemunhou inúmeras vezes a impressionante determinação deles enquanto sofriam ataques. Na verdade, como ele mesmo reconheceu mais tarde, uma das grandes figuras heroicas de *O Senhor dos Anéis* foi baseada em sua experiência mais imediata com os homens nas trincheiras da Grande Guerra: "O meu 'Sam Gamgi' é, de fato, reflexo do soldado inglês, dos soldados rasos e dos '*batmen*' que conheci na guerra de 1914 e considerava tão superiores a mim mesmo".[24]

UMA MENSAGEM PARA OS NOSSOS DIAS

O historiador militar Victor Davis Hanson observou certa vez que a história do Ocidente é quase a história da guerra. "A cidadania democrática", escreveu ele, "requer conhecimento da guerra".[25] Tolkien e Lewis nunca buscaram o profundo conhecimento de combate que acabaram por adquirir em sua juventude. Na verdade, não se pode enfatizar o suficiente que nenhum dos dois recebeu de bom grado a chegada da guerra ou jamais romantizou o seu significado. "Não sou nenhum guerreiro", diz Pippin em *O Senhor dos Anéis*, "e não gosto nem sequer da ideia de batalha".[26] E como poderia ser diferente, dado o que esses autores e a sua geração enfrentaram?

Contudo, a Grande Guerra ajudou a moldar a sensibilidade deles, um fato que parece ser negligenciado por estudiosos e admiradores de suas obras. No ano do centenário do início da Primeira Guerra Mundial, o interesse das editoras pelo conflito começou a despertar novamente. Os historiadores tendem a se concentrar na eclosão da guerra, nas táticas dos generais, na destruição causada pelo conflito, nos livros de memórias e romances amargurados que surgiram desde então. A maior parte da produção de material mais recente examina a guerra a partir de quase todos os ângulos — militar, social, político e econômico —, exceto do ponto de vista da fé. O mais necessário, porém, é uma nova avaliação da calamidade espiritual da guerra e da condição humana à luz dessa experiência.

A história do impacto que a guerra exerceu sobre a visão criativa de Tolkien e Lewis pode ajudar os historiadores a entender melhor as suas consequências morais e espirituais sobre uma geração inteira. Por outro lado, os admiradores de suas obras de ficção podem se beneficiar imensamente de uma avaliação mais profunda da experiência de guerra. Tanto crentes quanto céticos podem se surpreender ao descobrir como dois dos mais célebres escritores do século XX responderam à Grande Guerra: como ambos empregaram a sua consciência cristã para desafiar uma cultura

predominantemente triste, sombria e incrédula no período pós-guerra.

Os feitos e a importância de ambos para os nossos dias não podem ser subestimados. Alguns autores veem em suas obras "desespero em relação à vida social e política moderna" e "um grande pessimismo sobre a vida e a sociedade".[27] No entanto, críticas como essas parecem ser empobrecidas por suas próprias suposições sombrias. Tolkien e Lewis oferecem uma compreensão da história humana que é, ao mesmo tempo, trágica e esperançosa: eles sugerem que a guerra é um sintoma da ruína e da destruição da vida humana, mas que aponta o caminho para uma vida restaurada e transformada pela graça.

Nesse sentido, os dois autores apresentam um desafio àqueles que veem a guerra como uma solução pronta para os nossos problemas, assim como para aqueles que condenam qualquer guerra como mal absoluto. Tolkien e Lewis não foram vítimas das reações extremas à guerra, tão típicas de seu tempo. "Nós sabemos, pela experiência dos últimos vinte anos", escreveu Lewis em 1944, "que o pacifismo aterrorizado e raivoso é um dos caminhos que levam à guerra".[28] Tolkien condenou o "desperdício total e estúpido da guerra", porém admitiu que "ela é necessária em um mundo maligno".[29] O recurso utilizado por eles foi nos trazer de volta à tradição heroica: uma forma de pensamento temperado pelas realidades do combate e fortalecido pela fé em um Deus de justiça e misericórdia.

Talvez o personagem de Faramir, o Capitão de Gondor em *O Senhor dos Anéis*, expresse isso melhor.[30] Ele possui humildade, assim como grande coragem — é um guerreiro com uma "grave ternura no olhar", que não sente prazer na perspectiva de batalha. Assim, ele transmite uma mensagem que vale a pena ser repetida nos dias atuais, em um mundo que conhece bem as tristezas e devastações da guerra: "A guerra deve acontecer, enquanto estivermos defendendo nossas vidas contra um destruidor que poderia devorar tudo", explica

ele. “Mas não amo a espada brilhante por sua agudeza, nem a flecha por sua rapidez, nem o guerreiro por sua glória. Só amo aquilo que eles defendem”.[31]

capítulo
1

O FUNERAL DO GRANDE MITO

Em 13 de maio de 1901, três meses após se juntar ao Parlamento, Winston Churchill, aos vinte seis anos, fica em evidência ao enviar uma censura aos seus colegas do Partido Conservador na Câmara dos Comuns do Reino Unido. Ansiosos com os avanços alemães na Europa, alguns dos políticos ingleses exigem que o governo prepare um exército capaz de derrotar o inimigo europeu. Acreditava-se que tal guerra seria limitada, decisiva — e imensamente vantajosa para o vencedor.

Mas Churchill acumulou experiências de batalhas na Índia, no Sudão e na Segunda Guerra dos Bôeres, na África do Sul. Ele percebeu que a natureza da guerra estava em mudança; o conflito na Europa não seria nada parecido com o das guerras coloniais do século anterior, disputadas por pequenos exércitos profissionais contra inimigos despreparados, e levado a uma rápida conclusão. “Fico espantado ao ouvir nesta Câmara tamanha calma e fluidez proferida por membros, e até mesmo ministros sobre uma guerra europeia”, Churchill declara. Tal conflito, ele adverte, resultaria “na ruína do exército derrotado e na desorganização comercial e na exaustão por pouco menos fatais dos vencedores”.[1] Essa não seria a última vez que Churchill se acharia fora dos passos da sabedoria política convencional.

No início do século XX, planos sobre a guerra e sobre o que poderia acontecer estavam ligados com uma ideia geral singular. A ela daremos o nome de “O Mito do Progresso”. Talvez a visão mais abrangente sustentada nos anos que levaram à Grande Guerra tenha sido a de que a Civilização

Ocidental marchava inexoravelmente para o futuro, que a própria humanidade estava amadurecendo, evoluindo, avançando — que novas visões sobre política, cultura e realização espiritual estavam ao alcance. No Renascimento, a mensagem de Pico Della Mirandola, *Discurso sobre a Dignidade do Homem* (1486), no qual o Criador exalta as terríveis possibilidades da humanidade, captura de maneira precisa essa disposição: "Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal, nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo".[2]

Os pensadores e escritores que ensinaram à geração de J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis estavam certos sobre qual direção a humanidade seguia. A confiança no progresso humano levou muitos a acreditar que com a ajuda das tecnologias modernas, guerras poderiam ser travadas com um custo mínimo de vidas e riquezas.

O argumento é simples: europeus racionais não mais deveriam apoiar campanhas longas e brutais como nos anos passados. Os dias das guerras religiosas, das Guerras Napoleônicas, da Guerra da Crimeia — são relíquias de uma era passada. Com uma economia cuidadosa e políticas sadias, guerras curtas e organizadas seriam a norma. "O conceito de Estados guerreando até a exaustão absoluta", conclui o autor alemão em 1908, "está fora da experiência cultural europeia".[3] Poucos anos antes do surto da Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha se organizava para um confronto com a Grã-Bretanha e a França por um porto na costa marroquina, um líder antiguerra do Parlamento Alemão bradou as seguintes palavras: "as coisas melhoram depois de qualquer guerra!".[4]

A crença no progresso levou outros a argumentar que o Ocidente em breve dispensaria completamente a guerra e o remanescente de uma época primitiva e não iluminada.

O escritor britânico Norman Angell, em seu livro *A Grande Ilusão*, explicou como as grandes democracias da Europa perceberiam que a guerra produziria dificuldades econômicas e perdas severas, afirmando que tomaria todas as medidas necessárias para evitá-la.

De acordo com Angell, a Revolução Industrial — por estabelecer um modelo econômico de crescimento e interdependência — mudou a dinâmica entre os Estados-nações. Nas grandes nações industriais como Grã-Bretanha, França, Alemanha e Estados Unidos, ele escreve, "arrefecia o impulso psicológico que leva à guerra", assim como abandonado era o impulso de matar seus vizinhos por causas religiosas. "O menos informado dos homens sabe perfeitamente que as coisas caminham no sentido contrário a toda tendência de agressão contra as crenças e os ideais alheios".[5] Na nova era do comércio e da comunicação internacional, era natural que nações dedicassem mais recursos para a paz do que para os preparativos de guerra. Ele perguntou, "como poderiam manter-se vivos os instintos associados à guerra em oposição aos interesses, empreendimentos — e todos os esforços — que promovem a paz?".[6]

Publicado pela primeira vez em 1909, *A Grande Ilusão* tornou-se líder de vendas. Foi traduzido para o francês, o alemão, o italiano, o russo e, ao longo dos anos, passou por mais dez edições em inglês. O livro parecia falar de maneira profunda e abrangente a um anseio compartilhado: a "paz perpétua" imaginada por filósofos como Immanuel Kant. A ficção científica escrita por H. G. Wells recordava o estado de espírito da época: "Penso que, décadas antes de 1914, não apenas eu, mas a maioria de minha geração — no Império Britânico, nos Estados Unidos, na França e na maioria do mundo civilizado — acreditava que a guerra estava chegando ao fim. Ao menos era o que nos parecia".[7]

Era uma compreensão especialmente atraente aos líderes religiosos, mesmo na véspera do conflito. A coalizão de organizações religiosas e seculares, o Conselho Nacional de Paz

da Grã-Bretanha previu uma nova era de harmonia internacional. A edição de 1914 de seu *Anuário da Paz* nos oferece essa predição surpreendente:

> Paz, o infante do século XIX, é a forte juventude do século XX; pois a Guerra, produto do medo e da anarquia, desfalece sob o crescimento e a pressão persistente da organização mundial, da economia, da necessidade, da relação humana. Tal mudança de espírito, esse senso social, esse novo aspecto da vida mundial é o tom dominante, o *Zeitgeist* desta era.[8]

Essa "mudança de espírito", essa fé no progresso que tornaria a guerra um anacronismo, achou o seu campeão na Inglaterra Vitoriana. Nos anos de declínio do século XIX — década em que Tolkien e Lewis nasceram —, a Grã-Bretanha estava no ápice de suas conquistas políticas, econômicas e culturais. Sua democracia parlamentarista era a mais antiga e mais estável em toda a Europa, suas colônias eram as maiores, controlavam um quarto das terras do planeta, e sua frota marítima dominava os mares. Em resumo, a Coroa Britânica reinou sobre o maior império da história do mundo.[9] Apesar dos excessos imperialistas, o historiador Niall Ferguson argumenta, "nenhuma organização fez mais para impor as normas, a ordem e a governança ocidental mundo afora".[10] Tolkien e Lewis faziam parte da geração de britânicos que igualava a prosperidade e o crescimento de sua nação com o próprio progresso da civilização.

A PROMESSA DO PALÁCIO DE CRISTAL

E por que não? Como líder da Revolução Industrial, a Inglaterra era pioneira nos avanços tecnológicos que cobriam toda a Europa. Sua dominância foi inquestionável até a primeira Exposição Mundial, mantida em Londres, em 1851, "no apogeu do extravagante Império Britânico".[11] Um enorme monumento de vidro e ferro fundido foi construído para receber a Grande Exposição. Conhecido como Palácio de Cristal, era a maior estrutura de vidro do mundo e um símbolo dos triunfos

culturais da Inglaterra Vitoriana. Em exibição havia mais de cem mil exposições, espalhadas em um espaço de dezesseis quilômetros, agrupadas em quatro principais categorias: matéria-prima, maquinaria, manufaturas e Belas-Artes. Dos quinze mil contribuidores, O Reino Unido exigiu metade do espaço da exposição. Durante a abertura da exposição, a Rainha Vitória declarou aquele como "o maior dia de nossa história".

Dias ainda maiores pareciam por vir. Transportes ferroviários, motores a vapor, reatores químicos, a indústria têxtil, minas de carvão e ferro tornavam-se instrumentos naturais da humanidade.

Como o historiador Roger Osborne explica, a ciência baseada na tecnologia estava melhorando a vida de pessoas comuns, tornando-a mais fácil e segura. Também mais saudável: os princípios da ciência produziram melhor condição de vida e higiene, permitindo novos avanços na medicina e no tratamento de doenças. As novas tecnologias, a explosão do crescimento das cidades e a produtividade da Indústria — todas essas forças mudaram a natureza física da vida europeia.[12]

Foi essa invasão da vida tecnológica na Inglaterra rural que Tolkien viria a ressentir. Nascido em 1892, John Ronald Reuel Tolkien desenvolveu uma profunda ligação com seu lar em *West Midlands*, um condado que já era a mistura de zona rural com desenvolvimento urbano. Tolkien, que passou seus primeiros anos em uma "era pré-mecânica", considerava ter crescido nos arredores de Birmingham — centro da Revolução Industrial — como um dos fatos "realmente significativos" de sua juventude. Hoje, *West Midlands* é uma das regiões mais urbanizadas da Grã-Bretanha.

"Como é real, como é espantosamente viva a chaminé de fábrica comparada a um pé de olmo: pobre coisa obsoleta, sonho insubstancial de um escapista!",[13] Tolkien escreve com desdém. O amor de Tolkien pela região rural inglesa e seu

apego pela natureza rebelaram-se contra a industrialização caótica daqueles dias. Sua divergência encontrou uma saída criativa: o mundo bucólico dos hobbits, a região da Terra Média conhecida como Condado.

O biógrafo Humphrey Carpenter acredita que a ruptura da mecanização sobre o amado mundo de Tolkien "definiu a natureza de seu trabalho erudito", motivando-o a criar o Condado e seus habitantes caseiros.[14] Como Tolkien uma vez disse a seu editor, o Condado "é baseado na Inglaterra rural e não em qualquer outro país".[15] A casa do famoso hobbit, Bilbo Bolseiro, leva seu nome — "Bolsão" — da fazenda de sua tia em Worcestershire. "Sou de fato um *Hobbit* (em tudo, exceto na estatura)", ele admite. "Gosto de jardins, de árvores e de terras aráveis não mecanizadas; fumo cachimbo e gosto de uma boa comida simples (que não seja industrializada), mas detesto a culinária francesa".[16]

Em contraste, Tolkien enxergava o excesso de confiança na tecnologia, "a Máquina", como um passo mais próximo para a dominação de terceiros. O ato de "intimidar o mundo real", escreveu Tolkien, envolvia "coagir outras vontades".[17] Por isso, o abominável reino de Mordor é sustentado por suas fábricas e motores, os quais Sauron apresenta como forças suas para invadir o Condado. Esse tema iria ocupar grande parte da carreira de Tolkien.

Escrevendo na década de 1940, Tolkien lamenta porque "a tragédia e o desespero de todo maquinário se expõem". A tragédia, como ele viu, foi a tentativa de usar a tecnologia para realizar nossos desejos e aumentar nosso poder sobre o mundo que nos cerca — tudo que nos deixa insatisfeitos. Tolkien ligou o problema a um significado espiritual: "e, além dessa incapacidade fundamental da criatura, acrescenta-se a Queda, o que faz com que nossos aparelhos não falhem em seu desejo, mas se tornem um mal novo e horrendo".[18] Essa certamente foi a visão que, em *O Senhor dos Anéis,* o levou a retratar os inimigos da natureza nos termos mais sombrios. O Mago

Saruman “tem um cérebro de metal e rodas, e não se preocupa com os seres que crescem, a não ser enquanto o servem”, Tolkien escreveu. “E agora fica claro que ele é um traidor sombrio”.[19]

Clive Staples Lewis nasceu em 1898, nos arredores de Belfast, na Irlanda do Norte. A família se mudou para Little Lea, à beira do subúrbio, uma cidade cercada por colinas verdes. De sua casa ele conseguia enxergar todos os tipos de embarcações indo e vindo em Belfast Lough. “O som do apito do vapor à noite”, escreveu, “ainda evoca toda a minha meninice”.[20] A alguns quilômetros de sua casa encontravam-se “montanhosas terras agrícolas indiscutivelmente abertas”, as quais Lewis e seu irmão Warren exploravam de bicicleta.[21]

Assim como Tolkien, Lewis passou a duvidar das promessas da industrialização por melhoras na condição humana, ceticismo que carregaria ao longo de toda sua vida. “Perto daqui, estão prestes a demolir parte da amável *Beechwood*, a fim de alinhar a principal rua de Londres, malditos sejam”, escreveu semanas antes de sua morte, em novembro de 1963. “Há momentos em que me pergunto se a invenção do motor de combustão interna não foi um desastre ainda maior do que a bomba de hidrogênio!”. Ideias modernas sobre o “progresso” que negligenciavam padrões e tradições do passado seriam questionadas. “Eu me importo mais em como do que por quanto tempo a humanidade vive”, ele escreveu. “Progresso, para mim, significa o aumento da felicidade e da bondade na vida dos indivíduos. Para as espécies, como para cada homem, a mera longevidade me parece uma ideia desprezível”.[22]

Trata-se de uma convicção que aparece com frequência em seus escritos, onde Lewis ridiculariza o crescimento das tecnologias e burocracias à custa da liberdade humana. Em *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, o Rei Caspian tem contratempos com comerciantes de escravos, que, com estatísticas e gráficos, tentam justificar suas operações para o desenvolvimento econômico. Caspian quer que o comércio

acabe:

> “Isso seria o mesmo que impedir o relógio de marcar o tempo”, articulou o governador. “Você não faz ideia do que seja o desenvolvimento, o progresso?”
>
> “Já vi essas duas coisas num saco só”, disse Caspian. “Em Nárnia a isso chamamos de *ir de mal a pior.* Esse negócio tem de acabar”.[23]

Ambos os autores consideraram a modernização do século XX como uma ameaça à sociedade, pois enxergavam o mundo natural como obra das mãos de Deus e, portanto, essencial à felicidade humana. Assim, a natureza era uma aliada fundamental na luta contra as forças desumanizadoras.

Nas batalhas decisivas de Nárnia e da Terra Média, a própria Natureza se junta na luta contra a tirania. Os ents, as árvores andantes e humanoides de Tolkien, estão entre as figuras mais memoráveis de suas histórias. Liderados por Barbárvore — a criatura viva mais velha da Terra Média —, os ents foram criados para proteger a floresta contra os orcs e outras forças mortais. Travada na Segunda Era, a calamitosa Guerra dos Elfos e Sauron arrasou a terra, forçando os ents ao confinamento na Floresta de Fangorn. Apesar da esperança de evitar a Guerra do Anel, Barbárvore e seus companheiros não poderiam mais tolerar as atrocidades cometidas contra eles e a floresta. Como o mago Gandalf explica, eles finalmente decidem marchar contra Sauron — “a última marcha dos ents” — e cumprem um papel decisivo em sua derrota. “Mas agora sua ira lenta e longa está transbordando, e toda a floresta está cheia dela... sua maré está voltada contra Saruman e os machados de Isengard. Algo que não acontece desde os Dias Antigos está para acontecer: os ents acordaram e perceberam que são fortes”.[24]

Da mesma maneira, Lewis observava a natureza como uma parte intrínseca da vida. Esse é o motivo por que *As Crônicas de Nárnia* fornecem um papel tão proeminente aos animais. Mesmo as menores criaturas — o rato Ripchip, por exemplo — podem demonstrar as maiores virtudes humanas. Como o biógrafo Alister McGrath escreve, Lewis entendia o

relacionamento da humanidade com os animais e o resto do mundo natural como potencialmente enobrecedor e gratificante. “O retrato que ele faz de personagens animais em Nárnia é, em parte, um protesto contra as afirmações superficiais do direito da humanidade de fazer o que lhe aprouver com a natureza”.[25]

Em *Príncipe Caspian,* o personagem Caça-Trufas explica para Caspian o porquê será difícil de acordar os espíritos das árvores na batalha contra Miraz, o rei ilegítimo de Nárnia e seu exército telmarino: “Não temos poder sobre eles. Desde que os humanos invadiram o país, derrubando as árvores e secando as fontes, as dríades e as náiades mergulharam num sono profundo.[26] Ainda assim, a guerra não poderia ser vencida sem a ajuda deles e Aslam os convoca a se unirem à cruzada: a “floresta em marcha”. Na cena que nos lembra de “A Última Marcha dos Ents”, árvores de todas as direções convergem como uma tempestade sobre o campo de batalha: “não demorou que seus gritos e o tinir das armas fossem abafados pelo rugir oceânico das árvores despertas, que se infiltravam pelas fileiras de Pedro e continuavam em perseguição aos telmarinos”.[27]

É a vingança da natureza contra o homem: a exploração industrializada do mundo físico não pode continuar impune. Esse entendimento contra o ataque do homem ao seu ambiente poderia ser aprofundado apenas a partir da experiência da Grande Guerra. Nunca antes na história da guerra a tecnologia moldou um holocausto com tão terríveis efeitos na natureza, assim como também nos homens. O que certo historiador disse sobre a Batalha do Somme poderia ser aplicado a muitas batalhas de 1914–18, que devastaram a paisagem da Europa**:** “neste campo de fogo, nada poderia viver”.[28] A autora Vera Brittain, escrevendo três anos após a conclusão da guerra, descreveu a cena perto de Amiens, onde ela procurava pela sepultura de seu noivo. Ela testemunha uma “série de estradas destruídas por bombardeios, entre os grotescos esqueletos de troncos de árvores, com seus ramos nus e destroçados ainda

apontando para o céu num ridículo protesto contra a fria crueldade dos homens em relação à natureza e aos homens".[29]

O DOMÍNIO DA NATUREZA SEM DEUS

Como veremos, Tolkien e Lewis importaram essas imagens, algumas vezes quase diretamente, dentro de suas obras de ficção — um protesto silencioso contra a marcha do progresso. Porém, no tempo em que entraram para a vida adulta, o passado pré-industrial deu espaço para um presente encantado de ciência e tecnologia. "De 1900 a 1914, avanços tecnológicos, sociais e políticos alastraram-se pela Europa e pelos Estados Unidos numa escala nunca vista em qualquer outro período", escreve o historiador Max Hastings, "um piscar de olhos da experiência humana".[30]

Apenas considere os avanços que apareceram na virada do século. Em 1900, como para simbolizar a ascensão evolucionária do homem, Charles Seeberger inventa a primeira escada rolante moderna. No próximo ano, Marconi envia o primeiro sinal de rádio transatlântico, enquanto Hubert Booth inventa o aspirador de pó. Em 1902, aparece o primeiro ar-condicionado, o detector de mentira e a luz neon. Em 1903, os irmãos Wright testam com sucesso o primeiro avião com tripulação e motor a gasolina; a primeira turbina a vapor aparece no mesmo ano. Em 1904, o trator é inventado. Em 1905, Albert Einstein choca a comunidade científica com sua teoria da relatividade. O Sonar é desenvolvido em 1906 e o primeiro hospital com ar-condicionado aparece em Boston. Em 1907, a fotografia colorida é inventada. Em 1908 Henry Ford produz 10.660 automóveis Modelo T em sua linha de montagem, tornando os carros mais acessíveis para um maior número de pessoas. O café instantâneo é inventado em 1909 (os esnobes modernos veem isso como um sinal do *declínio* do Ocidente). Em 1910, Thomas Edison revela o primeiro filme cinematográfico falado, enquanto a física Marie Curie isolava com sucesso o rádio, um feito que faria dela a primeira mulher

a receber o Prêmio Nobel.

Todo esse progresso autogerado, esse domínio da natureza, estava ocorrendo sem a ajuda da religião. Para muitos americanos e europeus, o cristianismo parecia irrelevante aos *insights* e bênçãos das novas tecnologias. "Utilizando sua verdadeira inteligência e sem a ajuda da divina revelação das Sagradas Escrituras, o Homem penetrou nos mistérios da Natureza, transformou seu universo e melhorou sua existência de modo incomensurável", escreve Richard Tarnas em *A Epopéia do Pensamento Ocidental*. "O Homem era o responsável por seu próprio destino. Sua inteligência e sua vontade poderiam mudar este mundo. A Ciência deu-lhe uma nova fé, não apenas no conhecimento científico, mas em si mesmo".[31]

A recém-descoberta fé na humanidade, ainda assim, não implica contentamento com o lugar do homem na natureza. Muitos começaram a imaginar se os mesmos princípios científicos que transformavam drasticamente o mundo material poderiam ser usados para aperfeiçoar o seu mais importante habitante: a espécie humana. Se a ciência seria efetiva ao provar e aprimorar a natureza, não poderia ela fazer o mesmo para a sociedade humana?[32]

Portanto, não eram apenas as inovações tecnológicas que animavam os crentes no progresso. Pensadores sociais e cientistas também foram transformando os modos como os americanos e europeus observavam a natureza humana e o cosmo. Charles Darwin, com certeza, pavimentou o caminho com sua teoria da evolução. Em *A Origem das Espécies* (1859), Darwin parecia explicar cientificamente, pela primeira vez, como organismos mudavam, se adaptavam e se tornavam mais complexos.

O próprio Darwin ainda sugeriu que a ideia de uma seleção natural, a luta pela existência do mais apto e capaz, poderia ser estendida a outras áreas. Graças a Herbert Spencer, teórico social britânico, a teoria de Darwin foi reinterpretada como uma doutrina de um progresso ininterrupto — e aplicada à sociedade em geral. Cada esfera da ação humana caiu sob sua

influência, da política à economia e à ética. Spencer escreve que a humanidade estava em um longo processo de adaptação e autoaperfeiçoamento: "a crença na perfeição humana equivale à crença de que, em virtude deste processo, o homem finalmente se tornará completamente adaptado ao seu modo de vida".[33]

O impacto de Spencer no pensamento americano dificilmente pode ser exagerado. Nas décadas que levaram a Primeira Guerra Mundial, era praticamente impossível realizar qualquer trabalho intelectual sem entendê-lo.[34] Sua influência crescente seria inconcebível se não tivesse surgido na era do aço, dos motores a vapor, da competição, da exploração e da luta.[35] O juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, Oliver Wendell Holmes, duvidava que "qualquer escritor inglês, com exceção de Darwin, tenha feito tanto para afetar toda nossa maneira de pensar sobre o universo".[36]

Portanto, a interpretação social de Spencer da ciência darwiniana incitou a mais poderosa narrativa no começo do século XX. O Mito do Progresso não era apenas uma história entre outras. Era *a* história, a metanarrativa de todas as histórias sobre nossa vida mortal, uma explicação compreensiva do significado da existência humana.

O Mito do Progresso foi proclamado de quase todo setor da sociedade. Cientistas, médicos, educadores, manufatureiros, vendedores, políticos, pregadores — todos concordavam com o voo ascendente da humanidade. Cada descoberta na medicina, na ciência e na tecnologia parecia confirmar o Mito. Cada invenção e inovação era oferecida como evidência: quer fosse as mensagens de rádio de Marconi, quer fosse a metralhadora de Maxim, tais avanços eram ordenados pelos deuses do progresso.[37] Assim, o que começou como uma teoria sobre *mudança* biológica, tornou-se uma suposição — um dogma — sobre o *progresso* humano até a perfeição.

Ao menos era isso que parecia para C. S. Lewis e muitos de sua geração. "Cresci acreditando no Mito e senti — e ainda sinto — sua quase perfeita grandeza", ele escreve. "Para

aqueles criados no Mito nada parecia mais normal, mais natural, mais plausível do que o caos que deveria se transformar em ordem, morte em vida, ignorância em conhecimento. Esse é a história do mundo mais motivadora e satisfatória já imaginada.[38]

O Mito do Progresso prova ser irresistível, especialmente àqueles que foram repelidos pelo cristianismo tradicional e sua desconfortável doutrina de culpa, juízo e arrependimento. Naturalmente, o triunfo da ciência e da tecnologia parecia não deixar uma função significativa para a religião ou para o sobrenatural. A ciência, e não a religião que levava à realização humana. Seu domínio deixou muitos cristãos lutando por meios para assegurar a credibilidade de sua fé. O historiador James Turner escreve: "observada com os olhos frios do empirismo", as reivindicações do cristianismo sobre o cosmo "ficaram nuas como um bebê".[39]

No final do século XIX, teólogos e reformadores sociais estavam reformulando rapidamente o cristianismo como "evangelho social" do avanço da humanidade, perfeitamente em sintonia com o *Zeitgeist*. Ainda que fossem louváveis em suas intenções — programas para diminuir a pobreza, prover aos órfãos, reduzir o alcoolismo, melhorar as condições de trabalho — muitos desses esforços também foram engolidos pelo Mito. Pastores como Lyman Abbott, autor de *The Evolution of Christianity*
["A Evolução do Cristianismo"], predisseram o desenvolvimento constante da moral: "Há um Deus na História, há um Deus na natureza — um Deus que está trabalhando em um grande plano acima dos homens, assim como há um Deus que está realizando grandes planos por meio de todo o fenômeno material e mecânico".[40] A religião cristã, declarou Washington Gladden, líder do evangelho social, "deve ser uma religião menos preocupada em levar o homem ao céu do que prepará-lo ao devido trabalho na Terra".[41]

O EVANGELHO DA EUGENIA

Na era de triunfalismos tecnológicos, pessoas "preparadas" para seu "devido trabalho" no mundo, significava aplicar os métodos científicos para a melhoria da espécie. Em uma palavra: *eugenia*. Cunhada por Francis Galton, primo de Darwin, a palavra vem do grego, que significa "bem-nascido".

Falando para uma sociedade instruída em Londres, em 1909, Galton explicava como as ferramentas da ciência evolucionária poderiam ser usadas para a melhoria da raça humana. "O que a natureza faz cegamente, vagarosamente e impiedosamente, o homem pode fazer providencialmente, rapidamente e gentilmente" ele disse. "Como está dentro do seu alcance, então se torna seu dever trabalharmos nessa direção".[42] Armado com uma pesquisa estatística documentando o declínio genético da Grã-Bretanha, Galton visava um investimento coletivo em massa nos programas de eugenia. "Se a vigésima parte dos custos e dos esforços, que é gasta com a melhoria de raça de cavalos e gatos, fosse gasta com medidas para a melhoria da raça humana, que universo de gênios não poderíamos criar", ele diz. "Podemos introduzir profetas e sumos sacerdotes da civilização neste mundo, assim como podemos propagar idiotas ao cruzar pessoas débeis".[43]

O evangelho da eugenia de Galton fundou um solo fértil na Grã-Bretanha, nos salões intelectuais da Europa e nos Estados Unidos. Começando nos primeiros anos do século XX, cientistas da eugenia solicitaram por programas para manipular a reprodução humana. Eles advogaram por leis para segregar os chamados débeis mentais em colônias estaduais, para viverem suas vidas em celibato. Eles lideraram o esforço para restringir a imigração de outros países cujos cidadãos poderiam prejudicar seu conjunto genético nacional. E eles apoiaram as leis de esterilização que visavam homens e mulheres cujo "germoplasma" ameaçava a vitalidade eugênica da nação.[44]

Na Grã-Bretanha, a Sociedade de Educação Eugênica foi fundada em 1907 para defender essa causa. Em 1913, a

Associação Genética Americana foi estabelecida nos Estados Unidos para promover as doutrinas da pureza racial. A eugenia se tornava uma disciplina acadêmica em muitas escolas e universidades. Começando em 1912, uma série de Conferências Internacionais de Eugenia foram hospedadas em Londres e em Nova Iorque, criando um ponto de encontro global para eugenistas e seus apoiadores. "Isso [eugenia] deve ser introduzido na consciência nacional, como uma nova religião", Galton explicou. "Existem, de fato, fortes reivindicações para se tornar um dogma religioso ortodoxo do futuro, pois a eugenia coopera com o funcionamento da Natureza, assegurando que a humanidade será representada pelas raças mais aptas".45

Líderes religiosos, especialmente os da ala liberal da Igreja Cristã, responderam a esse chamado. Ministros da Igreja da Inglaterra realizaram um Congresso da Igreja em 1910, em Cambridge, sobre os débeis mentais, convidando para participar vários membros da Comissão Real. Os participantes naquele dia foram tratados com discursos "brilhantes" incitando o clero a promover a agenda eugênica a todo momento. De acordo com o palestrante, a Igreja Nacional teve "uma grande responsabilidade perante a humanidade" e "o futuro pertence a essas nações cujos líderes religiosos assumem essa responsabilidade". Um americano observador do Congresso concluiu, com aparente inveja, que a Igreja da Inglaterra "estava pronta, em matéria de ação social, para pensar biologicamente".46

Dois anos depois, em Londres, os bispos anglicanos de Birmingham, Oxford e Ripon estavam entre os vice-presidentes do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia. O Major Leonard Darwin, filho de Charles Darwin, estava presidindo como oficial — ilustrando a ligação intelectual entre darwinismo e eugenia. No mesmo ano, o influente ministro protestante F. B. Meyer, autor de *Religion and Race-Regeneration*, 1912 ["Religião e Regeneração Racial"], avisando sobre o alto índice de natalidade dos católicos, dos judeus e dos débeis mentais que apresentavam uma ameaça coletiva à

sociedade.[47]

Para Lewis e Tolkien, tudo isso representava um ataque direto à dignidade humana: uma redução do indivíduo à mera biologia. Em suas obras, ambos invariavelmente retratavam seus personagens como seres físicos *e* espirituais, responsáveis por suas almas ainda que limitados pela própria natureza terrena. Seus mundos ficcionais estão cheios de raças não humanas — elfos, anões, hobbits, centauros, etc. —, os quais, no entanto, compartilham desse atributo fundamental. Para cada um deles, virtude e vícios são igualmente plausíveis.[48] Como Tolkien insistiu, mesmo os mais mortais orcs são apresentados como criaturas racionais, "apesar de horrivelmente deturpadas, se bem que não mais do que muitos homens que se pode encontrar hoje em dia".[49]

Isso ajuda a explicar o amargo conflito entre as forças da escravidão e da liberdade que acontece em suas histórias: nenhuma criatura é nascida em cativeiro, e ninguém tem o direito de nascimento de oprimir os outros. Em *O Senhor dos Anéis,* os seguidores de Sauron, o Senhor do Escuro, o serviam com medo; eles não passam de escravos em seu reino. Vemos, portanto, o uso da engenharia genética — na criação dos orcs — para estender a ditadura de Mordor mundo afora. Em seu âmago, a Guerra do Anel é uma luta por preservar a liberdade essencial e a humanidade dos habitantes da Terra Média. "Seria um triste golpe para o mundo", diz Gandalf, "se o Poder Escuro dominasse o Condado; se todos vocês... fossem todos escravizados"[50]

De sua parte, Lewis alertou contra a servidão imposta sobre a humanidade quando, sob o disfarce de progresso científico, homens e mulheres são considerados como "doentes". Em *Perelandra*, no segundo livro de sua *Trilogia Cósmica*, conhecemos o Professor Weston, um famoso físico e devoto da nova ciência. Weston é o advogado da "evolução emergente", o processo no qual toda a espécie humana é "para o alto e sempre mais alto", em direção a novas conquistas. Ele se gaba de que suas novas crenças varreram para longe suas antigas

concepções de obrigações morais para com os outros. “O Homem em si não é nada”, ele explica. “Os movimentos de avanço da Vida, a espiritualidade crescente, são tudo”.[51] Weston aparece como uma figura essencialmente satânica.

Para ambos os autores, a “conquista da Natureza” se mostraria catastrófica. Em nome do progresso, um pequeno grupo de elites dominaria a vida e o destino de milhões. Como Tokien escreveu em *Mitopéia*: “Não caminharei com seus macacos evoluídos / eretos e sábios. Diante deles se abre / o abismo negro no qual o progresso deles marcha”.[52] Do mesmo jeito, Lewis alertou que o estágio final do processo chegaria quando os seres humanos alcançassem domínio total sobre si mesmos. Eugenia, o condicionamento pré-natal, educação e psicologia, todos teriam participação na “abolição do homem”, a perda de nossa humanidade essencial. “Pois o poder do Homem para fazer de si mesmo o que bem quiser significa, conforme vimos, o poder de alguns homens para fazer dos outros o que bem quiserem”.[53]

Por mais bizarro que possa parecer, a manipulação “científica” dos seres humanos, sobre toda a bandeira do progresso, tornou-se a visão consensual das comunidades acadêmicas da Inglaterra, da Alemanha e dos Estados Unidos, logo quando Tolkien e Lewis alavancavam em suas carreiras. Esforços significativos estavam em andamento para identificar os biologicamente “defeituosos”, assim eles poderiam ser encarcerados e esterilizados. As leis de casamento pareciam ser inefetivas, enquanto restrições imigratórias não poderiam conter de procriar aquelas pessoas deficientes que já estavam aqui. Incrivelmente, a *esterilização forçada* — considerada barata, segura e permanente — tornou-se o objetivo estabelecido pelo movimento eugenista. No começo de 1907, Estados como Indiana aprovaram as leis de esterilização “para prevenir a procriação dos criminosos culpados, idiotas, imbecis e estupradores”. Os Estados Unidos adquiriram a nociva distinção de ser a primeira nação no Ocidente a legalizar a esterilização compulsória.[54]

Católicos e protestantes conservadores resistiram a essas leis, mas a corrente eugenista parecia estar se voltando contra eles. Na década de 1920, centenas de igrejas americanas participaram de um "concurso de sermões de eugenia" nacional. Como o Rev. Kenneth MacArthur, o vencedor de Sterling, Massachusetts, colocou em seu sermão: "se levarmos a sério o propósito cristão de realização na Terra da sociedade divina ideal, devemos utilizar toda a ajuda que a ciência nos oferece".[55] Oliver Wendell Holmes foi um apóstolo da nova ciência, autor do parecer de 1927 da Suprema Corte que apoiou a lei de esterilização no estado da Virgínia. "É melhor para todo o mundo, se em vez de esperarmos pela execução por crime dos descendentes degenerados, ou de os deixarmos morrendo de fome por sua imbecilidade, que a sociedade possa prevenir aqueles que manifestadamente são inaptos de continuar a própria espécie", ele escreve. "Três gerações de imbecis são o suficiente".[56]

O DILEMA DO HOMEM

Aqui, de maneira escancarada, é a crise da fé que inicia o século XX. Historiadores tendem a interpretar a influência de Darwin como solvente essencial para destruir a crença em Deus: as leis da seleção natural não requeriam um legislador. Portanto, a evolução fez Deus redundante, a Bíblia irrelevante e a salvação um estado da mente. A história do declínio da essência da religião, no entanto, é muito mais complexa.

Com a popularização de Darwin, Spencer e seus aliados foram extremamente beneficiados pelo Mito do Progresso, já absorvido pela mente ocidental. Muitos eram os pensadores e ativistas seculares no movimento da eugenia, e ainda assim eles receberam um grande suporte moral de líderes religiosos: ministros e outros que descartaram os ensinos históricos da igreja e se deixaram iludir pelo Grande Mito. Ao mesmo tempo, eles avidamente colocaram a Bíblia para retratar a eugenia

como um mandato vindo do céu. “A evidência produz um claro modelo sobre quem escolhe apoiar a reforma da eugenia e quem não”, escreve Christine Rosen em *Preaching Eugenics* [“Pregando a Eugenia”]. “Os líderes religiosos seguiram a eugenia precisamente quando se afastaram dos dogmas religiosos tradicionais”.[57]

Esse enfraquecimento da crença cristã ocorreu no momento em que Lewis e Tolkien desenvolviam sua vida intelectual. Eles começaram sua educação quando O Mito do Progresso estava em alta, quando era amplamente acreditado pela ciência — a ciência da eugenia — que poderiam aperfeiçoar a natureza e a sociedade humana.

É importante lembrar que os eugenistas pensam sobre si mesmos como reformadores, comprometidos com o melhor da condição humana. Eles endossaram a ideia de uma ação estatal para alcançar seus objetivos. “Dedicavam-se a enfrentar os desafios impostos pela modernidade”, escreve Rosen. “Fazer isso significa abraçar soluções científicas”.[58] Animados pelo Grande Mito, enfatizaram o destino coletivo da raça humana em detrimento da individualidade. O conceito das elites intelectuais da época era o de que a ciência e a tecnologia que eles subscreviam poderia solucionar os mais difíceis problemas da humanidade.

Lewis e Tolkien encontraram o horrível produto deste pensamento — nas trincheiras, nos arames farpados e nos canhões da Grande Guerra —, e isso deu a eles uma grande pausa quanto à potencialidade humana. Por um lado, os personagens de suas narrativas possuem grande nobreza: criaturas dotadas de uma capacidade única para a virtude, a coragem e o amor. Entretanto, um tema vital em toda a história é o valor sagrado particular da alma: na Terra Média e em Nárnia, cada vida tem imensa consequência. Por outro lado, seus personagens são indivíduos profundamente falhos, capazes de grande mal e desesperados pela graça divina para superar seus dilemas. Ambos os autores, deste modo, refletem a histórica tradição cristã: a natureza humana como uma mistura trágica de nobreza e miséria.

Como veremos, essa modesta doutrina religiosa — a Queda bíblica — foi confirmada pela experiência da guerra. Ela iria fornecer a arquitetura moral de suas histórias, dando-lhes um senso duradouro de realismo e relevância. Você "descende de Adão e Eva", Aslam diz a Caspian em *As Crônicas de Nárnia*. "É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida e também vergonha o suficiente para fazer ver os ombros do maior imperador da Terra".[59] Tolkien escreveu que a ideia da "queda do homem" se escondia por trás de cada história, e que "todas as histórias, no fim, são sobre a queda".[60]

O MECANISMO IMPIEDOSO DA GUERRA

O profundo enigma moral de *O Senhor dos Aneis*, com certeza, envolve uma arma: um poderoso Anel que poderia vencer as forças do mal enviadas contra a Terra Média, ainda que ameace corromper qualquer um que tente usá-lo. Por exemplo, quando Frodo está reunido com Bilbo em Valfenda, ele encontra um indivíduo momentaneamente corrompido por seu desejo pelo Anel. "Para sua tristeza e espanto, viu que não olhava mais para Bilbo; uma sombra parecia ter caído entre os dois, e por meio dela Frodo passou a ver uma criatura pequena e enrugada, com um rosto faminto e mãos ossudas e ávidas".[61]

Nas páginas iniciais de *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, conhecemos Jadis, "a última Rainha", uma mulher de imensa maldade. Ela guarda o segredo da "Palavra Execrável", uma força que pode destruir mundos inteiros, um poder terrível demais para ser contemplado. "Qual era?", pergunta Digory. "O segredo de todos os segredos", diz Jadis. "Sempre foi do conhecimento dos grandes reis da nossa raça que existia uma palavra, a qual, se pronunciada com as cerimônias adequadas, destruiria todas as coisas vivas, menos a pessoa que pronunciasse... Mas tomei ciência dela num lugar secreto e paguei terrível preço por isso".[62]

Talvez esse fosse o resultado mais aterrorizante do Mito do

Progresso: inspirou avanços em tecnologia militar, mas falhou no avanço de novas teorias que contemplassem as consequências dessa tecnologia no campo de batalha. Os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial iniciaram uma nova era de planejamento militar na qual, por exemplo, a moderna rede ferroviária da Europa permitiu a rápida mobilização de tropas e armamentos. Isso por si só levou a uma revolução de como o próximo conflito seria lutado.

Mesmo quando a guerra chegou em agosto de 1914, dificilmente alguém compreendia quais poderiam ser os custos humanos. O historiador Niall Ferguson observa: "De repente, os enormes recursos econômicos da Europa industrial foram movidos da produção para a destruição".[63]

Ironicamente, entre os frutos da industrialização cresciam a saúde e o padrão de vida, que promoveram um rápido crescimento populacional e exércitos maiores e mais destrutivos. Havia mais do que nunca milhões de jovens disponíveis para o serviço militar. Com o surgimento da guerra, a Alemanha rapidamente mobilizaria 715.000 homens, a Áustria 600.000, França 400.000 e a Rússia mais de um milhão. Mesmo a Grã-Bretanha, com todos os seus exércitos de voluntários, chamaria por 165.000 tropas.

Agora, graças à ciência e à tecnologia, soldados poderiam ser transportados para as zonas de guerra — dez vezes mais rápidos pelos trilhos do que a pé e a cavalo — em um horário mais preciso que um relógio suíço. Na Inglaterra, em um espaço de cinco dias, mil e oitocentos trens especiais corriam em direção ao sul para Southampton, chegando um a cada três minutos por dezesseis horas por dia. Catorze ferrovias francesas carregavam cinquenta e seis trens por dia. Os trens poderiam enviar homens para as linhas de frente e tirá-los de lá como se fossem trabalhadores de turnos em uma fábrica.[64] Por um "cálculo exato", escreve John Keegan, os planejadores militares ditariam quantas tropas poderiam ser carregadas e em qual velocidade para qualquer fronteira designada. "Os trens preencheriam as memórias de todos aqueles que foram para a guerra em 1914".[65]

Em 28 de junho de 1914, um atentado em Sarajevo colocou em movimento uma vasta máquina político-militar. Na meia-noite de 4 de agosto, cinco impérios estavam em guerra: o Império Alemão contra Grã-Bretanha, França e Rússia; o Império Austro-Húngaro contra Sérvia; o Império Russo contra Alemanha e Austro-Hungria; e os Impérios Britânicos e Franceses contra a Alemanha. Cada lado estava confiante, extremamente seguro de sua rápida vitória. Assim como as tropas francesas esperavam chegar em Berlim antes do outono, os alemães acreditavam que em seis semanas iriam fazer seu desfile militar no Champs-Elysee, em Paris. Observa o historiador Martin Gilbert: "foi um cálculo cuidadoso e consolador".66

O Mito do Progresso que tornou os cálculos concebíveis, também criou os instrumentos de guerra que fizeram deles horrendamente obsoletos. Nem generais, nem políticos pensavam com bases morais acerca das consequências da guerra mecanizada.

Navios de batalha, submarinos, transportes motorizados de tropas, os pesados obuseiros, tanques, arame farpado, gás venenoso, lança-chamas, os milhares de quilômetros de trincheiras — tudo isso aguardado pelos soldados da Grande Guerra. A produção em massa de artilharia virou um tipo de santo graal ao longo do conflito. Os avanços no poder destrutivo de explosivos, na mobilidade, no tamanho e precisão da artilharia significava que uma boa quantidade de números de homens poderiam ser mortos a longas distâncias, sem nem mesmo perceber o que os atingiu. Daí a construção das trincheiras ao longo da Fronteira Ocidental e o início de uma guerra desgastante. Quase imediatamente a guerra foi descrita "como uma máquina colossal devorando homens e munições como se fossem matéria-prima".67

"Havia uma expectativa de que o conflito seria breve e que as últimas tecnologias militares limitariam o dano em ambos os lados", escreve W. M. Spellman. "De fato, muitos tinham a perspectiva de uma guerra libertadora e purificadora. A Guerra poderia renovar o senso de propósito de cada nação enquanto

libertava operários, fazendeiros, funcionários de escritório e estudantes de suas monótonas atividades cotidianas, fruto complacente da existência burguesa".[68]

Ao invés disso, a guerra duraria mais tempo e seria lutada com grande brutalidade, mais do que qualquer um ousaria imaginar. Os corpos mutilados dos inumeráveis milhões de operários, agricultores, secretários e estudantes que seriam enviados para os túmulos espalhados por toda a Europa. Os menores vilarejos ainda testemunham a sua própria parte no conflito, com seus cemitérios dignos e formais.

Na principal praça em Bitritto, onde meu avô Michel nasceu, há um memorial ao *caduti*, aquele morto em batalha. Mesmo o lar de meu avô Giuseppe em Ventotene — uma pequena e obscura ilha no mar Tirreno — teve um monumento em sua praça para aqueles que morreram "*nella grande guerra*".

QUANDO AS LUZES SE APAGAM

Os primeiros apóstolos do Mito do Progresso acreditaram que poderiam superar os problemas da sociedade industrial. Mais do que isso, eles imaginaram que tinham resolvido o enigma da existência humana.

O historiador Richard Gamble escreve: "O progresso, visível em cada faceta da vida e atuante como a força governante por trás da existência, trouxe ordem para um mundo de mudança e propósito moral para um universo diverso, perturbadoramente aleatório e sem sentido". "Essa fé no progresso ancorou a alma".[69] Uma geração depois, os líderes da Inglaterra e o resto da Europa assumiram que sua ciência, educação, filantropia, nobreza e religião representariam o futuro da Civilização Ocidental. Mesmo a guerra serviria para o avanço do destino da humanidade. "Em retrospectiva, a confiança deles na crença do progresso e a ideia que o claro interesse próprio traria harmonia para todo o mundo foram uma ilusão", conclui Roger Osborne. "No final do século XIX, a Grã-Bretanha e a Europa avançavam não para uma sociedade

melhor, mas em direção a uma catástrofe da guerra mecanizada".[70]

Dois dos mais influentes escritores cristãos do século XX estiveram envolvidos nessa ilusão, tendo vidas transformadas por seus vestígios. Muito de seus resultados literários seriam uma resposta a suposições que não somente fizeram a Grande Guerra possível, mas contribuíram poderosamente para sua destrutividade e poder brutal. A longa sombra projetada por esse conflito não falharia em tocar os limites do Condado e de Nárnia.

Tal é a força do Mito do Progresso: mesmo quando sua oração fúnebre estivesse sendo escrita nas salas de gabinete de cada grande capital europeia, o poder e a promessa continuariam a enganar muitos. Mas não todos. No dia em que a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha, o Secretário Britânico de Relações Exteriores, Sir Edward Grey, estava com seu amigo em Whitehall, olhando para fora de sua janela através da *St. James Park*. Estava escuro. Ele observou abaixo as lâmpadas de gás sendo acesas e ficou consternado.

"As lâmpadas estão se apagando por toda a Europa", ele disse, "e não as veremos acesas outra vez".[71]

capítulo

2

A ÚLTIMA BATALHA

A historiadora britânica C.V. Wedgwood, escrevendo vinte anos após a conclusão da Primeira Guerra Mundial, produziu uma pesquisa sobre o conflito que foi uma catástrofe para a Europa. Com economia e poder de linguagem, poucos são os que como ela trazem uma constatação tão dolorosa: “moralmente subversivo, economicamente destrutivo, socialmente degradante, desonesto em seu curso, fútil em seus resultados, este é o maior exemplo na história europeia de conflitos sem sentido”.[1]

As considerações de Wedwood, no entanto, não eram sobre o conflito que havia engolido o Continente uma geração antes. A guerra que tinha em mente havia sido lutada no início do século XVII. Foi chamada de a última guerra religiosa da Europa: A Guerra dos Trinta Anos.

A Reforma protestante não somente modificou a unidade religiosa da Europa: ela colocou em movimento um longo período de violência sectária que dividiu o continente em impérios rivais na política e na religião. O que começou em 1618 como um conflito entre forças católicas e protestantes na província alemã de Boêmia, transformou-se em uma grande luta maquiavélica pela dinastia do poder e de bens mobiliários.

Em certo sentido, o conflito antecipou a Grande Guerra. Embora pudesse ser uma disputa regional, tornou-se, no entanto, um problema para a maioria das nações da Europa. Como a Primeira Guerra Mundial, a Guerra dos Trinta Anos impressionou em seu poder destrutivo e em sua extensão.

Assim como no século XX, resultou em números assustadores de mortes, causando uma devastação massiva, quebrando economias locais e ameaçando as fábricas sociais da civilização europeia. Na Alemanha moderna, onde grande parte do conflito aconteceu, a taxa de mortalidade — por causa do combate, da fome e das doenças — chegou a cerca de 20% de toda a população.

As tristes memórias do conflito, reais ou imaginadas, nunca deixaram a mente europeia. "A Guerra dos Trinta Anos tornou-se referência para analisar as guerras posteriores", escreve Peter Wilson em *The Thirty Years War: Europe's Tragedy* [A Guerra dos Trinta Anos: Uma Tragédia Europeia]. Os "soldados lutando ao longo da Frente Oriental das trincheiras acreditavam que estavam experimentando horrores nunca vistos em três séculos".[2]

O tratado de Paz de Vestfália (1648) não somente terminou com o conflito, mas procurou remover a religião como fonte de conflito político. Vestáflia estabeleceu um novo fundamento político para o Ocidente, baseado na soberania do Estado, no direito da não interferência de assuntos internos (religiosos) e na ideia da resolução de problemas pelo direito internacional. O Papa Inocêncio X rejeitou o tratado por limitar a autoridade da Igreja, chamando de "nulo, vazio, inválido, iníquo, injusto, condenável, insano e sem sentido para todos os tempos".[3]

O papa perdeu a discussão, mas o tratado de Paz de Vestfália criou essencialmente "um novo acordo para as relações europeias" que duraram até a Primeira Guerra Mundial.[4] Por trás de Vestfália, os interesses seculares do Estado dariam direção para as relações internacionais. As nações da Europa finalmente colocariam um fim às guerras motivadas pelas crenças religiosas.

DEVER, PATRIOTISMO E "RELIGIÃO MUSCULAR"

Ou não? De fato, Vestfália falhou em domar as paixões de

uma religião sectária. Quase desde o início das hostilidades, a Primeira Guerra Mundial ia se transformando num conflito misturado com temas religiosos. O que poderia ter permanecido como um conflito regional sobre autodeterminação étnica tornou-se algo como uma luta apocalíptica entre as forças do Bem e do Mal.

"Quaisquer fossem as agendas locais, cristãos de todas as nações combatentes — incluindo dos Estados Unidos — entraram de todo coração no espírito da guerra cósmica", escreve Philip Jenkins em *The Great and Holy War* ["A Grande e Santa Guerra"]. "Ninguém achou dificuldade em usar os dogmas da fé como justificativa para a guerra e destruição em massa".[5] O zelo de Arthur Winnington-Ingram, influente bispo de Londres, não era comum entre o clero da Grã-Bretanha: "Penso que a Igreja pode melhor ajudar a nação se primeiro de tudo entender que está envolvida em uma Guerra Santa, mas sem medo de constatá-la", ele escreveu. "Cristo morreu na sexta-feira para a Liberdade, para a Honra e para o Cavalheirismo, e nossos meninos estão morrendo pelas mesmas coisas... MOBILIZEM A NAÇÃO PARA A GUERRA SANTA!".[6]

C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien tornaram-se parte dessa mobilização. Ambos foram recrutados como oficiais no Exército Britânico, treinados para combate e enviados para França em 1916–17. Quando jovens, estudaram em instituições inglesas: Tolkien estudou na *King Edward's School*, em Birmingham, enquanto Lewis estudou na *Cherbourg School*, em Great Malvern. Essas instituições eram incubadoras de virtudes vitorianas: dever, honra, patriotismo e religião. O cristianismo e o amor da Inglaterra andam de mãos dadas, mas com ênfase no *dever* — dever para com o Rei e seu país —, e não na fé.[7]

O sistema de escolas públicas da Inglaterra reforçou esses valores de vários modos, e um deles ocorreu no campo de futebol. A prática esportiva era um meio de manter o espírito

guerreiro unido ao dever patriota. “Os campos esportivos eram a simulação de uma arena de guerra”, escreve o biógrafo John Garth. “Nos livros que a maioria dos meninos lia, a guerra era a continuação do esporte por outros meios”.[8] Esportes eram a expressão de um “cristianismo muscular”, uma forma assertiva de fé que reforçou as virtudes cívicas masculinas. “O espírito esportivo, no seu melhor” de acordo com um capelão, “é, ao alcance dos homens, a mais elevada forma do espírito cristão em nosso estágio atual de desenvolvimento”.[9]

Sem interesses ou habilidades atléticas, Lewis rejeitou a cultura bélica do Malvern College, onde começara os seus estudos em 1914. “Esses bárbaros iletrados, coordenadores e gestores ingleses descontrolados”, ele escreve para seu pai, “estão sempre esperando por uma oportunidade de cair matando em cima de você”.[10] Lewis achou seu refúgio na livraria da instituição e mergulhou na literatura e nas artes. “Não compreenderemos Jack", escreve o biógrafo George Sayer, “a menos que admiremos seu dom de ser totalmente absorvido no mundo imaginativo de um grande escritor, artista e músico”.[11] Foi nessa época que Lewis desenvolveu esse dom, que logo o tragou ao mundo literário, passando pela Divina Comédia, pela mitologia nórdica e pela Morte de Artur, de Malory. Depois que começou a ler *A Ilíada*, de Homero no grego original, ele escreveu ao seu amigo Arthur Greeves: “Apesar de você não saber grego e não se importar com poesia, não consigo deixar de dizer o quão emocionante é”.[12]

Tolkien, por outro lado, serviu como capitão de Rugby no time King’s Edward, e muito dos seus integrantes se tornaram cadetes no recém-estabelecido Corpo de Treinamento para Oficiais. Foi no King’s Edward, onde o latim e o grego formavam as bases do currículo, que Lewis desenvolveu seu amor por línguas. “Assim que a Guerra de 1914 explodiu sobre mim, descobri que as ‘lendas’ dependem do idioma ao qual pertencem”, ele escreve posteriormente. “Mas um idioma vivo depende igualmente das ‘lendas’ que ele transmite pela tradição”.[13] Tolkien foi absorvido pela Gramática da Língua

Gótica (*Primer of The Gothic Language*), de Joseph Wright, sendo posteriormente tutelado por ele. Tolkien leu o poema do guerreiro *Beowulf* no original em Inglês Antigo, conto medieval de "um homem em guerra com um mundo hostil", um tema que definiria sua carreira literária.[14]

Apesar de ambos terem lido e apreciado as histórias sobre guerra, sobre exércitos colidindo em uma grande disputa moral, eles não pensavam sobre si mesmos como "cavaleiros da cruzada santa" quando a Primeira Guerra Mundial começou. Tolkien não foi levado pela febre da guerra em 1914. Quando dezenas de milhares de jovens se voluntariaram para o trabalho na Força Expedicionária Britânica, ele continuou seus estudos. Em agosto de 1916, logo depois de se instalar na França, Tolkien experimentou o "cansaço universal" da guerra e a "amarga desilusão" da descoberta que seu treinamento militar não o havia preparado para as condições do combate real.[15]

Algumas das anotações de Lewis registram o medo de ser ferido na guerra.[16] Mesmo a poucos dias do alistamento, ele ainda esperava evitar o serviço militar.[17] Ele comentou ironicamente com o seu pai que uma das consequências mais sérias da guerra era a sobrevivência dos menos aptos à sobrevivência. "Todos aqueles que tiveram a coragem de fazer isso e são fortes fisicamente, estão saindo para o abate: aqueles que sobrevivem são destruídos moral e fisicamente — um fato nada favorável para a próxima geração".[18]

Baseando-se em suas cartas e diários, é certo que nenhum dos dois se via como mártir em potencial em uma guerra santa, nem mesmo enxergava o conflito como uma oportunidade para as glórias da guerra. O que Tolkien e Lewis provavelmente absorveram de sua educação foi o entendimento do papel da Inglaterra em defender os ideais da civilização ocidental. A tradição do direito britânico, o sistema judicial, o governo parlamentar e a Declaração dos Direitos de 1869 estavam entre as grandes contribuições do progresso humano. Suas alianças

na Europa serviram não apenas aos interesses britânicos, mas também ajudaram a manter a segurança e a paz no Continente. “Propagou e impôs o império da lei em vastas áreas”, escreveu Niall Ferguson. “Apesar de ter lutado muitas guerras pequenas, o Império manteve uma paz global jamais alcançada antes ou depois”.[19] Como um veterano de guerra descreveu: “suponho que em nenhuma outra época foi tão forte a consciência do passado”.[20]

A história britânica fez o dever patriótico plausível à maioria dos ingleses. “Não poderia orar por uma morte melhor”, escreveu J. Engall, servindo na Frente Ocidental com o 16.º Regimento de Londres. “Meu pai, minha mãe, vocês saberão que eu morri cumprindo meu dever ao meu Deus, meu país e meu Rei”.[21] Quaisquer fossem suas outras motivações, os soldados britânicos na Primeira Guerra Mundial acreditavam estar defendendo os valores e instituições essenciais ao florescimento da humanidade. “Na Grã-Bretanha e na França, associava-se dever à honra, à lealdade, e à luta por valores civilizados e civilizadores como justiça, dignidade e libertação do jugo da tirania”, explica o historiador Modris Eksteins. “Portanto, o dever não era uma noção abstrata no início da guerra. Era um imperativo prático”.[22]

O ataque alemão, sem motivo, à Bélgica criou esse imperativo. A Grã-Bretanha assinou um tratado com a Bélgica em 1839, garantindo a neutralidade no acontecimento do conflito europeu. Depois de a Alemanha ter declarado guerra contra a França, Londres emitiu um ultimato a Berlim de não invadir a Bélgica. Mas o *Kaiser* ignorou o aviso e uma grande onda de tropas alemãs invadiu as fronteiras.

Dentro de algumas horas a Grã-Bretanha estava em guerra com a Alemanha. O primeiro-ministro Herbert Henry Asquith, dirigindo-se à Câmara dos Comuns em 6 de agosto de 1914, enfatizou o compromisso político e moral da nação: “Não creio que qualquer nação tenha entrado em uma grande controvérsia... com a clara consciência e a forte convicção de que está lutando, não pelo ataque, não pela manutenção dos

próprios interesses, mas em defesa dos princípios, da manutenção que é vital para a civilização mundial".[23] Se a Primeira Guerra Mundial se tornou algo como uma guerra religiosa, conste que ela não começou assim.

UMA CRUZADA MODERNA

O ethos do patriotismo e da "fé muscular" poderia servir a um propósito nobre. Isso condicionou a geração de jovens para os sacrifícios sem precedentes da Primeira Guerra Mundial. Nos primeiros dias do conflito, entretanto, os clérigos da Grã-Bretanha apreenderam esse ethos e o transformam em algo mais: a doutrina da guerra santa.

Sob essa visão, o objetivo do Estado tornou-se praticamente o mesmo da Igreja. De maneira prática, isso significa que os objetivos políticos e militares recebiam, apoiados na Bíblia, justificativas religiosas. De maneira alguma a Grã-Bretanha era a única: toda nação em guerra adotou postura semelhante. Os líderes religiosos, por meios nacionais e eclesiásticos, tornaram-se fervorosos defensores dos esforços da guerra. "Clérigos vestiram um Jesus com uniforme do Exército e o simularam disparando metralhadoras", relata certo historiador. "A guerra tornou-se uma guerra não de justiça, mas de virtude".[24] Em sermões, livros, artigos e panfletos, eles retrataram o conflito como uma cruzada santa: uma batalha espiritual contra um inimigo demoníaco com quem nenhum acordo era possível.

Como explicamos isso? As razões eram complexas; a influência do cristianismo na sociedade certamente parecia diferente na Grã-Bretanha, França, Rússia, Alemanha, Áustria-Hungria e outros lugares na Europa. Mesmo assim, os estados europeus tiveram longas tradições de igrejas "nacionais" ou "estatais", significando o apoio estatal a uma denominação cristã favorecida. A aliança Igreja-Estado permitia que os propósitos do governo se misturassem com os propósitos espirituais do cristianismo.

Acrescente isso ao crescimento da mais potente ideologia política do momento: nacionalismo. Os Estados-nações estavam substituindo a religião como uma poderosa fonte de significado e identidade na vida das pessoas. “Sem esforços, o nacionalismo incorporou a maior parte dos temas da tradição judaico-cristã”, escreve Michael Burleigh em *Earthly Powers: Religion and Politics in Europe from the French Revolution to the Great War* [“Poderes Terrenos: Religião e Política na Europa, da Revolução Francesa à Grande Guerra”]. Isso incluía “a crença que um povo foi escolhido para cumprir um propósito providencial”.25

Para os nacionalistas devotos, sua fé patriota era equivalente à membresia em uma igreja alternativa. Para fiéis religiosos, o nacionalismo oferecia uma grandiosa saída política para seus compromissos de fé. O resultado foi o nascimento do nacionalismo cristão, a sanção mais próxima do Estado moderno.

Em sua clássica crítica à política externa britânica, *Imperialismo* (1902), J. A. Hobson acusou a Igreja da Inglaterra de dar invariavelmente sua bênção às aventuras militares da nação. “Na Inglaterra, o Estado-Igreja nunca permitiu o espírito do Príncipe da Paz interferir quando estatistas e soldados apelavam às paixões da luxúria, conquista e vingança”.26 Apesar de imprecisas, as acusações não foram infundadas: os líderes das igrejas poderiam levar o governo a encarregar-se de seus equívocos morais. Como igreja estabelecida, a Igreja da Inglaterra era integrada ao Estado britânico e muitas vezes ficava ao lado do Rei e do Parlamento em problemas relativos ao interesse nacional.

A situação foi muito parecida na Alemanha, onde os clérigos protestantes recebiam suporte do governo e em troca tendiam a apoiar o Estado em suas políticas internas e externas. Desse modo, em setembro de 1914, um grupo de noventa e três líderes intelectuais alemães, incluindo muitos teólogos, emitiram uma declaração endossando a política de guerra do Imperador como essencial à defesa da civilização cristã.27 O

clero católico na França seguiu modelo parecido. Mesmo os ministros dos Estados Unidos, sem igreja oficialmente estabelecida, pegaram a febre da guerra. Tal era o estado de espírito das cruzadas em ambos os lados do Atlântico que mesmo grupos religiosos ativos no movimento pela paz, na virada do século, se dedicaram totalmente à causa.

O nacionalismo cristão que caracterizou as comunidades religiosas da Europa, porém, explica apenas parcialmente esse entusiasmo. É necessário acrescentar o Mito do Progresso que, como já vimos, funcionou para muitos como substituto da fé. Muitos adeptos religiosos — especialmente aqueles à deriva do cristianismo histórico — adotaram premissas e objetivos seculares. "Uma coisa é clara: o futuro do mundo é democrático e nada pode impedir isso", proclamou um ministro de Londres. "O progresso é pela autoridade divina, pela necessidade divina; Deus é o grande inovador".28

A INGLATERRA COMO SAL DA TERRA

Como o clero cristão transformou-se em guerreiros sagrados, um tema apareceu em comum entre os combatentes: a crença de que a nação deles fora especialmente escolhida pela Providência para cumprir seus propósitos progressistas no cenário mundial. Fidelidade a Deus demanda fidelidade a um país como instrumento de Deus, especialmente em tempos de guerra. A Cruz e a Coroa deveriam ser mantidas juntas.

Na Inglaterra, essa ideia já poderia ser vista antes na Reforma Inglesa, iniciada em 1530 sob Henrique VIII. Uma vez que o protestantismo incorporado na Igreja Anglicana tornou-se a religião oficial da nação, a igreja e o Estado se uniram em uma causa comum contra o catolicismo. Assim, eles representaram uma nova frente vital no avanço do Reino de Deus. "Esse esquema", escreve o historiador John Spurr, "deu o papel de líder ao piedoso príncipe, o novo Constantino, cuja tarefa era promover a Reforma, enfrentar o Anticristo e agilizar o apocalipse final".29

No tempo da Revolução Gloriosa (1689), a autoidentidade da Grã-Bretanha como uma nação excepcional — uma nação escolhida por Deus para propósitos santos — estava garantida. A Primeira Guerra Mundial revelou que o conceito estava bem vivo, pelo menos entre muitos do clero. "Quem somos?" perguntou John Hancock em *God's Dealings with British Empire*, 1916 ["Deus Lidando com o Império Britânico"]. Em resposta, Handcock declarou uma citação bíblica após a outra. "Somos o povo escolhido de Deus, sua herança, o sal da terra, seus amados, sua Glória, o povo em que ele se deleita, seus filhos e suas filhas. O que mais podemos desejar?".[30]

Da mesma forma, T. W. Crafer, vigário da Igreja de Todos os Santos, em Cambridge, viu a Inglaterra como Israel, como a menina dos olhos de Deus. "Acreditamos que somos uma nação incrivelmente favorecida por Deus e gostamos de pensar sobre nós mesmos como o povo escolhido, cujo nome se destaca no mundo por justiça e paz". Um império poderoso como a Grã-Bretanha, ele argumenta, lutando para defender os mais fracos contra os mais fortes, "deve ser um precioso instrumento nas mãos de Deus para o bem"·.[31] A defesa do bispo Winnington-Ingram em tempos de guerra provavelmente se aplicava à maioria dos clérigos ingleses, como descrito pelo biógrafo: "Havia para ele um aspecto sobre a Inglaterra que estava além da discussão... seu julgamento instintivo era que a causa nacional deveria estar correta".[32]

Britânicos de todas as classes poderiam apontar para muitas realizações do seu império: seu papel de liderança na abolição do comércio internacional de escravos, sua expansão na defesa das liberdades humanas, sua comunidade unida, sua influência civilizadora onde quer que a bandeira do Reino Unido encontrasse um porto seguro. Sob essa perspectiva, a Inglaterra era "a flecha polida" do arco de Deus, uma nação com uma missão especial no mundo.[33]

Foi o clero inglês, porém, que transformou a tarefa político-militar do ataque alemão em uma cruzada pela justiça: a luta

entre o cristianismo e o paganismo. Ministros da Igreja da Inglaterra, como servos de Deus e do Estado, se tornavam alguns dos mais efetivos agentes recrutadores durante a guerra.[34]

A AMÉRICA COMO A CIDADE SOBRE O MONTE

O conceito de América como uma nação singular é ainda mais antigo que a república. Desde que John Winthrop e seu grupo de puritanos desembarcaram na Baía de Massachusetts em 1630, os americanos têm pensado sobre si mesmos como peregrinos em uma divina "missão no deserto", destinados a estabelecer a santa comunidade e "uma cidade sobre o monte".

Esse tema reaparece constantemente, enquadrando as crises políticas da nação e começando com a Revolução Americana. Dos púlpitos ministros evangélicos abençoavam a causa da independência durante a guerra.

Pregando antes da Assembleia Geral de Connecticut, Ezra Stiles usou Deuteronômio 26.19 para discursar sobre "a prosperidade política do Deus Americano de Israel".[35] O mais racionalista dos Pais Fundadores Americanos — incluindo Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e John Adams — argumentou nos mesmos termos. "O Deus deles era intimamente envolvido nos eventos da história americana", escreve Conrad Cherry em *God's New Israel* ["A Nova Israel de Deus"]. "A providência divina era a força que movia os Estados Unidos para a liberdade; finalmente, a providência, pelo exemplo dos Estados Unidos, direcionaria o mundo para o mesmo fim".[36]

Assim, em 2 de abril de 1917, quando Woodrow Wilson entregou sua mensagem ao Congresso para uma intervenção americana na Primeira Guerra Mundial, ele ecoou o excepcionalismo americano que inspirou cada presidente antes dele. Afirmou que era um privilégio americano "gastar seu sangue e sua força" pelos princípios da liberdade de justiça

sobre as quais a nação foi fundada. Liderando o acordo das nações amantes da paz, os Estados Unidos "trarão paz e segurança a todas as nações e farão o próprio mundo ao menos livre". Parafraseando a resposta de Martinho Lutero à tirania eclesiástica na Dieta de Worms, ele concluiu: "Deus ajude [a América], ela não pode agir de outra maneira".37

Wilson veio ao seu cargo público prometendo manter os Estados Unidos fora da guerra europeia. Sua mudança de posicionamento desencadeou um encontro de reavivamento entre o clero da nação. O monsenhor C. F. Thomas, falando da Igreja Católica de St. Patrick em Washington, DC, viu a mão de Deus operando no comprometimento histórico para com os ideais democráticos. "Certamente confiamos — a providência de Deus destina essa nação para durar indefinidamente". "O mundo espera que nós levemos para o futuro o que irá nos salvar da desordem, da confusão, da anarquia e, talvez, da dissolução. Mas nossa confiança não pode ser completa sem lealdade, amor e os esforços patriotas de cada indivíduo".38

Samuel Zane Batten, pregador batista e secretário da Comissão de Guerra da Convenção Batista do Norte, associou uma profunda significância espiritual para a participação da América: "Essa guerra para a destruição da injustiça da desumanidade é uma cruzada santa e a continuação do serviço sacrificial de Cristo para a redenção do mundo".39 Dessa forma, Randolph McKim, ministro presbiteriano de Washington, DC, colocou a guerra em termos essencialmente apocalípticos:

"Esse conflito é de fato uma cruzada. A maior da História — a mais santa. É no sentido mais profundo e verdadeiro uma Guerra Santa [...] Sim, é Cristo, o Rei da Justiça, que nos chama a lutar em contendas mortais com esse poder profano e blasfemo.40

ALEMANHA: DEUS ESTÁ CONOSCO

A Alemanha sob o regime do *Kaiser* era ainda mais descarada em associar suas reivindicações políticas com a vontade de Deus. Em Berlim, o Imperador Guilherme II, que também serviu como bispo supremo da Igreja Prussiana, entregou essa mensagem às suas tropas no estopim da guerra: "Lembrem-se de que o povo Alemão é o escolhido de Deus. Em mim, em mim como o Imperador alemão, o Espírito de Deus desceu. Eu sou sua arma, sua espada e sua viseira... Morte aos covardes e incrédulos!".[41]

O problema na Alemanha foi muito mais profundo do que um Kaiser excêntrico. Levando o nacionalismo cristão à sua conclusão lógica, muitos pastores igualaram a cristandade com o *volk* [povo] alemão. "A alma da nação alemã está saturada com o espírito de Deus", Gottfried Naumann proclamou. "Lutamos pela alma da metade do mundo, porque sabemos que é um trabalho de Deus e que contém as bênçãos de Deus para todo o mundo".[42] O teólogo Ernst Troeltsch não fez nenhuma distinção entre a vontade do "governante divino do mundo" e a cultura alemã. "Nossa fé não é apenas que podemos e devemos defender o nosso país e nossa terra natal, mas nossa essência nacional que contém uma riqueza inesgotável e valores que são indescritivelmente importantes para a humanidade, o valor que o Senhor e Deus da História confiou para nossa proteção e desenvolvimento".[43]

Em *Earthly Powers* [Poderes Terrenos], o historiador Michael Burleigh sugere que os teólogos liberais protestantes, por enfatizarem a "imanência" ou presença imediata de Deus, estavam propensos a confundir o *Volksgeist* [*o espírito do povo*] com o Espírito Santo. A teologia deles "significava que ele se manifestou nas emoções intensas de agosto de 1914, direcionando os movimentos do Exército Alemão durante a guerra".[44]

O aumento do suporte à guerra entre o povo alemão — e o aparente retorno dos fiéis às igrejas antes vazias — parecia o sinal de um novo Pentecostes. Ministros falavam da

Offenbarung, ou "revelação", como também da *Verklärung*, ou "transfiguração", para descrever os efeitos da guerra no clima nacional. O lema *Gott mit uns* (Deus conosco) tornou-se a expressão favorita do povo alemão",[45] "os pregadores e teólogos protestantes alemães exultaram com o surgimento da guerra", escreve Philip Jenkins. "Líderes cristãos trataram a guerra como um evento espiritual, no qual a nação estava desempenhando um papel messiânico na Europa e no mundo".[46]

A BESTA DE BERLIM

Se as nações da Europa e dos Estados Unidos estavam decididamente engajadas em uma guerra santa, então seus inimigos eram inimigos de Deus; lacaios do Maligno. E se as Sagradas Escrituras fossem um guia, não haveria rendição, nenhum compromisso com as forças do mal — apenas uma guerra inteira para derrotá-los.

Como líder dos Impérios Centrais, o "*Hun*" alemão tornou-se o principal objeto de vilipêndio entre as nações Aliadas. Em um folheto popular da guerra, o escritor americano Elbert Hubbard insistiu nessa questão: "Quem destampou a boca do inferno?".[47] O pregador fundamentalista Billy Sunday, tão incendiário quanto um coquetel molotov, falou para os clérigos em ambos os lados do Atlântico: "Se colocar o inferno de cabeça para baixo, você achará 'fabricado na Alemanha' estampado embaixo".

Antes de examinar a contribuição das igrejas na demonização da campanha, lembremo-nos de que a Alemanha autorizou numerosos atos de agressão e uma vingança violenta que indignou os Aliados democratas. Depois das tropas alemãs invadirem a Bélgica, relatórios de atrocidades contra os civis correram país afora: massacres, o uso de mulheres e crianças como escudos humanos, estupros, maus tratos e execuções de prisioneiros, entre outros crimes de guerra. C. S. Lewis

escreveu para o seu pai em outubro de 1914, mencionando um amigo que "incumbido em seu acampamento no outro dia de descarregar trens de soldados seriamente feridos no fronte: de quem ele aprendeu que as histórias das atrocidades alemãs no jornal (mutilação de enfermeiras, morte de feridos, etc.) não eram nem um pouco exageradas".[48]

Exagero ou não, para o clero inglês era "selvageria reduzida a uma ciência". A Grã-Bretanha estabeleceu a Comissão Bryce para investigar as alegações. Ainda que sua análise sobre a culpa alemã tenha sido severamente criticada após a guerra, a comissão estava essencialmente correta na maioria de suas conclusões. "Essas não eram meras ações de soldados fora do controle de seus oficiais", escreveu Dan Todman em *The Great War: Myth and Memory* [A Grande Guerra: Mito e Memória]. "Atrocidades alemãs eram de importância política, não apenas pânico".[49]

Os alemães pioraram sua reputação posteriormente quando cortaram caminho pelo norte da França. As tropas alemãs atacaram a biblioteca histórica de Louvain e destruíram a Catedral Gótica de Notre-Dame de Reims, conhecida como "o Partenon da França". Em fevereiro de 1915, submarinos alemães atacaram embarcações comerciais, deixando claro que a Alemanha não faria distinção entre alvos militares e civis.

A Alemanha também foi a primeira nação a usar armas químicas no campo de batalha. Em 22 de abril, em Ypres, os alemães lançaram 168 toneladas de gás de cloro ao longo de seis quilômetros de fronte. Tropas francesas observaram "impressionadas e pasmas" enquanto uma névoa verde acinzentada caía sobre elas, enchendo os olhos, nariz e garganta com um forte odor.[50] Ao impedir os pulmões de absorverem oxigênio, o cloro faz com que a vítima se afogue lentamente em seus próprios fluidos. Levados ao pânico — nenhum dos soldados franceses sabia o que era aquele gás — homens fugiram por suas vidas. Os alemães que avançavam ficaram espantados com a cena: cinco mil soldados inimigos

caídos, ofegantes ao respirar, sufocando em agonia e terror.[51]

Para os Aliados, tudo isso simbolizou um assalto alemão aos valores da Civilização Ocidental. Em maio de 1915, quando o relatório da Comissão Bryce foi traduzido para trinta idiomas, a imagem do militarismo alemão, o barbarismo e a incontrolável *realpolitik*, estava definida.

Mesmo assim, G. A. Studdert Kennedy, um dos capelães mais conhecidos da Grã-Bretanha, encorajou soldados no fronte a aplicar a Bíblia de uma maneira que ofende a sensibilidade moderna: "Um amigo traidor traiu o Cristo... uma nação traidora crucificou o mundo!". Como Studdert Kennedy observou, os alemães adulteraram a moral cristã e a substituíram por valores de força bruta e paganismo: "O deus que os líderes alemães adoram é um ídolo do mundo — um monstro bruto e cruel que vive de sangue humano".[52]

James Plowden-Wardlaw, vigário da Igreja de St. Clement em Cambridge, acusou o *Kaiser* e seu exército de adorar o diabo em forma de um deus tribal prussiano. "Os anjos devem chorar", ele disse, "ao verem a tragédia da queda, a queda moral da Alemanha".[53] Muitos ministros insistiram que a guerra provocaria "o fim completo" do sistema alemão: "O mundo não poderá estar a salvo enquanto esse novo câncer não for retirado do corpo da humanidade".[54] Conforme a guerra continuava, referências em sermões e literatura religiosa do fim dos tempos bíblicos se tornavam mais frequentes. H. C. Beeching, decano de Norwich, ofereceu uma acusação típica contra a Alemanha e seus Aliados: "Lutamos pelos outros assim como por nós mesmos... por Cristo contra o Anticristo", escreveu. "E assim a batalha não é nossa, é de fato a batalha final. O Dragão e o Falso Profeta estão unidos contra nós".[55]

Uma vez que os Estados Unidos entraram na guerra contra a Alemanha, os clérigos americanos tomaram zelo por seus colegas britânicos. Para muitos, o chanceler alemão representava uma encarnação do mal moral.

George Holley Gilbert, ministro congregacional, observou

“um cristianismo totalmente militarizado, como esse do *Kaiser*, como a religião mais baixa e nociva já desenvolvida na terra.[56] O bispo metodista Richard Cooke explicou que “a razão verdadeira da guerra” era “reivindicar o Deus Todo-Poderoso contra a filosofia violenta de homens condenados”.[57] Mesmo acadêmicos como James Day, chanceler na Universidade de Syracuse, não conseguiam resistir ao uso da linguagem religiosa para condenar o militarismo alemão. “Seria uma bênção”, ele disse, “se pudéssemos entregar essa Besta de Berlim a Deus e dizer: ‘Senhor, inflija a sua ira e o seu furor contra tão bestial criatura’”.[58]

REDENÇÃO POLÍTICA E ESPIRITUAL

Uma guerra santa contra um poder profano: o resultado, de acordo com o clero Aliado, não seria nada menos que o renascimento político e espiritual da cultura ocidental. As autocracias e os pequenos reinos da Europa dariam lugar aos ideais de autonomia da democracia liberal. O materialismo cederia aos valores espirituais do cristianismo.

Alguns homens da igreja observaram a guerra como um veredito no crescente secularismo e materialismo do Ocidente. “Talvez Deus nos tenha permitido derrubar os templos da civilização moderna sobre nós”, explicou Percy Dearmer, “para que os sobreviventes possam ser curados do hábito moderno de considerar o homem como uma máquina de calcular”.[59] Para outros, a guerra impulsionaria o desenvolvimento das sociedades democráticas.

Retornando de uma missão diplomática na Rússia em 1917, o ex-secretário de Estado dos EUA, Elihu Root, palestrou em todo o país dizendo ao público que a América estava destinada a liderar “o crescente progresso da humanidade ao longo do caminho da civilização para a verdadeira vida cristã”.[60] David Cairns, professor de apologética em Aberdeen, sugeriu que uma nova era de paz internacional estava começando. “Não

podemos ver a situação do mundo nesta noite, ou mesmo em qualquer instante, a menos que sonhemos um pouco com o futuro", ele disse. "Estou disposto a sonhar que não teremos apenas um acordar da Europa, mas um acordo do mundo para um grande fim comum".[61]

Os defensores do evangelho social estavam especialmente esperançosos: eles imaginavam que a guerra era uma experiência purificadora, um meio de expurgar sociedades inteiras de suas lealdades subcristãs. A vitória dos Aliados asseguraria um futuro de progresso para os Estados Unidos e para a Europa. Lyman Abbott, um dos mais conhecidos teólogos liberais do seu tempo, previu uma "redenção paulatina" como resultado da guerra. Americanos trabalhavam muito "para banir da nossa civilização esses crimes contra a humanidade" e para trazer "o triunfo do cristianismo como o mundo nunca antes conheceu".[62]

Em *The War for Righteousness: Progressive Christianity, the Great War and the Rise of the Messianic Nation* ["A Guerra pela Justiça: o Cristianismo Progressivo, A Grande Guerra e o Crescimento da Nação Messiânica"], o historiador Richard Gamble argumenta que o clero progressista era particularmente propenso a converter o conflito em um evento de transformação cultural e espiritual. "Eles observaram a guerra como uma oportunidade para reconstruir as igrejas, a América e o mundo conforme os imperativos do evangelho social", ele escreveu. "Sua cruzada de paz tornou-se uma cruzada de guerra".[63]

A expectativa de uma renovação cultural generalizada foi difundida do "púlpito de intimidação" em 8 de janeiro de 1918, quando Woodrow Wilson anunciou seus catorze pontos para o estabelecimento da paz e para a segurança mundial depois da guerra. No princípio moral da visão de Wilson estava uma comunidade política mundial baseada em confiança e respeito mútuos: o uso diplomático da Regra de Ouro.

Quase sem exceções, os líderes das igrejas se tornaram

incansáveis evangelistas do evangelho da paz mundial de Wilson. “O mundo que existia antes da Guerra desapareceu para sempre”, declarou John Mott. “Para o mundo é um novo nascimento, um grande dia de Deus que só aparece uma vez em cem ou mil anos”.[64] Joseph Fort Newton, famoso ministro do Templo de Londres, discerniu da mesma forma “um novo capítulo na vida social, política, intelectual e espiritual da humanidade”.

Em *The Sword of The Spirit: Britain and America in the Great War*, 1918 [“A Espada do Espírito: O Reino Unido e a América na Grande Guerra”], Newton assemelhou a guerra com as cruzadas cristãs da Europa medieval. Como as cruzadas anteriores unificaram a Europa, ele predisse: “então isso, a grande cruzada humanitária da História, irá unificar o mundo”. O avanço da humanidade continuaria “lentamente, certamente, inevitavelmente” conforme o ódio nacional e o sectarismo torpe “cedessem à pressão da obrigação mundial e do interesse da comunidade”. No final, Newton garantiu aos seus leitores que os “homens pensarão nos termos de uma humanidade e de um cristianismo”.[65]

Certamente, a obtenção de um mundo como esse dependia da absoluta humilhação e derrota do inimigo. Não poderia haver espaço para compromissos ou objetivos limitados. A trégua do Natal ao longo do Fronte Ocidental, em dezembro de 1914, jamais seria igual. Tudo isso ajuda a explicar a posição de muitos líderes da igreja nas propostas de paz que levariam a uma Alemanha invicta e sem punição. Gamble conclui: “foi uma guerra pelos absolutos que combinaram os exércitos do céu e da terra em uma última batalha”.[66]

Aqui, então, temos um dos mais fortes efeitos do Mito do Progresso. Acreditava-se que mesmo a guerra — um processo inerentemente destrutivo da vida e da sociedade — teria propriedades regenerativas. A suposição dos líderes religiosos da Inglaterra e dos Estados Unidos era a de que a guerra avançaria os ideais do cristianismo e da democracia. Mais que isso, o conflito daria à luz uma época de paz e justiça: a “última

batalha" antes do nascimento do novo mundo. Quaisquer fossem as crenças religiosas dos combatentes, o idealismo secular do Mito estava conduzindo a atitudes e expectativas sobre o desenrolar do conflito.

O problema, com certeza, era que nenhuma dessas profecias se cumpriria. O abismo entre as profecias dos clérigos e as realidades do conflito afligiriam muitas almas da geração pós-guerra. Paul Bull, ministro e ex-capelão, falou para muitos deles: "A Era do Progresso termina em um barbarismo tão chocante quanto a própria barbárie". A Era da Razão termina em um delírio da loucura".[67]

FÉ NAS TRINCHEIRAS

Dois jovens soldados, J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis, conseguiram sobreviver a esse delírio de alma intacta. Não é fácil dizer como o espírito do tempo moldou suas atitudes após a guerra; nenhuma pessoa escapa totalmente das suposições de sua época. Porém, nenhum deles jamais expressou a mentalidade das cruzadas, ainda menos as visões apocalípticas do clero. Seus objetivos eram muito mais práticos e terrenos: lutar com honra, sobreviver às trincheiras e retomar suas carreiras acadêmicas onde a guerra os interrompeu. "Além disso, antes de partir como soldado para a Primeira Guerra Mundial, eu certamente esperava que minha vida nas trincheiras fosse, em algum sentido misterioso, somente voltada para a Guerra", escreveu C. S. Lewis anos depois. "Na realidade, percebi que quanto mais próximo da frente de batalha, menos se falava e se pensava a respeito da causa dos Aliados e do progresso da campanha".[68]

Nisso, Tolkien e Lewis provavelmente compartilharam os sentimentos da maioria de seus companheiros soldados.[69] Muitos ficavam indignados com as atrocidades alemãs e irados com a ideia de uma hegemonia alemã na Europa. Ainda assim, há poucas evidências de que o soldado comum estaria animado

pelo intenso idealismo religioso. Por exemplo, na França circulava uma história sobre um clérigo em uma carruagem de homens a caminho da frente de batalha. Ele perguntava alegremente: “Então, você está indo lutar na Guerra de Deus?”. Ficando sem resposta, ele repetia a pergunta. “Você não acredita na Guerra de Deus?”. Um soldado olha para ele com cansaço e responde: “Senhor, não é melhor você deixar o seu pobre amigo fora dessa confusão sanguinária?”.[70]

Infelizmente para a Igreja da Inglaterra, muitos capelães estavam foram de vista e aparentemente fora de contato durante a guerra. Ordenados a se manterem em segurança atrás da frente de batalha, nos hospitais ou em ambulâncias, eles pareciam muitas vezes incapazes de se relacionar com os homens que lutavam para sobreviver.

“A chave para tudo isso”, escreveu Theodore Hardy, um capelão que depois recebeu a condecoração de Cruz Vitória, era que os ministros servissem na zona de combate: “Se ficar para trás, você está gastando seu tempo. Os homens perdoarão qualquer coisa, menos falta de coragem”. Muitos ministros protestantes, no entanto, seguiram as ordens de evitar o fronte. “Há apenas uma frente de batalha aqui e poucos capelães chegam lá, não sendo durante as batalhas”, reclamou David Railton. “É um erro da parte das autoridades que custará caro à Igreja”.[71]

Talvez tenha custado. Muitos capelães anglicanos trabalhavam corajosamente para servir os homens sobre os seus cuidados. Dos dois mil do clero anglicano que se alistaram ao Exército Britânico no tempo do Armistício, oitenta e oito morreram em batalha, enquanto quatro foram premiados com a Cruz Vitória.[72] Mesmo assim, o poeta de guerra Robert Graves — deixando de lado seu cinismo — parecia capturar a percepção comum da covardia e hipocrisia clerical: “Se tivessem mostrado um décimo da coragem, resistência e outras qualidades humanas que os doutores manifestam, concordaríamos que a Força Expedicionária Britânica poderia muito bem ter iniciado um avivamento religioso”.[73] Apesar das

grandes esperanças contrárias, nenhum avivamento aconteceu.[74]

Para a maioria dos homens, parece que Deus ficou no plano de fundo do conflito, mas não totalmente ausente. A crítica muito citada de Graves — "dificilmente um soldado em cem era inspirado pelo sentimento religioso, mesmo o mais simples deles" — parece ser uma projeção autocentrada do seu próprio ateísmo militante.[75] Como o historiador Richard Schweitzer argumenta em *The Cross and the Trenches* ["A Cruz e as Trincheiras"], uma grande porcentagem dos soldados referiam-se às suas crenças religiosas nas cartas e diários, indicando uma piedade genuína.[76] Talvez a observação do oficial escocês estivesse mais próxima dessa linha: "A religião de noventa por cento dos homens na frente de batalha não é distintamente cristã,", ele escreve, "mas a religião do patriotismo e do valor, pintada de cavalheirismo e do melhor colorido com sentimento e emoção emprestados do cristianismo".[77]

CASTIGADOS PELA GUERRA

Na véspera da Batalha do Somme, Douglas Haig, comandante da Força Expedicionária Britânica, escreveu para sua esposa: "Sinto que cada passo do meu plano foi dado com uma ajuda divina".[78] Haig estava convencido de que seus soldados compartilhavam sua simples fé e eram semelhantemente inspirados a carregar os sofrimentos necessários para vencer.[79] Harold Macmillan, futuro primeiro-ministro e que lutou em Ypres em maio de 1916, não tendia a expressões sectárias. Mesmo assim, ele escreveu à sua mãe: "Muitos de nós jamais suportariam a tensão nem aguentariam os horrores que vejo todos os dias, se não sentissem que não é uma simples guerra — mas uma Cruzada. Não vejo homens mortos, mas mártires".[80]

A experiência da guerra transformou Tolkien e Lewis em cavalheiros da cruzada baseados na fé? Tolkien entrou na

guerra como um devoto católico, Lewis como um ex-anglicano e ateísta (sua volta ao cristianismo não ocorreu muito tempo depois). Ambos compartilhavam o básico do patriotismo e o senso de dever ao Rei e à nação, ainda que fossem recrutas relutantes. Como autores eles buscavam recuperar as tradições românticas e míticas baseadas na luta entre o bem e o mal. Mas eles se recusaram a santificar a guerra como um empreendimento divino. Em vez disso, os personagens em suas obras frequentemente demonstram uma grande ambivalência frente a esse conflito.

Em *A Sociedade do Anel*, Elrond se torna melancólico conforme ele reflete a história das guerras que devastaram seu mundo. Ele viveu tempo o bastante para saber que, apesar de esperar o contrário, as forças do mal não seriam erradicadas pela próxima batalha: "Vivenciei três eras no Ocidente do mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas".[81] Tolkien negou que sua obra era "apenas uma simples luta entre o Bem e o Mal", ou que seus protagonistas representavam uma bondade perfeita."Mas de qualquer maneira, esta é uma história sobre uma guerra," ele escreveu, "e se a guerra é permitida (ao menos como um tópico e um cenário), não é muito bom reclamar de que todas as pessoas de um lado estejam contra as do outro".[82]

Lewis ocasionalmente fazia piada com seus personagens, assim como Ripchip em *As Crônicas de Nárnia*, por sua ousadia: "Pois sua mente estava repleta de esperanças vãs, acusações de morte ou glória, e juízos cabais".[83] Em sua trilogia de ficção científica, ele criou o pastor Anglicano louco, senhor Straik, que inocentemente endossa uma terrena (e diabólica) tentativa de realizar o Reino de Deus. "É o começo do Homem Imortal e do Homem Ubíquo", canta Straik, "O Homem no trono do universo. Era isso que todas as profecias de fato diziam".[84] Straik pode bem ter sido modelado por qualquer um dos ministros da Primeira Guerra Mundial seduzidos pelas perspectivas de um reavivamento espiritual.

De fato, o que define seus trabalhos é como eles evitam o triunfalismo dos guerreiros consagrados. Tolkien submergiu deliberadamente os elementos cristãos da história, tornando até a ideia de Deus apenas um aspecto sugestivo da narrativa. "Mesmo durante a minha ausência, diz Gandalf, jamais houve dia em que o Condado não estivesse guardado por olhos vigilantes".[85] Lewis era muito mais explícito sobre os temas bíblicos que moldaram suas obras. Mas mesmo seus protagonistas — obediente a um chamado maior do que eles mesmos — são, no entanto, imperfeitos, medrosos e duvidam de si mesmos. "Pedro não se sentia corajoso; na verdade, sentia como se fosse vomitar", escreveu Lewis em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. "Mas seus sentimentos não lhe subtraíam o dever. Ele então partiu direto em direção ao monstro e desferiu-lhe um golpe de espada bem em seu lado".[86]

Como veremos, a fé cristã de Tolkien e Lewis ofereceu-lhes ponto de vista moral para lidar com o significado da guerra. Seus gostos pessoais de combate, com todas as suas ambiguidades preocupantes, controlava o impulso por justiça própria. Certamente a rotina diária da guerra, seus momentos de medo, tédio, exaustão, dificuldade e horror os salvou de romantizar a experiência. Como Lewis escreveu, muitos anos após seu serviço de guerra:

> Não nos enganemos: todos os nossos medos de todos os tipos de adversidade vão terrivelmente ao encontro da vida de um soldado em serviço. Como a doença, ameaça de dor e morte. Como pobreza, e a ameaça de seus alojamentos execráveis, frio e calor extremos, sua sede e fome. Como a escravidão, e sua ameaça de estafa, humilhação, injustiça e ordens caprichosas. Como o exílio, que nos separa de todos aqueles que amamos.[87]

Porém, acreditar na existência de uma ordem moral para o universo ajudou esses autores a confrontar os problemas humanos: desafios diabólicos e profundamente arraigados à justiça e paz do nosso mundo. Além disso, a experiência inexprimível da guerra deu a eles uma empatia especial pela pessoa que é chamada a arriscar tudo por uma causa nobre.

Na maioria das vezes, seus personagens demonstram uma humildade inesperada, um cuidado sobre combates que podem ser superados apenas pelo prospecto de uma crescente tempestade do Mal.

Assim, em *O Senhor dos Anéis* de Tolkien, nós seguimos Frodo Bolseiro em um perigo quase constante que ele persegue a pé em suas missões como um soldado em uma grande guerra. Vemos seu medo assim e sua determinação em superá-lo e permanecemos fiéis à sua missão: “Há uma semente de coragem escondida (por vezes bem no fundo, é verdade) no coração de cada hobbit, mesmo no mais rechonchudo e tímido, esperando por aquele perigo final e desesperador que a fará germinar”, Tolkien escreve. “Ele pensava ter chegado ao fim de sua aventura, um fim terrível, mas o pensamento o endurecera. Ele então se viu enrijecido, como enfrentando sua última primavera; não mais se sentia vacilante, como uma presa indefesa.[88]

capítulo

3

NUMA TOCA NO CHÃO VIVIA UM HOBBIT

Alguns dias antes de o segundo-tenente J. R. R. Tolkien partir para a Frente Ocidental na França, começava a maior batalha marítima da Primeira Guerra. Em 1.º de junho de 1916, a Grande Frota Britânica desafiou a Marinha Alemã no mar do Norte. Conhecida como a Batalha da Jutlândia, a força britânica de vinte e oito navios de batalha, nove cruzadores de batalha, trinta e quatro cruzadores leves e oito contratorpedeiros colidiu com vinte quatro navios de batalha alemães, cinco cruzadores de batalha, onze cruzadores leves e sessenta e três contratorpedeiros. Foi uma assustadora demonstração de poder naval.

O oficial britânico Ernest Francis, parte da artilharia a bordo do cruzador de batalha *Queen Mary*, pulou ao mar depois de ter seu navio derrotado. “Afastei-me do navio o mais rápido que pude, e eu provavelmente já tinha percorrido quase cinquenta metros quando aconteceu uma grande colisão”, ele escreve. “E, vindo atrás de mim, escutei uma carga de água, que mais parecia com a quebra das ondas na praia, quando percebi que era a sucção ou a força da corrente do navio que acabara de partir.[1] O *Queen Mary* afundou em noventa segundos, levando consigo a maior parte dos mil homens da tripulação.

Dada as baixas de ambos os lados, parecia evidente ser

aquele um momento sem vencedores; civis e soldados ficaram se perguntando se deveriam celebrar vitória ou lamentar as inglórias da perda. “O único fato incontestável”, disse uma enfermeira no hospital de Londres, “é o de que centenas de rapazes, muitos deles não mais que adolescentes aspirantes à Marinha, sem esperança de resgate ou entendimento de causa, caíram numa cova fria e anônima”.[2] As perdas certamente foram devastadoras: um total de 6.097 marinheiros britânicos morreram no mar, comparados aos 2.551 alemães.

Entre os envolvidos na batalha estava Christopher Wiseman, membro do “Clube do Chá e Sociedade Barroviana”, ou o TCBS (*Tea Club and Barrovian Society*), uma sociedade de amigos quase secreta que se encontraram pela primeira vez em 1911 na *Kings Edward’s School*, em Birmingham. Embora outros tenham sido incluídos, seus principais membros foram Tolkien, Wiseman, Geoffrey Bache Smith e Robert Gilson. Todos eles, com graus variados de entusiasmo, foram levados como soldados pela Primeira Guerra Mundial. O círculo de Tolkien compartilhava o amor por literatura e o poderoso desejo de deixar sua marca no mundo. Wiseman deve ter deixado sua marca em Tolkien, pois nomeou seu filho de Christopher.

Antes de serem enviados à guerra, os membros do TCBS realizaram uma reunião do “Conselho” na casa de Wiseman, em Londres, tomando emprestado um título exaltado, sem dúvida, de um jargão diplomático daqueles dias. Eles conversaram até tarde da noite, compartilhando suas mais profundas convicções e aspirações. Dada a sua evidente lealdade durante os anos de guerra, eles devem ter jurado preservar a fraternidade de todos os jeitos possíveis. Mais adiante, Tolkien afirmou que foi naquele momento que pela primeira vez ele se atentou às “esperanças e ambições” que iriam guiá-lo durante a vida.[3]

Nessa mesma época, Wiseman entrou para a Marinha e foi nomeado para a *HMS Superb*, parte da Grande Frota Britânica durante a Batalha da Jutlândia. Ele sobreviveu a esse acontecimento.

Enquanto isso, os alemães organizavam outro grande ataque em Verdun, um posto avançado na França ao longo do Rio Mosa, 240 quilômetros a oeste de Paris. A Batalha de Verdun — uma das mais longas batalhas da guerra — havia durado quinze semanas. Iniciada em 21 de fevereiro de 1916, era uma tentativa de fazer a "França sangrar branco" ao atacar uma cidade estratégica e atrair o exército francês para uma defensiva fatal. Se bem-sucedido, o ataque teria expulsado a França da guerra e forçado a Grã-Bretanha a lutar sozinha.

No começo da batalha, mais de 140.000 tropas alemãs, auxiliadas por 1.200 armas de artilharia, começaram a encurralar as fortalezas francesas. O Setor do Quilômetro 12 das linhas alemãs "explodiu nas chamas da artilharia como nunca antes vira o mundo".[4] Bosques foram transformados em tocos e crateras. Um soldado francês descreveu a cena da seguinte forma:

> Homens foram esmagados; cortados ou divididos ao meio de cima para baixo. Queimados aos montes; estômagos viraram ao avesso; cabeças forçadas ao peito como se tivessem sido acertadas por um bastão".[5]

No final de abril, as vítimas em Verdun totalizavam 133.000 para os franceses e 120.000 para os alemães — sem prévia do fim. Na primeira semana de junho, os alemães voltaram sua atenção ao Forte Vaux, dando início a um feroz embate pelo posto. "É enlouquecedor", escreveu o soldado francês. "Há fumaça constante por todo lugar. Árvores saltam como que pedaços de palha; tratou-se de um espetáculo inaudito".[6]

Depois de uma defensiva heroica, o comandante francês se rendeu tão somente porque seus homens estavam literalmente morrendo de sede.[7] "A humanidade enlouqueceu. A pessoa precisa ser louca para fazer o que está fazendo", escreveu um tenente francês no seu diário, enquanto em Verdun. "O inferno não será tão horrendo".[8] A luta infernal em Verdun se prolongaria até dezembro de 1916.

DEIXANDO A ILHA SOLITÁRIA

Enquanto noticiadas a violência e a destruição dessas batalhas, Tolkien, aos 24 anos, desembarcou em 4 de junho de 1916. Treinado como oficial do batalhão de sinais com o 11.º Batalhão dos Fuzileiros de Lancashire, seu conhecimento dificilmente o teria preparado para a realidade que viria pela frente. Tolkien parecia sentir o mesmo, uma vez que não esperava retornar vivo para casa. "Oficiais de patente menor eram mortos, uma dúzia por minuto", lembra Tolkien". Despedir-me de minha esposa... era como a morte".[9]

Enquanto cruzava o Canal da Mancha, Tolkien olhou de volta para casa e tornou seus pensamentos em poesia.[10] Seu pequeno poema, *The Lonely Isle* ["A Ilha Solitária"], demonstra sua profunda tristeza enquanto seu mundo conhecido se afastava cada vez mais:

> Apesar das grandes perdas e uma separação melancólica
>
> Anseio por ti e tua cidadela justa.
>
> Nos ecos através dos olmos iluminados à tarde,
>
> No interior do alto da torre soa um sino:
>
> Ah, ilha solitária e cintilante, adeus![11]

É fácil de imaginar o jovem soldado Tolkien pensando sobre esse momento de separação enquanto descrevia as cenas de despedida em *O Senhor dos Anéis*. Remete à sombria percepção de Frodo enquanto ele se preparava para deixar o Condado: "É o exílio, fugir de um perigo para cair em outro, carregando-o comigo para onde quer que eu vá. E suponho que ir só é o meu destino... Mas me sinto tão pequeno, e desgarrado de minhas raízes, e em tanto desespero. O Inimigo é tão forte e terrível!".[12]

Como vimos, houve uma imensa sensação de dever e patriotismo na entrada da Grã-Bretanha no conflito, o desejo de "contribuir individualmente" para o Rei e a nação. "Minha

confiança em vocês é irrestrita, meus soldados", disse o Rei Jorge para a Força Expedicionária Britânica, em agosto de 1914. "Dever é o lema de vocês, e sei que o dever que lhes foi proposto será nobremente cumprido".[13] Milhares de homens responderam ao chamado com uma espécie de "intenso patriotismo, quase místico".[14]

Confiando no voluntariado militar, o Lord Kitchener, Secretário de Guerra, pediu inicialmente por mais cem mil homens para reforçar o Exército. Mas os jovens encheram os postos de recrutamento, de modo que, na primavera de 1915, havia mais seiscentos mil homens. O jornal da cidade de Tolkien, *Birmingham Daily Post*, não deixou nenhuma dúvida sobre a obrigação do momento: "O patriotismo insiste que os homens solteiros se ofereçam sem pensar ou hesitar".[15] Como Tolkien descreveu o clima do momento: "Naqueles dias, os homens se alistavam ou eram menosprezados publicamente".[16]

Homens se alistavam juntos, formando "Batalhões de Amigos" [*Pals' Battalions*], compostos de familiares, amigos e colegas de trabalho. "É a história de um grande movimento espontâneo e genuinamente popular sem paralelos no mundo inglês moderno", escreve John Keegan em *A Face da Batalha*, "e talvez até mesmo sem precedentes".[17]

No início de 1916, havia cerca de um milhão de tropas britânicas no Continente, cujo número crescia em quase cem mil por mês. A. F. Winnington-Ingram, bispo de Londres, ficou encantado com o número "realmente surpreendente" de voluntários. "Seu número significava a efusão dos serviços de homens e mulheres que se encontravam no coração da nação, pessoas consideradas perdidas por seus inimigos, embebidas no conforto e envoltas nas sórdidas facilidades".[18] Ainda assim, a Grã-Bretanha precisava confiar em um exército de voluntários, e os números eram insuficientes para suprir as demandas da guerra. Comparado ao enorme exército da Alemanha e da França, a Força Expedicionária Britânica, no

início de 1916, ainda permanecia modesta em proporção. O imperador alemão Guilherme II chamou o Exército Britânico de "desprezivelmente pequeno".

Mais importante, vinte e dois meses de carnificina produzira um impasse militar ao longo da Frente Ocidental. O governo britânico estava determinado a fazer algo em relação ao tamanho de seu exército. No dia 27 de janeiro de 1916, o parlamento aprovou a Lei do Serviço Militar, introduzindo, pela primeira vez, o recrutamento à Grã-Bretanha. Todos os homens com idade entre 18 e 41 anos foram obrigados a se alistar. "Era uma posição terrível de estar", escreveu Tolkien muitos anos depois, "especialmente para um jovem com muita imaginação e pouca coragem física".[19]

VIDA E MORTE NAS TRINCHEIRAS

No verão de 1916, o entusiasmo inicial pela guerra começava a desaparecer. Naquele momento, mais de duzentos mil soldados britânicos estavam mortos e outros trezentos mil feridos.[20] Os soldados continuavam lutando — havia uma lealdade notável entre os recrutas de todas as divisões —, mas havia também uma sobriedade cada vez mais profunda, uma determinação firme de perseverar. Abel Ferry perdeu não apenas o seu entusiasmo pela batalha, mas também muitas de suas estimadas convicções: "O idealismo é um devaneio", ele escreveu em 1916. "O mundo pertence àqueles que não acreditam em ideias".[21] Rob Gilson, membro do Clube do Chá e Sociedade Barroviana (TCBS) associou-se ao Batalhão de Cambridgeshire como segundo-tenente. Assim como Tolkien, ele foi enviado à Frente Ocidental, onde encontrou condições inimagináveis. "Às vezes, eu quase chorava diante daquela lama infinita", escreveu ele, "e da absoluta impossibilidade de escapar dela".[22]

O que Gilson descreveu foi o símbolo preciso e clássico da guerra: a trincheira. Para o típico soldado britânico, a vida

naquelas valas elaboradas era um pântano de imundície — elas eram frias, úmidas e infestadas de ratos. As trincheiras eram profundas o bastante para abrigar um soldado e estreitas o suficiente para dificultar ataques diretos de artilharia. A cada poucos metros as trincheiras formavam pequenos desvios para limitar os danos causados por ataques de morteiros ou metralhadoras. As paredes das trincheiras, sustentadas por sacos de areia, estavam em constante estado de deterioração. O solo, mesmo quando coberto por tábuas de madeira, inundava-se de água quando chovia forte. “Nos quatro quilômetros em que caminhei na trincheira ontem”, escreveu Wilfred Owen à sua mãe, “não havia um centímetro de terra seca”.[23]

Os ratos vagavam à vontade devorando restos mortais de homens — alguns desses ratos eram do tamanho de um gato. Enojados e cansados de serem perturbados por esses animais, os soldados atiravam neles, usavam suas baionetas ou os espancavam até a morte. “Certa vez, pegamos um gato grande e o prendemos durante a noite em uma área da trincheira, na esperança de que ele exterminasse os ratos”, registrou um soldado em seu diário. “Os ratos devem tê-lo devorado — com ossos, pelos e tudo mais — e o arrastado para suas tocas”.[24]

Tão ruim quanto a água, a lama, os ratos, as baratas e os piolhos era o cheiro: o forte odor de carne humana e animal em decomposição parecia empestear todo o ambiente. Atiradores, granadas, tiros aleatórios, feridas não tratadas, doenças — inúmeras causas faziam com que a morte e o cheiro da morte fossem uma presença constante para os soldados na linha de frente. O historiador John Keegan escreveu: “Era possível sentir o cheiro das linhas de frente quilômetros antes de avistá-las”.[25]

As trincheiras foram o cenário de grande parte do sofrimento e da letalidade da guerra. Elas formavam uma base de operações para as forças militares de cada lado, oferecendo uma medida de proteção para os soldados e criando uma linha de demarcação atrás da qual eram guardadas as armas pesadas. “Milhões de homens ocupavam praticamente as

mesmas posições durante meses dentro do alcance do inimigo", explicou o historiador Max Hastings. "A disciplina rigorosa tornou-se necessária para evitar a exposição de um centímetro sequer de carne.".[26]

Durante um ataque, projéteis voaram em ambas as direções, encontrando por fim o seu destino. "O lugar explodiu, fazendo levantar uma nuvem de fedor negro", escreveu um capitão britânico sobre o ataque a uma trincheira. A explosão, explicou ele, revirou a terra e enterrou dois ou mais soldados vivos. "Nós cavávamos furiosamente... e, por fim, conseguíamos desenterrá-los, três corpos cinzentos, cobertos de lama e somente um ainda com vida. Então, logo em seguida, éramos atingidos novamente, e outra explosão soterrava mais soldados".[27]

Nenhum soldado, especialmente um com a mentalidade literária de Tolkien, jamais esqueceria tal experiência. Quando ainda estudante na Universidade de Oxford, Tolkien já se sentia atraído por lendas antigas e os idiomas em que elas estavam inseridas. Nem mesmo as exigências do combate ativo eram capazes de distraí-lo completamente de sua paixão. Ele começou a escrever pequenos trechos das lendas que formariam a base de sua trilogia épica. "Boa parte de seus primeiros rascunhos foi escrita em acampamentos e hospitais de guerra entre 1915 e 1918 — quando o tempo permitia".[28]

Por causa disso, as cenas de batalhas em *O Senhor dos Anéis* possuem uma autenticidade sombria. Quando descreve o Cerco de Gondor — onde "o fogo irrompeu violentamente", "equipamentos poderosos avançavam pelos campos" e o solo "estava completamente bloqueado pelos destroços e pelos corpos dos mortos" —, Tolkien compartilha do realismo de um veterano de guerra. "Empenhados como formigas apressadas, os orcs cavavam e cavavam fileiras profundas de trincheiras, formando um enorme anel, bem próximo do limite de alcance do inimigo", escreveu ele em *O Retorno do Rei*. "E, logo em seguida, mais batalhões do inimigo depressa posicionavam, cada um atrás de uma cobertura das trincheiras, grandes

máquinas para o lançamento de projéteis”.[29]

MASSACRE NA BATALHA DO SOMME

Em um esforço para aliviar a pressão sobre as Forças Armadas Francesas e finalmente obter uma vitória naquele conflito, o Exército Britânico montou uma grande ofensiva própria, que teria início em julho de 1916, durante o verão europeu. Winston Churchill, que acabara de retornar à Frente Ocidental como comandante de batalhão, alertou a Câmara dos Comuns contra os “ataques desnecessários” que, da noite para o dia, poderiam causar a morte de milhares de jovens. Ainda assim, um novo ataque foi planejado, ataque este que transformaria para sempre a vida de Tolkien e a de centenas de milhares de soldados ingleses: a Batalha do Somme.

O clima na manhã do dia 1.º de julho de 1916, o primeiro dia do ataque de Somme, “estava como se diz popularmente, paradisíaco”. No entanto, a partir das sete horas da manhã, aeronaves e artilharia britânicas começaram a atacar pesadamente o Exército Alemão posicionado ao longo do rio. Em pouco mais de uma hora, quase duzentos e cinquenta mil projéteis — cerca de 3.500 projéteis por minuto — haviam sido disparados contra os alemães. O estrondo da ofensiva foi tão intenso que pôde ser ouvido no norte de Londres, a mais de trezentos quilômetros de distância do local.

O Exército Britânico, na verdade, já estava atacando com artilharia pesada seu inimigo havia uma semana. Os soldados estavam certos de que este último bombardeio de artilharia destruiria o que ainda restava das linhas alemãs, aniquilaria seus esconderijos subterrâneos mais profundos e comprometeria seriamente o seu poder de artilharia. Seria um sonho se conseguissem cruzar a “terra de ninguém”, a perigosa zona de morte que separava as trincheiras inimigas. “Dá para chegar até o outro lado usando apenas uma vara”, foi o que disseram a um batalhão, “rifles não serão necessários”.[30]

Às 7h30, ao som de apitos, tambores e gaitas de fole, cerca de cem mil soldados das Forças Britânicas saíram de suas trincheiras e atacaram uma frente de batalha que se estendia por mais de vinte quilômetros. Eles estavam confiantes da vitória, até mesmo exultantes.

O que não sabiam, no entanto, era que seus bombardeios não haviam sido capazes de atingir a maioria dos abrigos subterrâneos das trincheiras alemãs, nem destruído os arames farpados que as protegiam ou a sua pesada artilharia. Eles não imaginavam que seus ataques haviam aberto crateras no solo que passaram a ser usadas pelo inimigo para atacá-los e que, portanto, "estavam avançando aquele território sem vida a caminho do próprio extermínio".[31] Centenas de canhões alemães, explosões de granadas e tiros de metralhadoras foram disparados contra as tropas britânicas, devastadas pelo contra-ataque. "Quando começamos a atirar, só precisávamos carregar e recarregar as metralhadoras", contou um soldado alemão. "Os ingleses eram atingidos às centenas. Não precisávamos nem mesmo mirar, simplesmente atirávamos na direção deles".[32]

Antes que o sol se pusesse nas margens cinzentas do rio Somme, 19.420 soldados britânicos — os quais Lloyd George chamou de "os melhores e mais bem treinados jovens de nossas forças" — foram mortos.[33] A maior parte deles foi morta durante a primeira hora do ataque, muitos nos primeiros minutos. Outros quarenta mil ficaram feridos. Muitos batalhões sofreram baixas (de mortos e feridos) de mais de 50%. Assim, o dia 1.º de julho de 1916, o primeiro dia da Batalha do Somme, marcou o dia mais sangrento da história militar britânica. "A agonia da guerra se manifestou plenamente naquele fatídico dia no Somme", escreveu Martin Gilbert em *The Somme* ["O Somme"]. "O heroísmo e o horror da guerra foram vistos ali sem disfarce, enfeites ou adornos".[34]

A Batalha do Somme durou, inconclusiva, até 16 de novembro — quase cinco meses de derramamento de sangue de mais de 1,2 milhão de mortos e feridos. E para quê? "Em

termos de ofensiva, o ataque não deu em nada", concluiu John Keegan. "A maioria dos mortos foi atingida em solo de posse das Forças Britânicas antes do início do ataque".[35] Winston Churchill, que estava na linha de frente em 1916, como tenente-coronel presenciou "um massacre caótico" do início ao fim. "Nenhuma vantagem estratégica de qualquer tipo foi obtida"[36]. Um comandante relatou com firmeza: "Foi uma demonstração magnífica de bravura treinada e disciplinada, e seu ataque só fracassou porque homens mortos não podem avançar".[37]

Entre os mortos nesta batalha estava o membro do TCBS, Rob Gilson. Duas noites antes de ser morto, Gilson havia escrito para sua família: "Os disparos das armas durante a noite seriam lindos — se não fossem tão terríveis. Eles possuem a grandeza das trovoadas, mas como me agarro aos vislumbres de cenas pacíficas! Seria maravilhoso poder estar novamente a muitos quilômetros de distância da linha de fogo".[38]

Embora tenha entrado na guerra muito preocupado em relação a sua capacidade de desempenho sob o estresse da batalha, Gilson se destacou em seus momentos finais. Quando seu comandante foi morto, Gilson assumiu a posição e conduziu "de maneira perfeitamente calma e segura" seus homens até a terra de ninguém.[39] Tolkien provavelmente se lembrou do amigo quando descreveu, em *O Senhor dos Anéis*, os hobbits do Condado como "curiosamente durões". "Eles eram, se chegasse a esse ponto, difíceis de intimidar ou morrer; e eles... eram capazes de sobreviver em situações difíceis, como dor, sofrer perseguição de inimigos ou o mau tempo de uma maneira que surpreendia aqueles que não os conheciam bem e não enxergavam além de suas barrigas e rostos roliços".[40]

NA LINHA DE FRENTE

A notícia da morte de Gilson demorou semanas até chegar a

Tolkien. Como oficial de sinalização do 11º Batalhão dos Fuzileiros de Lancashire, o trabalho de Tolkien era manter a comunicação entre os integrantes do exército que lideravam a batalha e os oficiais que lutavam na linha de frente. Seus equipamentos incluíam sinalizadores, pombos-correio, homens mensageiros e telefones. O trabalho de Tolkien era fundamental na cadeia de comando, uma vez que as informações coletadas no campo de batalha eram utilizadas para direcionar o ataque de artilharia e realocar — ou retirar — as tropas, conforme a necessidade. Falhas na comunicação poderiam custar centenas e até milhares de vidas.

Nos dias anteriores à Batalha do Somme, Tolkien e os oitocentos homens da sua unidade de Fuzileiros foram retidos como sistema de apoio de combate, a cerca de 20 quilômetros da frente de batalha. Porém, no dia 3 de julho, o terceiro dia da batalha, eles se dirigiram para Bouzincourt, uma aldeia que ficava a pouco mais de um quilômetro atrás da linha de frente. Assim que chegaram, os soldados ocuparam todas as casas, celeiros, porões e quintais do local.[41]

Em guerras anteriores, os homens conseguiam ficar a uma distância segura o bastante do campo de batalha para jogar uma partida de críquete, mas não nesta guerra, com suas novas tecnologias de destruição. A principal delas era a artilharia, composta de uma ampla variedade de armas de longo alcance: artilharia terrestre, que contava com projéteis de oito quilos, obuseiros capazes de disparar pequenos fragmentos e explosivos poderosos de um alcance de até 5 mil metros; artilharia média, composta por morteiros de quase trinta quilos, capazes de disparar projéteis explosivos a uma distância de até dez mil metros; e morteiros de trincheira, que podiam lançar granadas de dez centímetros de uma trincheira a outra na terra de ninguém.[42] A artilharia tinha a vantagem não somente da distância como da velocidade: graças a mecanismos hidráulicos e dispositivos de cronometragem, as granadas podiam ser disparadas em direção ao inimigo com mais rapidez, precisão e por períodos mais longos do que

jamais vistos em guerra. “Pela primeira vez na história, e desde o início até o fim da guerra, a artilharia dominou os ataques”, escreveu G. J. Meyer. “Ela foi responsável por mais mortes entre 1914 e 1918 do que qualquer outra arma”.[43]

Enquanto Tolkien descansava em uma barraca, provavelmente lendo cartas de sua mulher, um canhão alemão bombardeou a vila em que estavam. Tolkien, que fazia parte da Frente Ocidental, participando de um dos confrontos mais sangrentos da guerra, foi atacado pela primeira vez em sua vida.

O quanto aquele jovem soldado deve ter extraído daquele acontecimento para descrever a enormidade da guerra em *O Senhor dos Anéis*? “Esta não é mais uma disputa nos Vaus, atacando desde Ithilien e de Anórien, fazendo emboscadas e saqueando”, disse Beregond, soldado do exército de Gondor. “*Esta é uma grande guerra, planejada há muito tempo*, e nós somos apenas uma peça dentro dela, não importa o que nos diga o nosso orgulho”.[44] Será que o mesmo acontecimento influenciou o autor quando escreveu sobre a angústia de Frodo Bolseiro após deixar o Condado e enfrentar os Cavaleiros Negros? “Naquele lugar solitário, Frodo se deu conta, pela primeira vez, de que estava completamente ao relento e em perigo”, escreveu Tolkien. “Ele desejou amargamente que o destino o tivesse deixado em seu tranquilo e amado Condado. Ele fitou a odiosa estrada que seguia para a direção oeste — para o seu lar”.[45]

Ao refletir sobre as suas experiências anos mais tarde, Tolkien admitiu que o seu gosto pela fantasia foi “trazido à vida por causa de sua experiência na guerra” e que “a mitologia (e as línguas associadas a ela) começaram a tomar forma durante a guerra de 1914 a 1918”.[46] Muito das “partes iniciais” de sua obra épica, explicou ele, foram escritas “em cantinas sujas, durante conversas em noites frias, em cabanas repletas de homens proferindo blasfêmias e obscenidades, ou à luz de velas dentro de tendas e *até mesmo nos abrigos das trincheiras*

sob o ataque de granadas".[47] Em outras palavras, Tolkien havia começado a definir as bases para a sua trilogia de guerra.

Contudo, o desafio mais urgente era continuar vivo. "Tolkien e seus sinalizadores estavam sempre vulneráveis", explicou Martin Gilbert. O vilarejo de Bouzincourt evitava grande parte da barragem, mas homens feridos de outras áreas da linha de frente, muitos deles terrivelmente mutilados, chegavam às centenas. Portanto, membros do batalhão de Tolkien começaram a cavar covas.

Tolkien estava especialmente preocupado com o destino de seus amigos do TCBS. Ele sabia que Gilson estava no meio dos confrontos no dia 1.º de julho, e nada mais. Ele também não sabia o que acontecera com Geoffrey Smith, outro membro de seu círculo íntimo. Surpreendentemente, Smith apareceu em Bouzincourt no dia 6 de julho, vivo e ileso. Tolkien foi tomado por uma grande alegria e os dois se encontravam sempre que podiam em meio ao caos de toda aquela situação. Eles caminharam juntos em um campo de papoulas, estranhamente intocadas pelos ataques de morteiros, e conversaram sobre poesia, sobre a guerra e sobre o futuro. No dia seguinte, a divisão da qual Smith fazia parte, Salford Pals, partiu para as trincheiras a fim de apoiar o ataque do Exército Britânico a Ovillers, uma fortaleza alemã.[48]

Em *Tolkien and the Great War* ["Tolkien e a Grande Guerra"], o biógrafo John Garth descreve a cena de quando chegou a vez de Tolkien ir para a batalha, em 14 de julho, quando a sua brigada foi enviada para reforçar a campanha de Ovillers.[49] Projéteis e granadas riscavam o céu noturno. Pequenas cruzes de madeira pontilhavam a paisagem. Pelo caminho, eles encontraram muitos feridos retirados do campo de batalha. "Foi, então, na chegada a Ovillers que Tolkien teve o seu primeiro contato com os perdidos do Somme", escreve Garth, "anunciados pelo fedor que exalavam, escuros, curvados e pendidos, ou pendurados no arame farpado, até que um feixe de luz os revelou, os mortos inchados, já em estado de

putrefação”.[50]

A linha de frente britânica estava mergulhada em confusão e frustração. As linhas telefônicas transmitidas para a sede eram facilmente interceptadas e só podiam ser utilizadas como último recurso. Bandeiras, sinalizadores e lâmpadas também deviam ter seu uso limitado, uma vez que atraíam o fogo inimigo. A maioria das mensagens precisava ser enviada por mensageiros, que podiam ser atingidos por atiradores inimigos. Portanto, os soldados estavam de fato lutando em uma “zona de mistério”, sem qualquer noção dos movimentos do inimigo ou de como obter alguma vantagem estratégica. Segundo Garth, “o trabalho do oficial de sinalização era levar alguma clareza para esse mistério, ajudando a montar um sistema de comunicação no campo de batalha e usá-lo. Na prática, essa era uma tarefa quase impossível”.[51]

O pior de tudo era o cenário dentro e ao redor das trincheiras. Os corpos dos soldados mortos ficavam espalhados por toda parte: desfigurados pelos ataques, com olhares pavorosos ou rostos totalmente destruídos. Os feridos gemiam ou choravam em desespero. Para além das trincheiras, na terra de ninguém, se via uma paisagem de desolação total. As árvores haviam sido reduzidas a gravetos enegrecidos. O ar era denso com a fumaça e o cheiro forte de explosivos e cadáveres a céu aberto. A grama e as plantações haviam sido engolidas por camadas de lama.

Depois de uma chuva forte, era comum ver os corpos dos soldados flutuando de bruços nas poças de lama; uma vez feridos, o equipamento que carregavam e pesava cerca de trinta quilos selava o seu destino. Um jovem oficial britânico relatou ter encontrado corpos de soldados feridos no dia 1.º de julho que haviam “rastejado para dentro dos buracos causados por explosões de granadas, se enrolado em seus cobertores à prova d’água e abraçado suas Bíblias para morrer”.[52] Sir Philip Gibbs, correspondente de guerra, presenciou mais cenas assim do que a maioria. “Os cadáveres ficavam empilhados, alguns eram enterrados, outros não”, escreveu ele. “Os soldados

cavavam onde os corpos estavam enterrados quando precisavam abrir mais trincheiras. Eles sentavam-se sobre cadáveres para observar o campo de batalha pelo periscópio. Aqueles homens comiam e dormiam com o constante cheiro de morte em suas narinas".[53]

O "HORROR ANIMAL" DA GUERRA

Pouco antes da meia-noite do dia 14 de julho de 1916, Tolkien e os Fuzileiros de Lancashire estavam esperando na reserva enquanto seus camaradas da 7.ª Brigada tentavam avançar sobre Ovillers-la-Boisselle. Eles, porém, não tiveram sucesso e, portanto, foi planejada uma segunda ofensiva, às duas horas da manhã e, desta vez, o batalhão de Tolkien, armado com baionetas, o conduziria. No entanto, disparos de metralhadora e o arame farpado do inimigo impediram o ataque. Os batalhões se recolheram naquela noite.[54]

No dia seguinte, eles estavam de volta à ativa, trocando bombas, granadas de mão e tiros de metralhadora com o inimigo. O ataque durou o dia inteiro. O solo, segundo um sobrevivente, ficou "completamente destruído pelas explosões e coberto de cadáveres".[55] Ao pôr do sol, surgiu uma bandeira branca na guarnição alemã em Ovillers: rendição. Tolkien, ileso, porém física e emocionalmente exausto, havia suportado cinquenta horas de combate. Anos mais tarde, ele descreveu esse período como "o horror animal da vida de serviço militar".[56]

Ao retornar a Bouzincourt, Tolkien encontrou um bilhete conciso e aflito de G. B. Smith, relatando que Rob Gilson havia sido morto no primeiro dia da Batalha do Somme. "Por favor, fiquem comigo, você e Christopher", escreveu Smith. "Estou muito cansado e terrivelmente deprimido com esta notícia horrível".[57] Smith transformou sua dor em poesia e escreveu um tributo a Gilson:

Contemos histórias tranquilas
sobre olhares bondosos
E semblantes serenos, onde a paz
e o conhecimento são saciados:
Sobre jardins cobertos de névoa
sob o céu noturno
Onde quatro homens caminham
longamente, com passos
despreocupados...

E aproxime-se de nós,
pelo bem da memória

Pois um olhar, uma palavra,
um amigo, uma expressão
Estão amarrados por um nó que
homem nenhum pode desfazer
Em seu coração para sempre,
até o fim eles permanecerão.[58]

Ao escrever sua resposta a Smith, Tolkien descreveu o amor que sentia pelo amigo falecido: "Amor do qual me dou conta diariamente, mais ainda agora, que ele se foi". Tolkien enalteceu a "santa bravura, o sofrimento e o sacrifício" de Gilson. Ele, contudo, lamentou a "amarga redução" do grupo com a perda de seu querido amigo. "Eu me sinto... assombrosamente mais fraco e pobre agora". A escola King Edward, em Birmingham, berço do TCBS de Tolkien, fez um minuto de silêncio em homenagem aos quarenta e dois ex-alunos mortos em 1916. Nesta triste lista estava Robert Gilson. Ele tinha vinte e dois anos.

"Não sei qual será o nosso próximo passo ou o que nos reserva o futuro", escreveu Tolkien a Smith. "As notícias estão tão confusas quanto o esgotamento geral causado por esta guerra poderia permitir. Gostaria que fosse possível saber onde você está".[59] Com um amigo morto, outros desaparecidos e uma batalha terrível acontecendo ao seu redor, só podemos imaginar o estado da alma de Tolkien. No entanto, isso traz à memória uma situação em *O Senhor dos Anéis*, quando Merry,

fora da Sociedade do Anel, encontra-se sem amigos e completamente sozinho no meio da grande Demanda. “Todos de quem ele gostava haviam desaparecido na escuridão que pairava sobre o distante céu oriental; restava pouca esperança em seu coração de que ele algum dia os veria novamente”.[60]

Depois de apenas seis dias de descanso em Bouzincourt, Tolkien foi enviado novamente à linha de frente. Dali em diante, segundo John Garth, “ele passou praticamente todo o tempo em um abrigo subterrâneo”.[61] Os Fuzileiros estudavam um ataque a Regina Trench, a trincheira mais longa das linhas alemãs. Embora tivesse um valor estratégico duvidoso, ela já havia custado a vida de muitos milhares de homens. As tropas canadenses haviam apreendido uma seção dessa trincheira, mas acabaram perdendo-a. Outro ataque falhara, deixando muitos mortos e feridos. Assim como tantas outras batalhas na guerra, essa campanha tornara-se um pesadelo desgastante.

O batalhão de Tolkien estava pronto para dar início ao ataque na tarde de 19 de outubro de 1916, contudo fortes chuvas atrasaram a ofensiva por 48 horas. O cansaço e a ansiedade certamente tomaram conta de Tolkien e dos fuzileiros enquanto aguardavam pelo momento em que sairiam de seus abrigos em direção ao sangue, à fumaça e aos bombardeios da terra de ninguém. “Os quinze minutos anteriores ao ‘ataque’ possuem uma obscuridade peculiar”, escreveu um soldado escocês. “À medida que a hora do ataque se aproxima... não há nada capaz de afastar de nossa mente a contagem dos minutos que parecem se arrastar”.[62] Tolkien registrou momentos como esse em *O Senhor dos Anéis*, quando na maioria das vezes ele próprio parece se identificar com as circunstâncias dos hobbits:

> Agora era um pequeno soldado numa cidade que se preparava para um grande ataque, vestido à moda altiva, mas sombria da Torre de Guarda. Em algum outro tempo e lugar, Pippin poderia ter ficado satisfeito com suas novas vestes, mas agora sabia que não estava tomando parte em alguma brincadeira; era ele agora, num jogo sério como a morte, o servidor de um senhor severo, correndo o

maior dos perigos.[63]

O que sustentou Tolkien e seus companheiros soldados? “A honra de meu batalhão e a sua opinião sobre mim”, escreveu um oficial. “Essas são agora as motivações que me sustentam no jogo da guerra”.[64] A determinação e a disciplina das tropas britânicas em face de grandes perdas durante a batalha continuam sendo um dos fatos mais marcantes da Primeira Guerra Mundial. “Ninguém conseguia deixar de pensar sobre o que as próximas horas trariam”, escreveu um soldado. “Um minuto de agonia e, então, uma vez posicionados para o ataque, os semblantes ficavam calmos e serenos, como se uma espécie de senso da gravidade do momento caísse sobre eles. Mas, ainda assim, era possível enxergar em cada um deles a determinação e a expectativa de vitória”.[65]

Finalmente, logo após o meio-dia de 21 de outubro, as duas primeiras ondas de soldados de infantaria saíram de suas estreitas trincheiras, seguidos pelos sinalizadores de Tolkien. Sucesso: às 12h20, Tolkien, que estava comandando a operação de sinalização, disse ao quartel-general da brigada que um grande número de alemães estava se rendendo. A sua divisão sozinha foi responsável pela captura de setecentos soldados alemães.

No entanto, a sua vitória teve um custo: pelo menos 41 fuzileiros foram mortos ou desapareceram, outros 117 estavam feridos, muitos destes em estado grave. Muitos soldados da divisão de Tolkien foram abatidos por sua própria artilharia, vítimas da inevitável falta de visibilidade da guerra. O reverendo Mervyn Evers, capelão do batalhão, apareceu no dia seguinte, coberto de sangue. Ele havia passado a noite toda na terra de ninguém, debaixo da artilharia alemã, cuidando dos feridos e confortando os moribundos.[66]

Uma semana depois, o batalhão de Tolkien estava no trem em direção a Ypres, cenário de uma das batalhas mais devastadoras da guerra. Tolkien, porém, não estava com seus

homens; ele havia contraído a “febre das trincheiras”, doença causada por uma bactéria transmitida por piolhos que entrava na corrente sanguínea. Ele foi, então, transportado para um hospital de campanha para se recuperar. Em 8 de novembro de 1916, problemas crônicos de saúde fizeram com que Tolkien fosse enviado de volta à Inglaterra para se recuperar em um hospital de guerra na Universidade de Birmingham.

Algumas semanas depois, em dezembro de 1916, Tolkien recebeu outra carta com uma notícia triste, desta vez de Christopher Wiseman, seu amigo que sobrevivera à Batalha da Jutlândia. No que deveria ser uma zona segura, G. B. Smith fora atingido por um fragmento de projétil alemão enquanto caminhava por uma estrada na vila de Souastre, ao norte de Bouzincourt. Ele pegou uma infecção e, quatro dias depois, estava morto.

Foi um golpe terrível. Smith havia começado a escrever poesia durante a guerra e as compartilhava com Tolkien sempre que podia. Em homenagem à memória de seu amigo, Tolkien editou uma coleção de seus poemas depois da guerra e os publicou com o título *A Colheita da Primavera*. No prefácio do livro, Tolkien observou que poemas como “O enterro de Sófocles” foram escritos sob ataques: “A versão final foi enviada a mim diretamente das trincheiras”. Pouco antes de sua morte, Smith escrevera a Tolkien com um tom de mau pressentimento: “Que Deus o abençoe, meu caro John Ronald, e que você consiga dizer tudo aquilo que tentei expressar por tanto tempo quando eu não estiver mais aqui, caso este seja o meu destino”.[67]

UMA VISÃO DE MORDOR

Preso a um leito de hospital na Inglaterra, Tolkien recebeu notícias muito devastadoras. Gilson e Smith estavam mortos, assim como Ralph Stuart Payton, outro membro do TCBS. Ele também havia lutado a Batalha do Somme e foi morto em combate no dia 22 de julho de 1916 — seu corpo nunca foi

identificado. Tolkien também perdeu Thomas Kenneth "Tea Cake" Barnsley, que fazia parte de sua sociedade de debates. Ele serviu como capitão no 1.º Batalhão de Birmingham e foi enterrado vivo por um morteiro de trincheira, mas conseguiu escapar — contudo, foi morto em combate perto de Ypres em junho de 1917.

A febre das trincheiras provavelmente salvou a vida de Tolkien. O 11.º Batalhão de Fuzileiros de Lancashire voltou ao combate em 27 de maio de 1918, perto do rio Aisne, e foi atingido pelos alemães, sofrendo enormes baixas. O batalhão inteiro foi dado como morto ou levado como prisioneiro.

Mesmo ainda se recuperando da doença, Tolkien estava forte o suficiente para começar a esboçar as bases de sua história épica. Ele, é claro, preservou o seu amor pela literatura medieval, especialmente por temas como beleza e mortalidade em obras como *Beowulf*. Anos mais tarde, em seu ensaio inovador, "Beowulf: Uma tradução comentada", Tolkien ofereceu um *insight* da comovente visão da obra a qual tanto se dedicou: "O poeta que pronunciou essas palavras viu em seu pensamento os corajosos homens de antigamente caminhando sob a abóbada do céu, sobre a ilha sitiada pelos Mares e pelas trevas exteriores, suportando com implacável coragem os breves dias de vida, até a hora do destino, quando todas as coisas devem perecer".[68]

Quaisquer outros elementos que possam ter influenciado a visão literária de Tolkien, não podemos ignorar o cenário da guerra: a luta de vida ou morte que persegue todo soldado da linha de frente, o "horror animal" das guerras de trincheiras, a desolação perturbadora da terra de ninguém.[69] Era impossível que as cenas da Batalha do Somme, especialmente durante os primeiros dias de massacre e banalidade da vida, não deixassem sua marca na consciência humana. Será que Tolkien tinha em mente os seus companheiros de guerra, aqueles mortos no Somme, quando descreveu o Cerco de Gondor em *O Senhor dos Anéis*?

> Seu Capitão já não se preocupava muito com o que faziam ou quantos poderiam ser mortos: seu único objetivo era testar a força da defesa e manter os homens de Gondor ocupados em vários lugares. Por toda a volta, diante das muralhas dos dois lados do Portão, o chão estava coberto de escombros e de corpos dos mortos; mesmo assim, como se guiados por uma loucura, mais e mais deles chegavam.[70]

De fato, seria estranho se toda a destruição testemunhada por Tolkien na Frente Ocidental não se manifestasse em suas obras literárias. “O mais horrível sobre esses cenários é que eles não são produzidos naturalmente, mas são produto do uso destrutivo da tecnologia pelo homem”, escreveu Nancy Marie Ott. “Campos de batalha como aquele simplesmente não existiam antes da Primeira Guerra Mundial”.[71]

Assim, no caminho desolado até Mordor, encontramos “gramíneas mortas e juncos apodrecidos” que “surgiam nas brumas como sombras esfarrapadas de verões há muito esquecidos”.[72] Vemos uma “terra contaminada, doente além da cura”.[73] Vemos Sam Gamgi, durante a passagem pelos pântanos, prendendo o pé e caindo sobre as mãos, “que se afundaram na lama pegajosa, de modo que seu rosto foi trazido para perto da superfície da lama escura”. Olhando atentamente para a lama vítrea e suja, ele se assusta com aquilo que finalmente vê. “Há coisas mortas, rostos mortos dentro da água”, exclamou ele em horror. “Rostos mortos!”, riu Gollum. “Os Pântanos Mortos, sim, sim: esse é o nome deles”, ele gargalhou.[74]

O historiador de guerra Martin Gilbert, em uma entrevista informal com Tolkien em Oxford, na década de 1960, conversou com ele sobre a sua experiência na Batalha do Somme. “Tolkien se lembrou, tão vividamente quanto se tivesse ocorrido no dia anterior, do perigo constante dos projéteis da artilharia alemã percorrendo a área e caindo acompanhados de estrondos e ruídos, nuvens de terra e lama e dos gritos apavorados dos homens atingidos”.[75] Gilbert, que escreveu um

relato definitivo sobre a ofensiva do Somme, afirmou que a descrição de Tolkien dos Pântanos Mortos corresponde de maneira precisa à experiência macabra dos soldados naquela batalha: "Muitos soldados do Somme se confrontavam com cadáveres, muitas vezes já apodrecendo na lama, que continuavam ali, sem ser perturbados, a não ser pelos bombardeios durante dias, semanas e até meses".[76]

Em uma carta escrita a L. W. Forster, em dezembro de 1960, Tolkien confirmou a influência da guerra em sua história, pelo menos em suas descrições de cenários desolados: "Os Pântanos Mortos e a chegada a Morannon devem algo ao norte da França depois da Batalha do Somme".[77]

A CORAGEM DE "PESSOAS BEM PEQUENAS"

Nem todas as experiências de guerra de Tolkien, no entanto, produziram narrativas tão sombrias. Em uma carta a W. H. Auden, ele explicou como a ideia para *O Hobbit* — prelúdio de *O Senhor dos Anéis* — surgiu pela primeira vez em sua mente. A ideia surgiu anos depois da guerra, quando ele já era professor de anglo-saxão na Universidade de Oxford e estava em sua sala avaliando os trabalhos dos alunos. "Em uma folha em branco eu rabisquei: 'Em uma toca no chão vivia um hobbit'. Não sabia e ainda não sei por quê... os nomes sempre geram uma história em minha mente. Por fim, achei que seria melhor descobrir como eram esses hobbits".[78]

Não sabemos por que Tolkien escreveu essas palavras enigmáticas. Sabemos, porém, como são os hobbits: segundo o seu próprio relato, o personagem do hobbit era um reflexo do soldado comum, firme em seus deveres, enquanto sofre naquele sombrio "buraco no chão" — as trincheiras da linha de frente.

A maioria dos membros da Força Expedicionária Britânica era composta de "soldados cidadãos", vindos em grande parte das classes trabalhadoras. Ao contrário dos exércitos francês,

italiano, russo e alemão, a BEF (British Expeditionary Force) não experimentou um colapso de disciplina e moral em grande escala.[79] Mesmo durante as campanhas mais intensas ao longo da Frente Ocidental, eles demonstraram uma "resiliência impressionante" em relação aos outros exércitos.[80] A mudança de caráter que vemos no personagem Sam Gamgi provavelmente não foi diferente da transformação que Tolkien deve ter testemunhado entre muitos de seus colegas soldados em batalha: "Mas, mesmo quando a esperança morreu em Sam, ou pareceu morrer, ela se transformou em uma nova força. O semblante simples de Sam, comum aos hobbits, tornou-se firme, quase sombrio, à medida que a vontade se consolidava dentro dele, e ele sentiu uma emoção em todos os membros de seu corpo, como se estivesse se transformando em uma criatura de pedra e aço que nem desespero, cansaço ou os infinitos quilômetros estéreis de caminhada seriam capazes de vencer".[81]

Se Sam de fato é uma representação do soldado britânico na Grande Guerra, então isso explica a admiração de Tolkien e de tantos outros ao longo dos anos. Como conclui John Keegan em *A Face da Batalha*: "A Força Expedicionária Britânica de 1916 foi uma das formações militares mais admiráveis e impressionantes do campo de batalha".[82] Em sua obra magistral, *The World Crisis*, Winston Churchill exaltou as qualidades do Exército Britânico com sua eloquência habitual: "Invencível, exceto pela morte... eles erigiram um monumento de virtude nativa que será responsável pelo encanto, reverência e gratidão de nosso povo enquanto existirmos como nação entre os homens".[83] Até mesmo Sir Philipe Gibbs, que se tornou um grande crítico da liderança militar, confessou a sua admiração pela bravura das tropas britânicas, elogiando a "coragem individual que ia além das leis normais da natureza humana como eu as julgava conhecer".[84]

Historiadores ainda debatem sobre qual teria sido a conquista final daqueles soldados e as causas pelas quais lutaram. Teriam eles servido meramente como forragem para

um amplo e impiedoso mecanismo militar que devastou a Europa por nada? Ou teriam eles desempenhado um papel vital em deter a ofensiva alemã e impedir o domínio de uma força brutal e opressora sobre todo o continente? O que quer que Tolkien pensasse sobre essas questões, ele foi cuidadoso o bastante para jamais menosprezar a importância do soldado em seu posto: "Sempre fiquei impressionado por estarmos aqui, sobrevivendo, graças à coragem indomável de pessoas simples contra probabilidades impossíveis". Os hobbits são criaturas pequenas, ele explicou, "para mostrar, em criaturas de poder físico muito pequeno, o incrível e surpreendente heroísmo de homens comuns 'sob pressão'".[85]

O soldado Tolkien viveu entre esses "homens comuns", lutou ao lado deles, testemunhou a sua coragem debaixo de ataques, se divertiu e lamentou com eles, e os viu morrer. Dessa forma, as "pessoas pequenas" que lutaram e sofreram na Grande Guerra ajudaram a inspirar a criação dos heróis improváveis na maior obra fantástica de Tolkien. Assim como os soldados naquela guerra, os hobbits simples e comuns não se deram conta de como o destino das nações dependia de sua obstinada devoção ao dever.

Talvez esta tenha sido a maneira discreta encontrada por Tolkien para sugerir que, no fim das contas, talvez devamos mais a esses mortos esquecidos do que a nossa visão de mundo moderna nos permite enxergar. "Esse é um capítulo da história antiga que convém relembrar", aconselha Gandalf em *A Sociedade do Anel*. "Pois também havia sofrimento naquele tempo, assim como uma escuridão crescente, mas também muita bravura e grandes feitos que não foram totalmente em vão".

capítulo

4

O LEÃO, A FEITICEIRA E A GUERRA

Em 30 de setembro de 1914, pouco mais de um mês após as tropas britânicas serem enviadas à Frente Ocidental, C. S. Lewis, situado em Great Bookham, escreveu a seu pai. Lewis acabara de chegar ao lugarejo para estudar os clássicos com o antigo tutor de seu pai, William Thompson Kirkpatrick, e ficou maravilhado com a beleza da pequena vila inglesa, que parecia não ter sido afetada pela passagem do tempo. No entanto, o clima de "tranquilidade perfeita" percebido por Lewis assim que chegou começava a desaparecer.[1]

A Inglaterra esperava permanecer fora da guerra, mas a decisão do kaiser de enviar as tropas alemãs pela Bélgica em 4 de agosto obrigou uma intervenção por parte da Grã-Bretanha. O primeiro-ministro britânico declarou guerra contra a Alemanha no mesmo dia e campanhas de recrutamento militar começaram imediatamente por todo o país. Cartazes transmitiam a mensagem: "Homens do Império, às armas! Deus salve o rei!", "Se a Inglaterra cair, você também cairá!", "O Império precisa de homens!" e "É agradável aproveitar as praias, mas e quanto aos homens nas trincheiras? Aliste-se e os ajude!". Lewis, portanto, escreveu: "Há uma grande febre de guerra por aqui, como é de se esperar".[2]

Haveria uma febre muito maior nas semanas e meses por vir. As tropas britânicas não conseguiram impedir a invasão

alemã na última fortaleza do Exército Belga, a estratégica cidade portuária de Antuérpia. No dia seis de outubro, um bombardeio alemão incessante fez com que sessenta mil soldados belgas fugissem da cidade. Em pouco tempo, milhares de refugiados chegaram à Inglaterra e, no vilarejo de Great Bookham, os moradores planejavam acolhê-los. Lewis escreveu para seu pai: "Todos em Bookham estão envolvidos em uma conspiração para construir um chalé para os refugiados belgas".

Enquanto isso, submarinos alemães faziam operações no mar da Irlanda, representando uma ameaça ao deslocamento de civis. "É um cenário assustador para quem mora nos dois lados do canal pelos próximos dois, cinco ou seis anos", queixou-se Lewis. "Isso, claro, é algo impensável".[3] Muito se falava sobre a presença de espiões alemães.

Soldados de licença, muitos carregando os ferimentos da batalha, estavam voltando à Inglaterra com relatos assustadores dos combates. Um ex-aluno de Kirkpatrick, Oswald Smythe, chegou à casa do tutor em março de 1915 e impressionou Lewis com sua coragem: "Aquele Gerald Smythe de quem lhe falei, que perdeu um braço na guerra, esteve hospedado conosco semana passada. É um homem realmente maravilhoso: ele teve alta há cerca de um mês apenas e já voltará para a linha de frente na próxima semana. É muito bom poder testemunhar uma pessoa verdadeiramente alegre em circunstâncias como esta e de fato animada para voltar ao campo de batalha".[4]

Lewis, no entanto, não compartilhava do mesmo interesse de Smythe pela guerra. Talvez a sua leitura da *Ilíada*, de Homero, que ele havia começado algumas semanas antes do início da guerra, tivesse algo a ver com isso. Embora se acredite que alguns oficiais britânicos tenham ido para a guerra com uma cópia da *Ilíada* em suas mochilas e com a fúria de Aquiles em seus corações, Lewis não era um deles.[5] Quaisquer elementos de glória de batalha que estejam presentes na obra, as cenas de sofrimento os superam. Como Bernard Knox observa em sua

introdução à obra, os homens na história de guerra de Homero morrem em agonia: eles caem de joelhos gritando, agarrando-se ao chão e gemendo e ofegando pela vida. “E a morte é o fim”, escreve Knox. “Homero não oferece qualquer visão de consolo da vida para além do túmulo”.[6]

As conversas com seu irmão mais velho, Warren (“Warnie”), que já era segundo-tenente da Força Expedicionária Britânica, também ajudaram a formar a visão alarmante de Lewis sobre a guerra. Servindo na Frente Ocidental desde novembro de 1914, Warnie já havia visto matança suficiente para uma vida inteira. “Jamais conseguirei esquecer a cena: um menino adormecido em um banco e um emaranhado em sua cabeça — ao aproximar-me percebi que aquilo era seu crânio estraçalhado”.[7] Pouco tempo depois de encontrar seu irmão, que estava de licença em julho de 1915, Lewis escreveu em seu diário que “teve pesadelos pavorosos na noite anterior sobre estar na linha de frente e ser gravemente ferido”.[8]

De qualquer maneira, Lewis estava focado em sua carreira acadêmica; ele desejava explorar o seu amor pelos clássicos e pela literatura britânica, e cultivar amizades com estudiosos que partilhavam do mesmo pensamento. Por ter nascido em Belfast, no norte da Irlanda, Lewis ainda estava isento do serviço militar britânico. Além disso, como ainda não completara dezoito anos, não poderia se alistar — tampouco desejava fazê-lo. “Em relação ao recrutamento, espero sinceramente que uma das duas aconteça”, escreveu ao pai. “Ou que a guerra acabe antes de eu completar dezoito anos, ou que o recrutamento não seja obrigatório antes que eu me apresente como voluntário. Não gostaria de me juntar aos outros como recruta”.[9]

UMA PROVA DA BONDADE

Nesse ínterim, Lewis dedicou-se à leitura de bons livros, especialmente os românticos, como as obras de William Morris,

E. R. Eddison, John Keats e Percy Shelley. Ele se encontrava, segundo sua própria descrição: “mergulhado no romantismo”. Com notícias de soldados morrendo aos milhares a cada semana em Verdun, Lewis também começou a buscar obras que nutriam seu gosto crescente pela fantasia. Em março de 1916, enquanto esperava por um trem na estação de Great Bookham Station, Lewis comprou uma cópia do livro *Phantastes: A Terra das Fadas*, de George MacDonald, obra que alcançaria a sua imaginação de maneira profunda e inesperada. Ele escreveu ao amigo Arthur Greeves, contando que a descoberta do livro fora uma “grande experiência literária”. “Qualquer que seja o livro que esteja lendo agora, aconselho que o deixe de lado e comece este imediatamente”.

Qual seria a qualidade presente na história de MacDonald que Lewis considerava tão atraente? MacDonald, ex-pregador escocês, foi um autor de romances de fantasia do século XIX. Considerada uma de suas obras mais importantes, *Phantastes* explora o que, a princípio, parece ser a busca de um homem pela beleza feminina, mas que acaba por se tornar a busca por algo muito mais significativo e profundamente espiritual. Lewis, mais tarde, descreveu o efeito que a obra exerceu sobre ele da seguinte maneira:

> O livro carregava uma espécie de inocência fresca, matinal, e também, de forma bastante inequívoca, certa qualidade de Morte, Morte boa. O que ele fez comigo, na verdade, foi converter, e até mesmo batizar (foi aí que entrou a morte) a minha imaginação. Ele não afetou o meu intelecto nem (na época) a minha consciência. Esses foram afetados muito tempo depois e com a ajuda de muitos outros livros e homens.[10]

O que significa ter a imaginação “convertida”, ou “batizada” por uma obra de fantasia? No caso de Lewis, parece que *Phantastes* resgatou a sua imaginação de suas tendências sombrias — tornadas ainda mais negativas, talvez, pelo início da guerra —, apresentando-o a uma “sombra clara”, uma voz ou força que o fez sair de si mesmo. A obra apresentou-lhe a

visão de um mundo que deve ter parecido totalmente diferente do seu: um mundo puro e radiante, contudo moralmente severo.

Talvez essa tenha sido a intenção de MacDonald. Em seu ensaio: "*The Fantastic Imagination*" ["A Imaginação Fantástica"], MacDonald sugeriu qual fora um de seus objetivos ao escolher o gênero dos contos de fadas. "A melhor coisa que podemos fazer pelo próximo, além de despertar a sua consciência, não é dar-lhe coisas em que pensar, mas sim despertar aquilo que já está dentro dele; ou, ainda, fazê-lo pensar por si mesmo".[11] Ao que parece, algo de fato despertou dentro de Lewis, algo que outros autores não conseguiram evocar. Depois da guerra, escrevendo em seu diário, em 1923, Lewis insinuou sobre a enorme importância que ele atribuía ao livro: "Depois de tudo isso, eu li, enquanto tomava chá, *Phantastes*, de MacDonald, livro que já reli muitas vezes, e acredito que ele ocupa para mim o lugar de um livro devocional".[12]

O irmão de Lewis, Warnie, com quem compartilhou uma amizade íntima durante toda a vida, afirmou que a descoberta de MacDonald fora "um ponto de virada" na vida de Lewis.[13] Os biógrafos Roger Green e Walter Hooper consideram a obra como o "maior destaque entre as descobertas literárias de Lewis" durante aquele período.[14] Quase quarenta anos depois, Lewis ainda recomendava o trabalho de MacDonald a amigos e conhecidos.[15] O biógrafo George Sayer chama atenção especial para o livro e para o poder duradouro de seu simbolismo. "A influência de *Phantastes* sobre Jack durou muitos anos, talvez por toda a sua vida", escreveu. "A obra teve uma influência transformadora em sua postura em relação ao cotidiano, às coisas comuns ao seu redor, impregnando nelas uma qualidade espiritual própria".[16]

A CHEGADA DE UMA TEMPESTADE

Isso pode ter sido verdade no longo prazo, pois a

transformação descrita mostrou poucos sinais na vida exterior de Lewis. As suas cartas durante esse período, quando tocavam em questões de fé, eram, em sua maioria, céticas.

Lewis também era indiferente à guerra; talvez essa fosse a sua maneira de afastar de sua mente aquele cenário de morte. Em uma carta que escreveu a Arthur Greeves, em junho de 1915, ele descreveu "a garota mais bonita que eu já vi em toda a minha vida". Ela lembrava Lewis de uma parte que amava da rapsódia húngara n.º 1, de Franz Liszt. "Se tocar o disco repetidamente, tentando transformar a música em uma pessoa, você saberá exatamente como ela é e fala. Tem apenas dezoito anos e já está de saída para algum trabalho ridículo de guerra, como enfermagem ou algo assim, e, de todos os lugares possíveis, logo em Dover — uma pena!".[17]

Em uma carta a seu pai, Lewis continuou a refletir se a paz chegaria antes que fosse forçado a tomar uma decisão sobre seu alistamento: "Acho que temos motivos para esperar que a guerra acabe antes que se transforme em um problema direto para mim".[18] Essa esperança, no entanto, já começava a se provar inútil.

Em 15 de junho, zepelins alemães atacaram Londres, atingindo a movimentada estação de Waterloo. O ataque, que visava aterrorizar os cidadãos, ajudou a aumentar a animosidade pública contra a Alemanha. "Os zepelins sobre Scarborough e Londres foram os precursores de uma nova era, em que a morte choveria do céu sobre moradores indefesos da cidade", escreveu o historiador Niall Ferguson.[19] Lewis, hospedado na casa de Kirkpatrick, podia ver as faíscas elétricas que riscavam o céu por causa das explosões das bombas. Se o vento soprasse em sua direção, ele podia ouvir "o burburinho e o barulho dos disparos distantes na França".[20]

Um ano depois, a guerra estava atolada em um impasse. O recrutamento, que entrou em vigor em janeiro de 1916, tomou a decisão por Lewis. Ele não podia ficar para trás enquanto outros rapazes de sua idade eram enviados para a frente de

batalha; portanto, conformou-se com a situação e se alistou.

"Fico tão triste em pensar que terei apenas mais duas datas importantes para comemorar como de costume", ele escreveu, "pois em novembro faço dezoito anos, idade militar, e terei de enfrentar os 'grandes campos' da França, algo que não me interessa nem um pouco".[21] Lewis também escreveu sobre um amigo de escola, Donald Hardman, que seria convocado para o serviço militar até o Natal. "Ele... quer saber o que vou fazer... é claro que, fosse conveniente, eu gostaria de ter um amigo comigo no exército, mas não vale a pena tomar providências especiais para uma questão tão pequena. Vamos ver como as coisas ficarão".[22]

Em 30 de junho de 1916 — na véspera da Batalha do Somme —, Lewis escreveu ao pai expressando alívio com a notícia de que o sobrinho de seu pai, Richard Lewis, havia sofrido um "ferimento leve" na França e que, portanto, fora retirado da linha de perigo. "Essa é, de longe, a melhor coisa que pode acontecer a um homem nas trincheiras".

Ele estava certo, é claro. Historiadores estimam que talvez um terço de todas as baixas aliadas na Frente Ocidental ocorreu nas trincheiras, tanto por ataque inimigo quanto por doenças.

Com cerca de 20 mil quilômetros de trincheiras, apenas no lado dos Aliados, que se estendiam de Flandres até os Alpes Suíços, não é difícil entender o número de mortos. Lewis refletiu que os "realmente azarados" poderiam continuar servindo por um ano ou mais — "sempre parecia que, no final das contas, eles acabariam sendo mortos ao retornarem da licença". O toque de fatalismo de Lewis é perfeitamente compreensível, dada a notória devastação causada pela guerra de trincheiras.

De fato, na mesma carta, Lewis sentiu que a guerra estava entrando em uma nova fase de sofrimento: "As coisas estão parecendo muito sombrias no momento, não é mesmo?".[23] No dia seguinte, primeiro de julho, as coisas ficariam

exponencialmente mais sombrias, quando as tropas britânicas e francesas deram início à Batalha do Somme, um frenesi de matança concentrada quase sem precedente histórico nos anais da guerra.

A TESE CONTRA DEUS

Duas semanas depois, em 14 de julho, quando Tolkien e seus homens se preparavam para a sua campanha em Ovillers, Lewis escreveu a seu pai sobre "notícias importantes da frente de batalha" envolvendo a Força Voluntária de Ulster. Os soldados irlandeses, por sua dedicação e heroísmo na batalha, obrigaram o Departamento de Guerra a aceitá-los como parte integrante do Exército Britânico. "Suponho que as perdas estejam sendo fortemente sentidas em Belfast: aqui, ninguém parece ter notado qualquer coisa".[24]

As perdas a que Lewis se referia foram as sofridas pela 36.ª Divisão de Ulster no primeiro dia da Ofensiva do Somme. Os homens da Ulster haviam capturado o Reduto Schwaben, uma fortaleza alemã com um bunker fortificado, com mais de seis metros de profundidade. Contudo, ao cair da noite, os alemães os expulsaram e muitos soldados irlandeses ficaram presos entre os alemães e sua própria artilharia. Pelo menos dois mil homens da Força Ulster — mais de um décimo de todas as mortes britânicas no dia primeiro de julho — foram mortos no confronto.[25]

No entanto, a sua coragem lhes rendeu grandes honras. Os soldados da Divisão de Ulster receberam quatro condecorações de Cruz Vitória por sua bravura naquele primeiro dia da campanha. A primeira Cruz Vitória da Batalha do Somme foi concedida a William McFadzean, de Belfast, que salvou a vida de outros soldados ao atirar seu próprio corpo contra duas bombas lançadas em uma trincheira.

Qual foi o efeito das notícias da guerra em Lewis? É difícil dizer. Muitos anos depois, ao falar a outra geração de jovens

pegos em outra grande guerra, Lewis insistiu que a guerra produzia pelo menos um benefício: ela nos forçava a considerar a nossa própria mortalidade. “Se o serviço militar não for capaz de preparar o homem para a morte”, ele questionou, “qual conjunto concebível de circunstâncias o fará?”.[26] Há poucos indícios, no entanto, de que, no verão de 1916, Lewis estivesse se preparando intelectualmente para qualquer outra coisa que não fosse a sua carreira acadêmica.

Um ateísmo cada vez mais profundo pode ter tido algo a ver com isso. Lewis fora criado na Igreja Anglicana, mas passou a associar o cristianismo com “arquitetura e música feias e poesia ruim”. Para ele, os sermões da igreja eram enfadonhos e irrelevantes.

As dúvidas de Lewis acerca de Deus e do cristianismo foram reforçadas por seu tutor, Kirkpatrick, com quem estudou antes de se candidatar a Oxford. Kirkpatrick era, nas palavras de Lewis, “um ateu irônico e inflexível”. Com Kirkpatrick, Lewis aprendeu que crenças e suposições não examinadas deveriam ser condenadas. Quase nenhum assunto era considerado tabu, inclusive a guerra, que começara apenas algumas semanas antes de Lewis dar início a seus estudos com Kirkpatrick. “Até as metáforas mais comuns eram questionadas”, lembrou Lewis, “até que alguma verdade amarga fosse forçada a sair de seu esconderijo”.

Portanto, assim eram os diálogos entre os dois no início de seu trabalho:

L: “Essas atrocidades demoníacas dos alemães...”

K: “Mas não são os demônios ficções da imaginação?”

L: “Muito bem; então essas atrocidades bestiais...”

K: “Mas nenhuma das bestas que conheço faz nada parecido!”

L: “Bom, então como é que posso chamá-los?”

K: “Não é óbvio que devemos simplesmente chamá-los de seres humanos?”.[27]

A racionalidade implacável de Kirkpatrick — inflexível e desafiadora — exerceu uma influência duradoura sobre seu aluno. Lewis aceitou a necessidade da lógica e da razão, mesmo enquanto se aprofundava na literatura romântica. Ele aprendeu a não abandonar suas conclusões, especialmente aquelas sobre questões espirituais, apenas por elas não serem populares. Pouco tempo depois da guerra, ao saber da morte de Kirkpatrick, Lewis se lembrou do enorme impacto que seu mentor teve em sua vida. "Não se trata, no entanto, de uma opinião, mas de um simples fato quando digo que devo a ele, pelo menos na esfera intelectual, tudo quanto um ser humano pode dever a outro", ele escreveu a seu pai. "Respirávamos uma atmosfera de clareza ferrenha e honestidade inabalável de pensamento simplesmente por viver com ele — e isso eu levarei comigo enquanto viver".[28]

No entanto, em uma série de cartas que escreveu a Arthur Greeves, Lewis defendeu o seu ateísmo com argumentos que estavam em perfeita sintonia com a corrente intelectual de seu tempo. "Você me pergunta sobre minha visão religiosa: sabe, eu acho que não acredito em nenhuma religião", respondeu ele. "Não há absolutamente nenhuma prova da veracidade de qualquer uma delas, e, do ponto de vista filosófico, o cristianismo nem sequer seria a melhor religião".[29]

Disciplinas acadêmicas em ascensão, como psicologia e sociologia explicavam o avanço do cristianismo e de outros sistemas de crenças como a tentativa do homem primitivo de enfrentar um mundo assustador e perigoso. Assim, para Lewis, o cristianismo era mais "uma mitologia entre tantas outras" — e tão falso quanto todas as religiões. "Todas as religiões, isto é, todas as mitologias, para nomeá-las da maneira correta, não passam de uma invenção do próprio homem — tanto Cristo quanto Loki". Grandes homens passaram a ser considerados deuses por seus seguidores, explicava Lewis, em torno dos quais surgiram seitas. "Mas você já deve ter ouvido tudo isso", escreveu ao amigo. "É a explicação científica legítima sobre o

crescimento das religiões".[30]

Ele aconselhou Greeves a direcionar suas perguntas intelectuais ao estudo da filosofia: "As suas indagações ao menos o salvariam da estagnação intelectual que normalmente aguarda um homem que encontra satisfação total em algum sistema religioso tradicional".[31] Se, contudo, Lewis se considerava ateu, era um ateu moderado; ele não descartava completamente a possibilidade da existência de algo fora do mundo material. Lewis admitiu que "o universo é um mistério total" e que novas descobertas sobre o mundo deveriam ser esperadas e bem-vindas. "Enquanto isso", escreveu, "não voltarei à escravidão de crer em qualquer superstição antiga (e já decadente)".

Quando Lewis encontrou, pessoalmente, a "carnificina bizarra da primeira guerra alemã", a tentativa de reconciliar um Deus amoroso com o problema do sofrimento pareceu inútil.[32] Como exploraremos mais adiante, Lewis viria a escrever uma série de poemas, chamada *Spirits in Bondage* ["Espíritos em Cativeiro"], para expressar a sua angústia pelo fracasso da crença religiosa. O fardo da fé, especialmente em tempos de guerra, se tornaria insuportável.

UM "ACORDO COM A REALIDADE"

Um fardo mais imediato, entretanto, estava agora sobre ele. Quando a carreira militar de Tolkien estava chegando ao fim, Lewis se alistou na Força Expedicionária Britânica. Em dezembro de 1916, ele ganhou uma bolsa de estudos para a University College, em Oxford e, na esperança de garantir o cargo de oficial, juntou-se ao Corpo de Treinamento de Oficiais.

Quando chegou a Oxford, em 16 de abril de 1917, Lewis encontrou uma universidade lotada com uma "enorme quantidade de militares". Soldados feridos, que recebiam os cuidados de uma equipe de enfermeiras, ocupavam um quadrante inteiro do prédio.[33] Os cadetes que treinavam para

seus cargos eram “um grupo especialmente ruim”, queixou-se Lewis, que estava “muito ocupado comendo e bebendo com o dinheiro de seu salário, já que morreriam no dia seguinte”.[34] Quase todo o resto das pessoas estava na guerra.

Lewis se esforçou para não pensar na guerra até o dia em que foi enviado para a França. Em uma carta escrita em 27 de maio para Greeves, ele reclamou de um calouro “arrogante e analfabeto” por falar sem parar sobre seu irmão e seu primo que haviam sido mortos na frente de batalha. “Bom, é claro que eu os respeito por seu serviço e me compadeço do rapaz por tê-los perdido. Mas, ao mesmo tempo, não acho que ele deva arrastá-los para todas as conversas, em todas as oportunidades!”.[35]

Anos depois, ao se recordar desse período de sua vida, Lewis admitiu que “colocou a guerra de lado a um grau que faria algumas pessoas considerarem algo vergonhoso e, outras, incrível”. Ele negou, porém, que estivesse tentando fugir da realidade. “Garanto que se tratava de um acordo que fiz com a realidade”, escreveu ele, “a imposição de uma fronteira”. Parece que Lewis fez um acordo com o seu país que o deixou, ao menos parcialmente, no controle: “Vocês me terão em um determinado dia, não antes disso. Morrerei em suas guerras se necessário for, mas até lá viverei a minha própria vida. Vocês poderão ter o meu corpo, mas não a minha mente”.[36] Com base em suas cartas a amigos e familiares, ele pareceu cumprir a sua parte no acordo.

Quase imediatamente, Lewis começou a treinar para a guerra de trincheiras. “Nós passamos grande parte do tempo ‘nas trincheiras’”, escreveu ao pai. Ele descreveu o modelo de trincheiras montado na universidade, que incluía abrigos, buracos causados por explosões e sepulturas. “Este último toque do cenário realista”, brincou ele, “me parece desnecessário”.[37] Ele foi, então, enviado de Oxford à Keble College, onde passou os dias “cavando trincheiras e marchando debaixo de um sol escaldante”.[38]

Contudo, muito pouco daquele treinamento poderia preparar Lewis para o que ele enfrentaria em combate: os morteiros, as metralhadoras, as granadas, o gás, o arame farpado. “Tudo que fazemos é conduzir o nosso grupo durante a marcha, entregá-lo ao instrutor e, em seguida, caminhar sem rumo e sem fazer absolutamente nada”, escreveu. “É um pouco cansativo para as pernas e acredito que, por fim, resultará em uma atrofia cerebral”.[39]

Durante seu treinamento, Lewis fez amizade com dois homens que surtiriam profundo efeito em sua vida. Um deles era Edward Francis “Paddy” Moore, um irlandês de Bristol — “um ótimo sujeito” — com quem dividia o quarto na universidade. O outro era Laurence Bertrand Johnson, que entrou em Oxford como bolsista pela Queen’s College, a quem Lewis admirava pelo seu intelecto e preferências literárias. “Eu acho que a única mudança real que você encontrará em mim é o interesse crescente em filosofia”, ele escreveu a Greeves, “que começou a aumentar no decorrer de muitas conversas interessantes com meu bom amigo Johnson”.[40]

O ATEU NA TRINCHEIRA

Depois de viver três anos apenas com o conhecimento da guerra, Lewis recebeu ordens para ir para a França. Ele foi comissionado como segundo-tenente na Infantaria de Somerset Light, um regimento de combate. Em 17 de novembro de 1917, ele partiu de Southampton para Le Havre, na Normandia, esperando passar por mais treinamento. Contudo, em vez disso, doze dias depois, foi enviado à linha de frente, e chegou lá no dia de seu aniversário de dezenove anos.

Ao escrever uma carta de um vilarejo próximo à cidade de Arras, Lewis escondeu do pai o perigo iminente: “Acredito que não temos motivos para reclamar: isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde. Não há necessidade de preocupação por um bom tempo ainda. Tentarei escrever sempre que possível e

avisarei quando este dia chegar".[41] Meses depois, Lewis continuava a poupar o pai da verdade sobre a vida nas trincheiras: "Você vai gostar de saber sobre minhas primeiras impressões das trincheiras", escreveu. "Estou em uma área muito tranquila da linha de frente, e os abrigos são bem mais confortáveis do que se imagina aí".[42]

Na verdade, a companhia de Lewis passou grande parte dos meses de inverno rigoroso nas trincheiras perto de Monchy-Le-Preux, cenário de luta e destruição intensas. Os alemães haviam sido expulsos do vilarejo, mas recuperaram sua linha de trincheira cerca de quinhentos metros ao leste, ao alcance de um lançamento de pedra da linha britânica.[43] No dia em que Lewis chegou, 29 de novembro, havia "considerável bombardeio inimigo". No dia seguinte, o primeiro dia de Lewis na linha de frente, o inimigo "bombardeou com força as trincheiras praticamente o dia todo". Um capitão de seu regimento foi ferido.[44]

"Durante o inverno", escreveu Lewis, "o cansaço e a água eram os nossos maiores inimigos".[45] Lewis aprendeu a dormir enquanto marchava. Ele conhecia a sensação da água gelada entrando em sua bota quando pisava em arame farpado, e encontrou os "mortos há muito tempo e os mortos recentes" no campo de batalha.[46] Suas experiências no Monchy-Le-Preux o inspiraram a escrever alguns poemas sobre a guerra. Em *French Nocturne* ["Noturno Francês"], Lewis ecoou o sentimento de desumanização mencionado por muitos veteranos de guerra:

> Longas léguas de trincheiras se espalham de cada lado
> E tudo está tranquilo; agora, até esta raia cruel
> Bebe dos gelados silêncios do céu
> A lua pálida e esverdeada paira no alto
>
> Que direito tenho eu de sonhar?
> Sou um lobo. Em direção ao mundo novamente
> Com meus companheiros bárbaros que um dia foram gente
> Nossas gargantas só uivam: não podem mais cantar.[47]

O biógrafo Alister McGrath acredita que a matança impiedosa da guerra colaborou para o aumento das dúvidas de Lewis a respeito de Deus. “Suas experiências de guerra fortaleceram o seu ateísmo”, escreveu McGrath. “Seus poemas daquele período acusam os céus de estarem silenciosos e indiferentes”.[48] Embora não possamos saber com certeza, de fato parece que o choque do combate mortal despertou em Lewis uma nova repulsa pelas doutrinas religiosas de sua juventude. Em “De Profundis”, Lewis despreza a noção de um Deus amoroso que intervém nas questões humanas:

> Venham, vamos, antes da morte, nosso Mestre amaldiçoar,
> Pois todas as nossas esperanças estão arruinadas.
> A bondade está morta. O Deus Todo-Poderoso vamos amaldiçoar.[49]

Lewis escapou das “ruínas infindas” da guerra, pelo menos temporariamente, quando contraiu a febre das trincheiras e foi afastado da frente de batalha. Em fevereiro de 1918, ele foi enviado ao Hospital da Cruz Vermelha britânica, em Le Tréport, perto da costa francesa. Ele imediatamente escreveu a seu amigo Arthur Greeves: “Aqui estou, abrigado em segurança em um leito de hospital, a quilômetros de distância da linha de frente, graças aos deuses, e, portanto, finalmente posso escrever uma carta mais ou menos respeitável”. Não há como exagerar a sensação de alívio experimentada por soldados como Tolkien e Lewis quando eram afastados dos perigos da frente de batalha. Max Plowman, que sobreviveu à Batalha do Somme, escreveu que estar finalmente fora das trincheiras em segurança, é “como nascer de novo”.[50] Lewis descreveu a sua internação como “pura bênção”.[51]

A bênção, no entanto, não duraria. Logo após a sua recuperação, Lewis foi rapidamente levado de volta à frente de batalha. “Acabamos de retornar de um turno de quatro dias na linha de frente, durante o qual tive apenas quatro horas de sono no total”, ele escreveu ao pai no dia 5 de março. “Depois... passamos a noite inteira cavando”.[52] Duas semanas depois, em 19 de março, Lewis e seu batalhão chegaram a Fampoux,

perto de Arras, e começaram os preparativos para um grande ataque.

FOI SOBRE ISTO QUE HOMERO ESCREVEU

Março de 1918 foi, de fato, um mês de perigo extremo para os Aliados. A Revolução Comunista de novembro de 1917 lançou a Rússia, país membro das forças aliadas, em um grande caos. O Tratado de Brest-Litovsk, assinado no dia 3 de março de 1918, tirou a Rússia da guerra — um desastre potencial para a causa Aliada. Com a Rússia neutralizada, a Alemanha não precisava mais travar uma guerra em duas frentes: ela poderia expulsar os britânicos do Somme, os franceses de Aisne e alcançar a vitória total na Frente Ocidental. O sistema ferroviário alemão começou a mover as divisões da Frente Oriental para o oeste, em direção à França, levando centenas de canhões e metralhadoras. As Potências Centrais se preparavam para lançar uma imensa ofensiva da primavera, o seu último "grande ataque violento".

O ataque alemão teve início em 21 de março, com um bombardeio de artilharia que durou cinco horas. Pelo menos seis mil armas alemãs, três mil morteiros, 326 aviões de combate e centenas de toneladas de gás mostarda foram lançados contra as linhas britânicas. No primeiro dia de batalha, os alemães avançaram mais de seis quilômetros, levando 21 mil soldados prisioneiros. Winston Churchill, que estava visitando o quartel-general de uma linha de frente quando o bombardeio começou, quase não conseguiu escapar com vida.

A Grã-Bretanha enviava trinta mil soldados por dia para a França, mas mesmo eles não eram suficientes; as estratégias das forças aliadas estavam entrando em colapso. "Não podemos manter nossas divisões assim por muito tempo devido à velocidade atual do número de perdas que estamos sofrendo", advertiu o primeiro-ministro britânico Lloyd George ao seu embaixador em Washington, DC. "Esta situação é, sem dúvida,

crítica, e se os Estados Unidos demorarem para tomar uma decisão agora, pode ser tarde demais".[53]

Sob o comando do presidente Wilson, os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha no dia 6 de abril de 1917, prometendo aos Aliados centenas de milhares de novos recrutas. Contudo, demorou quase um ano até que os soldados americanos começassem a chegar à França. Embora os americanos ainda não tivessem um número suficiente para formar suas próprias brigadas, o presidente Wilson deu sinal verde para que as tropas americanas se juntassem a seus colegas britânicos e franceses na Frente Ocidental. A partir de 23 de março de 1918, cerca de um milhão de soldados americanos chegariam ao longo dos seis meses seguintes. Meu avô, Michele Loconte, da 91.ª Divisão do Primeiro Exército Americano, estava entre eles.

Em 24 de março, um dia após a ordem de Wilson, a Alemanha cruzou o rio Somme, ameaçando se colocar entre o Exército Britânico e o francês. A ofensiva alemã acabaria por ser frustrada, porém a um custo terrível.[54]

Entre as vítimas dos primeiros dias da batalha estava Edward "Paddy" Moore, segundo-tenente do 2.º Batalhão da Brigada de Fuzileiros e amigo de Lewis dos tempos de Oxford. Moore foi visto pela última vez no dia 24 de março, defendendo posição contra uma força alemã muito maior. Lewis havia criado um vínculo muito forte com Moore, com sua irmã e com sua mãe, a Sra. Janie King Moore. Lewis e Moore prometeram um ao outro que se um deles fosse morto, o outro cuidaria de seus familiares — uma promessa que Lewis cumpriu.

A Sra. Moore escreveu a Albert Lewis meses depois, quando finalmente soube da morte do filho: "Disseram-me que ele foi levado como prisioneiro, conseguiu fugir, voltou às nossas linhas de frente, mas foi capturado novamente... e, por fim, levou um tiro na cabeça e morreu na hora", contou ela. "Eu havia criado tantas expectativas para o meu único filho, mas que agora estão enterradas com ele e tantos outros naquele

desgraçado Somme”.[55]

Albert Lewis estava especialmente preocupado com a situação de seu próprio filho; ele esperara, em vão, que Lewis fosse realocado para um serviço mais seguro na frente de batalha. No dia 8 de abril, Lewis enviou um bilhete para dizer ao pai que estava seguro. “Enfrentamos um período bastante difícil, embora não estivéssemos envolvidos no combate mais pesado da batalha”, escreveu. “Perdi um ou dois de meus melhores amigos e, em particular, um companheiro chamado Perrett, que ficava em Malvern, e foi ferido no olho”.[56] Frank Winter Perrett estava no 1.º Batalhão da Infantaria Somerset Light quando foi ferido, em 29 de março. Ele sobreviveu aos ferimentos.

Em 14 de abril, a Infantaria de Somerset Light deu início ao seu próprio ataque à Riez du Vinage, perto de Arras, vila controlada pelos alemães. A lembrança da batalha anterior provavelmente ficou alojada, pois quase exatamente um ano antes, em abril de 1917, os Aliados haviam encenado uma grande ofensiva, a Batalha de Arras, que atraiu tropas dos quatro cantos do Império Britânico.[57] Ela deveria ser o “golpe final” na Frente Ocidental, mas, em vez disso, acabou sendo um banho de sangue dos dois lados. Quando finalmente cancelado, o ataque já havia custado a baixa de 450 mil soldados britânicos e franceses, entre mortos e feridos.

Um ano depois, a liderança militar da Grã-Bretanha não estava menos determinada a lutar contra o inimigo alemão até a morte. Todos acreditavam que uma vitória alemã na Frente Ocidental naquele momento seria o fim da causa aliada. O tenente-general Sir Douglas Haig, comandante das Forças Britânicas na Europa, acabara de dar a ordem: “Cada posição deve ser mantida até o último homem. Não deve haver qualquer recuo. De frente para o inimigo, acreditando na justiça de nossa causa, cada homem deve lutar até o fim”.[58]

Às 18h30, enquanto a artilharia britânica montava uma barragem, a Infantaria de Somerset Light atacou. Eles se

depararam com intensos disparos de metralhadora. “Em razão da precisão do ataque”, de acordo com o relatório do batalhão, “o avanço foi temporariamente suspenso”.[59] De fato, vários homens foram abatidos, contudo o batalhão continuou avançando. Lewis frequentemente se lembrava da *Ilíada* quando tentava descrever a experiência de sofrer um ataque: “Isto é guerra. Foi sobre isso que Homero escreveu”.[60] Às 19h15, o ataque havia sido bem-sucedido. Lewis chegou em segurança ao vilarejo agora sob o controle britânico, o qual recebeu cerca de sessenta prisioneiros alemães.

UM HOMEM DE CONSCIÊNCIA

No entanto, o ataque teve vítimas, incluindo o segundo-tenente Laurence Johnson, atingido por tiros de metralhadora e que morreu no dia seguinte. Ele tinha vinte anos. Johnson havia se alistado ao Exército mais ou menos na mesma época que Lewis. Os dois se conheceram durante o treinamento militar em Oxford e descobriram que tinham muito em comum. Pensando para depois da guerra, ambos planejavam começar seus estudos e se dedicar aos clássicos que tanto amavam. Os dois gostavam de debater as grandes questões sobre Deus, filosofia e moralidade. Forçados ao campo de batalha juntos, encontravam tempo para conversar durante os intervalos entre os conflitos.

“Esperava reencontrá-lo algum dia em Oxford e retomar as conversas intermináveis que tínhamos naquele lugar”, escreveu Lewis logo após saber de sua morte. “Eu pensava tanto nele... mal posso acreditar que está morto”.[61] Ao refletir sobre aquele tempo anos depois, Lewis declarou que Johnson “teria sido um amigo para a vida toda se não tivesse sido morto na guerra”. Ele até viu a chegada de Johnson a seu batalhão como um desafio providencial ao seu ateísmo — “em meu próprio batalhão eu também fui atacado” — e como parte essencial à sua conversão ao cristianismo anos mais tarde.[62] “Nele, eu encontrava uma lucidez dialética que até então só conhecera

em Kirk (Kirkpatrick), mas associada à juventude, imaginação e poesia. Ele estava inclinado ao teísmo, e tínhamos discussões intermináveis sobre esse assunto e sobre qualquer outra coisa, sempre que fora da linha de batalha".[63]

No entanto, Johnson manifestava muitas outras qualidades que impressionaram profundamente Lewis, e elas iam muito além das suas habilidades de debate: ele tinha um caráter que Lewis raramente encontrava em seus colegas acadêmicos. Johnson demonstrava uma integridade incontestável — um código moral coerente — que pegou Lewis completamente desprevenido. "O mais importante é que ele era um homem de convicções. Eu até então quase não havia conhecido tais princípios em alguém de idade tão próxima à minha e pertencente à mesma classe. O mais assustador era que, para ele, isso parecia óbvio. Pela primeira vez desde a minha renúncia à fé cristã, passou por minha cabeça que as virtudes mais severas podem ter alguma relevância para as nossas próprias vidas".[64]

Não temos como saber exatamente como o compromisso de Johnson com essas "virtudes mais severas" influenciou Lewis em sua jornada à fé cristã. Sabemos, contudo, que ele foi atraído por elas — "Aceitei os seus princípios imediatamente" — e que ele se sentiu um tanto quanto envergonhado por "não ter examinado" sua própria vida como o amigo. Lewis precisou considerar os princípios com a severidade do universo moral bíblico antes que sua conversão pudesse acontecer.[65]

Enquanto isso, o ataque em Riez du Vinage ainda estava em andamento. Na manhã seguinte, no dia 15 de abril, os alemães contra-atacaram bombardeando o vilarejo. Os britânicos retribuíram. Um projétil, provavelmente disparado por trás da linha britânica, disparou perto de Lewis, matando o sargento Harry Ayres. Sua morte foi uma grande perda para Lewis: o sargento o tratava com grande respeito e compaixão, havendo se tornado para ele "quase como um pai".[66]

Estilhaços do mesmo morteiro atingiram Lewis na mão,

perna e peito. Ele foi levado de maca até um hospital da Cruz Vermelha britânica, perto de Étaples. Seu irmão, que também estava servindo na França, pegou uma motocicleta e correu para visitá-lo.

Sem ferimentos fatais, Lewis foi enviado para casa, na Inglaterra, a fim de se recuperar completamente. “Graças a Deus, Jack não correu risco de vida”, escreveu Warnie em seu diário, “e agora minha mente está livre desse pesadelo”.[67] Lewis descobriu que o fragmento que atingira seu peito estava muito próximo ao seu coração e não poderia ser removido; ele teria de viver com aquilo. “Os médicos terão de deixar o fragmento em meu peito”, escreveu ele, “mas disseram que posso viver com isso o resto da vida sem qualquer perigo”.[68] Lewis não retornaria ao seu batalhão antes do fim da guerra; os seus dias de soldado haviam chegado ao fim.

“A minha vida está se dividindo rapidamente em dois períodos”, escreveu ele. “O primeiro, que abrange todo o tempo antes de entrarmos na Batalha de Arras, e o segundo, que se passou depois dela”.[69] Em um leito de hospital em Bristol, Lewis agora lutava para aceitar a realidade da guerra: os membros despedaçados e o psicológico estilhaçado, os homens que nunca voltaram e a imprevisibilidade da morte. Além de Moore e Johnson, a maioria de seus amigos que sobraram ainda morreria no último ano da guerra: Alexander Gordon Sutton, morto em 2 de janeiro; Thomas Kerrison Davy, que morreu em consequência de seus ferimentos em 29 de março; e Martin Ashworth Somerville, morto na Palestina em 21 de setembro. “Eu poderia ficar prostrado e chorar por causa de tudo isso, mas é claro que nós dois temos muitos motivos para agradecer”, escreveu ele ao pai. “Se eu não tivesse sido ferido exatamente quando fui, teria enfrentado coisas terríveis. Quase todos os meus amigos do Batalhão se foram”.[70]

UM VISLUMBRE DE NÁRNIA

O que Lewis, Tolkien e todos os homens que lutaram em sua geração enfrentaram foi algo completamente inédito na história da guerra: a ciência e tecnologia modernas implacavelmente dedicadas à aniquilação do homem e da natureza. Poucos homens públicos demonstraram abertamente a sua preocupação com o entusiasmo exagerado pelo avanço material e científico. Winston Churchill foi um deles. "Sem o crescimento em igual medida da Misericórdia, da Piedade, da Paz e do Amor, a própria Ciência pode destruir tudo aquilo que torna a vida majestosa e tolerável", escreveu ele. "Jamais houve um tempo em que a virtude inerente aos seres humanos exigisse uma expressão tão forte e confiante na vida diária".[71]

Lewis e Tolkien ainda usariam seus dons literários para contribuir poderosamente nesta tarefa: a "expressão confiante" da dignidade humana na vida cultural. Ao mesmo tempo, o abuso da ciência — sua capacidade de desumanizar seus mestres assim como suas vítimas — também seria um tema importante das suas obras. Em vez de libertar os seres humanos de suas antigas fragilidades, a ciência os escravizou. O mundo distópico criado por Lewis em *Aquela Fortaleza Medonha*, por exemplo, é dominado por um instituto aparentemente científico, o N.I.C.E, que é, na verdade, uma fachada para a realização de seus propósitos sobrenaturais e sinistros. "Havia, agora, finalmente, uma chance real para o Homem caído se livrar daquela limitação de seus poderes, imposta pela misericórdia como uma forma de proteção contra os resultados completos de sua queda", escreveu Lewis. "Se ele tivesse sucesso nesta empreitada, o inferno seria, finalmente, encarnado".[72]

Assim como acontecera com Tolkien, a experiência da guerra levou Lewis a duas direções. Ele jamais seria capaz de esquecer completamente a assolação que ela causara: "os sustos, o frio, o cheiro forte das armas químicas, as cenas de soldados esmagados ainda com vida, movendo-se como insetos pisados, os cadáveres sentados ou em pé, a paisagem árida e desolada, sem qualquer sinal de vegetação, as botas utilizadas dia e noite

até parecerem fazer parte de seus pés...".[73] Contudo, ainda assim, como veremos, as tristezas da guerra não conseguiram obscurecer a vida criativa de Lewis. O mundo de Nárnia, uma terra banhada por rios de alegria — "a terra que estive procurando por toda a minha vida" —, nasceria a partir dos destroços de uma Grande Guerra.

Quem sabe um lugar como Nárnia tenha se tornado visível durante a viagem até um hospital em Londres, para onde Lewis fora enviado para se recuperar de seus ferimentos. Parece bastante provável que o simples prazer de uma viagem de trem pelo interior da Inglaterra, colocada em contraste direto com a desesperança e o horror da guerra, tenha proporcionado para Lewis uma poderosa experiência de alegria: uma sensação tão irresistível que foi capaz de sobrepujar sua visão materialista. Como ele mesmo escreveu de seu leito no Hospital Endsleigh Palace:

> Você consegue imaginar como desfrutei da minha viagem a Londres? Em primeiro lugar, a vista e o cheiro do mar, dos quais senti tanta falta durante aqueles longos e extenuantes meses, e, depois, os lindos campos verdes vistos do trem... Acho que jamais apreciei tanto alguma coisa quanto aquela paisagem — o branco das cercas e os campos repletos de flores amarelas que, à distância, pareciam ouro reluzente.[74]

Tal experiência parece ter causado uma mudança em Lewis — uma mudança pequena, talvez, mas permanente. Ela despertou nele a crença em uma fonte espiritual e sobrenatural de toda a beleza da natureza. "Veja, está crescendo em mim a convicção de que, de fato, o Espírito existe", escreveu ele. "Imagino que exista Algo fora do tempo e do espaço, que não criou a matéria, como dizem os cristãos, mas que é, na verdade, o grande inimigo da matéria: e que a Beleza é o chamado do espírito neste Algo para o espírito em nós. Perceba como admito com toda a franqueza que as minhas visões mudaram".[75]

Algo "fora do tempo e do espaço" o havia balançado. Talvez

essa mudança tenha começado com George MacDonald e *Phantastes*, o livro descoberto por Lewis durante a guerra. Essa história do anseio humano pela beleza em meio à tristeza e à morte seria, em alguns aspectos, responsável por antecipar a própria busca de Lewis: "Ela sorriu quando viu que meus olhos estavam abertos", escreveu MacDonald. "Perguntei se já era dia. Ela respondeu: 'É sempre dia aqui, desde que eu mantenha minha chama acesa'. Eu me senti maravilhosamente renovado; e um grande desejo de ver mais da ilha despertou dentro de mim".[76]

capítulo

5

A TERRA DA SOMBRA

Três semanas após a rendição alemã em Compiegne, em 11 de novembro de 1918, dando fim à Primeira Guerra Mundial, o presidente americano viajou à Europa para ajudar nas negociações de paz. Em janeiro, Woodrow Wilson delineou o seu sonho para uma nova ordem global, em seus Catorze Pontos, um documento imbuído de suposições progressistas sobre democracia, humanidade e política internacional. A Liga das Nações de Wilson pretendia evitar outra guerra, fosse por meio da persuasão moral, fosse por meio da segurança coletiva. “Estes são os princípios da humanidade”, afirmou o presidente ao Congresso dos Estados Unidos, “e devem prevalecer”.

Eles não prevaleceriam, como sabemos, mas muitos na Europa ainda não estavam preparados para acreditar nisso. Eles queriam acreditar que, sob a liderança iluminada de Wilson, os princípios democráticos governariam as nações do mundo. Por toda a Europa, havia parques, praças, ruas e estações ferroviárias com o nome de Wilson estampado. Cartazes declaravam: “Queremos a paz de Wilson”. Italianos ajoelhavam-se diante da imagem do presidente americano. Na França, o jornal de esquerda, *L’Humanite* dedicou uma edição inteira para proferir elogios ao presidente Wilson. Movimentos nacionalistas da Coreia à Arábia agarraram-se aos Catorze Pontos como sua estrela-guia.[1]

Portanto, quando Wilson chegou a Paris, no dia 13 de

dezembro, multidões de admiradores o aguardavam para cumprimentá-lo. Eles encheram as ruas, se penduraram em janelas e ovacionaram dos telhados. “Ele foi transfigurado aos olhos dos homens”, escreveu H. G. Wells. “Ele deixou de ser um político comum; ele se tornou um Messias”. Após uma guerra que devastara tantas vidas e nações, os europeus ansiavam por um resultado redentor. Wilson, como líder da única democracia que parecia capaz de negociar um acordo de paz justo, era a personificação da promessa de redenção. “Wilson manteve viva a esperança de que a sociedade humana, embora tudo indicasse o contrário, estava melhorando, e de que um dia todas as nações viveriam em harmonia”, escreveu a historiadora Margaret MacMillan. “Em 1919, antes que a desilusão se instalasse, o mundo estava mais do que pronto para ouvir o que Wilson tinha a dizer”.[2]

No entanto, ouvir é uma coisa. Wilson acreditava que, munido apenas de retórica e idealismo, ele poderia reconstruir a política internacional de acordo com a sua visão progressista e humanitária. Era uma esperança impossível. As velhas rivalidades, preconceitos e políticas de poder reapareceriam. O Tratado de Versalhes, assinado no dia 28 de junho de 1919, foi uma profunda decepção para quase todos os envolvidos. Os alemães se sentiram traídos pelos seus líderes, enquanto os vencedores, por sua vez, não estavam dispostos a cumprir os termos do tratado. “Seria este o fim?”, perguntou Winston Churchill em *The World Crisis* [“A Crise Mundial”]. “Seria apenas um capítulo de uma história cruel e sem sentido?”.[3]

O FIM DAS ILUSÕES

Nos anos após o conflito, a crueldade e a falta de sentido da guerra — de qualquer guerra por qualquer motivo — tornaram-se o tema dominante de toda uma geração. Os escritos de autores como Robert Graves (*Goodbye to All That — “Adeus a Tudo Aquilo”*), Siegfried Sassoon (*Memoirs of an Infantry Officer* — “Memórias de um Oficial de Infantaria”), Ernest Hemingway

(*Adeus às Armas*), T. S. Eliot (*Os Homens Ocos*) e Erich Remarque (*Nada de Novo no Front*) reforçaram esses temas na mente pública. A palavra de ordem era desilusão: um novo ceticismo em relação à democracia liberal, ao capitalismo, ao cristianismo e às conquistas da civilização ocidental. Barbara Tuchman, em seu livro vencedor do prêmio Pulitzer, *The Guns of August* ["Canhões de Agosto"], captou o estado de espírito intelectual de milhões de pessoas no pós-guerra:

> Os homens não poderiam suportar uma guerra de tamanha magnitude e dor sem esperança — a esperança de que sua própria gravidade traria a garantia de que aquilo jamais poderia acontecer novamente e a esperança de que quando, enfim, de alguma forma ela chegasse a alguma resolução, as bases de um mundo melhor teriam sido estabelecidas... Nada menos do que isso poderia conferir dignidade ou sentido aos ataques monstruosos nos quais milhares e centenas de milhares foram mortos para ganhar dez metros de terreno e trocar uma trincheira molhada por outra. Quando, em todo o outono, as pessoas diziam que aquilo não poderia durar até o inverno, e, quando chegava a primavera e ainda não havia um fim à vista, apenas a esperança de que de tudo aquilo traria algum bem para a humanidade era capaz de manter os homens e as nações lutando. Quando, finalmente, tudo estava acabado, a guerra havia trazido resultados diversos — e um dominante, que transcendia todos os outros: a desilusão.[4]

Dada a grandeza da quantidade de mortes humanas, como poderia ser diferente?[5] A destruição causada pela Primeira Guerra Mundial excedeu a de todas as outras guerras já conhecidas na história da humanidade: mais de dezesseis milhões de mortos, vinte e um milhões de feridos e centenas de milhares de soldados enterrados em sepulturas não identificadas.

A maioria das nações da Europa sofreu grandes perdas. A Rússia perdeu 1,7 milhão de homens e teve outros cinco milhões de feridos. Na Alemanha, cerca de 460 mil soldados foram mortos por ano durante o período de guerra. A geração de homens alemães entre as idades de dezenove e vinte e dois

anos foi reduzida em 35%. Na França, a taxa de vítimas (mortos ou feridos) foi de surpreendentes 75%. Cerca de dois milhões de soldados franceses morreram, ou seja, cerca de 25% de todos os homens na França, deixando para trás 630 mil viúvas de guerra. Na Grã-Bretanha, 921 mil soldados foram mortos, mais de dois milhões feridos; uma em cada três famílias britânicas teve um homem morto, ferido, ou levado prisioneiro. Os Estados Unidos, que sofreram o menor número de perdas entre as grandes potências, perderam mais de 116 mil homens e contaram com o dobro disso de feridos.

Muitos civis também sofreram e morreram durante a guerra. O bloqueio feito pelos Aliados à Alemanha causou cerca de 750 mil mortes por fome e doenças. Na Sérvia, que tinha uma população de cinco milhões de habitantes antes da guerra, cerca de 125 mil homens foram mortos em combate. Contudo, outros 650 mil civis morreram de doenças e fome — um total de 15% da população do país. Massacres de civis foram cometidos em uma escala chocante, mais notoriamente pelos turcos otomanos contra a minoria armênia: homens, mulheres e crianças eram executados às centenas de milhares e tinham seus corpos jogados em valas comuns. “Aqueles que não eram mortos imediatamente, eram levados pelas montanhas e desertos, sem comida, água ou abrigo”, escreveu o historiador David Fromkin. “A Armênia Ocidental foi destruída e cerca de metade de seu povo pereceu”.6 Foi o primeiro genocídio verdadeiro do século XX.7

Os europeus embarcaram imediatamente em um programa coletivo de memória. Cemitérios e memoriais dedicados aos mortos de guerra começaram a surgir em todo o continente. Em grandes locais utilizados para homenagear os soldados que lutaram em Verdun, Ypres, Somme e Meuse Argonne, as cruzes e lápides pareciam se estender eternamente. Na Bélgica, em Tyne Cot, o maior cemitério de guerra britânico do mundo, há quase 12 mil túmulos. Entre 1920 e 1923, a Grã-Bretanha entregou quatro mil lápides por semana à França.8 De fato, o sacrifício da Grã-Bretanha é lembrado em praticamente todas

as catedrais francesas, onde uma cruz e uma placa trazem a seguinte inscrição: “Para a glória de Deus e em memória de um milhão de homens do Império Britânico que morreram na Grande Guerra e dos quais o maior número descansa na França”. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, dificilmente se passou um ano sem uma cerimônia de inauguração de outro monumento em homenagem àquele período.[9]

A partir de 1919, por decreto do rei, a Grã-Bretanha passou a observar dois minutos de silêncio às 11h do dia 11 de novembro — tradição que continua até hoje. Em cidades onde os feriados cristãos, como a Sexta-feira Santa, não são tão relevantes, "é o Dia do Armistício que atrai todos à igreja."[10]

OS ANOS DE VERTIGEM

A carnificina sem precedentes da guerra produziu não apenas um profundo sentimento de tristeza e desilusão. Ela criou uma sensação de impotência e uma melancolia psicológica entre os sobreviventes. Essa é uma perspectiva apresentada de maneira precisa nas últimas páginas do livro de memórias de Remarque. *Nada de Novo no Front* descreve uma geração de soldados que retornam à vida civil “cansados, traumatizados, esgotados, sem raízes e sem esperanças”.[11]

O estado de espírito desolado era comum entre escritores, artistas e intelectuais públicos, mas também afetava os europeus da classe média. “O desânimo era uma preocupação dominante”, escreveu Richard Overy em *The Twilight Years* [“Os Anos de Crepúsculo”]. “Para a geração que viveu após o fim da Primeira Guerra Mundial, a perspectiva de uma crise iminente e de uma nova Idade das Trevas tornou-se uma nova visão normal de mundo”.[12]

Os títulos das obras publicadas na época contam bastante sobre esse tempo: *The End of the World* – “O Fim do Mundo”] (1920), de McCabe; *Social Decay and Degeneration* [“Decadência e Regeneração Social”] (1921), de Freeman; *The*

Decay of Capitalist Civilization [“A Decadência da Civilização Capitalista”] (1923), de Webb; *The Twilight of the White Races* [“O Crepúsculo das Raças Brancas”] (1926), de Muret; *The Decline of the West* [“O Declínio do Ocidente”] (1926–28), de Spengler; *Will Civilization Crash?* [“A Civilização vai Quebrar?”] (1927), de Kenworthy; *Racial Decay* [“Abismo Racial”] (1928), de Bond; *The Day After Tomorrow: What Is Going to Happen to the World?* [“O Dia Depois de Amanhã: O que Acontecerá com o Mundo?”] (1928), de Gibbs; *Sterilization of the Unfit* [“Esterilização dos Incapazes”] (1929), de Riddell; *Modern Civilization on Trial* [“A civilização Moderna em Julgamento”] (1931), de Burns; *The Problem of Decadence* [“O problema da Decadência”] (1931), de Milner; *The Dance of Death* [“A Dança da Morte”] (1933), de Auden; *Christianity and the Crisis* [“O Cristianismo e a Crise”] (1933), de Dearmer.

O medo de que a civilização estivesse ameaçada era mais do que uma metáfora literária. Os conceitos de declínio e colapso, de doença e morte, contaminaram quase todos os empreendimentos culturais: intelectual, artístico, literário, científico, filosófico e religioso.[13] Para esses pensadores, a noção de progresso moral e espiritual da humanidade estava na lata de lixo da história. “Não podemos fazer nada se nós nascemos homens no início do inverno da civilização plena”, escreveu Spengler, “em vez de no cume dourado de uma cultura madura”.[14]

Embora a sua fé católica tenha permanecido intacta, J. R. R. Tolkien confessou mais tarde que “lamentou o colapso de todo o meu mundo”, que começou com o seu envio à Frente Ocidental.[15] Com essas palavras ele parecia se referir à frustração de seus anseios criativos e intelectuais; a guerra o forçou a praticamente abandonar a sua força criativa para que pudesse se concentrar em simplesmente sobreviver. “Não eram as coisas difíceis que incomodavam tanto”, escreveu ele mais tarde. “Fui jogado no meio daquilo tudo bem quando estava cheio de coisas para escrever e aprender; e nunca mais consegui recuperá-las”.[16]

Tolkien deixou a Força Expedicionária Britânica no dia 16 de julho de 1919, e voltou para Oxford com sua mulher, Edith, e seu filho pequeno, John. Ele se juntou à equipe do *The New English Dictionary*, associação de especialistas que se dedicavam ao trabalho minucioso do dicionário da língua inglesa. Tolkien se destacou no papel de filólogo. Suas energias intelectuais — sua paixão pelas línguas anglo-saxãs e germânicas — foram muito bem canalizadas. Como editor do dicionário, Henry Bradley o descreveu na época: "Sem hesitação, posso afirmar que jamais conheci um homem de sua idade que pudesse se comparar a ele nesses aspectos".[17]

Após trabalhar como professor de Língua Inglesa na Universidade de Leeds, Tolkien ganhou o cargo de professor de anglo-saxão em Oxford, em 1925. No entanto, nem mesmo o seu sucesso acadêmico precoce conseguiu apagar o sofrimento da guerra. A Universidade de Oxford perdeu quase um em cada cinco soldados no conflito. Da Exeter College, onde Tolkien estudou, 141 homens morreram na guerra e, por isso, ele experimentou "um período de tristeza e sofrimento psicológico".[18] A perda de tantos amigos para a guerra produziu nele, nas palavras de seus filhos, "uma tristeza que durou a vida toda".[19]

Quando deixou o exército na véspera de Natal de 1918, C. S. Lewis mal podia acreditar que os muitos meses de preocupação — por saber que teria de voltar ao campo de batalha — haviam chegado ao fim. "É quase inacreditável que a guerra tenha acabado, não é mesmo?", escreveu ele a Arthur Greeves. "Não ter a preocupação constante de 'ter de voltar'. Nesta hora do ano passado eu estava nas trincheiras".[20] Lewis partiu imediatamente para Belfast a fim de encontrar seu pai e seu irmão.

"Era como se aquele sonho maligno, que durou quatro anos, tivesse finalmente terminado e nós ainda estivéssemos no ano de 1915", escreveu Warnie em seu diário. "À noite, tomamos espumante no jantar para comemorar o fim daquele período".[21]

Em janeiro de 1919, Lewis voltou a Oxford, assim como mais de mil e oitocentos ex-militares, para retomar seus estudos dos clássicos no University College. Quando chegou lá, o lugar já estava fervilhando com palestras e debates, e logo Lewis percebeu claramente a "grande diferença entre aquela Universidade de Oxford e o fantasma dela de que me lembrava". No entanto, quando as atas de uma reunião de um dos clubes de que Lewis participara em 1914 foram lidas em voz alta, ele ficou assombrado. "Não me recordo de nada que tenha me feito perceber de forma mais completa a interrupção e o desperdício de nossas vidas durante aqueles anos".22

Ele lamentou a perda de velhos amigos. Ao saber da morte de seu antigo mentor, William Kirkpatrick, Lewis confessou uma dificuldade interna. "Ele fica gravado na mente de quem o conhece de forma tão permanente, sempre lembrado em cada pensamento, que torna a aceitação de sua morte algo ainda mais impensável", escreveu ao pai em 1921. "Já vi a morte muitas vezes, mas nunca consegui considerá-la nada além de extraordinária e incrível. A pessoa real é tão verdadeiramente real, tão obviamente viva e diferente do que resta dela quando se vai, que é impossível acreditar que algo possa se transformar em nada".23

Embora sensível a questões religiosas, ainda não havia comprometimento de sua parte acerca do assunto. Enquanto ainda muito jovem, Lewis já havia experimentado profunda tristeza e dificuldade, e isso o deixou com uma visão de mundo severa e até mesmo sombria. "A perda precoce de minha mãe, a grande infelicidade na escola e a sombra da última guerra... deixaram-me com uma visão pessimista da existência", escreveu anos depois. "Essa era a base do meu ateísmo".24 Ele, então, voltou o seu coração e a sua mente para a literatura, deixando-se absorver pelo estudo acadêmico. "Lewis leu mais clássicos do que qualquer outro menino que tenha estudado comigo", afirmou Kirkpatrick certa vez. "Ele é um aluno que não tem qualquer outro interesse além de ler e estudar".25 Lewis expressou sua visão na época, dizendo que,

além das pessoas importantes para ele, “o trabalho é a única coisa... com a qual vale a pena se importar”.[26]

No inverno de 1922, Lewis registrou em seu diário uma conversa que teve com o Dr. John Askins, irmão da Sra. Moore, conhecido como “o doutor”. Askins havia servido como capitão no Corpo Médico do Exército Real e foi ferido em janeiro de 1917. Hospedado algumas semanas na casa da irmã, certa noite, depois do jantar, Lewis e Askins saíram para dar um passeio. “Caminhamos até o fim da vila de Iffley para observar a igreja e as árvores à luz das estrelas”, escreveu ele. “Não me lembro como, mas começamos a falar sobre a morte — em seu aspecto materialista — e sobre todos os outros horrores que pairam sobre nós. O doutor disse que, se parássemos para pensar, não suportaríamos este mundo por uma hora sequer. Eu o deixei ali e voltei para casa”.[27]

Muitos pensadores e autores do pós-guerra, na verdade, não estavam dispostos a suportar o mundo em seu novo formato: uma espécie de vertigem espiritual tomou conta da atmosfera, uma busca frenética por soluções para a condição humana. Psicologia freudiana, socialismo, espiritualismo, cientificismo — essas e outras ideologias foram tentativas de resolver, ou explicar, os horrores que pareciam pairar sobre a raça humana. Embora possam ter se originado antes da guerra, na década de 1920 essas ideias ganhavam terreno rapidamente na Europa e nos Estados Unidos.

SURGIMENTO DE NOVAS PRAGAS

De fato, pode-se alegar que a Grande Guerra deu início a três das forças mais mortais da história do Ocidente.

A primeira delas foi a gripe espanhola, que surgiu em uma base do Exército Americano no Kansas, em março de 1918. O vírus atravessou a Europa em navios lotados de tropas americanas, espalhando-se por todo o continente. Antes de chegar ao fim, mais de sessenta milhões de pessoas — quatro

vezes o número de mortos na guerra — morreram vítimas da gripe ao redor do mundo. “Os agentes funerários trabalhavam noite e dia”, lembrou Josie Mabel Brown, enfermeira naval americana. “Sempre que olhávamos, víamos uma caminhonete grande cheia de caixões em direção à estação de trem para que os corpos fossem enviados para casa”.28 No meio do surto, George Newman, o diretor médico do Ministério da Saúde da Grã-Bretanha, declarou que a gripe espanhola havia “destruído mais vidas humanas em poucos meses do que a guerra europeia em cinco anos”.29

Assim como a própria guerra que ajudou a disseminar a epidemia, a gripe espanhola de 1918 matou jovens em proporção muito maior: homens e mulheres de quinze a quarenta anos, no auge da vida.30 As vítimas dessa doença apresentavam o temido “tom acinzentado” no rosto, os sinais de pneumonia — elas pareciam estar se afogando nos fluidos que se acumulavam em seus pulmões. “Aquela foi uma doença sem precedentes”, escreveu a historiadora Susan Kingsley Kent, “cuja etiologia e tratamento não podiam ser identificados e determinados”.31 Minha avó, Esther Aiello, que morava no Brooklyn, em Nova Iorque na época, lembrava-se daqueles dias com pavor: “Víamos os corpos sendo retirados de dentro das casas”, contava ela. “Todos estavam com medo”.32

A segunda epidemia foi o comunismo ateu. Quando a Rússia saiu da guerra no início de 1917, os dias do regime czarista estavam contados. Depois que a dinastia Romanov — que governou a Rússia durante três séculos — colapsou, a urgência de um “governo provisório” despertou as esperanças de uma revolução democrática. “Meu Deus, é tão bom que o czar Nicolau e a autocracia não existem mais!”, escreveu um soldado russo em seu diário. “Este é o despertar de uma nova e grandiosa Rússia, feliz e radiante. Nós, soldados, somos homens livres, somos iguais, somos, agora, todos cidadãos da Grande Rússia!”.33

No entanto, os bolcheviques, liderados por Leon Trotsky e Vladimir Lênin, estrangularam o nascente governo republicano

em seu berço. Os inimigos da revolução comunista — reais e imaginários — foram completamente eliminados. Trotsky anunciou: “Não entraremos no reino do socialismo com luvas brancas sobre um piso polido”.34 E, assim, teve início a revolução que, em nome do pão, da paz e do proletariado, produziu uma guerra civil assassina, fome em massa e ditadura política. Em 1919, a política de comunismo de guerra de Lênin já havia recrutado cinco milhões de homens para servir no Exército Vermelho, garantindo, dessa forma, o domínio completo do Comitê Central do Partido Comunista nas décadas seguintes. Uma visão profundamente materialista e ateísta foi estabelecida na Rússia — e ela tinha ambições globais.

A Grande Guerra pareceu confirmar a fraqueza fatal do capitalismo democrático, criando uma suscetibilidade para todos os esquemas utópicos. Quando realizou seu primeiro Congresso Mundial em 1919, a Internacional Comunista atraiu representantes de vinte e seis países europeus e dos Estados Unidos. O socialismo e o comunismo encontraram ávidos recrutas na Grã-Bretanha. Lewis conheceu um bom número deles em Oxford e os repudiou com desdém: “Acredito que chegamos a um ponto em que um homem sábio não pode fazer mais nada além de esperar pelo fim de tudo isso com toda a graça que conseguir”, escreveu ele em agosto de 1920. “E é uma tarefa difícil reunir tanta graça quando se encontram tantos traidores e excêntricos em sua própria classe, como tenho encontrado aqui — pessoas que anseiam pela implantação imediata do regime soviético”.35

A terceira epidemia foi o fascismo. Ele teve início na Itália, na década de 1920, em uma sociedade que parecia estar em frangalhos. A guerra deixara o país em um alarmante estágio de pobreza e com uma das maiores taxas de inflação da Europa. Os italianos estavam politicamente divididos e decepcionados; o governo parlamentar estava irremediavelmente mergulhado em corrupção e a monarquia perdera sua popularidade. Muitos soldados que haviam

retornado ao país, trabalhando como operários, balconistas ou comerciantes, sentiam que a sua vida civil era vazia e enfadonha.

E, então, surge Benito Mussolini. Em 28 de outubro de 1922, com 40 mil "camisas negras" sob seu comando, deram início à Marcha sobre Roma. O rei Vitor Emanuel e seu governo perderam o ânimo. "O Dulce" foi o primeiro líder europeu a rejeitar a democracia multipartidária. "O século da democracia acabou", proclamou ele. "As ideologias democráticas foram liquidadas".36 Mussolini também foi o primeiro a proclamar um novo regime *fascista*, termo derivado da palavra em latim *fasces*, que era um feixe de varas que simbolizava o poder da República Romana. Como escreveu em seu manifesto: "Para o fascista, tudo está no Estado, nada que é humano ou espiritual existe e, menos ainda, tem valor, fora do Estado".37

Leitor ávido do pensamento moderno, Mussolini era, essencialmente, ateu. Sua primeira publicação foi o livro *God Does Not Exist* ["Deus não Existe"]. Seu anticlericalismo, no entanto, não o impedia de manipular a igreja para fins políticos. "O vírus da gripe espanhola de 1918 se espalhou pelo mundo inteiro em semanas, atingindo quase todos os lugares", escreveu o historiador Paul Johnson. "O vírus da força, do terror e do totalitarismo provou-se igualmente ágil e universal".38 De fato foi assim: em meados da década de 1920, grupos fascistas surgiram por toda a Europa, sendo, muitas vezes, apoiados por líderes religiosos. Todos esses grupos compartilhavam do gosto de Mussolini pela violência política. Dentro de uma década, surgiram regimes fascistas ou semifascistas na Espanha, Portugal, Polônia, Hungria, Áustria, Grécia, Romênia — e Alemanha.

A CRISE DA FÉ

Assim, a crise de fé enfrentada na Europa pós-guerra foi multifacetada. Havia um desgaste do que pode ser chamado de

confiança civilizacional, uma desilusão generalizada em relação ao Ocidente e suas supostas conquistas culturais. A democracia liberal, o constitucionalismo, o capitalismo, o progressismo — tudo parecia estar prestes a entrar em colapso. Gilbert Murray escreveu em *The Ordeal of This Generation* ["O Ordálio desta Geração"] (1929): "O sistema que, antes da guerra, era considerado essencial para a civilização, se a civilização ainda prosseguisse, estaria, de qualquer forma, sob perigo".39 Visto que o cristianismo era considerado parte integrante do sistema político e econômico europeu, o fracasso desse sistema significava também um fracasso espiritual.

A desintegração da fé cristã ortodoxa entre todas as classes de europeus durante a década de 1920, apesar de ter sido exagerada por muitos, foi real o bastante: "um profundo sentimento de crise espiritual foi a marca daquela década", escreveu Modris Eksteins. "Isso afetou trabalhadores rurais, latifundiários, industriais, operários, comerciantes e intelectuais".40 As causas do enfraquecimento da fé cristã foram muitas, mas entre as mais importantes está a influência da psicologia freudiana, que ganhou um grande impulso nos anos do pós-guerra.

A experiência da guerra de trincheiras produziu muitos casos de transtornos mentais entre os soldados e veteranos de guerra. Um deles ficou conhecido como a neurose de guerra — conhecida entre os soldados como *shell shock* (por causa do choque causado pela chuva de projéteis que caía sobre eles durante as batalhas). Homens bem-educados de famílias de classe alta ou de militares, que lutaram com excelência e receberam condecorações por sua bravura, de repente, sucumbiram psicologicamente. E não eram eles homens covardes ou loucos.41

O irmão da Sra. Moore, o "doutor", sofreu desse transtorno como consequência de sua experiência na guerra. Durante uma de suas visitas, ele teve vários ataques de tortura mental extrema — aparentemente, acreditava que estava indo para o inferno — e foi mandado para um hospital. Lewis passava

muitas horas com ele, tentando consolá-lo. “Nada parece conseguir arrancar nem sequer um traço de sorriso de seu rosto”, registrou Lewis em seu diário. “Em termos de sofrimento, essa experiência supera tudo que já vi em minha vida”.42 O doutor logo morreu de insuficiência cardíaca. “Não é um mundo maldito?”, escreveu Lewis a um amigo. “E pensávamos que poderíamos ser felizes com livros e música!”.43

Freud parecia oferecer uma explicação honesta para aquela condição. Os seus métodos de psicanálise pareciam mais sensatos do que as alternativas brutais disponíveis para a cura dos transtornos mentais: medicamentos fortes, agressões verbais, terapia de eletrochoque. “Quando a corrente elétrica era aumentada”, escreveu Paul Johnson, “alguns homens morriam durante o tratamento, ou cometiam suicídio depois, para que não precisassem enfrentar aquilo novamente — pareciam vítimas da Inquisição”.44

Quando inaugurada em Berlim em 1920, a primeira clínica psiquiátrica de Freud abriu caminho para as suas visões sobre a natureza humana, a culpa e Deus. Freud era especialmente atraente para uma geração que lutava por encontrar significado para as consequências da guerra. A fé religiosa era vista como uma tentativa de proteção contra o sofrimento, como “uma reformulação delirante da realidade”.45 Com Deus desacreditado, o sentido devia ser encontrado “na vida, no ato de viver, na vitalidade do momento”.46 Dessa forma, a nova psicologia legitimou um novo hedonismo. Em uma década, W. R. Matthews, reitor de Exeter, queixou-se do “declínio da religião institucional” por causa da “incoerência da mensagem cristã e da sua aparente contradição ao conhecimento moderno”.47

Tudo isso ajudou a produzir o fanático moderno e secular: o revolucionário que deseja criar o paraíso na terra. Ciência, psicologia, política, economia, educação — qualquer uma dessas disciplinas era alistada à causa. Em universidades como a de Oxford, onde Tolkien e Lewis estavam na década de

1920, um coquetel de experimentação e crises existenciais era o que havia de mais comum.

O pacifismo estava na moda, enquanto o patriotismo havia sido deixado de lado, substituído pelo desprezo por todas as velhas virtudes. Para a comunidade intelectual, assim como para o homem comum, a Grande Guerra havia difamado os valores do Velho Mundo, e junto as doutrinas religiosas que ajudaram a subscrevê-los. O avanço moral, e até mesmo a própria ideia de moralidade, parecia uma ilusão.

O que Hemingway escreveu em *Adeus às Armas* capturou bem a postura de muitos soldados e civis. Quando colocadas ao lado dos nomes e regimentos que perderam a vida no conflito, "palavras abstratas, como glória, honra, coragem, reverência, pareciam obscenas".48 Como relembrou Lewis muitos anos depois, "o clima intelectual dos anos 1920" influenciou uma geração inteira de estudantes e futuros acadêmicos. "Ninguém pode dar a outro aquilo que não possui", escreveu ele. "Um homem cuja mente foi formada em um período de cinismo e desilusão não pode ensinar sobre esperança e força moral".49 O veredicto havia sido dado: a guerra para tornar o mundo seguro para a democracia e a guerra santa para promover os princípios cristãos, eram uma ilusão profana.

Dadas essas sensibilidades do pós-guerra, como Oxford se tornou a incubadora da literatura épica que exaltava a bravura e o sacrifício em combate?50 Como as obras de Tolkien e Lewis, enraizadas na narrativa de redenção cristã conseguiram ver a luz do dia?

TOLKIEN, O CRIADOR DE MITOS

A primeira história escrita por Tolkien, como muitos de seus admiradores sabem, foi inspirada em seus dias de soldado. No início de 1917, quando estava se recuperando da febre das trincheiras, em Great Haywood, Tolkien escreveu um esboço de

"A Queda de Gondolin", conto que se tornaria parte de *O Silmarillion*, as lendas da Terra Média que antecedem *O Senhor dos Anéis*. Em "A Queda de Gondolin", lemos sobre o ataque de Morgoth, o principal poder do mal, contra o último refúgio élfico existente. Embora a cidade esteja "sitiada sem esperança", há "feitos de valor desesperados" realizados pelos chefes das casas nobres e seus guerreiros.[51] A história traz as memórias do veterano de combate:

> Os fumos do incêndio e o vapor das belas fontes de Gondolin secando sob as chamas dos dragões do Norte caíram sobre o vale de Tumladen em brumas enlutadas; e, assim, teve auxílio a fuga de Tuor e sua companhia... Chegaram, apesar disso, às montanhas, em dores e desgraça, pois os lugares altos eram frios e terríveis, e tinham entre eles muitas mulheres e crianças, sem contar os muitos homens feridos.[52]

O biógrafo Humphrey Carpenter vê, na obra de Tolkien, uma resposta inesperada à Primeira Guerra Mundial. Ele sugere que a parte central da história se baseia nas experiências de Tolkien no Somme — "ou, melhor, em sua reação a essas experiências, pois a batalha em Gondolin possui uma grandeza heroica completamente inexistente nas guerras modernas".[53] Anos depois, Tolkien admitiu a seu filho, Christopher, que na época era soldado na Segunda Guerra Mundial, que os seus primeiros escritos foram a forma que ele encontrou para suportar a violência, o sofrimento e as ansiedades da guerra. "Sinto entre todas as suas dores (algumas meramente físicas) o desejo de expressar os seus *sentimentos* sobre o bem, o mal, o justo e o vil de alguma maneira; o desejo de racionalizar esses sentimentos a fim de impedir que eles sejam destruídos", escreveu ele. "Em meu caso, esse desejo gerou Morgoth e a história dos gnomos".[54] Morgoth se tornou o equivalente a Satanás na Terra Média, enquanto os gnomos foram reinventados como a raça de elfos que se opõe a ele.

Parece que Tolkien, mesmo em meio ao combate, procurou conscientemente recuperar uma tradição militar que se

tornaria uma vítima ao lado de todas as outras vítimas da Primeira Guerra Mundial. Ele já estava criando uma mitologia sobre a Inglaterra, cujo objetivo seria relembrar a sua longa história de lutas para atingir fins nobres. “Desde os primeiros dias, sofri pela pobreza do meu amado país: não tinha histórias próprias (intimamente ligadas à sua língua e terra), não da qualidade que eu procurava”, explicou ele certa vez.[55] Portanto, ele se propôs a “restaurar aos ingleses uma tradição épica e a apresentar-lhes uma mitologia própria”.[56]

No coração dessa tradição estão os conceitos de honra e sacrifício por uma causa justa, temas que certamente inspirariam *O Senhor dos Anéis*: “É chegada a hora, Cavaleiros de Rohan, filhos de Eorl!”, exclama Théoden em *O Retorno do Rei*. “O inimigo e o fogo estão diante de vocês, e suas casas ficaram para trás. Apesar disso, embora lutem num campo estrangeiro, para sempre terão direito à glória que colherem lá”.[57] Por ter sido um soldado inglês que serviu na França, Tolkien entendia as dificuldades de lutar em um “campo estrangeiro”. Ele tinha suas próprias dúvidas sobre o significado da guerra e testemunhou algumas de suas mais brutais cenas de massacre. No entanto, não permitiu que elas sobrepujassem sua clara visão moral.

Contudo, muito outros autores estavam indo exatamente na direção oposta.[58] Wilfred Owen, ferido três vezes antes de ser morto em combate, escreveu incansavelmente contra a guerra. Seus poemas têm títulos como “Insensibility”, “Mental Cases”, “Futility,” e “Disabled.” Em “Anthem for Doomed Youth” não há um só traço de nobreza na descrição da morte de seus companheiros. “Haveria dobre de finados para estes que morrem como gado? / Não, apenas a monstruosa fúria das armas”.[59] Siegfried Sassoon, amigo de Owen, embora tivesse recebido a Cruz Militar por bravura, também passou a ver a guerra como um erro imoral. No verão de 1917, Sassoon enviou uma carta de protesto ao seu comandante, chamando os propósitos da guerra de “cruéis e injustos”. Seus poemas são sátiras mordazes da guerra e do seu efeito nos soldados, com

descrições impiedosas da “terra onde tudo é devastação” e das “trincheiras naufragadas que lançam todos para a condenação à morte”.[60]

Aproximadamente quatrocentos “romances de guerra” foram publicados nas décadas de 1920 e 1930, muitos dos quais ajudaram a criar uma mitologia da guerra como sendo inerentemente asquerosa e irracional.[61] Uma das obras mais conhecidas é *Goodbye to All That* [“Adeus a Tudo Aquilo”], escrita por Robert Graves, que se alistou rapidamente para o treinamento de oficial oito dias após a Inglaterra declarar guerra à Alemanha. Graves sobreviveu à Batalha do Somme, porém sofreu ferimentos que o perseguiram pelo resto da vida. Menos um livro de memórias e mais uma obra teatral de farsa — gênero dramático caricatural —, *Goodbye to All That* retrata os absurdos e as tragédias que pareciam caracterizar a guerra:

> O orgulho de todo bom batalhão era nunca ter perdido uma trincheira; nossos dois batalhões de linha conseguiram esse feito — ou seja, nunca foram forçados a deixar uma trincheira sem a recuperar antes do fim do ataque. Tomar uma trincheira alemã, mas não ser capaz de mantê-la por falta de reforços não contava... E, perto do fim da guerra, as trincheiras podiam ser abandonadas de forma honrosa por terem sido completamente obliteradas pelos bombardeios, ou porque não eram trincheiras, na verdade, mas sim uma longa linha de crateras causadas pelas explosões de granadas.[62]

O ex-soldado Tolkien não conseguia embelezar o combate. As cartas que escrevia aos seus filhos durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, eram repletas de maus pressentimentos. “O desperdício absoluto e estúpido da guerra, não apenas material, mas também moral e espiritual, é tão atordoante para aqueles que precisam suportá-lo”, escreveu. “Contudo, a memória humana é tão curta e as suas gerações tão evanescentes que em cerca de apenas trinta anos, haverá poucas, ou nenhuma pessoa com tal experiência direta. E apenas essas pessoas são capazes de entender verdadeiramente o significado de tudo isso. A mão queimada é

a que melhor ensina sobre o fogo".[63] Lewis estava tão familiarizado com as assolações da guerra de trincheiras quanto Tolkien, e um dos aspectos da história de Tolkien que mais o impressionava era o seu realismo:

> Esta guerra possui a característica própria da guerra que a minha geração conheceu. Está tudo aqui: o movimento interminável e ininteligível, o silêncio sinistro da frente de batalha quando "está tudo pronto" para o ataque, os civis voando para todos os lados, as amizades animadas e intensas, o sentimento de desespero sempre presente no fundo, mesmo durante os momentos de alegria — e a dádiva de encontrar um maço de cigarro "recuperado dos escombros".[64]

No entanto, Tolkien nunca teve a pretensão de escrever um livro de memórias sobre sua experiência na guerra de trincheiras. Em vez disso, decidiu criar uma mitologia digna da sua amada Inglaterra.[65] Em 1923, ele já estava quase terminando de escrever *O Livro dos Contos Perdidos* (ao qual mais tarde daria o nome de *O Silmarillion*), no qual explorou temas como o mal, o sofrimento, o heroísmo e a morte. A obra é um relato da Primeira Era, antigo drama que cria o cenário histórico para *O Senhor dos Anéis*. O tema principal da história é a queda dos mais talentosos entre os elfos; a sua expulsão de Valinor (uma espécie de paraíso); o seu retorno à Terra Média, local de seu nascimento que agora se encontra sob domínio do Inimigo e a sua luta contra ele, "o poder do Mal visivelmente encarnado".[66] Foi nessa obra que a Terra Média tomou forma pela primeira vez e tornou-se o campo de batalha para o grande conflito retratado em *O Senhor dos Anéis*.

Tolkien insistia em afirmar que a Terra Média não era um mundo imaginário, mas sim o *nosso* mundo — com as suas verdades e tristezas antigas — situado em um passado remoto. De fato, quaisquer lendas concebidas no formato de uma suposta história primitiva deste mundo, disse Tolkien, deve considerar a trágica realidade da fragilidade humana.[67] Conforme veremos, Tolkien imaginou a Terra Média como a

expressão de um mundo que precisa lidar com as consequências de sua Queda da Graça. “O cenário da minha história é esta terra em que vivemos agora... os fundamentos deste lugar estão todos lá”.[68]

LEWIS NO VALE DA DÚVIDA

C. S. Lewis seguiu o mesmo caminho de outros autores da guerra e abraçou o gênero da ironia e da dúvida. Os seus primeiros escritos da guerra sugerem que ele estava, de fato, fazendo isso. O primeiro trabalho publicado de Lewis, intitulado “*Death in Battle*” [“Morte na Batalha”], saiu na revista *Reveille*, em 1919. O poema descreve “os semblantes selvagens e brutais que me cercavam, cuja estafa crescente / parecia em demônios transformar — sim, até mesmo a mim”.[69] A obra saiu na mesma edição em que poemas de Sassoon e Graves foram publicados. No mesmo ano, Lewis publicou uma coleção de poemas escrita de 1915 a 1918, intitulada *Spirits in Bondage* [“Espíritos Aprisionados”]. Os poemas incorporam uma visão quase existencial da vida humana, enredada em um cosmo cruel e inclemente. Em carta escrita a um amigo, Lewis explicou o tema que unia a coleção: “que a natureza é completamente diabólica e perversa e que Deus, se existe, está fora e em oposição ao arranjo cósmico”.[70]

Em “Ode for New Year’s Eve” [“Ode à Véspera de Ano-Novo”], Lewis expressou o desencanto, a sensação de que algo havia saído terrivelmente errado em todas as supostas conquistas do Ocidente. A era do progresso e da inocência desapareceu, escreveu ele, como se consumida de maneira indiscriminada na fornalha da Grande Guerra:

> Em curva ascendente, donzela e homem
> E animal, árvore e espírito, na terra verde poderiam facilmente prosperar.
> Mas agora, uma era está acabando, e Deus chama as estrelas de volta para casa

> E solta a roda das eras e a faz girar ao contrário
> Em meio à morte das nações e aponta um caminho decadente,
> E a loucura se apoderou de nós, assim como grandes e pequenas guerras.[71]

A referência de Lewis à "morte das nações" não estava longe da verdade. No final da Primeira Guerra Mundial, impérios inteiros haviam basicamente entrado em colapso — o Império Otomano, o Império Austro-Húngaro, a Rússia czarista e o Império Alemão —, desencadeando revoluções e rebeliões coloniais em todo o mundo. Nesse processo, uma quantidade assustadora de jovens foi exterminada pela morte. Muitos ficaram emocionalmente abalados pela guerra de trincheiras ou permanentemente aleijados. Apesar de ser uma pequena ilha, a Grã-Bretanha perdeu quase um milhão de seus cidadãos. "O efeito da guerra na Grã-Bretanha foi catastrófico", escreveu Paul Fussell. "Foi destruída uma geração inteira que poderia formar juristas, acadêmicos, administradores e líderes políticos do país".[72]

A "loucura" sobre a qual Lewis escreveu tampouco pode ser negada. As normas morais da civilização europeia pareciam ter sucumbido junto às baixas de vidas humanas. Embora a guerra sempre envolva muito sofrimento, algo havia mudado durante os anos de 1914 a 1918. "A Europa e grande parte da Ásia e da África tornaram-se um grande campo de batalha no qual, após anos de luta, não apenas exércitos, mas nações foram arruinadas e fugiram", observou Winston Churchill. "Quando tudo chegou ao fim, a tortura e o canibalismo eram os únicos métodos que os Estados cristãos, civilizados e científicos foram capazes de negar: e estes eram de utilidade duvidosa".[73]

O enorme poder destrutivo da guerra, o número inimaginável de mortos e feridos, as esperanças e reivindicações apocalípticas de seus participantes e a aparente nulidade de seu resultado — tudo isso estimulou um novo período de dúvidas e investigações religiosas.

De fato, não há exagero quando se fala sobre a crise espiritual que se abateu sobre muitos rapazes e moças, principalmente entre os intelectuais, ao longo das décadas de 1920 e 1930. O teólogo suíço Karl Barth ficou chocado com a aceitação completa da guerra alemã por parte dos teólogos e com o que ele viu como a confusão da cultura esclarecida com o evangelho. A Bíblia, insistia Barth, "contém pensamentos divinos sobre o homem, e não pensamentos humanos sobre Deus". Barth destruiu os esquemas utópicos do cristianismo progressista em seu monumental comentário sobre A Carta aos Romanos (1921). Sua obra "explodiu como uma bomba no terreno dos teólogos europeus".[74]

Contudo, a neo-ortodoxia de Barth, como veio a ser chamada, foi rejeitada pela opinião da elite em toda a Europa e cada vez mais nos Estados Unidos. Caiu como uma bomba para os literatos, por exemplo, quando estes souberam que T. S. Eliot havia sido batizado e confirmado na Igreja da Inglaterra, em 1927. Como o autor de *The Wasteland* ["A Terra Devastada"] poderia ter encontrado consolo em uma superstição tão primitiva? Como um membro do conjunto literário "London's Bloomsbury Group" teria sido capaz de cometer tal ato de traição intelectual?[75] Virginia Woolf expressou a indignação de seus pares em uma carta a um amigo:

> Tive uma conversa muito vergonhosa e angustiante com o caro Tom Eliot, a quem podemos considerar como morto a partir de agora. Ele se tornou cristão anglo-católico — crê em Deus, na imortalidade e frequenta a igreja. Fiquei chocada. Um cadáver me parece mais confiável do que ele agora. Quero dizer, há algo de obsceno em alguém que crê na existência de Deus.[76]

A obscenidade da crença em Deus: tal era a opinião da elite intelectual em grande parte da Europa do pós-guerra. Para muitos dos melhores e mais inteligentes, o cristianismo parecia ser desprovido de poder explicativo. Ele não era capaz de explicar os conflitos destrutivos das supostas nações europeias

cristãs, nem de oferecer uma esperança realista de que fosse possível alcançar uma ordem global mais pacífica e justa. Ao contrário disso, a igreja da era moderna parecia estar presa a doutrinas destrutivas e superstições medievais.

"Encontramos, atualmente, entre as classes instruídas... uma grande produção de superstições novas e mais ou menos fantásticas, extraídas de maneira banal, tanto do misterioso Oriente quanto do neurótico Ocidente", escreveu Gilbert Murray, em *The Ordeal of This Generation*, 1928 ["O Ordálio desta Geração"]. "Bem como uma rejeição ampla e aberta a todas as religiões e, particularmente, a todo conceito de moralidade".77 Nietzsche havia anunciado esta última perspectiva no final do século XIX: "Talvez os conceitos mais solenes a terem ocasionado as maiores lutas e sofrimentos, os conceitos de 'Deus' e 'pecado', um dia tenham a mesma importância para nós que um brinquedo, ou que os problemas de uma criança têm para um adulto".78

A "GRANDE GUERRA" COM OWEN BARFIELD

Portanto, não é surpresa alguma que a universidade de Oxford do pós-guerra estivesse se transformando em um canteiro de agnosticismo, indiferença religiosa e investigações intelectuais. C. S. Lewis encontrou-se envolvido em uma "confusão profana" de filosofias concorrentes — da psicanálise ao racionalismo. "E o tempo todo... existe o perigo de cair novamente nas superstições mais infantis, ou de recorrer ao materialismo dogmático para fugir delas".79 O biógrafo George Sayer resumiu a atmosfera daquele lugar: "A maioria dos professores incentivava seus alunos a, acima de tudo, duvidar".80

Um sujeito alegre e diferente era Owen Barfield, veterano de guerra que estava estudando literatura inglesa, a quem Lewis conheceu em 1919. Apesar de Lewis não concordar com Owen em quase nada — "ele leu todos os livros certos, mas tirou a conclusão errada de cada um deles" —, nasceu entre eles uma

admiração e amizade para a vida toda. Barfield tornou-se devoto da "antroposofia", uma filosofia espiritual desenvolvida por Rudolf Steiner que via a humanidade como parte integrante do pensamento criativo e da evolução do mundo. Lewis rejeitou a antroposofia de Barfield por considerá-la uma espécie de gnosticismo e os dois deram início ao que chamaram de "Grande Guerra" do debate intelectual. Este foi mais um relacionamento que alteraria o curso da vida intelectual e espiritual de Lewis:

> Ele é tão fascinante (e irritante) quanto uma mulher. Quando me proponho a corrigir suas heresias, me dou conta de que ele está irredutível em corrigir as minhas! E, então, nós dois nos dedicamos a debater, com grande entusiasmo, madrugada adentro, noite após noite, ou durante algum passeio, no qual nenhum dos dois presta atenção em qualquer coisa à nossa volta, cada um percebendo o peso das convicções do outro, agindo mais como inimigos que se respeitam do que como amigos. Na verdade (embora nunca pareça ser assim no momento), influenciamos os conceitos um do outro; desse interminável combate nasce uma harmonia espiritual e uma profunda admiração. Mas acredito que ele tenha alterado muito mais a minha forma de pensar do que eu a dele.[81]

Em seu "interminável combate" — expressão extraída da guerra, é claro —, Barfield influenciou Lewis de duas maneiras profundamente importantes. Ele persuadiu Lewis a abandonar a sua "arrogância cronológica", a suposição de que a vertente intelectual dominante da época torna todas as outras linhas de pensamento do passado suspeitas ou irrelevantes. Essa postura filosófica, gerada pelo Iluminismo, chegou ao ápice após a conflagração da Primeira Guerra Mundial, fazendo com que muitos ideais vitorianos estimados desaparecessem.

Barfield também desafiou a típica visão científica e materialista da realidade dos acadêmicos de Oxford. As "velhas crenças" fundamentais do cristianismo estavam definhando após sofrerem múltiplos ataques de diferentes origens. Darwin, Nietzsche, Freud entre outros, de uma forma ou de outra, zombavam do conceito de dignidade sagrada do indivíduo.

Muitos europeus e americanos cultos passaram a acreditar que as experiências estéticas — nosso senso de moralidade, o desejo de alegria e o amor pela beleza — não tinham, essencialmente, qualquer sentido. Embora esses movimentos intelectuais pudessem ser hostis uns aos outros, Lewis percebeu que se uniam em seu ódio pelos "anseios eternos" do ser humano comum. "Para mim, essas pessoas pareciam estar condenando o que não entendiam".[82]

O espiritualismo de Barfield, apesar de suas excentricidades, parecia oferecer uma explicação melhor para essas experiências do que o materialismo. Ele ajudou Lewis a considerar a possibilidade de que as nossas intuições morais e as nossas experiências estéticas pudessem nos levar à verdade objetiva: a imaginação pode ser um guia tão bom para a realidade quanto o argumento racional.

Em uma carta datada de 25 de setembro de 1920, Lewis admitiu a outro amigo de Oxford que os seus estudos em filosofia o estavam afastando do ceticismo dogmático. Endereçada a Leo Baker, que foi piloto da Força Aérea Real durante a guerra, a carta revelava uma frustração crescente em relação às visões puramente materialistas do universo. "Não tenho direito de me opor ao universo, a menos que eu mesmo tenha algo a lhe oferecer", explicou ele.

> Você ficará interessado em saber que, no curso da minha filosofia — sobre a existência da matéria —, precisei pressupor a existência de alguma espécie de Deus como a última teoria questionável: mas é claro que não sabemos nada. De qualquer maneira, não sabemos o que é o verdadeiro Bem e, consequentemente, parei de desafiar o céu: ele não pode saber menos do que eu, então talvez esteja mesmo tudo bem. Isso, para você, não será nenhuma novidade, mas, quem sabe, possa ver isso em mim como um sinal de graça.[83]

Em 1925, Lewis já havia abandonado o ateísmo inflexível de sua juventude. "Será um consolo para mim saber, por toda a vida, que o cientificismo e o materialismo não têm a última palavra", escreveu. "Saber que Darwin e Spencer, que tanto

tentaram destruir as crenças antigas, construíram os seus alicerces sobre a areia".[84] As amizades feitas por Lewis no pós-guerra o impediram de adotar a indiferença moral — que ele chamou de "pessimismos superficiais" — tão típica de sua geração.[85] Eles faziam perguntas a Lewis, para as quais ele não tinha respostas seguras. "Agora que encontrei, e continuo encontrando, cada vez mais, o elemento da verdade nas crenças antigas, sinto que não posso descartar nem mesmo suas partes mais terríveis com tanto descaso", escreveu ele a Arthur Greeves. "Deve haver algo ali. A pergunta é: o quê?".[86]

QUANDO O MITO SE TORNA FATO

Essa é a questão que está por trás da famosa discussão que ocorreu entre C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien tarde da noite em setembro de 1931. Aquele foi um momento marcante: uma discussão investigativa sobre os mitos e a fé antiga que continuam sendo relevantes para a conversa sobre o mistério da conjuntura moderna. A discussão entre eles — um encontro de mentes intensamente criativas sobre o significado do cristianismo — deve ser considerada uma das conversas mais transformadoras do século XX.

Lewis foi aprovado para se tornar membro e professor de língua e literatura inglesa no Magdalen College, em Oxford, em maio de 1925, mesmo ano em que Tolkien começou a lecionar anglo-saxão no Pembroke College. Os dois se conheceram apenas um ano depois e perceberam que, apesar das suas diferentes visões sobre literatura, ambos tinham muitos interesses e autores de que gostavam em comum, inclusive a mesma grande atração por mitologia. Quando Tolkien fundou um clube entre os colegas professores para a leitura de sagas islandesas, Lewis aceitou fazer parte dele com alegria. O grupo se chamava Coalbiters ["mordedores de carvão"] — da palavra islandesa *Kolbitar*, termo que significa "homens que chegam tão perto do fogo no inverno que mordem o carvão".

Durante os vários anos que se seguiram, conforme eles se

reuniam, Lewis e Tolkien se deram conta de que compartilhavam do amor pela literatura nórdica, pelas mitologias e contos de fadas que ambos descobriram nas obras de William Morris e George MacDonald, e alguns outros autores.87 Em uma carta enviada a Arthur Greeves datada de 3 de dezembro de 1929, Lewis descreveu uma de suas conversas: “Fiquei acordado até às 2h30 na segunda-feira, conversando com o professor de anglo-saxão, Tolkien, que voltou comigo até a faculdade depois de uma reunião do clube. Conversamos sobre os deuses e gigantes de Asgard por três horas, e, então, ele partiu, debaixo de chuva e vento — como poderia mandá-lo embora antes disso, quando o fogo ainda estava forte e a conversa tão boa?”.

Estava nascendo entre eles uma profunda amizade. Contudo, apesar de todos os seus interesses em comum na área da literatura, os dois homens não conseguiam concordar sobre a natureza do mito e a sua relação com a fé em Deus. A discussão sobre o tema atingiu seu ápice em uma noite de sábado, em 19 de setembro de 1931.

Lewis havia convidado Tolkien e outro amigo, Hugo Dyson, para jantar com ele no Magdalen College. Dyson, veterano de guerra, lutara na Batalha do Somme e fora gravemente ferido na Batalha de Passchendaele, em Ypres. Ele foi contratado como professor de inglês na Reading University. Lewis gostou muito dele quando o conheceu, descrevendo-o como “um homem que realmente ama a verdade: um filósofo e um homem religioso”.88 Após a refeição, Lewis levou os seus amigos a Addison’s Walk, uma trilha arborizada que contorna o rio Cherwell, perto do Magdalen College. Enquanto caminhavam, discutiam e debatiam suas ideias sobre metáforas e mitos.89

Para Lewis, os mitos podiam ser bonitos e encantar a nossa imaginação, mas eram mentiras: invenções que não continham qualquer verdade objetiva sobre o mundo. E era justamente isso que incomodava Lewis no cristianismo. Para ele, o cristianismo era como o mito nórdico sobre Balder, o deus que morreu — uma ficção adorável, “mais uma mitologia entre

tantas outras". Aqui estava o "relato científico reconhecido" do crescimento da religião sobre o qual Lewis escrevera a Arthur Greeves. É a ideia de que "a maioria das lendas contém uma essência verdadeira em algum lugar", mas os entusiastas transformam essa essência em um deus Sol glorificado, uma divindade do milho, ou em um messias sobrenatural. A crítica de Lewis representava a visão acadêmica dominante sobre a religião na virada do século:

> Quando digo "Cristo", é claro que me refiro ao ser mitológico em quem ele foi posteriormente convertido pela imaginação popular... Que o homem Yeshua, ou Jesus, de fato existiu é tão certo quanto o fato de que Buda realmente existiu: Tácito menciona a sua execução nos Anais. Contudo, todas as outras bobagens, como o seu nascimento virginal, as curas milagrosas, as aparições e assim por diante, estão exatamente no mesmo nível de qualquer outra mitologia.[90]

A visão de Tolkien era completamente oposta: para ele, os mitos não tinham sua origem no homem, mas em Deus. Eles seriam um meio pelo qual Deus comunica ao menos uma parte de sua verdade ao mundo. Como os homens e as mulheres vieram de Deus, defendia Tolkien, os seus mais elevados ideais e anseios também vêm dele. Não apenas o raciocínio abstrato do homem, mas também *suas invenções imaginativas* encontram origem em Deus.[91] Como tal, elas revelam um aspecto da verdade divina.

A criação de mitos, o que Tolkien chama de "mitopéia", é uma forma de cumprir os propósitos de Deus como Criador. Ao inventar um mito — povoando um mundo com elfos e orcs, dragões e feiticeiras, deuses e deusas — o contador de histórias tenta recuperar o mundo que ele conhecia antes da queda do homem. "Já existiu um Éden nesta mesma terra profundamente miserável", explicou Tolkien muitos anos depois. "Todos nós o desejamos e, constantemente, o vislumbramos: toda a nossa natureza, em sua melhor forma e menos corrompida possível, em seu estado mais nobre e

humano, ainda está saturada com o sentimento de 'exílio'".[92] O criador de mitos, estimulado pelo sentimento de exílio e pelo desejo de retornar ao seu legítimo lar, reflete "um pequeno fragmento da verdadeira luz".[93]

Ao recontar a conversa entre eles em seu poema "Mitopéia", Tolkien insistiu que os mitos pagãos não eram simplesmente "mentiras", como afirmava Lewis, mas que continham indícios da verdade sobre Deus e sobre o mundo que ele criou, por mais deturpados que esses mitos fossem:

> O coração do homem não é composto de mentiras,
> Mas extrai alguma sabedoria do único Sábio
> E ainda se lembra dele. Embora agora distante,
> O homem não está totalmente perdido nem totalmente transformado.
> Por mais desgraçado que seja, ele não foi destronado,
> E mantém os trapos de senhorio que uma vez possuiu.[94]

Os amigos finalmente retornaram ao escritório de Lewis, onde conversaram até às 3h da manhã. O assunto era o cristianismo. Lewis não entendia o significado dos ensinamentos fundamentais da fé: os conceitos conhecidos como "o sangue do Cordeiro" e "a expiação". Como a vida e a morte de Jesus poderiam ter "salvado o mundo"? Como a morte sacrificial de alguém dois mil anos atrás poderia nos ajudar agora? Tudo isso parecia irrelevante e incompreensível.[95]

Tolkien respondeu às questões imediatamente e, em sua resposta, revelou a essência de sua própria filosofia como escritor e pensador cristão.[96] Sim, a história de Jesus, o Cristo, é uma espécie de mito: é a autêntica história do Deus que se entrega à morte, mas ressuscita para resgatar seu povo do pecado e da morte e levá-lo à "Terra Bendita", onde "embora sejam criadores, eles não mentem mais".[97] A diferença entre o cristianismo e todos os mitos pagãos é que este Deus entrou de fato na história, viveu uma vida real e morreu uma morte real.

"Você está querendo dizer", perguntou Lewis, "que a história de Cristo é simplesmente um mito verdadeiro, um mito que

atua sobre nós da mesma forma como os outros, mas que é um mito que realmente aconteceu? Neste caso, eu começo a entender".[98]

Anos mais tarde, Lewis explicou como a compreensão da natureza do mito foi crucial para a sua conversão. Ele finalmente concluiu que o paganismo era "apenas um sonho profético" e, talvez, um dos "sonhos bons" que Deus envia aos homens e mulheres para ajudar a guiá-los em sua busca. A própria busca de Lewis o levaria de volta à vida de Jesus e aos evangelhos, que ele começara a ler regularmente no original grego. "Se algum dia um mito se tornasse fato e tivesse se encarnado, seria exatamente assim. E absolutamente nada em toda a literatura é como essa história", escreveu ele. "Aqui, e somente aqui, em todos os tempos, o mito se tornou um fato".[99]

Tolkien, finalmente, se despediu e voltou para sua casa, enquanto Lewis e Dyson continuaram a conversar até às 4h da manhã. Uma barreira intelectual à fé acabara de ser derrubada. Doze dias depois daquela noite, Lewis confessou a Arthur Greeves: "Acabei de passar de uma crença em Deus a uma crença definitiva em Cristo — no cristianismo. Tentarei explicar isso melhor em outro momento. Minha longa conversa noturna com Dyson e Tolkien teve grande contribuição para essa mudança".[100]

A GRANDE COLABORAÇÃO

Lewis dedicaria grande parte do resto de sua vida profissional à tentativa de explicar o cristianismo a um mundo insensato. Tanto em sua ficção quanto em sua prosa, em obras como *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, *O Grande Abismo* e *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis traçou os movimentos da alma humana da incredulidade à fé. Segundo ele mesmo, muitas amizades e autores desempenharam um papel importante em sua jornada, em seu "Regresso do

Peregrino".[101] Sua conversa com Tolkien, no entanto, foi o elo humano mais direto nesse processo. Ela tirou de Lewis qualquer traço de racionalização ao qual poderia voltar a recorrer. "Tudo em que eu havia tanto me empenhado para expulsar de minha própria vida parecia irradiar da essência dos meus melhores amigos", escreveu ele. "Tudo e todos haviam se juntado ao lado oposto em que eu estava".[102]

A conversão de Lewis não foi apenas profunda e vital, ela foi "o principal divisor de águas em sua vida", escreveu o biógrafo Walter Hooper. "Não sobrou um recanto ou parte de seu ser que não tenha sido tocado e transformado pela sua conversão".[103] Sua fé foi nutrida pelas amizades: Tolkien e ele formaram o núcleo de um pequeno grupo de escritores — quase todos cristãos sérios — que se reunia semanalmente nos aposentos de Lewis, em Magdalen. Eles se encontravam para ler e criticar o trabalho uns dos outros. "Teoricamente para falar sobre literatura", explicou Lewis, "mas, na verdade, na maioria das vezes, para falar sobre algo melhor".[104] O nome do grupo era "Inklings" [do inglês, "ink" — tinta], aqueles que "mexem com tinta".[105]

Foi nesse ambiente que Lewis fez sua primeira tentativa de usar a ficção científica como veículo para a verdade cristã. Um de seus alunos levou a sério o sonho da colonização interplanetária, que Lewis via como uma tentativa científica de evitar a morte — e como uma rival do cristianismo. O resultado foi o livro *Além do Planeta Silencioso* (1938), o primeiro de uma trilogia de ficção científica inundado em temas e imagens religiosos. Lewis leu a obra em voz alta em uma das reuniões dos Inklings, onde, segundo Tolkien, foi "amplamente aprovada".[106] Esse livro ajudou a lançar a carreira de Lewis como escritor popular. No entanto, não fosse pela carta de aprovação enviada por Tolkien a um editor — grande parte da obra foi descartada como "besteira" pela pessoa designada a ler o seu manuscrito —, talvez essa história jamais tivesse visto a luz do dia. "Li a história no manuscrito original e fiquei tão fascinado que não conseguia fazer mais nada até terminar a

leitura", contou Tolkien. "De qualquer maneira, eu teria comprado essa história por quase qualquer preço se a tivesse encontrado impressa".[107]

As primeiras resenhas do livro foram em sua maioria positivas, contudo Lewis ficou surpreso ao perceber que quase ninguém identificou nela a doutrina bíblica da Queda, que sustenta a história do início ao fim. "Se ao menos houvesse alguém com mais talento e tempo livre, acredito que essa grande ignorância poderia ajudar na evangelização da Inglaterra", escreveu ele a um amigo. "Se sob o disfarce de romance, qualquer quantidade de teologia pode ser apresentada agora às mentes das pessoas sem que elas percebam".[108] Aqui está um *insight* que Lewis certamente encontrou em suas muitas conversas com J. R. R. Tolkien.

Ao mesmo tempo, a influência de Lewis sobre seu amigo também seria profunda. Tolkien há muito acreditava que os "contos de fadas" eram, na verdade, um gênero para adultos e "para o qual existia um público faminto".[109] Essa crença, no entanto, permaneceu uma hipótese não testada até Tolkien compartilhar seu trabalho inicial com Lewis, que o achou cativante. "Se ninguém escreve o tipo de livro que desejamos ler", disse Lewis ao amigo, "então, nós mesmos teremos de escrevê-los".[110]

Com o passar do tempo, eles fizeram exatamente isso. Tolkien começou a trabalhar em *O Hobbit*, uma história ambientada "há muito tempo, na quietude do mundo, quando havia menos barulho e mais verde".[111] Seu personagem principal é Bilbo Bolseiro, uma criatura pequena, amigo dos elfos, conhecida como hobbit. O personagem apresenta as virtudes e defeitos de um inglês de classe média. Tem uma vida confortável e não demonstra qualquer interesse em aventuras. "Não consigo imaginar o que as pessoas veem neles". Tolkien explicou: "Os hobbits são apenas ingleses simples, reduzidos em tamanho porque refletem a capacidade geralmente pequena de sua imaginação — e não a capacidade pequena de sua coragem ou de seu poder latente".[112]

Quando *O Hobbit* foi concluído, Bilbo Bolseiro havia enfrentado uma jornada perigosa pela Terra Média e se juntado a um exército de elfos, homens e anãos para enfrentar goblins e lobos selvagens em uma terrível batalha final. “A vitória agora deixava de ser uma esperança. Tinham apenas detido a primeira investida da maré negra”.[113]

Após a publicação do livro, em 1937, Lewis o elogiou afirmando se tratar de “uma adaptação para crianças de parte de uma enorme mitologia particular do tipo mais sério de todos: a luta cósmica como um todo, segundo a visão do autor, porém mediada por um mundo imaginário”.[114] E esta foi precisamente a tarefa que o próprio Lewis assumiu ao escrever *As Crônicas de Nárnia*, uma série de histórias para crianças sobre um mundo oculto envolvido em uma grande batalha entre o Bem e o Mal.

A popularidade instantânea do conto de fadas de Tolkien o levou a trabalhar em “uma nova história sobre hobbits”. Contudo, Tolkien dificilmente teria conseguido terminar sua obra-prima, *O Senhor dos Anéis*, sem o entusiasmo e o apoio de seu amigo. Os dois passavam muitas horas no escritório de Lewis em Magdalen College, com Tolkien lendo capítulos em voz alta para um público cativo. “C. S. L. tinha verdadeira paixão por ouvir coisas lidas em voz alta, a sua capacidade de memória era muito maior ao receber as coisas dessa maneira”, explicou Tolkien. “Ele também tinha grande facilidade em fazer críticas espontaneamente”.[115] Tolkien recordou-se, certa vez, de um almoço em que Lewis o repreendeu e aconselhou a retomar o trabalho, que estava parado por algum tempo. “Aquele homem incansável leu para mim parte de uma nova história!”, disse Tolkien. “Mas ele está me pressionando para terminar a minha. Eu de fato precisava de um pouco de pressão e, provavelmente, retomarei o meu trabalho”.[116] A escrita do livro de Tolkien se arrastou por anos, inacabada.

“Bebi até a última gota da rica taça e saciei uma antiga sede”, escreveu Lewis a Tolkien, depois de ler o texto datilografado de *O Senhor dos Anéis*. “Nenhum romance é

capaz de repelir a norma do 'escapismo' com tanta ousadia. Se ele erra em algum momento, é precisamente na direção oposta: o coração adoecido pela esperança que se adia e o acúmulo impiedoso das probabilidades contra os heróis são quase dolorosos demais".117 Ao refletir tempos depois sobre o envolvimento de Lewis em sua história, Tolkien manifestou sua gratidão. "A dívida impagável" que ele tinha para com Lewis, disse ele, era o seu "estímulo incessante" — durante muitos anos — para que não parasse de escrever. "Ele foi, por muito tempo, o meu único público", continuou Tolkien. "Foi ele, e somente ele, que me fez acreditar que 'as coisas' que eu escrevia poderiam ser mais que simplesmente um *hobby* pessoal. Se não fosse por seu interesse e sua perseverança inflexível para que eu continuasse, *O Senhor dos Anéis* jamais teria sido concluído".118

A colaboração que nasceu entre eles, e o resultado literário que cresceu a partir dela, não poderia ter surgido em um momento de maior crise no Ocidente. A geração de Tolkien e Lewis havia passado pelo conflito mais devastador da História — e os resultados dele foram praticamente nulos. Quase todas as nobres convicções e aspirações daquela sociedade pareciam uma falsidade, uma tolice ou um conto infantil. O Iluminismo, com sua idolatria da razão, chegara ao fim — "e foi direto para o fundo do poço, para o qual cegos sempre guiaram outros cegos ao longo de todos os tempos, e onde todos sucumbiram miseravelmente".119

Um mundo, que antes parecia tão sólido e seguro quanto o granito, se transformara em uma terra de sombras. Philip Gibbs, jornalista e romancista que servira como um dos correspondentes oficiais da Grã-Bretanha durante a guerra, testemunhou esse colapso de perto. "Eles foram ensinados a acreditar que todo o objetivo da vida era tentar alcançar a beleza e o amor, e que a humanidade, que progredia rumo à perfeição, havia matado o instinto animal, a crueldade, a sede de sangue e a lei primitiva e selvagem da sobrevivência com unhas e dentes, bastão e machado", escreveu ele. "Toda a

poesia, arte e religião pregaram esse evangelho e essa promessa. Agora, aquele ideal estava quebrado como um vaso de porcelana atirado ao chão”.[120]

A IMAGINAÇÃO MORAL

Um evangelho falsificado, mito falso, criou uma cacofonia de desespero no Ocidente. Contudo, dois amigos e autores se recusaram a sucumbir a essa tempestade de dúvidas e desilusões. Fortalecidos pela sua fé, proclamaram para toda a sua geração — e a nossa — um Mito Verdadeiro sobre a dignidade da vida humana e sobre o seu relacionamento com Deus. Contra todas as expectativas, suas obras seriam responsáveis por cativar e inspirar inúmeros leitores de todas as culturas e partes do mundo.

O que explica essa influência duradoura? Como criadores de mitos, eles criam novos mundos. Eles inventam novas línguas. Eles nos transportam para reinos de densa escuridão e beleza inesquecível. Sua imaginação mítica, no entanto, explica essa influência apenas parcialmente.

Como veremos, é a sua imaginação moral que exerce poder inigualável: a afirmação de que cada pessoa se encontra em uma batalha épica entre a Luz e as Trevas. Nos mundos de Tolkien e Lewis, as escolhas dos fracos são tão importantes quanto as dos fortes. Nestes mundos, não somos abandonados como órfãos, pois há uma força da Bondade sempre pronta a nos ajudar. Neles, encontramos Gandalf, o Cinzento, o melhor e mais sábio dos magos, envolvido em uma luta extraordinária contra a Sombra que ameaça a Terra Média; e Aslam, o temível Leão, que pagará o preço que for para resgatar Nárnia da “força do mal” que a invadiu.

A grande conquista de Tolkien e Lewis foi a criação de figuras míticas e heroicas que, ao mesmo tempo, se adaptam a nossas vidas concretas e comuns. Por meio delas, somos desafiados a examinar nossos desejos mais profundos,

expulsar nossas dúvidas e a nos juntarmos na luta contra o mal. Pois em sua voz está o aviso: o chamado para “fazer o que está em suas mãos”, custe o que custar. Na presença dessas personagens está a força: a graça para “deixar de lado o pesar e o medo”, uma graça acima de qualquer esperança.[121] São esses os grandes temas que dominam as suas obras e continuam a encantar gerações de leitores.

Em *O Senhor dos Anéis*, é Gandalf quem convoca os homens à batalha, cuja presença exige uma resposta do coração. “‘E agora’, disse o mago, virando as costas para Frodo, ‘a decisão está em suas mãos. Mas eu sempre o ajudarei’. Ele colocou a mão no ombro de Frodo. ‘Eu o ajudarei a carregar este fardo, Frodo Bolseiro, enquanto couber a você carregá-lo. Mas devemos fazer algo, logo. O Inimigo se aproxima’”.[122]

Em *As Crônicas de Nárnia*, é a voz de Aslam que deve ser considerada como nenhuma outra, uma voz que enche todas as almas de medo ou satisfação. “Aslam sacudiu a cabeça felpuda, abriu a boca e proferiu uma única nota longa; não muito alta, mas cheia de poder. O coração de Polly deu um salto; só podia ser um chamado, e, fosse quem fosse que o ouvisse, desejaria obedecer-lhe e (mais ainda) encontraria meios para atendê-lo, não importando quantos mundos se interpusessem".[123]

capítulo

6

AQUELA FORTALEZA MEDONHA

No verão de 430 a.C., o mundo civilizado parecia estar se desmantelando na névoa e na fúria de uma grande guerra.

Era a fase inicial da Guerra do Peloponeso, um confronto violento de ambições imperiais entre os dois titãs da Grécia antiga, Atenas e Esparta. Quando o historiador ateniense, Tucídides, começou o seu registro da guerra, ele esperava que ela fosse "mais importante do que qualquer conflito anterior". Ele estava certo. Essa guerra envolveu praticamente todo o mundo grego e se arrastou por 27 anos, antecipando o sofrimento e a privação associados aos conflitos modernos: as atrocidades, os refugiados, as doenças, a fome e os massacres. A guerra destruiu o que restava da democracia ateniense.

No segundo ano do conflito, surgiu uma misteriosa praga em Atenas. Ela se espalhou rapidamente, matando praticamente todos que a contraíam, levando toda a população a um estado de pânico e desespero. "Nenhum biotipo em particular, forte ou fraco, era capaz de resistir", escreveu Tucídides, "e a praga se alastrou indiscriminadamente, não importava o que se tentasse fazer para tratá-la".[1] O que se seguiu foi o colapso total da moralidade pública e privada: as pessoas abandonavam seus amigos para morrerem sozinhos, familiares fugiam de suas próprias casas, mães abandonavam seus próprios filhos. Tucídides registrou o cenário da seguinte maneira:

> Ninguém estava preparado para perseverar naquele que, antes, era

> considerado o caminho da honra, pois sabiam que poderiam morrer antes de alcançar esse destino. O prazer imediato, e qualquer meio que pudesse conduzir a isso, tornou-se a nova honra e o novo valor. Nem o temor a Deus, nem as leis humanas foram capazes de impedir essa mudança. As visões de homens devotos e ímpios passaram a ser as mesmas quando ambos começaram a ver todos morrendo em volta, sem qualquer distinção.[2]

Vimos como o desespero e a descrença afligiram grande parte da geração que viveu durante a calamidade da Primeira Guerra Mundial. “Estas coisas surgiram das condições peculiares da guerra de trincheiras”, escreveu G. J. Myer, “uma experiência além de qualquer coisa que a psique humana foi criada para suportar”.[3] Os soldados não conseguiam compreender o que estava acontecendo com eles. Dezenas de milhares daqueles homens foram profundamente afetados pelo trauma dos bombardeios. Só na Grã-Bretanha, quatro anos após o fim da guerra, seis mil veteranos foram internados em manicômios.[4] Os escritores do pós-guerra pareciam não conseguir encaixar a natureza daquele conflito em nenhuma categoria psicológica, ou encontrar qualquer conjunto de crenças capaz de ajudá-los a compreendê-lo. Esse fato torna os objetivos literários de J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis ainda mais notáveis: eles rejeitaram firmemente o senso de banalidade e agnosticismo que contaminou grande parte da produção literária de seu tempo.

Quando o primeiro livro da trilogia de Tolkien, *A Sociedade do Anel*, foi publicado, em 1955, seu amigo de Oxfrod escreveu uma resenha para a *Time and Tide*. Lewis reconheceu, com toda honestidade, que a história de Tolkien sobre hobbits, elfos e magos era um conto romântico e fantástico completamente fora de sintonia com aqueles tempos. Nessa obra, como em nenhuma outra, o romance heroico “voltou repentinamente em um período cujo antirromantismo é quase patológico”.[5] No entanto, Lewis insistiu que uma das forças surpreendentes da história era justamente o seu realismo: a descrição de uma luta extraordinária entre o Bem e o Mal que navega entre os recifes mortais da ilusão e da desilusão.

> Quanto ao escapismo, tentamos escapar, principalmente, das ilusões da vida cotidiana. Certamente não escapamos da dor. Apesar de buscarmos muitos confortos e momentos de diversão a fim de agradar o hobbit que habita em cada um de nós, a dor é, para mim, o tom predominante da história. Mas não da maneira mais típica encontrada na literatura de nosso tempo, a dor de almas atípicas ou deformadas; mas sim aquela dor daqueles que foram felizes antes do surgimento de determinadas trevas e que serão felizes novamente se viverem para vê-las desaparecerem.[6]

O mesmo também pode ser dito sobre as histórias de Lewis. As cenas mais memoráveis em *As Crônicas de Nárnia* ou em sua *Trilogia Cósmica* geralmente carregam esta marca: a mistura de tragédia e esperança. Assim como Tolkien, Lewis revestiu seus contos de fantasia e de mito para transmitir verdades duras sobre a condição humana: sua melancolia e vaidade, bem como suas virtudes e triunfos. “E o Homem como um todo, o Homem se opôs ao universo”, escreveu. “Será que conseguimos ver quem é o Homem de fato, até que o vejamos como um herói em um conto de fadas?”.[7] Apresentadas como fantasias, essas histórias têm como objetivo suavizar os nossos preconceitos modernos e falar à nossa imaginação. Dessa maneira, elas nos permitem redescobrir verdades sobre nós mesmos e sobre o nosso mundo que, de outra forma, poderiam permanecer ocultas.

Isso ajuda a explicar o apelo extraordinário de suas obras, que continuam populares setenta anos, ou mais, após a sua primeira publicação. Em uma pesquisa de 2003, conduzida pela BBC na Grã-Bretanha, *O Senhor dos Anéis* foi considerado “o livro mais amado da nação”. Tolkien foi celebrado como “o autor do século”, e com razão.[8] “Em qualquer estudo sobre heroísmo moderno”, escreveu Roger Sale, “se *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, não existisse, ele teria de ser inventado”.[9] Traduzida em 38 idiomas, a trilogia já vendeu mais de 150 milhões de cópias.

C. S. Lewis recebeu semelhante aclamação. A obra *As Crônicas de Nárnia* é amplamente considerada um clássico da

fantasia infantil, ao lado das obras de Lewis Carroll, Rudyard Kipling, entre outros. A série vendeu mais de 100 milhões de cópias e foi traduzida em 47 idiomas. Até a trilogia popular de Philip Pullman, *Fronteiras do Universo*, repúdio autoconsciente do trabalho de Lewis, presta homenagem ao seu poder narrativo. As adaptações para o cinema de *O Senhor dos Anéis* e *As Crônicas de Nárnia* apresentaram centenas de milhões de pessoas à sua visão essencialmente cristã da história humana.

O MUNDO COMO O ENCONTRAMOS

Quais são os elementos básicos dessa visão? Como soldados na Grande Guerra, Tolkien e Lewis suportaram uma calamidade humana que lançou as bases para a sua imaginação mítica. A guerra foi imposta sobre eles quando jovens, trazendo a experiência do combate, do sofrimento e da morte que permaneceriam na alma de todos os veteranos de guerra de sua geração.

"Você range violentamente os dentes enquanto segura uma granada de mão", escreveu Ernst Jünger, em Tempestades de Aço, um dos primeiros livros de memórias da Primeira Guerra Mundial. "Você treme com dois impulsos contraditórios: a consciência aguda do caçador e o terror da caça. Você é um mundo em si mesmo, saturado com a aura terrível da paisagem selvagem que o cerca".[10] Otto Dix, artista alemão, sobreviveu aos combates em Champanhe, no Somme e na Rússia, mas foi profundamente afetado por eles. "Piolhos, ratos, arames farpados, pulgas, projéteis de bombas, cavernas subterrâneas, cadáveres, sangue, álcool, camundongos, gatos, artilharia, sujeira, balas, morteiros, fogo, aço: isso é a guerra", escreveu ele. "É obra do diabo".[11]

Tolkien e Lewis concordariam com ele. Algo central em sua experiência de guerra foi o encontro com a presença do mal: a corrupção profunda do coração humano que o torna capaz de caçar e destruir milhões de vidas em uma guerra de desgaste

implacável.[12]

No entanto, em ambos os autores surgiu uma convicção de que o problema do mal não podia ser explicado apenas em termos naturais. O mal, na verdade, existe como uma escuridão na alma de todo ser humano e como uma força espiritual *e* concreta no mundo. "A Sombra dessa fortaleza medonha", escreveu o poeta escocês Sir David Lyndsay, "tem mais de dez quilômetros de extensão".[13] Assim como a guerra que eles conheceram na Frente Ocidental, a Sombra é uma força desumanizadora. Ela tenta dominar ou destruir qualquer coisa que resista à sua vontade. E esse é o fato irreprimível por trás de suas histórias, a realidade que impulsiona os seus personagens à ação.

Em *O Senhor dos Anéis*, Bilbo Bolseiro, dono de um Anel misterioso, volta para casa e é recebido por seu grande amigo, o mago Gandalf. Gandalf insiste que Bilbo entregue o Anel ao seu jovem herdeiro, Frodo Bolseiro. O Anel Soberano tem poderes especiais: seu portador, tornando-se invisível, consegue ver os pensamentos de todos aqueles que usaram os anéis inferiores, podendo controlá-los e até mesmo aprisioná-los. Criado por Sauron, o Senhor do Escuro, o Anel se tornaria a principal arma em sua tentativa de dominar toda a Terra Média. Sauron faria qualquer coisa para recuperá-lo, como explica Gandalf:

> *Um Anel para a todos governar, um Anel para encontrá-los,*
> *Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los,*
> *Na terra de Mordor, onde as Sombras se deitam.*

Quando Gandalf visita Frodo, ele o adverte sobre o perigo iminente e o que deve ser feito para vencê-lo. O Anel, afirma Gandalf, é um poder que corrompe. Qualquer um que continue a usá-lo será destruído por ele. Não há nenhuma mão, por mais pura que seja, que possa ser confiada ao Anel por muito tempo: sua força é tamanha, que ele transforma todo o bem em mal.

> Um mortal, Frodo, que fica com um dos Anéis do Poder, não morre,

> mas também não cresce nem recebe mais vida, ele simplesmente continua até que, por fim, cada minuto se torna exaustivo. Além disso, se usa o Anel com muita frequência para ficar invisível, ele desaparece: no final, ele se torna invisível permanentemente e caminha na luz do crepúsculo sob o olhar do Poder do Escuro que controla os Anéis... mais cedo ou mais tarde, o Poder do escuro o devorará.[14]

Uma arma tão poderosa quanto essa não pode ser enterrada ou escondida — ela precisa ser destruída. E o único lugar onde pode ser destruída é o lugar onde foi criada: nas chamas da Montanha da Perdição, em Mordor. "É lá que está a nossa esperança, se é que ainda existe", diz Elrond. "Devemos lançar o Anel no fogo".[15] O Anel deve ser levado até Mordor, e ficou decidido que Frodo carregará este fardo terrível. Essa, então, se torna a sua grande demanda — ou, melhor, sua antidemanda, já que a sua missão não é de resgate, mas de destruição.[16]

Frodo, como o Portador do Anel, sente a força do mal o pressionando, enquanto ele e seu companheiro de viagem, Sam Gamgi, se aproximam dos Portões de Mordor. É o Olho de Sauron, "envolto em chamas", que busca, incessantemente, pelo Anel a fim de atraí-lo para casa. "Aquela terrível e crescente sensação de uma vontade hostil que lutou com grande poder para perfurar todas as sombras de nuvem, e terra, e carne só para ver você: para fixá-lo, nu e imóvel, sob o seu olhar mortal", escreveu Tolkien. "Ele estava diante disso e o seu poder foi sentido em sua fronte".[17]

Lewis tinha uma compreensão do mal bastante parecida: é um poder objetivo no mundo e trava uma guerra pelas almas de cada ser humano. Ele busca criar uma sociedade de escravos, governada por déspotas e "completamente mantida pelo medo e pela ganância".[18]

Em *As Crônicas de Nárnia*, Lewis expôs, em sete romances, o desenrolar da história do reino imaginário de Nárnia — um reino dilacerado pela guerra. Acompanhamos as aventuras de crianças inglesas do mundo real (a Londres atual) que são magicamente transportadas para Nárnia, terra de seres míticos

(faunos, sátiros e centauros) e animais falantes (ursos, texugos, toupeiras e ratos). Lá, elas conhecem Aslam, o grande Leão e "Senhor dos Bosques e Filho do grande Imperador de Além-Mar". Aslam chama as crianças para ajudá-lo a resgatar Nárnia de um novo despotismo e para restaurar o trono de Nárnia à sua linha legítima de reis.

Assim que as quatro crianças da família Pevensie — Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia — chegam a Nárnia, elas se deparam com uma força do mal. É a figura da Feiticeira Branca, a Rainha do Gelo. Ela é uma bruxa e bruxas em geral são assim. "Não estão jamais interessadas nas coisas ou nas pessoas, mas na utilidade eventual destas".[19] Embora ela tenha sido derrotada, a Feiticeira Branca voltou à vida graças à insensatez humana: "A Feiticeira Branca? Quem é ela?", pergunta Lúcia. "Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia", responde o Fauno. "Por causa dela, aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine isso!".[20]

Em *O Sobrinho do Mago*, as crianças ouvem um som que emana das profundezas da terra, uma voz assombrosa — "a Primeira Voz" —, voz tão linda que chegava a ser quase insuportável. A voz era de Aslam e ele estava fazendo uma convocação para o novo mundo — a criação de Nárnia. A música de sua voz enche as crianças de alegria, embora não entendam direito o que está acontecendo. "Mas a Feiticeira olhava como se, de algum modo, entendesse mais daquela música do que ninguém", escreveu Lewis. "De boca fechada, lábios contraídos, punhos cerrados, desde que a canção começara, sentia que aquele mundo se enchia de uma Magia diferente da sua — e mais forte. E ela a detestava".[21]

Nos mundos da Terra Média e de Nárnia, o mal é uma perversão do bem, que é a realidade definitiva. Apesar de Lewis ser muito mais explícito ao nomear Deus como a fonte de tudo o que é bom no mundo, Tolkien compartilha de sua crença cristã de que o mal representa uma rejeição a Deus — e à alegria, à beleza e à virtude que se originam nele.[22] O mal é uma mutação, um parasita, um intruso. É uma Escuridão

ancestral que teme e despreza a Luz. Em guerra contra o bem, é uma força imensamente poderosa na vida humana e em suas sociedades. “Se o sofrimento fosse visível”, explicou Tolkien certa vez, “quase a totalidade deste planeta tenebroso estaria envolvido por uma densa névoa escura, coberto e cercado pela visão assombrada dos céus!”.[23]

A presença e o poder do mal são tema dominante na trilogia de ficção científica de Lewis. Em seu primeiro romance, *Além do Planeta Silencioso* (1938), somos apresentados a Elwin Ransom, um professor universitário de meia-idade que — assim como Lewis, ferido durante a guerra — tende a cuidar da própria vida. Ele é sequestrado por Dick Devine e pelo Dr. Weston, um cientista louco que deseja, custe o que custar, levar a raça humana para outros planetas. Eles viajam para Malacandra (Marte), onde descobrimos que o governante de Thulcandra (Terra) tornou-se “dobrado” e passou a desejar “destruir outros mundos além do seu”. Contudo, “uma grande guerra” entre ele e Maleldil, o governante de todo o universo, deixou a Terra isolada do resto do sistema solar.

As aventuras de Ransom continuam em *Perelandra* e em *Aquela Fortaleza Medonha*, onde a luta para refazer e subjugar a raça humana atinge o ápice no planeta Terra, na cidade inglesa de Edgestow. Lá, uma força sinistra, incorporada no Instituto Nacional de Experimentos Coordenados (N.I.C.E.), foi instalada. Ransom alerta: “A Fortaleza Medonha segura toda a Terra em sua mão para esmagá-la segundo seus desejos”.[24] Ela atraiu em seu redemoinho o professor Mark Studdock e sua mulher, Jane, que percebem quase tarde demais a natureza daquela ameaça. Tem início, então, uma batalha de proporções cósmicas. Não é de surpreender que o tema central dessa história seja o uso abusivo da ciência e da tecnologia. Uma das primeiras resenhas da obra, publicada na revista *Punch*, dizia o seguinte: “Foi um grande triunfo o Sr. Lewis ter mostrado, com credibilidade arrasadora, como as pequenas almas lamentáveis de Jane e Mark Studdock se tornam o campo de batalha apocalíptico do Céu e do Inferno”.[25]

Quando, na década de 1930, Tolkien e Lewis começaram a criar suas histórias, a crença tradicional na existência do mal já estava fora de moda. Como vimos, os líderes de círculos cultos haviam dispensado esses "conceitos medievais", considerando-os vestígios da superstição religiosa. Mesmo atualmente, o conceito do mal continua sendo, talvez, o mais polêmico em qualquer discussão sobre Deus, religião, ou cristianismo. Os céticos o enxergam como ferramenta psicológica para reprimir os membros de uma comunidade ou para demonizar aqueles que não fazem parte dela. Em uma coisa eles estão certos: nenhuma pessoa que estude a história do Ocidente pode deixar de notar o abuso de doutrinas religiosas para finalidades perversas.

Contudo, esses autores fundamentam as suas histórias na ideia antiga de Queda do Homem: assim como entrou em nosso mundo em um passado distante, a força do mal continua habitando e ameaçando os mundos de sua imaginação. É a mais profunda fonte de alienação e conflito em suas histórias. Mesmo assim, ela não é capaz de apagar o desejo pelo bem e pela alegria, tão palpavelmente vivo nas melhores e mais nobres de suas personagens. A lembrança do Éden os persegue: tire essa imagem fundamental e a sua visão moral desmorona.[26]

DESTINO E LIVRE ARBÍTRIO

Podemos esperar que suas narrativas, sustentadas por essas crenças, sigam em uma de duas direções: ou em direção ao triunfalismo do combatente, como vimos durante a Primeira Guerra Mundial, ou em direção ao fatalismo, estado de espírito que transforma homens e mulheres em vítimas indefesas nas tempestades da vida. Ao contrário disso, os heróis da Terra Média e de Nárnia são muito mais complexos: muitas vezes, prejudicados por seus próprios medos e deficiências; eles resistem ao fardo da guerra. No entanto, também vemos neles uma afirmação da responsabilidade moral — uma dignidade

irredutível — mesmo em meio às terríveis forças unidas contra eles.

Essa tensão aparece repetidamente — incansavelmente — em *O Senhor dos Anéis*, desde as suas primeiras páginas até os seus capítulos finais. Imediatamente após Gandalf explicar a Frodo que Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro, ressurgiu e voltou a Mordor para dar continuidade aos seus desígnios perversos, Frodo recua. "Queria que o anel nunca tivesse sido dado a mim e que nada disso tivesse acontecido", diz ele. Gandalf, então, responde: "Assim como todos que testemunham tempos sombrios como este, mas não cabe a eles decidir, o que nos cabe é decidir o que fazer com o tempo que nos é dado".[27]

Quando o Conselho se reúne em Valfenda para decidir como o Anel será destruído, Elrond lembra à Comitiva que a ajuda virá de "outros poderes e reinos que vocês não conhecem". Mesmo assim, ele avisa que o caminho pela frente será muito difícil. "Esta demanda tanto pode ser feita pelos fracos com esperança quanto pelos fortes. É sempre assim o curso dos fatos que movem as rodas do mundo: as mãos pequenas os realizam porque precisam, enquanto os olhos dos grandes estão voltados para outros lugares".[28]

Frodo é acompanhado em sua demanda por seus amigos do Condado: Sam, Merry e Pippin. Além dos hobbits, ele tem a ajuda de Aragorn, um Guardião do Norte — um rei "oculto" de Gondor — cuja vida é dedicada à guerra contra Sauron; Legolas, rei dos elfos da Floresta das Trevas; e Gimli, um descendente de Glóin, uma linhagem nobre de anãos. Gandalf, o Cinzento, também se juntou a eles, sendo o seu poderoso protetor e guia. Gandalf, porém, se perde deles ao ser arrastado para um abismo por Balrog, na Ponte de Khazad-dûm, enquanto o restante da Comitiva precisa fugir para se salvar. A perda perfura suas almas com uma grande dor. "Frodo ouviu Sam chorando ao seu lado e, então, se deu conta de que ele também chorava enquanto corriam".[29]

No entanto, todos seguem em sua jornada. Eles chegam a Caras Galadhon, onde mora Galadriel, “a mais poderosa e mais bela de todos os elfos que permaneceram na Terra Média”.[30] Quando se reúnem diante dela, ela fixa seus olhos em cada um deles e dá um aviso brutal: “A Demanda está por um fio. Desviem só um pouco do caminho e nada dará certo, para a ruína de todos”.[31] O que eles deveriam fazer?

O relato de Tolkien sobre a condição do coração deles é tão verdadeiro para a vida humana que caminha na sombra da morte quanto qualquer coisa presente na prosa moderna. Cada um deles se depara com a clareza espantosa da escolha que devem fazer: continuar a sua demanda, em direção a perigos e horrores indizíveis, ou tomar o caminho mais fácil e seguro e retroceder. “Todos eles, ao que parecia, sentiam-se da mesma maneira: cada um deles sentiu que lhe fora oferecida a escolha entre uma sombra cheia de medo que encontrariam em seu caminho e algo que muito desejavam. Isso estava claro na mente de cada um, e para conseguir o que queriam, bastava deixar aquela jornada e abandonar a Demanda e a guerra contra Sauron para ser lutada por outros”.[32]

A escolha enfrentada por eles também era uma convocação; não o acaso cego, mas um Chamado para suas vidas. Quem recebe um Chamado pode atendê-lo — ou recusá-lo, dar as costas e andar em direção às Trevas. Contudo, a indiferença ao Chamado para lutar contra o mal não é uma opção; é preciso escolher um lado. Assim, colocado diante de nossa imaginação pelas obras de Tolkien e Lewis está um dos maiores paradoxos de nossa vida mortal: a misteriosa convergência da providência com o livre arbítrio.[33]

Observe a conversa entre Frodo e Sam enquanto descansam por alguns momentos nas escadas de Cirith Ungol, a fenda entre as Montanhas Ocidentais de Mordor. A área estava fortemente cercada pelo Inimigo. Obrigados a confiar no traiçoeiro Gollum como guia, eles estão preocupados, cansados e sem comida e água. Ao refletirem a respeito de sua situação, Sam filosofa sobre os acontecimentos que os levaram até

aquele momento de perigo e sobre as escolhas que eles fizeram ao longo do caminho.

> "Não gosto de nada neste lugar", disse Frodo. "Degrau ou pedra, sopro ou osso. Terra, água e ar, tudo parece amaldiçoado. Mas assim está traçado o nosso caminho".
>
> "Sim, é verdade", respondeu Sam. "E não estaríamos aqui se soubéssemos mais a respeito de tudo o que nos aguardava quando começamos. Mas acredito que é assim na maioria das vezes. As coisas corajosas dos contos e canções antigas, Sr. Frodo: as aventuras, como eu costumava chamá-las. Pensava que eram coisas que os personagens maravilhosos das histórias saíam à procura, porque eles queriam vivê-las, porque eram emocionantes e a vida deles era monótona — como se as aventuras fossem uma espécie de passatempo, por assim dizer. Mas não é assim nos contos que realmente importam, ou naqueles dos quais jamais nos esquecemos. Nestes, geralmente, os personagens parecem se encontrar em determinada situação — o seu caminho parece ter sido traçado, como você disse. Mas acredito que eles tiveram muitas chances, assim como nós, de retroceder, mas escolheram não voltar".[34]

Essa é uma verdade que Tolkien deve ter aprendido durante a Grande Guerra, uma "aventura" que ele não buscou, mas que, indesejada, chegou. *Eles tiveram muitas chances, assim como nós, de retroceder, mas escolheram não voltar*. Essa liberdade para cumprir ou fugir do Chamado para a vida é a essência do trabalho de Tolkien — e de sua compreensão da condição humana.

Assim como Tolkien, Lewis não diminuiu a necessidade de fazer escolhas difíceis aos seus personagens principais; quase todos eles são julgados pelas decisões que tomam ou deixam de tomar quando chega o Chamado para a batalha. Em *O Sobrinho do Mago*, o cocheiro e sua mulher, um casal humilde de uma área modesta de Londres, são escolhidos para governar Nárnia, como seu primeiro rei e rainha. Eles são avisados de que encontrarão adversários ao trono. O que, Aslam pergunta, eles farão para defendê-lo?

> "E se inimigos vierem combater a terra (pois eles virão), será você o

> primeiro a atacar e o último a bater em retirada?"
>
> "Bom, senhor", respondeu o cocheiro lentamente, "um sujeito só pode saber as coisas depois que as experimenta. Até hoje só briguei com os meus próprios punhos. Espero... quer dizer... tentarei fazer a minha parte".
>
> "Se o fizer", disse Aslam, "você terá feito tudo o que um rei deve fazer".[35]

Somos levados a crer que as escolhas desses personagens — suas decisões de abandonar o medo e o ego e escolher fazer o bem — são feitas livremente, mas, ainda assim, com a ajuda de uma fonte de força externa a eles. Tolkien foi relutante em dar nome a esse poder, embora em certa ocasião tenha explicado que "o elemento religioso é absorvido pela história e pelo simbolismo".[36] Assim, em *O Senhor dos Anéis*, vemos que Bilbo "estava destinado a encontrar o Anel", que Frodo foi "designado" e "escolhido" para levá-lo até Mordor e que, mesmo quando a Sociedade decide qual será o seu próximo passo, "as marés do destino estão fluindo". Destino e livre arbítrio estão misturados ao longo de toda a história: "Mas você foi escolhido", diz Gandalf, "e deve, portanto, usar a força, a paixão e a inteligência que possui".[37]

A alegoria usada por Lewis não deixa dúvidas sobre quem é a Pessoa que transcende as lutas de nossa vida terrena — e ela se envolve profundamente nessas lutas. Em *O Cavalo e seu Menino*, Shasta e Aravis, ajudados por cavalos falantes, correm pelo deserto para avisar a Arquelândia e a Nárnia que o exército de Rabadash se aproxima para destruí-las. Antes de atingir o seu objetivo, eles são atacados por um leão. Aravis, que está mais atrás, está prestes a ser devorada pelo animal. Shasta, então, enfrenta um momento de decisão:

> "Pare!", gritou Shasta no ouvido de Bri. "Precisamos voltar. Precisamos ajudar!"
>
> Shasta puxou os pés dos estribos, virou as pernas para o lado esquerdo, hesitou durante um pavoroso centésimo de segundo e pulou. A queda doeu horrivelmente, mas, antes de ter consciência disso, já ia cambaleando para ajudar Aravis. Jamais tinha feito uma coisa dessas em toda a sua vida e mal sabia por que estava

fazendo isso naquele instante.[38]

O leão, como descobrimos mais tarde, era Aslam disfarçado. Ele estava determinado a guiar as crianças em sua jornada, mesmo que isso significasse o enfrentamento de perigo e sofrimento. Embora Lewis tenha compartilhado apenas alguns fragmentos de sua experiência durante a guerra, podemos imaginar que, ao menos em uma ocasião, ele provavelmente precisou voltar "mancando para ajudar" algum amigo debaixo de ataque, sem entender completamente o que estava fazendo. De fato, essa cena deve ter sido bastante familiar para muitos soldados na Grande Guerra, ou em todas as guerras que já foram travadas: a imagem de um soldado se lançando ao perigo para resgatar um companheiro abatido.

PODER, CIÊNCIA E SEDUÇÃO

Uma coisa é se juntar à luta contra o mal no mundo, outra bem diferente é perseverar — continuar resistindo às tentações tenebrosas inerentes à luta. Nunca é demais enfatizar que a tragédia humana da Primeira Guerra Mundial prejudicou a própria ideia de livre arbítrio. Afinal, milhões de homens foram lançados no impiedoso conflito que roubou a sua humanidade. Eles foram mutilados, bombardeados, golpeados, atacados com gás e completamente destruídos sem piedade. O desamparo completo de cada soldado na Frente Ocidental foi um tema recorrente da literatura do pós-guerra.

É exatamente essa ideia que Tolkien e Lewis repudiam em suas obras. Em *A Sociedade do Anel*, por exemplo, vemos Frodo lutar para resistir ao desejo quase irresistível de usar o Anel enquanto o terror dos Cavaleiros Negros se aproxima. Ele cede à tentação e, mais tarde, repreende-se amargamente: "pois ele agora percebeu que, ao colocar o Anel, obedeceu não ao seu próprio desejo, mas ao desejo dominante de seus inimigos".[39] Apesar de ter lutado furiosamente contra seus agressores, ele é golpeado pela Faca de Morgul, cujo veneno o

colocaria sob o poder do Senhor do Escuro. Curado por seus amigos, fica fascinado com o fato de terem conseguido escapar. “Sim, a sorte ou o destino o ajudaram”, diz Gandalf, “sem falar da coragem. Pois o seu coração não foi tocado, e apenas o seu ombro foi atingido; e isso porque você resistiu até o fim”.[40]

Em Frodo, devemos ver a nós mesmos: nossas fraquezas, nossas justificativas e nossa falta de determinação para combater o mal. Temos, também, um vislumbre de uma vida de coragem e perseverança em meio a lutas contínuas: *você resistiu até o fim*. A história de Tolkien nos lembra de que o mal é uma força incansável que atua sobre a vida humana e que a guerra contra ele exige vigilância constante.

Após o Conselho de Elrond, quando Frodo concorda em levar o Anel até Mordor, ele é confrontado por Boromir, que se juntou à Sociedade. Boromir é um “homem valente”, um guerreiro poderoso, mas também uma figura dividida entre a honra e o orgulho, o poder e a sabedoria.[41] Ele discorda da decisão do Conselho de destruir o Anel, acusando-os de serem tímidos, em vez de sábios. “Homens de coração sincero não serão corrompidos”, ele garante a Frodo. Os seus motivos, insiste, são puros: “Não desejamos o poder dos magos, desejamos apenas a força para nos defendermos, desejamos força para uma causa justa”, continua ele. “E vejam! Em nossa necessidade, o destino nos trouxe o Anel do Poder... é loucura não o usar, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo”.[42]

Tudo isso soa tão razoável aos ouvidos modernos. No entanto, é justamente a atitude de Boromir que se volta contra Frodo, obrigando-o a fugir, que desfaz a Sociedade e coloca todos os seus membros em perigo. Boromir se arrepende de sua traição, mas isso lhe custa a própria vida.

Para Saruman, mago originalmente comprometido a ajudar a Terra Média em sua luta contra Sauron, a traição custa a sua alma. Em seu confronto com Gandalf, ele explica que “está surgindo um novo poder” que não pode ser resistido abertamente. O caminho da sabedoria, insiste ele, é juntar-se a

esse Poder e esperar por uma oportunidade para alterar o seu curso. “À medida que o Poder cresce, seus amigos crescem também; e os Sábios, como você e eu, podem, com paciência, vir a, enfim, dirigir o seu curso e controlá-lo”, diz ele. “Podemos esperar a nossa hora, podemos guardar nossos pensamentos no coração, lamentando silenciosamente as maldades feitas pelo caminho, mas aprovando o seu propósito final e superior”.[43]

Ele garante que os seus nobres objetivos não mudariam, apenas os meios para alcançá-los. Essa mesma justificativa é oferecida por Nikabrik, um dos anões negros em *Príncipe Caspian* que se junta à resistência narniana contra os telmarinos. Depois das muitas derrotas sofridas pelo povo de Nárnia, Nikabrik começa a ficar pessimista. Em um conselho dos conselheiros de Caspian, eles decidem tocar a trompa que pertencia à antiga rainha Susana, para pedir ajuda a Aslam. Quando, porém, a ajuda não chega, o amargurado Nikabrik sugere que talvez seja a hora de buscar ajuda em outro lugar:

> “Ou Aslam morreu”, começa Nikabrik, “ou ele está contra nós. Ou então... algum poder maior do que ele não deixa que ele venha. O melhor, portanto, é a gente não contar com Aslam. Não era dele que eu falava”. Ninguém replicou, e por um momento o silêncio foi tão completo que Edmundo pôde ouvir distintamente a respiração ruidosa do texugo.
>
> “Então, do que está falando?”, perguntou Caspian, por fim.
>
> “Falo de um poder muito maior do que o de Aslam e que, se a lenda diz a verdade, dominou Nárnia durante anos e anos”.
>
> “A Feiticeira Branca?!”, exclamaram três vozes ao mesmo tempo...
>
> “Sim”, respondeu Nikabrik, falando distinta e pausadamente. “Estou falando da Feiticeira. Sentem-se novamente. Não se assustem com o pronunciamento de um nome como se fossem crianças. Queremos poder: e queremos um poder que esteja do nosso lado”.[44]

A crueldade de Nikabrik e a sua disposição de se comprometer com o mal são a sua ruína. É difícil imaginar uma história melhor que possa servir de lição para o guerreiro que existe em todos nós: por mais nobres que sejam os

motivos, eles podem ser facilmente distorcidos pelo desejo de glória e pelo gosto por poder.

Para Tolkien e Lewis esse era um tema de extrema urgência. No mundo moderno, as novas tecnologias — o que Winston Churchill chamou de "as luzes da ciência pervertida" — estavam sendo utilizadas para extinguir a liberdade humana. "As ciências físicas, boas e inocentes em si mesmas já haviam, nos tempos de Ransom, começado a ser distorcidas e sutilmente manobradas a uma determinada direção", escreveu Lewis em *Aquela Fortaleza Medonha*. "A aversão à verdade objetiva estava sendo cada vez mais incutida na mente dos cientistas; a indiferença a ela e uma concentração no mero poder foi o resultado disso".[45]

A relação perversa entre tecnologia, ciência e poder tornou-se uma realidade definidora dos anos pós-guerra. Eugenia, comunismo, fascismo, nazismo: essas eram as revoluções e ideologias que surgiram a partir do enfraquecimento das democracias europeias, tudo em nome do avanço da raça humana. Tudo começou com a promessa de libertação da opressão; todas essas ideologias se tornaram instrumentos do controle totalitário. "Os sonhos do destino futuro e distante do homem", escreveu Lewis, "estavam se arrastando para fora de sua cova rasa e inquieta: o antigo sonho do homem tornar-se Deus".[46] Como explica o biógrafo de Tolkien, Tom Shippey: "A maior desilusão do século XX foi em relação às boas intenções políticas, que levaram apenas a *gulags* e a campos de concentração. É por isso que o que Gandalf diz soa tão verdadeiro a praticamente qualquer pessoa que o lê".[47]

A DESCIDA PARA A ESCURIDÃO

O poder do mal não se limita a uma única e rápida decisão de se juntar ao Inimigo. O seu poder atua, mais frequentemente, trazendo uma perversão sutil e gradual. Este é, de fato, o fardo da história de Tolkien: se Frodo será capaz de

resistir à influência destruidora de almas do Anel e levá-lo até o seu destino. Graças ao seu grande poder, o Anel poderia ser usado para derrubar Sauron. Contudo, esse poder está condicionado a servir ao seu criador perverso e "o seu próprio desejo corrompe o coração". Elrond explica o dilema inescapável: "E este é outro motivo pelo qual o Anel deve ser destruído: enquanto existir no mundo, ele será uma ameaça até mesmo para os Sábios. Pois nada é mau no começo. O próprio Sauron não era mau. Temo pegar o Anel até para escondê-lo. E não o pegarei para usá-lo".[48]

No centro moral de *O Senhor dos Anéis* está o antigo problema do desejo pelo Poder: a tentação universal de explorar, dominar e controlar a vida dos outros. Esta é a força motriz que impulsiona o grande Inimigo da Terra Média. "Mas a única medida que ele conhece é o desejo", diz Gandalf, "desejo por poder".[49] Como Tolkien escreveu sua trilogia durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando o mundo havia entrado na era atômica, muitos acreditavam que a história do Anel seria uma advertência alegórica sobre o perigo das armas nucleares. Tolkien, porém, esclareceu: "É claro que a minha história não é uma alegoria sobre o poder atômico, mas sobre o Poder como um todo", disse ele, "utilizado para a Dominação".[50]

Pode muito bem ser, como afirmam alguns estudiosos, que a "escuridão crescente" sobre os remanescentes do Ocidente na Terceira Idade da Terra Média tenha sido inspirada na "tempestade crescente" do fascismo europeu que ameaçava a civilização ocidental nas décadas de 1930 e 1940.[51] Dois dos filhos de Tolkien, Christopher e Michael, lutaram na Segunda Guerra Mundial e as suas cartas aos filhos durante esse período contêm inúmeras referências à sua própria experiência de guerra. As incertezas e terrores de um segundo conflito global em seu tempo de vida, sem dúvida afetaram o seu psicológico e suas forças.

No entanto, o apelo do trabalho de Tolkien reside, em parte, no fato de que os acontecimentos contemporâneos pareciam

corresponder — tragicamente — ao padrão de vida humana expresso em suas páginas.[52] Nisto, Tolkien entendia o problema não meramente como o abuso de poder: era a tentação ao orgulho, que a posse do poder instigou e elevou ao pecado fatal. "Fazia parte do engano essencial do Anel", explicou ele, "preencher as mentes com a imaginação do poder supremo".[53] A posse de tal poder inevitavelmente colocava o Eu absoluto no trono do universo.

Grande parte da inteligência dramática de *O Senhor dos Anéis* está no fato de que nenhum de seus personagens, nem mesmo os mais nobres, está imune ao perigo; qualquer um deles pode ser tentado a trair a si mesmo e a causa. "Cheguei", diz Frodo, segurando o Anel à beira do abismo, na Fenda da Perdição. "Mas não escolho agora fazer o que vim para fazer. Não farei isso. O Anel é meu!". No final, até mesmo Frodo — que tentou, de todo o seu coração, não ser o Portador do Anel — não conseguiu resistir ao seu poder de sedução.[54]

Assim como Tolkien, Lewis estava plenamente consciente da sedução enganosa do poder. Um tema recorrente em suas obras é como concessões pequenas e sutis podem ser o início da corrupção total. "O tamanho dos pecados não importa, desde que o seu efeito cumulativo seja o de afastar o homem da Luz e levá-lo para o Nada", aconselha o diabo em *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, de Lewis. "De fato, o caminho mais rápido para o Inferno é aquele que é gradual — um leve declive, um caminho suave, sem curvas abruptas, sem marcações e sem placas".[55]

Esse *insight* é colocado de forma magnífica em *Aquela Fortaleza Medonha*, quando Mark Studdock é seduzido pelos agentes perversos do N.I.C.E. Eles querem que Studdock escreva uma notícia falsa sobre "desordens" em Edgestow, o que daria ao Governo uma desculpa para exercer controles de emergência — aumentando seu domínio sobre a cidade. "Mas como vamos escrever a notícia esta noite se a desordem ainda não aconteceu e deve acontecer, no mínimo, amanhã cedo?",

ele pergunta. Os agentes caem na gargalhada e lhe servem mais bebida.

O que ocorre em seguida é uma descrição da queda de um homem comum à escuridão, uma cena que, sem dúvida, se repetiu incessantemente durante o caos das revoluções culturais após a Grande Guerra:

> Essa foi a primeira coisa que os agentes pediram que Mark fizesse e que ele mesmo, antes de fazer, sabia claramente ser algo criminoso. Contudo, o momento em que consentiu em fazer aquilo quase passou despercebido por ele; com certeza não houve qualquer dificuldade, qualquer sensação de estar passando do limite... Mas, para ele, aconteceu naturalmente em meio às gargalhadas de seus colegas de profissão, que, de todas as forças terrenas, é a mais forte e capaz de influenciar os homens a fazerem coisas muito ruins antes de se tornarem, de fato, pessoas individualmente más.[56]

É por esse motivo que tanto se fala da armadilha criada pela Feiticeira Branca em que Edmundo caiu, em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Ciente de que as crianças eram uma ameaça ao seu governo, ela se aproveita da fraqueza de caráter de Edmundo para fazê-lo entregar seus irmãos. Como pode Edmundo — que não era um menino obviamente ruim — não perceber a armadilha?
A resposta é um desejo duplo: “Manjar turco e ser um príncipe”. Essas se tornam as obsessões de sua vida. Manjar turco é o doce preferido de Edmundo e a Feiticeira Branca usa isso como isca para atraí-lo. Se ele concordar, ela o leva a acreditar que poderá comer quantos doces quiser. Ela promete também que fará dele um príncipe que governará sobre seus irmãos.

Edmundo sucumbe. Ele é o culpado por sua queda ao ceder à tentação; ele se entrega à gula e ao desejo de dominar sobre os outros. No entanto, há também uma força externa em ação: Edmundo não sabia, mas o que ele comeu foi um doce “encantado” e “quem o provasse, ficaria querendo sempre mais e chegaria a comer, a comer, até estourar”.[57] Lewis estava descrevendo com isso, é claro, um vício induzido pela fraqueza

moral — desejo por prazer e poder.

UMA PSICOLOGIA DO BEM E DO MAL

A ideia de culpa moral pessoal, entretanto, era amplamente rejeitada nos anos do pós-guerra. Psicologia, filosofia, literatura e até teologia — todas essas disciplinas estavam ajudando a destruir a ideia de responsabilidade individual. Os vícios e dependências eram explicados clinicamente ou cientificamente, e não em termos morais ou religiosos. Forças "coletivas" ou "biológicas" substituíram os conceitos antiquados de "pecado".

Já em 1924, por exemplo, o advogado Clarence Darrow defendeu dois homens de Chicago acusados de assassinar um menino a sangue frio, fazendo a seguinte alegação: ele insistiu que atos criminosos eram resultado de uma falha de evolução, e não de uma falha de consciência. Em seus argumentos finais, Darrow disse que a verdadeira questão perante o tribunal era se ele adotaria a "velha teoria" de que uma pessoa comete um ato criminoso "porque deseja fazer isso voluntariamente, propositalmente e maliciosamente por causa da perversidade do seu coração", ou a nova teoria científica de que "todo ser humano é o produto da hereditariedade infinita de sua origem e do ambiente ao seu redor".[58]

A negação da responsabilidade individual também assumiu um aspecto político. As explosões de violência revolucionária que abalaram a Europa do pós-guerra — os expurgos e assassinatos na Rússia de Lênin, por exemplo — foram justificadas como fazendo parte de uma fase necessária para alcançar sua visão utópica. Um oficial da Polícia Secreta Soviética, a *Cheka*, explicou o seguinte: "Não estamos em guerra contra indivíduos. Estamos exterminando a burguesia como classe social".[59] Como escreveu Paul Johnson, logo após tomar o poder, Lênin "abandonou a ideia de culpa pessoal e, com ela, toda a ética judaico-cristã de responsabilidade pessoal".[60]

Tolkien e Lewis rejeitavam explicitamente essa visão e a consideravam um ataque à liberdade humana. Os personagens de suas obras de fantasia são continuamente testados pelas escolhas que lhes são apresentadas. Cada um deles se envolve em uma grande disputa moral, uma batalha contra forças que podem devorar sua alma. "'É muito doloroso', disse Tisroc, com sua voz grave e baixa. 'Toda manhã o sol se escurece em meus olhos e toda noite meu sono é menos revigorante, porque me lembro de que Nárnia ainda está livre'".[61] No entanto, seus personagens têm o poder de escolha; não existe nada predeterminado sobre o resultado. É por meio de suas próprias decisões, quando se rendem aos próprios desejos egoístas, que eles convidam uma crise espiritual para a própria vida. O resultado disso não é a liberdade que eles imaginaram, mas, ao contrário, a mais profunda escravidão de suas mentes e corações.

A visão psicológica da Terra Média e de Nárnia não poderia estar em um descompasso maior com a visão moderna: nos mundos criados pelos autores há um apelo ao que pode ser chamado de "psicologia do mal", tão antiga quanto a história de Caim e Abel. É a história de homens e mulheres que receberam um direito inato à liberdade, mas abusam dessa liberdade por objetivos egoístas. "Saiba que o pecado o ameaça à porta", alertou Deus a Caim, antes que este assassinasse o seu irmão. "Ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo".[62]

Embora a obra de Tolkien não aparente ter base religiosa — não há orações ou atos de adoração, por exemplo —, seus personagens estão conscientes de uma Lei Moral, uma fonte de Bondade à qual devem prestar contas.[63] O conflito entre Mordor e a Terra Média ocorre em um mundo de verdades morais atemporais, onde homens e mulheres devem escolher um lado na extraordinária batalha entre a luz e a escuridão. "Como deve um homem julgar o que precisa fazer em tempos como esses?", pergunta Éomer. A resposta de Aragorn é inequívoca: "Como sempre julgou". "O bem e o mal não mudaram desde o passado; tampouco são uma coisa entre

Elfos e Anãos e outra entre Homens. Cabe ao homem discerni-los". Em sua crítica da obra de Tolkien, Lewis declarou que essa é "a base de todo o mundo tolkieniano".64

Os críticos às vezes acusam os autores de criarem personagens muito caricatos para personificar suas crenças religiosas. Contudo, o leitor atento percebe algo completamente diferente: pessoas frequentemente em guerra contra os próprios desejos. Os heróis dessas histórias são vulneráveis às tentações e à corrupção, enquanto aos antagonistas raramente é negada a possibilidade de redenção. No mundo da fantasia e do mito ninguém escapa da grande e perturbadora sombra da Queda bíblica.

Na verdade, a crença fundamental na existência do mal e na responsabilidade pessoal de resistir a ele é o que confere às obras de Tolkien e Lewis sua dignidade e poder. É a razão pela qual suas histórias, mesmo com um estilo tão fantástico, são tão relevantes em nossa realidade presente. A guerra contra o mal é o cenário moral desta vida mortal: uma jornada de almas corrompidas ou redimidas, arrastadas para a Escuridão do eu, ou conduzidas à Luz da graça.

O REALISMO DA FANTASIA

Por mais importantes que sejam esses temas nas obras de Tolkien e Lewis, não podemos esquecer o fato de que fazem parte de uma narrativa de guerra física brutal. Nárnia e a Terra Média são mundos completamente envolvidos em conflitos violentos — assim como estava o mundo de seus autores durante os anos de 1914 a 1918. Apesar de serem considerados romances, não há nada de romântico nas cenas de sofrimento descritas ao longo destes livros.

A quantidade de refugiados foi uma das características que mais definiu a guerra. Paris sofreu um êxodo em massa de civis após o primeiro bombardeio que atingiu a cidade em agosto de 1914. Em setembro, cerca de 700 mil pessoas haviam deixado

Paris, das quais 220 mil eram crianças com menos de 15 anos.[65] Em outubro, depois que os alemães chegaram ao porto de Ostende, na Bélgica, quase todo o país ficou sob ocupação alemã. Dezenas de milhares de refugiados fugiram para a Inglaterra. Thomas Hardy escreveu:

> Então acordei; e eis que diante de mim estavam
> Aqueles de quem ouvimos falar, mas pálidos e cheios de medo;
> Eles vieram de Bruges, da Antuérpia e de Ostende...
> Com telhados destruídos, ardendo em chamas.[66]

Os refugiados continuaram chegando das cidades, vilas e aldeias da Europa até o fim da guerra; o Exército Britânico e o Exército Americano encontraram milhares deles durante a enorme ofensiva de primavera alemã, em 1918. Por isso, Tolkien incluiu cenas de refugiados aflitos em suas obras. Eles aparecem na fuga de Tuor e sua família, que escaparam da cidade destruída, em "A Queda de Gondolin". Eles são os moradores forçados a abandonar a Cidade do Lago pela morte de Smaug, em *O Hobbit*. Em *O Senhor dos Anéis* eles são o povo de Westfold — "velhos e jovens, crianças e mulheres" — que se escondem nas cavernas do Abismo de Helm.[67] Eles também foram representados pelos desesperados habitantes de Minas Tirith, que escapam em caravanas para as colinas do sul antes da Batalha dos Campos de Pelennor.[68]

Em *O Retorno do Rei*, lemos sobre a feroz luta existencial entre as forças de Mordor e o exército de Gondor. Essa é a grande batalha desta grande e cruel guerra e seus mortos foram tantos que não puderam ser contados. Ela deixou os vitoriosos tão "exaustos, que não conseguiam sentir alegria, nem tristeza".[69] Em seu relato sobre a Batalha dos Campos de Pelennor, Tolkien poderia estar descrevendo a terra de ninguém no Somme:

> Então, o sol enfim se pôs atrás do Mindolluin e encheu o céu com um grande incêndio, de modo que as colinas e montanhas ficaram como que tingidas de sangue; o fogo brilhava no rio e a grama de Pelennor estava vermelha ao anoitecer. E, naquela hora, a grande

> Batalha do campo de Gondor terminou; e não sobrou um inimigo vivo na rota dos Rammas.[70]

Mais tarde na história, quando passam pelos Pântanos Mortos ao se aproximarem de Mordor, Frodo e Sam encontram uma paisagem que lembra bastante os campos de batalha na França e na Bélgica: as crateras no chão causadas pelos bombardeios cheias de água, sujeira e restos mortais; o cheiro terrível de gás mostarda; o fedor tóxico da morte. "O ar lhes parecia pesado e com um fedor amargo que os fez prender a respiração e ressecou as suas bocas", escreveu Tolkien. "Ali, nada podia viver, nem mesmo as vegetações leprosas que se alimentam de podridão. As poças estavam cobertas de cinzas e lama, e tinham uma coloração branca e acinzentada, com um aspecto doentio, como se as montanhas tivessem vomitado toda a sujeira de suas entranhas nas terras ao redor". Esta, como tantos lugares ao longo da Frente Ocidental, era uma terra profanada e doente, sem esperança de cura.[71]

Há muitas vitórias sobre as forças da escuridão em *O Senhor dos Anéis*, porém todas elas foram acompanhadas de grandes perdas. Há determinação, mas ela é muitas vezes misturada a uma sensação de pavor e ao fardo do medo de que toda dedicação e todo empenho da Sociedade possam ser em vão.

Foi exatamente isso que Merry e Pippin experimentaram após serem capturados pelos orcs e levados em direção à execução. Eles conseguem escapar, mas permanecem em um estado de perigo constante. "Nenhum ouvinte teria imaginado pelas suas palavras que eles haviam sofrido cruelmente e corrido um perigo terrível, caminhando sem qualquer esperança em direção ao tormento e à morte", escreveu Tolkien. "E, mesmo agora, que haviam escapado com vida, ambos estavam plenamente conscientes de que tinham poucas chances de encontrar um amigo ou viver em segurança novamente".[72] Essa também era a condição de guerreiros corajosos, como os terríveis Nazgûl alados. Assim como os soldados que buscavam refúgio da chuva de morteiros em Verdun, eles não pensavam "mais em guerra, apenas em

rastejar, em se esconder e na morte".[73]

Por isso a obra de Tolkien é chamada de história moderna, de uma "descida ao inferno" em sua descrição dos sofrimentos da guerra.[74] Talvez Tolkien tenha de fato escrito, de certa forma, uma espécie de diário de guerra: um relato das dores e horrores do combate, revestido de linguagem mitológica. "Seus livros realmente podem ser vistos, em determinados aspectos, como a última obra da literatura da Primeira Guerra Mundial", escreveu Brian Rosebury, "publicada cerca de quarenta anos após o fim da guerra".[75]

Como escreveu suas histórias de Nárnia para crianças, Lewis não enfatiza descrições de sofrimento físico, nem descreve os cadáveres dos mortos em combate. No entanto, ele não protege totalmente os seus leitores das brutalidades da guerra. Em *O Cavalo e seu Menino*, durante a batalha em Anvar, Shasta é lançado ao combate. Conforme o Exército da Calormânia se aproxima, o terreno se estreita entre os dois exércitos que se aproximam, e o jovem, inexperiente soldado, é tomado pelo medo. Lewis provavelmente se lembrou dos momentos anteriores ao seu primeiro teste como soldado, quando precisou enfrentar um ataque com seu batalhão no topo de suas trincheiras em Riez du Vinage: "Com as espadas em mão, escudos erguidos, orações feitas e dentes cerrados", escreveu ele. "Shasta estava morrendo de medo. Mas, de repente, pensou que ter medo naquele momento era sentir medo em todas as outras lutas de sua vida. 'É agora ou nunca'".[76]

Em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, lemos sobre a primeira experiência de combate de Pedro, o encontro com um lobo gigante. A criatura se volta contra ele com olhos ferozes e em chamas, com a intenção de despedaçá-lo. Pedro coloca seu medo de lado e enterra a espada no peito do animal. "Seguiu-se um momento pavoroso, de tremenda confusão, como num pesadelo", escreveu Lewis. "Ele puxava e enterrava a espada no Lobo, que não parecia nem vivo, nem morto. Os dentes do

animal bateram em sua testa. Era tudo sangue, calor, pelos e cabelos...". Depois que arrancou a espada do peito do animal, Pedro limpou o suor de seu rosto. "Estava exausto o herói!".[77]

Lewis uma vez admitiu que suas lembranças da guerra invadiram seus sonhos durante anos: a cena de combate de Pedro pode ter sido a lembrança de qualquer soldado que tenha golpeado o inimigo com uma baioneta pela primeira vez.

Assim como na trilogia de Tolkien, as séries de Nárinia de Lewis descrevem a guerra, não como uma propaganda para a glória militar, mas como uma necessidade cruel. Quando as vitórias são conquistadas, há uma notável falta de triunfalismo; o que vemos, na verdade, são sentimentos de espanto e gratidão pela sobrevivência após o combate. As cenas de batalha, embora nunca sejam longas, são descritas com um realismo surpreendente.

A luta de Edmundo contra a Feiticeira Branca, por exemplo, pode ter se tornado tema para música e lenda, mas o deixou destruído e ensanguentado.[78] Em *Príncipe Caspian*, Ripchip é ferido tão gravemente em combate que parecia "um amontoado de pelos molhados". O intrépido rato sai da batalha "mais morto do que vivo, com incontáveis feridas, uma pata esmagada e, onde antes ficava sua cauda, de coto enfaixado". Não existe lembrança mais precisa do sofrimento durante a Primeira Guerra Mundial do que a imagem de soldados amputados, mancando na saída de seus abrigos ou da enfermaria.

Da mesma forma, a descrição da batalha entre Caspian e o exército de Miraz coincide com os erros de cálculo e ruína dos soldados de combate:

> Por fim, chegou a noite em que tudo ocorreu da pior maneira possível, e a chuva que caíra forte o dia todo cessou ao cair da noite para dar lugar ao frio intenso... Pobre Wimbleweather, embora fosse valente como um leão, era um verdadeiro gigante nesse aspecto. Escapou na hora e no lugar errado e tanto o seu grupo quanto o de Caspian sofreram muito e causaram pouco dano ao inimigo. Os melhores do grupo dos Ursos haviam sido feridos, um Centauro

> estava terrivelmente machucado e poucos do grupo de Caspian não foram atingidos na batalha. O que sobrou foi uma comitiva abatida, reunida sob as árvores molhadas para comer o pouco que tinham.[79]

Os erros militares, os atos infrutíferos de bravura, a chuva gelada e as rações escassas: houve muitos dias e noites assim na Frente Ocidental. Animais fictícios à parte, tais cenas poderiam ter sido tiradas do diário de qualquer soldado da linha de batalha. Contudo, assim como Tolkien, Lewis não inclui essas imagens sem motivo, mas para apresentar o ambiente do desenvolvimento moral e espiritual de seus personagens. "Eustáquio permaneceu parado com o coração batendo acelerado, desejando profundamente que conseguisse ser corajoso".[80] De fato, os personagens mais atraentes de suas histórias são justamente aqueles que enfrentam os próprios medos e são transformados pela crise de seu tempo.

A BUSCA HERÓICA

Os males da Grande Guerra criaram muitos céticos e pacifistas nos anos que seguiram o encerramento do conflito. Para essas pessoas, não poderia existir nada de heroico na insanidade da guerra. No entanto, como veteranos desse conflito, Tolkien e Lewis escolheram se lembrar não somente de seus horrores e sofrimentos; eles escolheram se lembrar da coragem, do sacrifício e das amizades que tornaram aquela experiência suportável.

A recuperação do conceito medieval da busca heroica — e a sua reinvenção para a mente moderna — é uma das conquistas mais marcantes de sua obra. Seja em épicos como *Beowulf*, seja em romances como *Le Morte d'Arthur*, de Thomas Malory, Tolkien e Lewis encontraram na literatura medieval uma série de temas e ideais dignos de relembrar.[81] Mais do que isso, eles acreditavam que esse gênero oferecia a tônica para o mal-estar espiritual da era moderna. A opinião do biógrafo John Garth sobre Tolkien também se aplica a Lewis: "Ele não só preservou

as tradições ameaçadas pela guerra, mas também as fortaleceu para o seu próprio tempo".[82]

Cada um dos episódios de *As Crônicas de Nárnia* está inundado dessas tradições. Nárnia é um reino de reis e rainhas, onde prevalece um código de honra, onde o título de cavaleiro é conquistado ou perdido no campo de batalha. "Esta é a maior vergonha e tristeza que poderia ter se abatido sobre nós", diz o príncipe em *A Cadeira de Prata*. "Enviamos uma moça corajosa às mãos do inimigo enquanto ficamos para trás em segurança".[83] Os heróis dessas histórias — tenham eles a forma de príncipes, tenham a de ratos, tenham de Paulamas — estão imbuídos dos ideais medievais de sacrifício e cavalheirismo. "Senhor, minha vida está sempre ao seu dispor", promete Ripchip ao Príncipe Caspian, "mas a minha honra pertence a mim".[84]

Tolkien disse certa vez que sempre que lia uma obra medieval, isso o estimulava a produzir uma obra moderna que seguisse a mesma tradição. Foi exatamente isso que ele fez em *O Senhor dos Anéis*.[85] Como observou Verlyn Flieger, duas das figuras heroicas centrais da história, Frodo e Aragorn, carregam uma "rica herança medieval".[86] Entretanto, com esses personagens, Tolkien nos apresenta dois tipos de heróis: o homem extraordinário, o rei oculto determinado a lutar pelo seu povo e recuperar seu trono; e o homem comum, o hobbit, que, como muitos de nós, "não foi feito para demandas perigosas" e prefere o conforto e a segurança do lar.

Em Aragorn, vemos as características básicas do cavaleiro medieval: sua espada quebrada, lançada sobre a mesa do Conselho de Elrond, seu amor secreto por Arwen e sua liderança real do povo de Gondor. Contudo, é o caráter cavalheiresco de Aragorn que tem maior apelo. Sua coragem e ferocidade na batalha combinadas à sua misericórdia e ternura, especialmente para com os fracos. Seu compromisso com causas justas nunca se transforma em uma campanha por glória pessoal. "Sou Aragorn, filho de Arathorn", ele se

apresenta a Frodo e Sam. “Se por minha vida ou morte puder protegê-lo, eu o farei”.[87]

À primeira vista, Frodo parece ter muito pouco em comum com Aragorn. Ele é um órfão sem linhagem real. Por ser um hobbit, tem baixa estatura e é discreto por natureza. Ele não é um guerreiro. Ele vê o fardo do Anel com ressentimento e o aceita quase por acidente. No entanto, Tolkien nos apresenta um Frodo cujo caráter é aprofundado e desenvolvido pelas provações que enfrenta. Ele vence seus medos e enfrenta a morte contra os Cavaleiros Negros. Ele tem piedade do desprezível Gollum. Ele luta contra a tentação constante do Anel e reúne forças para prosseguir, surpreendendo até Gandalf com a sua coragem. “Meu caro Frodo!”, ele exclama. “Os hobbits realmente são criaturas fascinantes. Pode-se aprender tudo sobre eles em um mês, mas, mesmo após cem anos, ainda podem surpreendê-lo”.[88]

Após a Primeira Guerra Mundial, havia um profundo ceticismo em relação ao “idealismo moralista” que supostamente teria causado o massacre sofrido na Frente Ocidental.[89] O liberalismo moderno passou a considerar a natureza combativa do homem como um mal e o cavalheirismo como o “falso *glamour*” da guerra.[90] Mesmo antes do Iluminismo, é claro, muitos europeus (e americanos) já desprezavam os valores associados ao mundo medieval. As forças da democracia, do secularismo e do feminismo ajudaram a desprezá-lo por completo.

Não é de admirar que alguns críticos acusem Tolkien e Lewis de formarem a “retaguarda cultural da Idade Média”. Lee Rossi escreveu: “Eles demonstram uma enorme nostalgia pela estabilidade política e pela harmonia cultural da Idade Média”.[91] Na verdade, nenhum dos dois buscou um retorno aos ideais políticos ou sociais da cristandade.[92] No entanto, eles viam sua tradição de valentia e cavalheirismo como prática e fundamental. “Ela ensinava sobre humildade e paciência ao grande guerreiro”, observou Lewis, “porque todos sabiam, por

experiência própria, o quanto ele precisava aprender aquela lição".[93]

Por isso, os personagens mais nobres em suas histórias exibem gentileza, bem como força, qualidades incorporadas no maior cavaleiro de Morte d'Arthur: "Foste o homem mais manso que já jantou em um salão entre damas; e tu foste o cavaleiro mais severo contra teu inimigo mortal, em quem lançaste tua flecha". Os heróis de Nárnia e da Terra Média não se esquivam da terrível visão de membros amputados e crânios esmagados; no entanto, também são homens e mulheres de grande humildade e modéstia. O efeito pretendido pelos autores com esses personagens era resgatar as virtudes medievais e torná-las atraentes até mesmo para um público moderno.

Por que Tolkien e Lewis, ignorando as tendências mais poderosas de sua cultura, embarcaram nesta tarefa? Parte da resposta está nos campos de batalha da França. Foi lá, quando eram jovens soldados, que encontraram essas virtudes — nos oficiais, soldados e enfermeiros da Frente Ocidental. Foi lá, de acordo com Tolkien, que surgiu a inspiração para o seu personagem mítico mais querido. As façanhas dos hobbits revelam como os "atos da vontade inesperados e imprevisíveis, e os atos de virtude dos aparentemente pequenos, simples e esquecidos nos lugares dos Sábios e Grandes" moldaram o destino das nações.[94]

Rejeitando em igual medida os espíritos do militarismo e do pacifismo, esses autores traçaram um meio-termo: um retorno parcial ao ideal cavalheiresco. Somente uma sociedade que defendesse esse ideal — em suas artes, literatura e instituições — poderia ter esperanças de resistir às forças sombrias e famintas que se opunham. A serena e pacífica Valfenda é, talvez, uma visão do mundo como ele deveria ser, mas não como de fato é. "Na verdade, há coisas com as quais o mundo não consegue lidar", disse Tolkien, "e das quais a sua existência, entretanto, depende".[95] O ideal heroico presente em suas histórias não é escapismo, conforme ambos os autores explicaram, mas o único caminho realista disponível em um

mundo perigoso. Como explicou Lewis: “Esse ideal oferece a única saída possível de um mundo dividido entre lobos que não entendem e ovelhas que não são capazes de defender as coisas que tornam a vida desejável”.[96]

O DOM DA AMIZADE

A busca heroica entendida por Tolkien e Lewis é diferente de nossas noções modernas de heroísmo em, pelo menos, outro aspecto: não é um esforço solitário. Os estudantes de guerra compreendem essa verdade melhor do que a maioria. O historiador Stephen Ambrose apresentou a milhões de leitores a importância da amizade em tempos de guerra com o seu livro *Band of Brothers: Companhia de Heróis*, base para a premiada minissérie da HBO. É a história dos homens da Easy Company, o 506.º Regimento de Infantaria Paraquedista, 101.ª Divisão Aerotransportadora do Exército dos Estados Unidos, desde o seu treinamento inicial, em 1942, até o fim da Segunda Guerra Mundial. “Dentro da Easy Company, aqueles homens fizeram os melhores amigos que já tiveram ou viriam a ter”, escreveu Ambrose. “Eles estavam preparados para morrer uns pelos outros; e, mais importante: estavam preparados para matar uns pelos outros”.[97]

Esse fato sobre a experiência de combate foi tão relevante para os soldados que lutaram em 1914 quanto para aqueles que lutaram em 1939. A distância que separa a Primeira Guerra do nosso tempo, a crueldade do conflito, a ambiguidade dos seus objetivos, suas consequências desastrosas para a civilização ocidental — todos esses fatores juntos nos impedem de apreciar o profundo sentimento de amizade que moldou a vida de milhões de jovens soldados.

Contudo, para Tolkien e Lewis, seu conhecimento pessoal da comunhão dos homens que passam juntos pela experiência da guerra é outra característica definidora de suas vidas literárias. Como observou o biógrafo de Lewis, Alan Jacobs, a amizade é

um dos principais temas em *As Crônicas de Nárnia*.[98] Em *A Cadeira de Prata*, observamos não somente a crescente amizade entre Eustáquio e Jill Pole, mas também a lealdade teimosa de Brejeiro, conforme ele decide juntar-se aos perigos da jornada: "Não desanime, Pole", disse Brejeiro. "Estou chegando, devagar e sempre... Agora, uma tarefa como esta — uma jornada rumo ao norte logo no início do inverno, à procura de um príncipe que provavelmente nem está lá, passando por uma cidade destruída que ninguém jamais viu — será a coisa certa. Se isso não for capaz de dar jeito em um sujeito, não sei o que o fará".[99]

Vemos os laços de amizade se desenvolvendo entre Aravis e Shasta em *O Cavalo e seu Menino*, à medida que a guerra os obriga a trabalhar juntos, substituindo lentamente seus ressentimentos por uma admiração profunda e, finalmente, por amor. "Sobre Aravis, Shasta estava, mais uma vez, errado", escreveu Lewis. "Ela era orgulhosa e podia ser muito dura, mas era inquestionavelmente leal e jamais abandonaria um companheiro, gostasse dele ou não".[100]

Na verdade, pode-se dizer que a amizade substitui o romance como a expressão predominante do amor nas histórias de Lewis. Em *As Crônicas de Nárnia*, ela floresce entre as crianças (os "filhos e filhas de Adão"); entre essas crianças e os nobres narnianos (a miríade de animais falantes e criaturas mitológicas); e, principalmente, entre Aslam, o grande Leão, e todos os que o servem em amor e obediência.[101] "Para os Antigos, a Amizade parecia ser o mais feliz e humano de todos os amores; a coroa da vida e a escola da virtude", escreveu Lewis. "Já o mundo moderno a ignora".[102] No mundo de Nárnia — um reino devastado pela guerra —, seu papel essencial para a felicidade humana é confirmado do começo ao fim.

Lewis fez amizades assim pela primeira vez durante os anos da guerra: com seu irmão, Warnie, a quem ele chamava de "amigo mais querido e mais próximo" e em quem encontrou um

confidente que entendia os horrores do combate; com Laurence Johnson, que lutou ao seu lado na Frente Ocidental e compartilhava com ele o amor pela literatura e filosofia; e com Edward "Paddy" Moore, que foi enviado para o Somme e com quem fez um pacto de cuidar da família um do outro, caso um deles fosse morto.[103] Anos depois, ao refletir sobre a natureza da amizade, Lewis lembrou-se da experiência da guerra para explicar o que diferenciava o amor entre amigos de todos os outros amores terrenos:

> Cada passo da jornada nos testa para saber se nossos laços são fortes e verdadeiros; e esses testes são testes que entendemos perfeitamente porque nós mesmos estamos passando por eles. Portanto, conforme se provam verdadeiros, vez após outra, nossa confiança, nosso respeito e admiração crescem e se transformam em um amor Apreciativo de um tipo singularmente sólido e provado. Se, no início, tivéssemos prestado mais atenção a esses laços do que à "natureza" de nossa Amizade, não teríamos nos conhecido e amado tão bem. Não se encontra o guerreiro, o poeta, o filósofo ou o cristão olhando-os nos olhos como se fossem uma amante: é melhor lutar ao seu lado, ler, discutir e orar com ele.[104]

Sabemos, também, como Tolkien era dedicado aos amigos de seus tempos de escola, os membros do TCBS. Em 1916, quando já esperavam ser logo enviados para lutar na guerra, eles organizaram sua própria reunião de guerra, o "Conselho de Londres". Ali, discutiam sobre as ideias que os tocavam profundamente e prometeram ajudar uns aos outros em meio às dificuldades da guerra. Quando se alistou ao 19.º Batalhão dos Fuzileiros de Lancashire, Tolkien esperava, assim como Lewis, entrar em combate com algum de seus amigos mais próximos.[105]

Não por acaso, é claro, Tolkien deu ao primeiro livro de sua trilogia o título de *A Sociedade do Anel*. Parte do que torna a história tão atraente é ver uma conflituosa assembleia de hobbits, anãos e elfos colocando suas diferenças de lado para lutar, lado a lado, contra cada nova ameaça e perigo. Eles começam a Demanda como aliados relutantes, receosos e até mesmo desconfiados. Antes de chegarem ao fim — e depois de

enfrentarem muitos terrores e contratempos —, eles já haviam se tornado uma nobre irmandade.

No início da jornada, Elrond diz à Comitiva que cada um deve continuar apenas até onde desejar; nenhum deles tem a obrigação de ajudar o Portador do Anel até a Montanha da Perdição. Gimli logo responde: "Desleal é aquele que se despede quando a estrada fica difícil". Quando chega a Crickhollow, antes de partir para a Floresta Velha, Frodo está determinado a seguir viagem sozinho; ele não quer expor seus companheiros aos perigos que os aguardam adiante. Contudo, Merry, Pippin e Sam descobrem seu plano e o confrontam antes que ele consiga fugir. Os três insistem em acompanhá-lo. Frodo, apesar de ficar profundamente comovido, protesta: "Mas parece que eu não posso confiar em ninguém". Merry, porém, não se abala:

> "Tudo depende do que você quer. Você pode confiar em nós para permanecermos ao seu lado durante os bons e maus momentos — até o fim. E você pode confiar em nós para guardar qualquer segredo seu — o guardaremos melhor do que você mesmo. Mas você não pode confiar em nós para deixarmos que enfrente perigos sozinho e parta sem dizer uma palavra. Somos seus amigos, Frodo. Enfim, é isso. Sabemos de quase tudo o que Gandalf lhe contou. Sabemos muitas coisas sobre o Anel. Estamos com muito medo — mas iremos com você; ou o seguiremos como cães".[106]

Por mais importante que a Sociedade do Anel seja para a história de Tolkien, o vínculo de amizade entre Sam Gamgi e Frodo Bolseiro é um dos grandes triunfos de sua obra e foi inspirado, como vimos, nas relações entre os soldados que lutaram juntos nas trincheiras na frente de batalha. Como nenhum outro, Sam é o amigo que "pularia dentro da garganta de um dragão" para salvar Frodo, "se antes não tropeçasse nos próprios pés".[107] Tolkien certa vez chamou Sam de "uma joia entre os hobbits".[108]

A lealdade de Sam é testada do início ao fim, desde a sua decisão de deixar o Condado até a chegada à região de Mordor. "Será muito perigoso, Sam. Na verdade, já é perigoso", alerta

Frodo. “Provavelmente, nenhum de nós voltará”. Sam não hesita: “Se o senhor não voltar, então eu também não voltarei, isto é certo. ‘Não o deixe!’, disseram. ‘Deixá-lo?’, perguntei. ‘Eu nunca o deixaria. Irei com ele, mesmo que vá até a lua; e se algum daqueles Cavaleiros Negros tentar impedi-lo, primeiro terão de se ver com Sam Gamgi”.[109]

Quando estão prestes a chegar à Montanha da Perdição, quase no final de sua jornada, Frodo e Sam se encontram praticamente sem forças para prosseguir. Para Frodo não havia “sabor de comida, sensação de água, som de vento, lembrança de árvore, grama ou flor”. A desolação da paisagem, o céu negro, a fumaça nociva, as cinzas e os resíduos de metais, a pedra queimada e as encostas escuras da Montanha que se elevavam sobre eles eram quase esmagadores. Os dois cambaleavam em direção ao objetivo. Frodo, enfraquecido pelo grande fardo de carregar o Anel, não consegue ficar de pé e começa a rastejar.

> Sam olhou para ele e chorou em seu coração, mas nenhuma lágrima caiu de seus olhos secos, que ardiam. “Eu disse que o carregaria, mesmo que isso quebrasse a minha coluna”, murmurou ele, “e é isso que vou fazer!”
>
> “Venha, Sr. Frodo!”, gritou ele. “Não posso carregar o anel por você, mas posso carregá-lo com ele. Então, suba! Vamos, querido Sr. Frodo! Sam lhe dará uma carona. Basta me dizer para onde ir e eu irei”.[110]

Pode-se afirmar com certa segurança que apenas homens que conheceram amizades desse tipo — que viveram tais amizades nos campos de batalha — poderiam escrever passagens tão repletas de compaixão, bravura e coragem. Após a guerra, Tolkien e Lewis tentaram recapturar algo parecido com a amizade que os sustentou durante os anos de crise de 1914 a 1918. Portanto, em Oxford, eles criaram os Inklings, o grupo de amigos e colegas acadêmicos que se reuniam semanalmente — nas manhãs de terça-feira no *pub* Eagle and Child tomando cerveja e nas noites de quinta-feira nos aposentos de Lewis na universidade, tomando diferentes

bebidas — para discutir sobre seus escritos.[111]

Durante dezesseis anos aqueles homens se reuniram para ler, recitar, discutir e rir juntos. Eles se encontravam fielmente, mesmo durante os dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial. Como colocou Tolkien em uma carta datada de 23 de setembro de 1944: "Os Inklings já concordaram que a celebração de vitória, se tiverem uma, será reservar uma pousada inteira no interior, por pelo menos uma semana, e passar todo o tempo tomando cerveja e conversando, sem consultar o relógio!".[112] Lewis leu em voz alta muitas de suas obras mais importantes durante essas reuniões. "O que devo a eles é incalculável", reconheceu. "Existe algum prazer na terra tão grande quanto um grupo de amigos cristãos reunidos em volta de uma lareira?".[113]

Ao longo de quatro décadas, Tolkien e Lewis dedicaram-se ao sucesso um do outro. Tolkien, com longas conversas até tarde da noite, desempenhou um papel fundamental na conversão de Lewis ao cristianismo. Ele ajudou Lewis a encontrar uma editora para a publicação de seu primeiro romance e foi uma grande ajuda para garantir a nomeação do amigo ao cargo de chefe do departamento de inglês e membro do Magdalene College, em Cambridge, 1954, depois que Oxford negou-lhe o cargo de professor.

Ao mesmo tempo, o autor de *O Hobbit* e de *O Senhor dos Anéis* não poderia ter tido um defensor melhor de suas obras de fantasia. Lewis chegou a nomear Tolkien para o prêmio Nobel de literatura. "C. S. Lewis é um velho amigo e colega meu, sem dúvida devo ao seu encorajamento o fato de, apesar dos obstáculos (como a guerra de 1939!), eu ter perseverado e finalmente terminado de escrever *O Senhor dos Anéis*", escreveu Tolkien. "Ele ouviu o livro inteiro, pouco a pouco, lido por mim em voz alta".[114]

Quando Lewis soube que *O Senhor dos Anéis* havia sido aceito para publicação, ele escreveu a Tolkien para descrever o "imenso prazer que teria quando tivesse finalmente o livro em

suas mãos para ler e reler". E, então, acrescentou uma perspectiva marcante sobre a importância daquela obra na vida dos dois: "Mas sinto, também, muitas outras coisas. Muito da sua vida inteira, muito da vida que compartilhamos, muito da guerra, tantas coisas que pareciam estar escapando sem deixar vestígios, ficando no passado, foram agora registradas e se tornaram, de certa forma, permanentes".[115]

Essa era a qualidade dessa amizade: a nenhuma outra pessoa Tolkien ousou expor uma das maiores paixões de sua vida, a construção de sua trilogia épica, a não ser aos olhos críticos de seu grande amigo e colega. Lewis, por sua vez, se envolveu completamente no projeto. Talvez somente Lewis, um soldado, assim como Tolkien durante a Grande Guerra, pudesse reconhecer como aquela obra "tornou permanente" a experiência da dor e do sofrimento da guerra compartilhada por eles.[116]

Na contramão do espírito da época, esses autores ousaram recuperar algumas das crenças e virtudes mais antigas. Sua fé cristã em comum teve muito a ver com isso, mas talvez não mais do que o seu amor mútuo pela literatura mítica e romântica. Como o próprio Lewis descreveu, eles estavam "mergulhados" em Homero, *Beowulf*, mitologia nórdica, romance medieval e nos contos de fadas de George MacDonald.[117] O resultado disso foi um vínculo de lealdade e camaradagem que transformou a vida dos dois. "A amizade torna a prosperidade mais brilhante e ilumina a adversidade, por dividi-la e compartilhá-la", escreveu Cícero.

A experiência de Tolkien e Lewis nos faz lembrar de que grandes amizades são dádivas que nascem na adversidade: elas são possíveis pelas lutas em comum contra as trevas do mundo. "Gracioso anfitrião, Elrond Halfelven me disse que eu deveria encontrar amizade pelo caminho, secreta e inesperada", diz Frodo a Faramir. "*Certamente, não busquei a amizade que você me demonstrou. Tê-la encontrado transformou o mal em grande bem*".[118]

Embora tenha passado por períodos de frustração e tensão, a amizade de ambos perseverou até o fim. “Isso parece um golpe de machado nas raízes”, escreveu Tolkien ao saber da morte de Lewis, em novembro de 1963. “Tínhamos uma grande dívida um com o outro, e esse vínculo, com o profundo afeto que gerou, permaneceu”.[119]

Dada a paixão contemporânea por relacionamentos “virtuais”, a realização de Tolkien e Lewis não só permanece como continua a crescer em estatura. Como poucos outros autores do século passado, eles nos mostram como pode ser uma amizade quando ela busca um propósito superior e é regada por sacrifício, lealdade e amor.

A NOSSA PARTE NA HISTÓRIA

Passamos a negligenciar esse aspecto da guerra. Compreendemos muito bem suas atrocidades, injustiças, sofrimentos e horrores. Procuramos, com razão, evitar tudo isso a quase qualquer custo. Contudo, Tolkien e Lewis não ficaram satisfeitos com apenas essa versão da guerra.

Eles acreditavam que a guerra poderia ser necessária, às vezes, para preservar a liberdade humana. “Dê-me as guerras narnianas, onde lutarei como um cavalo livre entre meu próprio povo!”, disse Shasta. “Essas serão guerras sobre as quais valerá a pena falar”.[120] Eles acreditavam que uma “Fortaleza Medonha” vagava pela terra: uma força maligna que desejava destruir as sociedades humanas. Sua luta perpétua dentro da alma dos homens e contra a alma humana tornaria a paz impossível — impossível, ao menos para aqueles que desejassem viver em liberdade. “O solo do Condado é profundo”, explicou Merry em *O Retorno do Rei*. “Mas ainda há coisas mais profundas e mais altas, e nenhum feitor conseguiria cuidar de seu jardim no que ele chama de paz se não fosse por elas, as conheça ou não”.[121]

Tal conhecimento permitiu que esses autores olhassem para

a vida humana, apanhada pela calamidade de um conflito global, sem ilusões. Na verdade, o ideal heroico em suas obras se torna ainda mais comovente graças ao seu terrível realismo: na luta contra o mal, o resultado não é garantido. “A guerra está sobre nós e todos os nossos amigos, uma guerra na qual apenas o uso do Anel poderia nos dar a garantia da vitória”, disse Gandalf. “Isso me enche de grande tristeza e temor: pois muito será destruído e tudo poderá ser perdido”.[122] Tudo pode ser perdido. Ao apresentar e sustentar a possibilidade real de derrota, Tolkien e Lewis nos atraem aos seus dramas épicos.

Por mais desesperadoras que fossem as circunstâncias, no entanto, os personagens de suas histórias mantêm a capacidade de resistir ao mal e escolher o bem. O crescimento moral e espiritual deles depende da decisão de honrar ou não essas obrigações. “O indivíduo existe em um reino onde a escolha é sempre necessária”, escreveu Patricia Meyer Spacks. “A liberdade dessa escolha, para os virtuosos, é de suma importância”.[123] Como veteranos da guerra mais destrutiva que o mundo jamais vira, Tolkien e Lewis não podiam glorificar violência e dor. Mas eles também não podiam aceitar o fatalismo e o cinismo que haviam se tornado predominantes. O hino furioso de Wilfred Owen contra a guerra — “os estridentes e dementes coros dos bombardeios” — não podia ser a palavra final.[124]

Durante a Segunda Guerra Mundial, Tolkien recebeu uma carta de seu filho Christopher, que estava servindo na Força Aérea Real. Ao perceber as preocupações do filho, ele confessou conhecer a sensação de ser “o rato preso na ratoeira”, sendo convocado para um conflito mortal, e estar cercado por inimigos ferozes a todo momento. “Bem, aí está você: um hobbit entre os Uruk-hai. Continue sendo um hobbit em seu coração e lembre-se de que todas as histórias nos fazem sentir assim quando *fazemos parte* delas”, escreveu ele. “Você está dentro de uma grande história!”.[125]

Os autores cristãos mais influentes do século XX acreditavam que toda alma humana fazia parte de uma grande

história: uma guerra terrível contra a Sombra do Mal que invadiu o mundo para escravizar os filhos e filhas de Adão. No entanto, aqueles que resistem à Sombra têm a garantia de que não serão deixados sozinhos; eles receberão o dom da amizade em meio à luta e diante da dor. Mais ainda, eles encontrarão a graça e a força para perseverar, para fazer o que lhes cabe na história, por quanto tempo ela durar e aonde quer que os leve.[126]

conclusão

O RETORNO DO REI

O último soldado a morrer na Grande Guerra foi um americano, Henry Gunther, de 23 anos, soldado da Força Expedicionária Americana na França. Ele foi morto às 10h59 da manhã do dia 11 de novembro de 1918, um minuto antes do Armistício entrar em vigor.

O esquadrão de Gunther, parte da 79.ª Divisão de Infantaria, encontrou um bloqueio de metralhadoras alemãs perto da vila de Chaumont-devant-Damvillers. Contra as ordens do seu sargento, ele foi ao encontro do bloqueio com sua baioneta. Os soldados alemães, já cientes do Armistício, tentaram acenar para que ele parasse. Gunther, porém, continuou correndo em sua direção e foi alvejado pelos tiros; ele morreu imediatamente. Lê-se no registro de sua divisão: "Assim que caiu, o tiroteio cessou e um silêncio terrível tomou conta do lugar".[1]

Apesar do júbilo, das comemorações, das festas e desfiles que marcaram o fim da Primeira Guerra Mundial, um silêncio brutal pairou sobre grande parte do mundo. Era o silêncio das almas angustiadas e desnorteadas pelo massacre da guerra. O poeta Thomas Hardy, ao escrever sobre a assinatura do Armistício, sem dúvida falou por muitos:

> Alguns conseguiram, outros não, livrar-se da tristeza;
> O Espírito Sinistro zombou: "Tinha de ser assim!"
> E, novamente, o Espírito da Piedade sussurrou: "Por quê?".[2]

Assim como outros jovens autores de sua geração, Tolkien e

Lewis tentaram dar algum sentido a um conflito que tomou tanto sangue e riqueza e entregou tão pouco à causa da felicidade humana. “A Grande Guerra foi um processo pelo qual todas as grandes potências, tanto as vencedoras quanto as derrotadas, transformaram-se de baluartes da prosperidade em buracos de pobreza e dívidas”, escreveu G. J. Meyer em *A World Undone* [“Um mundo desfeito”]. “Financeiramente, assim como em muitos outros aspectos, a guerra foi um caminho para a destruição”.[3] Até certo ponto, Tolkien e Lewis foram arrastados por esse caminho de destruição: a constatação de que as crenças pré-guerra no progresso inevitável da humanidade e na criação de algo como o céu na terra estavam completamente erradas.

De fato, o desejo pelo poder permaneceu como uma característica constante da condição humana. A batalha entre o Bem e o Mal não seria resolvida dentro da história humana. Qual era, então, a base para a esperança?

QUANDO A ESPERANÇA DESAPARECE

Há momentos de suas histórias, é preciso dizer, em que a esperança é praticamente extinta. Em *A Última Batalha*, o macaco Manhoso, um servo de Rishda Tarkaan, e os calormanos conquistaram Nárnia. Ao criar “Tashlam”, uma mistura de Aslam com o demônio Tash, eles ameaçavam enganar até mesmo os seguidores mais leais do leão. A verdade se mostra uma arma inútil contra a farsa. Como explica o biógrafo Walter Hooper, esse não é o tipo de maldade que esperamos encontrar em uma história de aventura, mas sim em “uma nova e terrível dimensão onde a coragem comum parece ser impotente”.[4]

Terrível de fato. Enquanto estava caído, morrendo após defender Nárnia, o centauro Roonwit proclama a seguinte mensagem: “... lembrem-se de que todos os mundos chegam ao fim e de que a morte nobre é um tesouro que homem nenhum é

pobre demais para comprar".[5] Lewis insiste neste ponto: de que, apesar de todos os nossos esforços e sacrifícios — mesmo a ponto de morrer —, não podemos evitar a derrota final. O mundo atual, sempre nas garras das Trevas, jamais evoluirá para se tornar um paraíso terreno. Ao contrário, ele caminhará em direção a um fim repentino e violento: "um extintor apagando a vela, um tijolo destruindo o gramofone, a cortina se fechando no meio da peça".[6]

De igual forma, Tolkien se recusa a oferecer uma solução doce e fácil para a batalha da humanidade contra o mal. Ao escrever novamente ao filho Christopher durante a Segunda Guerra Mundial, ele lamentou a "terrível destruição e o horrendo sofrimento" da guerra. "Parece não existir mais qualquer traço de misericórdia, compaixão ou imaginação nesses dias negros e diabólicos".[7] O realismo amargo presente em *O Senhor dos Anéis* é o que torna o livro tão irresistivelmente relevante para a nossa própria situação. Não muito diferentes da geração do pós-guerra de Tolkien, tendemos a ser céticos em relação aos ideais de uma época anterior e às suas soluções para resolver nossos problemas modernos.

Quando os personagens de Tolkien estão quase completamente destruídos pela dor e pelo medo de perder tudo que amam, não podemos deixar de sofrer com eles. Pense na conversa de Éowyn com Faramir enquanto ambos se recuperavam dos ferimentos de batalha e esperavam com grande ansiedade enquanto a guerra pela Terra Média continuava. Ao olharem para o leste, veem "uma enorme montanha de escuridão" erguendo-se e, aparentemente, pronta para engolir o mundo inteiro. "Então você acha que a escuridão está vindo?", pergunta Éowyn. "Escuridão Inescapável?".[8]

Ao final de sua demanda, Frodo, o Portador do Anel, já havia desistido da ideia de sobreviver. Ele se resignara a uma derrota final: um dos fatos brutais sobre o mundo como o encontramos. "A esperança falha. E o fim vem", diz ele a Sam. "Basta esperar mais um pouco agora. Estamos perdidos na

ruína e na queda, e não há como escapar".[9]

Apesar de ter sido acusado tantas vezes de recorrer a um "escapismo medieval", Tolkien captura melhor a tragédia da condição humana do que qualquer cético pós-moderno. No ápice de sua jornada, nas chamas da Montanha da Perdição, apesar de toda coragem e força, Frodo fracassa em sua demanda: ele decide não destruir o Anel e sucumbe ao seu poder, colocando-o novamente no dedo. "Mas é preciso enfrentar o fato", escreve Tolkien, "de que o poder do Mal no mundo não pode ser resistido por criaturas encarnadas, por 'melhores' que sejam".[10]

É neste ponto que Tolkien e Lewis se afastam mais radicalmente do espírito de sua época. Nossos contos modernos de heroísmo — os super-heróis, superpoliciais e superespiões — apresentam protagonistas que, invariavelmente, salvam o dia com a própria inteligência e força de vontade, geralmente com muito poder de fogo disponível. A ideia de que o herói possa precisar de ajuda externa — de uma divindade sobrenatural, por exemplo — é considerada por muitos como uma espécie de trapaça. Isso tiraria a sua "dignidade" e diminuiria o "espírito humano". Na franquia *Star Wars*, até a nebulosa "Força" que ajuda Luke Skywalker em sua luta contra Darth Vader nos parece estranha, desatualizada. Preferimos o Batman, em *O Cavaleiro das Trevas Ressurge*, a figura sombria e obsessiva que vence seus demônios para resgatar Gotham, mais ou menos por conta própria. (Até Alfred, o fiel mordomo de Bruce Wayne, desaparece na maior parte do filme).

O ideal heroico das obras de Tolkien e Lewis, por outro lado, é caracterizado de forma muito mais profunda. O herói não é capaz, por seus próprios esforços, de vencer na luta contra o mal. As forças unidas contra ele, somadas a sua própria fraqueza interior, tornam a vitória impossível. Ele, então, começa a se dar conta da natureza trágica da jornada e isso o oprime até chegar o momento em que o fracasso parece, de fato, inevitável.

VENCENDO A CATÁSTROFE

A dimensão mítica de suas histórias atinge agora o seu apogeu: como os melhores contos de fadas, elas oferecem a consolação do final feliz, "a repentina mudança feliz" em direção ao resgate e à redenção. É a reversão de uma catástrofe, o que Tolkien chama de *eucatástrofe*, um ato decisivo da Graça que promete superar nossa culpa, restaurar o que foi perdido e consertar as coisas.[11]

Frodo fracassa em sua missão. Mas, ainda assim, ela é cumprida, não por ele, mas pela mais improvável das criaturas: Gollum. "Sua malícia é grande e lhe dá uma força difícil de imaginar em alguém tão magro e mirrado", diz Gandalf. "Mas ele ainda pode desempenhar um papel que nem ele nem Sauron previram".[12] A profecia do mago se cumpriu. A derrota de Frodo — a nossa derrota — é revogada por um Poder mais forte do que a nossa fraqueza. Tolkien identificou esse Poder como "aquela Pessoa sempre presente que nunca se ausenta e nunca é nomeada".[13] É assim que Gollum, guiado por seu desejo de dominar, morde o dedo de Frodo que portava o Anel e acaba escorregando e mergulhando em direção à morte no fogo. O Anel é destruído, portanto, não por Frodo ou pela Sociedade, mas por "uma graça súbita e milagrosa".[14]

Na série de Nárnia, esse ato de Graça aparece pela primeira vez em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. A traição de Edmundo contra Aslam e seus irmãos teve um grande custo. "Você sabe que todo traidor pertence a mim como minha presa por direito", zomba a Feiticeira Branca, "e que para cada traição, tenho eu o direito de matá-lo!". Aslam, porém, intervém. Ele oferece sua própria vida e se sacrifica no lugar de Edmundo e é executado na Mesa de Pedra com a Faca de Pedra. No entanto, a morte não pode segurá-lo e o Leão volta à vida, derrotando a Feiticeira Branca e todas as suas forças. Essa é a "Magia Profunda" que fora colocada no mundo pelo Imperador de Além-Mar: que quando uma vítima voluntária,

inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e "a própria morte começaria a andar para trás".[15]

O momento culminante da Graça ocorre em *A Última Batalha*, quando o rei Tirian, as crianças e um fiel remanescente dos narnianos lutam para chegar à entrada do Estábulo: a última batalha do último rei de Nárnia. Somos levados a acreditar que dentro do Estábulo está a morte certa, a fortaleza de um mal todo-poderoso. "Tenho a forte impressão de que, antes do amanhecer, todos passaremos por aquela porta", disse Poggin, "E pela minha cabeça passam mil tipos de mortes que eu preferiria a essa...".[16] Enquanto o grupo entrava, de fato, toda a esperança parecia perdida.

Aqui também acontece a "repentina mudança feliz". O Grande Leão invadiu o Estábulo, expulsou o demônio Tash e transformou o Estábulo em uma passagem para a terra de Aslam. As crianças viram Nárnia ser destruída e um novo mundo, quase mais belo do que os seus corações poderiam suportar, ser criado. "Todas as criaturas queridas, tudo o que importava da velha Nárnia foi trazido aqui para a verdadeira Nárnia, por meio daquela Porta".[17] Lúcia, então, compreende o simbolismo simples, mas poderoso, do Estábulo: na história cristã, é o local do nascimento do Messias, o Leão da tribo de Judá, Jesus, o Cristo. "Este jardim é como o estábulo. É muito maior do lado de dentro do que parece visto de fora".[18]

Esses contos épicos de heroísmo e sacrifício são estranhamente familiares a nós porque já os ouvimos, ou ao menos rumores deles. São as histórias de homens e mulheres vencidos pelo mal, porém amados e redimidos pela Graça. São contos "sustentados por um mito central que consegue participar de todos os mitos de todos os heróis do passado".[19] Como manifestações da *eucatástrofe*, eles nos apontam para aquele mito essencial sobre o qual Tolkien e Lewis discutiram durante uma noite inteira em Oxford — o Mito que se tornou Fato.

NOSSO SEGREDO INCONSOLÁVEL

Só depois de terminada toda luta, quando os mais valentes morreram na batalha, quando a guerra contra o mal chega a seu amargo fim — só depois de tudo isso — é que o Mito como Fato completa a história humana. Só então a alegria, "a alegria para além dos muros do mundo" pode tornar-se nossa eterna herança.[20] Não existe atalho para a Terra da Paz, nem caminho tranquilo e florido até as Mansões dos Bem-Aventurados. Primeiro vêm as lágrimas e o sofrimento em Mordor, a violência cruel no Monte do Estábulo — e o horror e a morte no Gólgota.

Talvez seja por isso que a *eucatástrofe* esteja sempre misturada com a dor: o conhecimento das dores sofridas na luta contra o mal permanece no coração humano. "E todo o exército ria e chorava, e, no meio da alegria e das lágrimas, surgiu a límpida voz do menestrel como prata e ouro, e todos os homens se calaram". E o menestrel cantou para eles e continuou cantando, "até que o coração deles, ferido por palavras doces, transbordou e a alegria era como uma espada e eles passaram, em pensamento, para lugares onde a dor e a alegria fluíam juntas e onde as lágrimas eram o próprio vinho da bem-aventurança".[21]

A combinação de tristeza e alegria, tão característica em nossa vida mortal, é tema recorrente na Bíblia. É a experiência dos judeus nos dias do profeta Esdras: a consciência da presença de Deus após muitos anos de fome espiritual. Depois de anos terríveis de guerra e cativeiro, eles começaram a reconstrução do templo do Senhor — seu lugar de adoração que fora destruído pelos inimigos de Israel, dando início a um longo período de escravidão e exílio. "E todo o povo louvou ao Senhor em alta voz, pois haviam sido lançados os alicerces do templo do Senhor", escreveu o profeta. "Mas muitos dos sacerdotes, dos levitas e dos líderes de família mais velhos, que tinham visto o antigo templo, choraram em voz alta quando viram o lançamento dos alicerces desse templo; muitos, porém,

gritavam de alegria".[22]

O término da Grande Guerra trouxe sua mistura de comemoração e tristeza. Os soldados dessa guerra viveram dias intermináveis repletos de lama, fedor, matança e morte. Nada parecido jamais ocorrera na história do mundo; esse evento abalou os próprios fundamentos da vida civilizada.

"A Grande Guerra diferiu de todas as guerras antigas pelo imenso poder de seus combatentes e suas temíveis operações de destruição; distinguiu-se de todas as guerras modernas pela crueldade absoluta com que foi travada", escreveu Winston Churchill. "Todos os horrores de todas as épocas foram reunidos, e não apenas exércitos, mas populações inteiras foram lançados no meio desses horrores".[23] As promessas de uma vitória rápida foram substituídas por planos para um ataque decisivo, que sempre terminava em um impasse. Foi uma guerra que alguns temiam nunca ter fim. "Sempre que um dos lados elaborava alguma forma de destruição que poderia gerar algum resultado", escreveu G. J. Meyer, "o outro lado dava um jeito de manter o impasse".[24]

Não é de admirar que um jornal tenha celebrado o Armistício como "o dia mais importante da história do mundo".[25] Houve muita alegria naquele dia, em meio a oceanos de tristeza.

Contudo, nenhum consolo completo e final foi encontrado na paz que veio em seguida. Nenhuma guerra poderia acabar com todas as guerras para sempre, nem transformar as nações em uma irmandade de homens. "Foi um final terrível de uma tragédia terrível dos últimos quatro anos", escreveu Siegfried Sassoon em seu diário.[26] T. S. Eliot considerava o mundo pós-guerra como uma terra desolada onde reinava o cansaço humano. "Penso que estamos no beco dos ratos", escreveu ele, "onde os mortos seus ossos perderam".[27] Erich Remarque previu uma geração de homens "destruídos, esgotados, sem raízes e sem esperança". A vida civil, disse ele, não traria conforto aos sobreviventes: "Não seremos mais capazes de encontrar uma direção".[28]

EIS O REI

Após retornarem à Inglaterra ao fim de seu serviço na guerra, Tolkien e Lewis poderiam facilmente ter se juntado ao grupo dos desraigados e descrentes. Mas, ao contrário disso, convenceram-se de que existia apenas uma verdade, apenas um acontecimento que poderia ajudar os cansados e infelizes a encontrarem o caminho de volta para casa: o Retorno do Rei.

Esse Rei é mais forte do que "Aquela Fortaleza Medonha" que percorre Nárnia e a Terra Média à procura de vítimas para devorar. Ele é o arquétipo do heroico em todas as culturas e épocas. Ele é a fonte de toda a bondade e coragem, o desejo das nações. Ele vem para restaurar "os dias de liberdade há muito perdidos".[29] Somente este Rei conhece o caminho até aquele Reino Bendito que fica além do mar. "A luz adiante foi ficando cada vez mais forte", escreveu Lewis em *A Última Batalha*, "e Lúcia notou que uma infinidade de penhascos multicoloridos erguia-se à frente deles, como uma escadaria gigante. Mas então ela se esqueceu de tudo o mais, pois Aslam estava chegando, descendo, saltando de um rochedo para outro como uma cascata viva de beleza e poder".[30]

Este Rei vem em beleza e poder, como a voz da consciência e a fonte do consolo, como o Leão e o Cordeiro. Aqui, talvez, esteja a influência duradoura de George MacDonald. "A bondade irradiava de cada traço do seu rosto", escreveu ele sobre o nobre cavaleiro, em *Phantastes: A Terra das Fadas*. Ainda assim, o rosto do cavaleiro "ficou sério e determinado, tudo menos feroz; apenas os olhos queimavam como um sacrifício sagrado, elevados em uma pedra de granito".[31] O que Lewis descobriu na visão de MacDonald, e que também veio a adotar, foi a "união entre ternura e severidade".[32]

Nenhum personagem em toda a ficção de Lewis incorpora essa mistura de virtudes de forma mais convincente do que Aslam. Em *A Cadeira de Prata*, Jill se encontra dividida entre o medo e o desejo quando o Leão aparece e se coloca entre ela e o

riacho de água vivificante:

> “Não está com sede?”, perguntou o Leão.
>
> “Estou morrendo de sede”, respondeu Jill.
>
> “Então, beba”, disse o Leão. [...]
>
> “Você promete não fazer... nada comigo... se eu for?”
>
> “Não faço tais promessas”, respondeu o Leão.
>
> “Você come meninas?”, perguntou ela.
>
> “Já devorei meninos e meninas, homens e mulheres, reis e imperadores, cidades e reinos”, respondeu o Leão. E não disse como quem se gabasse, ou como quem sente remorso, ou nem mesmo como se estivesse irado. Apenas disse. [...]
>
> “Oh! Que coisa mais horrível!”, disse Jill, dando um passo à frente. “Acho que vou ver se encontro outro riacho”.
>
> “Não há outro”, disse o Leão.[33]

Em seu ateísmo juvenil, Lewis não reconhecia essas qualidades como pertencentes à figura central do cristianismo: Jesus, o Cristo. Mas após uma leitura cuidadosa dos evangelhos, ele mudou de ideia. “Em nenhum outro lugar fora do Novo Testamento”, escreveu, “encontrei o terror e o consolo tão entrelaçados”.[34]

Tolkien consegue alcançar quase o mesmo efeito com Aragorn, o principal herói épico de *O Senhor dos Anéis*. Ele é um homem de grande coragem, determinação e humildade. Aragorn possui vários nomes, todos ricos em significado. Ele aparece primeiro como Passolargo, um viajante sombrio e misterioso. Quando criança, era chamado de Estel, nome que significa “esperança”, tema recorrente em toda a história. Nas Casas de Cura ele se autodenomina Envinyatur, ou “Renovador”. Ele é mais tarde chamado de Senhor das Terras Ocidentais e Rei do Ocidente. Sua verdadeira estatura, no entanto, só é revelada depois que Sauron é derrotado e ele finalmente assume o seu trono:

> Mas quando Aragorn se levantou todos os que estavam presentes o contemplaram em silêncio, pois tiveram a impressão de que ele lhes estava sendo revelado pela primeira vez. Alto como os antigos reis dos mares, ergueu-se acima de todos os que estavam perto; parecia

> velho em dias, mas na flor da virilidade; e a sabedoria ornava-lhe a fronte, e havia força e cura em suas mãos, e uma aura de luz o envolvia. E, então, exclamou Faramir: “Eis o Rei!”.[35]

No final, os criadores de Nárnia e da Terra Média apresentam uma visão da vida humana que é, ao mesmo tempo, assustadora e sublime. Eles insistem que todas as almas fazem parte de uma história épica de sacrifício, coragem e luta entre exércitos: o Retorno do Rei. Neste dia, todo coração será desnudado. Saberemos, com alegria inexprimível, ou tristeza indescritível, se escolhemos a Luz ou a Escuridão. “Pois o dia do Senhor está próximo”, escreveu o profeta, “no vale da Decisão”.[36] Daí vem um aviso, assim como uma bênção: negar o Rei, afastar-se em pesar ou raiva, significa perdição eterna. Mas contemplá-lo — e ser contado entre seus amados — significa receber a vida eterna.

“Tudo o que é triste será desfeito?”, perguntou Sam.[37] Aqui encontramos, para além de toda imaginação, a mais profunda fonte de esperança para a história humana. Pois, quando o Rei for revelado, “não haverá mais noite”.[38] A Sombra será finalmente retirada da Terra, para sempre. A Grande Guerra será vencida.

Este Rei, que em suas mãos traz poder e cura, fará com que tudo o que é triste seja desfeito.

AGRADECIMENTOS

Nem um livro — pelo menos nem um livro deste autor — pode ser escrito sem a ajuda de muitas mãos, mentes e vozes. Desejo agradecer à minha família ítalo-americana, cujo amor e apoio ajudam a me sustentar. Direciono especial agradecimento ao meu irmão, Mike, por sua pesquisa sobre a história de nossa família, por nosso interesse mútuo pela Primeira Guerra Mundial, e à sua mulher, Ann Marie; volto também minha gratidão à minha irmã Sue e seu marido, Joe, que aliviam os meus fardos de tantas maneiras; e aos meus sobrinhos e sobrinhas, que me lembram do que é realmente importante. Muito obrigado ao meu grupo de amigos e conselheiros: Kara Callaghan, Cherie Harder, John e Kelli Baker, Ken e Marilyn Jackson, Mark e Patti Kreslins, Lia e Charles Howard, Nile Gardiner, Eric Metaxas, Alan Crippen, Mark Tooley, Jedd Medefind, Tim Schwartz, Charlie Catlett, Tim Montgomerie, Ben Rogers, Daniel Johnson, Os Guinness, e Michael Cromartie.

Minha assistente de pesquisa, Carol Anne Kemp, também ex-aluna minha do King's College, merece especial reconhecimento. O conhecimento e o amor de Carol Anne pelas obras de Tolkien e Lewis provaram-se absolutamente indispensáveis. Seus instintos literários — compartilhados durante as nossas muitas conversas tomando café — aprimoraram imensamente o manuscrito.

Todo historiador tem uma dívida para com aqueles que vieram antes dele. Muito obrigado aos estudiosos de Tolkien e Lewis, que tanto fizeram para iluminar a vida desses grandes homens, e aos responsáveis pelos seus patrimônios por preservarem suas obras. Sou igualmente grato aos historiadores da Primeira Guerra Mundial, que dedicaram grande parte de sua vida profissional para nos ajudar a

compreender a natureza deste conflito.

Quero agradecer aos meus amigos da Nelson Books — Thomas Nelson: Joel Miller, por seu grande apoio ao livro antes de seguir para outros empreendimentos; Webster Younce, editor executivo, por seu forte incentivo; Janene MacIvor, editora sênior, cuja habilidade, paciência e incentivo são incomparáveis no mundo editorial; e ao editor de texto, Zachary Gresham, por seu profissionalismo e sua dedicação incansável. Meus agentes literários, Joel Kneedler e Bryan Norman, também merecem muitos agradecimentos.

De igual modo sou profundamente grato a Greg Thornbury, presidente da King's College, por criar espaço em meu calendário acadêmico a fim de que eu pudesse me dedicar ao livro e por sua grande amizade, uma terapia para o coração. Também quero agradecer a todos os meus colegas e alunos da King's College, por seu incentivo constante. Finalmente, muito obrigado aos meus amigos da District Church, em Washington, DC, especialmente aos membros do grupo Lewis e Linguine, por sua comunhão na fé.

UMA LEMBRANÇA

Uma de minhas maiores satisfações ao trabalhar neste livro foi o privilégio de aprender mais sobre como a Primeira Guerra Mundial afetou a vida de soldados comuns e de suas famílias — incluindo a história da minha própria família.

Meu avô paterno, Michele (Michael) Loconte, era um emigrante italiano de vinte anos, que vivia e trabalhava nos Estados Unidos quando a guerra teve início em agosto de 1914. Ele foi convocado para o serviço militar em 1917, quando os Estados Unidos se preparavam para entrar na guerra. Após treinar na 91.ª Divisão — conhecida como a "Divisão do Oeste Selvagem" —, foi enviado, junto à Força Expedicionária dos EUA, à Frente Ocidental, no verão de 1918. Meu avô serviu como soldado da 91.ª Divisão, Companhia C, o 316.º Trem de munições pelo restante da guerra.

A partir de 20 de setembro de 1918, a divisão de Loconte participou da Ofensiva Meuse-Argonne, a campanha final e decisiva da guerra — e a mais mortal para os Estados Unidos. Mais de 26 mil soldados foram mortos em combate, incluindo 1.702 homens da 91.ª divisão. O registro da divisão descreve como se deu seu avanço durante a última semana de setembro:

> Durante nossa marcha em direção ao ataque, passamos por diversas tropas de outras divisões enquanto vagões passavam sem parar a noite inteira por todas as cidades que ocupávamos. E, agora, escondidos na Foret de Hesse, começamos a ser cercados por uma quantidade cada vez maior de artilharia, rifles de longo alcance, enormes canhões e muitos canhões menores. Eles chegavam noite após noite, e, ao raiar do dia, cada um deles já havia sumido de nossas vistas, em meio ao bosque e por trás da vegetação na beira da estrada, ou desapareciam debaixo das camuflagens nos campos abertos. Parecia que todas as armas da França estavam reunidas naquele lugar.[1]

Suas ordens eram inequívocas: eles deviam entregar-se sem

reservas à tarefa de derrotar o Exército Alemão. “As divisões devem avançar independentemente umas das outras”, afirma o registro da divisão, “prosseguindo com o ataque com o máximo de vigor, custe o que custar”.[2]

Embora raramente falasse sobre sua experiência durante a guerra, meu avô deve ter presenciado sua cota de sofrimento humano. Contudo, sua divisão teve um desempenho admirável: a 91.ª apreendeu mais artilharia, metralhadoras e prisioneiros e avançou mais sob ataque do que as outras divisões com mais experiência de combate. Seu êxito na Floresta de Argonne teve vital importância na “Grande Ofensiva” dos Aliados na Frente Ocidental, considerada a batalha que destruiu as esperanças alemãs de vitória e a responsável pelo Armistício em 11 de novembro de 1918.

Pelo seu serviço na Força Expedicionária Americana e pelo amor ao seu país adotivo, meu avô recebeu a cidadania americana e foi naturalizado em 15 de setembro de 1919. Ele se mudou para o Brooklyn, em Nova Iorque, onde criou sua família e ajudou a fundar a Conte Farms, empresa de entrega de ovos e laticínios.

Michael e Theodora Loconte estão enterrados no Cemitério Nacional de Long Island, em Farmingdale, Nova Iorque.

SOBRE O AUTOR

Joseph Loconte é professor de História na *The King's College*, na cidade de Nova Iorque, onde leciona sobre civilização ocidental e política externa americana. Sua análise sobre direitos humanos internacionais e liberdade religiosa foi divulgada nos principais veículos de mídia do país, como o *New York Times*, *Wall Street Journal*, *Washington Post*, *New Republic*, *Weekly Standard* e a *National Public Radio*. É colaborador regular do *Huffington Post* e da revista *Standpoint*, de Londres. Ele também atua como membro sênior do *Trinity Forum* e como pesquisador afiliado no *John Jay Institute*. Nascido no Brooklyn, em Nova Iorque, Loconte divide seu tempo entre a cidade de Nova Iorque e Washington, DC.

NOTAS

Introdução

1. G. J. Meyer. *A World Undone: The Story of the Great War*, 1914–1918 (New York: Random House, 2006), p. 220.
2. Ibid.
3. "Carols, Plum Pudding, Beer and Bullets", em *The First World War: An Illustrated History, Special 100th Anniversary Commemoration,* p. 27.
4. Modris Eksteins. *Rites of Spring: The Great War and the Birth of the Modern Age* (New York: Houghton Mifflin, 2000), p. 110–111. [A Sagração da Primavera: a Grande Guerra e o Nascimento da Era Moderna].
5. John Keegan. *The First World War* (New York: Alfred A. Knopf, 1999), p. 8. [A Primeira Guerra Mundial].
6. Paul Johnson. *A Story of the American People* (New York: HarperCollins, 1997), p. 642.
7. Winston Churchill. *The WW*
8. Richard Overy. *The Twilight Years: The Paradox of Britain Between the Wars* (London: Penguin, 2009), p. 363.
9. Gary Sheffield. *Forgotten Victory: The First World War: Myths and Realities* (London: Headline, 2002), xvii.
10. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 237.
11. Roger Sale. *Modern Heroism: Essays on D. H. Lawrence, William Empson, and J. R. R. Tolkien* (Berkeley: University of California Press, 1973), p. 3.
12. Churchill. *The World Crisis*, p. 293.
13. Max Hastings. *Catastrophe 1914: Europe Goes to War* (New York: Alfred A. Knopf, 2013), p. 548. [Catástrofe 1914: A Europa Vai à Guerra].
14. J.R.R. Tolkien, prefácio ao Senhor dos Anéis [*The Lord of the Rings* (Boston: Houghton Mifflin, 2004), xxiv].
15. Walter Hooper (ed.). *The Collected Letters of C.S. Lewis*, vol. 2 (New York: HarperSanFrancisco, 2004), p. 258.
16. K. J. Gilchrist. *A Morning After War: C.S. Lewis and WWI* (New York: Peter Lang, 2005), p. 218.

17. Otexto aparece no ensaio de Tolkien *On Translating Beowulf,* em Christopher Tolkien (ed.). *J.R.R. Tolkien: The Monsters and the Critics and Other Essays* (HarperCollins, 2006), p. 60.
18. Walter Lippman. *A Preface to Morals* (New York: Time-Life Books, 1961), p. 16.
19. Lee D. Rossi. *The Politics of Fantasy: C.S. Lewis and J.R.R. Tolkien* (An Arbor: UMI Research Press, 1984), p. 4.
20. Patricia Meyer Spacks. *Power and Meaning in The Lord of the Rings*, em Rose A. Zimbardo and Neil D. Isaacs (ed.). *Understanding The Lord of the Rings: The Best of Tolkien Criticism* (Boston: Houghton Mifflin, 2004), p. 54.
21. Carol Zaleski. *C.S. Lewis's Aeneid, The Christian Century, 2 de junho, 2011.* Walter Hooper escreveu que "Lewis provavelmente leu a *Eneida* mais vezes do que qualquer outro livro". Walter Hooper (ed.). *The Collected Letters of C.S. Lewis*, vol. 3 (New York: HarperCollins, 2007), p. 39.
22. C.S. Lewis. *The Chronicles of Narnia* (New York: Harper Collins, 2001), p. 147. [As Crônicas de Nárnia].
23. Walter Hooper (ed.). C.S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (New York: Touchstone, 1996), p. 51–52. [O Peso da Glória].
24. Humphrey Carpenter. *J.R.R. Tolkien: A Biography* (Boston: Houghton Mifflin, 1987), p. 89. [J.R.R. Tolkien: Uma Biografia].
25. Victor Davis Hanson. *The Father of Us All: War and History* (New York: Bloomsbury Press, 2010), p. 4.
26. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 766. [O Senhor dos Anéis].
27. Rossi. *The Politics of Fantasy*, p. 85, 134.
28. Walter Hooper (ed.). *Present Concerns: Essays by C.S. Lewis* (New York: Harcourt Jovanovich, 1986), p. 42.
29. Humphrey Carpenter (ed.). *The Letters of J.R.R. Tolkien* (Boston Houghton Mifflin, 2000), p. 75.
30. Tolkien certa vez admitiu: "Caso eu 'seja como um dos meus personagens', devo me parecer com Faramir, exceto pelo fato de eu não ter aquilo que todos os meus personagens possuem (deixem essa parte para o psicanalista!): *coragem*".
31. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 672.

Capítulo 1: O Funeral do Grande Mito

1. Martin Gilbert. *The First World War: A Complete History* (New York: Henry Holt and Company, 1994), p. 3. [A Primeira Guerra Mundial: os

1590 Dias que Transformaram o Mundo].

2. Giovanni Pico della Mirandola. *Oration on the Dignity of Man* (Washington DC: Regnery, 1999), p. 7–8. [Discurso sobre a Dignidade do Homem].
3. Max Hastings. *Catastrophe 1914*, p. 3.
4. Martin Gilbert. *The First World War: A Complete History*, p.3.
5. Norman Angell. *The Great Illusion: A Study of the Relation of Military Power to National Advantage* (Memphis: Bottom of the Hill, 2012), p. 103. [A Grande Ilusão].
6. Ibid., 119–120.
7. H.G. Wells. *The New World Order* (London: Secker and Warburg, 1940), p. 10.
8. Albert Marrin. *The Last Crusade: The Church of England in the First World War* (Durham, NC: Duke University Press, 1974), p. 66.
9. Nial Ferguson. *Empire: The Rise and Demise of the British World Order and the Lessons for Global Power* (New York: Perseus, 2002), p. 240. [Império: Como os Britânicos Fizeram o Mundo Moderno].
10. Ibid., xxiv.
11. "Crystal Palace to Rise from the Ashes as Chinese Cash Rebuilds Symbol of Empire", 4 de outubro, 2013, *The Times of London.*
12. Roger Osborne. *Civilization: A New History of the Western World* (New York: Pegasus Books, 2006), p. 400, 420. [Civilização — Uma Nova História do Mundo Ocidental].
13. J.R.R Tolkien. *Tree and Leaf* (London: HarperCollins, 1988), p. 63. [Árvore e Folha].
14. Humphrey Carpenter. *J.R.R Tolkien*, p. 179. [As Cartas de J.R.R. Tolkien].
15. Humphrey Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 250.
16. Ibid., 288.
17. J.R.R. Tolkien. *The Silmarillion*, ed. Christopher Tolkien (Boston: Houghton Mifflin, 1999), xiii.. Também em Carpenter (ed.), *The Letters*, 146.
18. Humphrey Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 87–88.
19. J.R.R. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 473.
20. C.S. Lewis. *Surprised by Joy: The Shape of My Early Life* (San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1984), p. 11. [Surpreendido pela Alegria].
21. Roger Green & Walter Hooper. *C.S. Lewis: A Biography* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974), p. 20.
22. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 3, p. 1480.

23. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 450. [As Crônicas de Nárnia].
24. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 499–500.
25. Alister McGrath. *C.S. Lewis: A Life* (Carol Stream, IL: Tyndale House, 2013), p. 276. [A Vida de C.S. Lewis: do Ateísmo às Terras de Nárnia].
26. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 353.
27. Ibid., 406.
28. Martin Gilbert. *The Somme: Heroism and Horror in the First World War* (New York: Henry Holt and Company, 2006), p. 66.
29. Gilbert. *The First World War,* p. *533*
30. Hastings. *Catastrophe 1914*, p. 2.
31. Richard Tarnas. *The Passion of the Western Mind* (New York: Ballantine Books, 1991), p. 319. [A Epopéia do Pensamento Ocidental: Para Compreender as Ideias que Moldaram a Nossa Visão de Mundo].
32. Roger Osborne. *Civilization*, p. 400–401. [Civilização — Uma Nova História do Mundo Ocidental].
33. Herbert Spencer. *The Evanescence of Evil* Part I, Chapter 2, conclusão do parágrafo.
34. Richard Hofstadter. *Social Darwinism in American Thought* (Boston: Beacon Press, 1992), p. 33.
35. Ibid., p. 35.
36. Ibid., p. 32.
37. Lesley Walmsley (ed.). *C.S. Lewis Essay Collection: Faith, Christianity and the Church* (London: HarperCollins, 2000), p. 29.
38. Ibid., p. 26, 28.
39. James Turner. *Without God, Without Creed: The Origins of Unbelief in America* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1985), p. 201.
40. Richard M. Gamble. *The War for Righteousness: Progressive Christianity, the Great War, and the Rise of the Messianic Nation* (Wilmington, DE: ISI Books, 2003), p. 37.
41. Christine Rosen. *Preaching Eugenics: Religious Leaders and the American Eugenics Movement* (Oxford: Oxford University Press, 2004), p. 25.
42. Francis Galton. “Eugenics as a Factor in Religion”, em *Essays in Eugenics* (London: Eugenics Education Society, 1909). Citado em Rosen, *Preaching Eugenics*, p. 5.
43. Philipp Blom. *The Vertigo Years: Europe, 1900–1914* (New York: Basic Books, 2008), p. 339.

44. Rosen. *Preaching Eugenics*, p. 3–23.
45. Francis Galton. "Eugenics: Its Definition, Scope and Aims", *American Journal of Sociology* 10 (julho, 1904), p. 5. Citado em Rosen, *Preaching Eugenics*, p. 5.
46. Ibid., p. 33–34.
47. Ibid., p. 99.
48. Michael D. C. Drout (ed.). *J.R.R. Tolkien Encyclopedia* (New York: Routledge, 2007), p. 555.
49. Humphrey Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 190.
50. J.R.R. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 49.
51. C.S. Lewis. *Perelandra*. (New York: Macmillan Publishing, 1965), p. 91.
52. Tolkien, *Tree and Leaf*, p. 89.
53. C.S. Lewis. *The Abolition of Man* (New York: Touchstone, 1996), p. 69–70. [A Abolição do Homem].
54. Hofstadter. *Social Darwinism*, p. 162.
55. Sermão do rev. Kenneth C. MacArthur, Federated Church (Congregational Baptist), Sterling, Massachusetts, 1926, AES Papers, APS. Citado em Rosen, *Preaching Eugenics*, p. 125.
56. Rosen. *Preaching Eugenics*, p. 150.
57. Ibid., p. 184.
58. Ibid.
59. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 416.
60. Humphrey Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 147.
61. J.R.R. Tolkien. *The Lord of The Rings*, p. 232.
62. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 41.
63. Niall Ferguson. *The War of the World: Twentieth-Century Conflict and the Descent of the West* (New York: Penguin, 2007), p. 107–108. [A Guerra do Mundo — A Era do Ódio na História].
64. Ibid., p. 117.
65. Keegan. *The First World War*, p. 27, 73.
66. Martin Gilbert. *The First World War*, p. 29.
67. Ferguson. *The War of the World*, p. 117.
68. W.M. Spellman. *A Short History of Western Political Thought* (New York: Palgrave Macmillan, 2011), p. 139.
69. Gamble. *The War for Righteousness*, p. 32.
70. Roger Osborne. *Civilization*, p. 368.
71. James Cronan. "The Lamps Are Going Out All Over Europe", The

National Archives Blog, 4 de agosto, 2014, http://blog.nationalarchives.gov.uk/blog/lamps-going-europe/.

Capítulo 2: A Última Batalha

1. C.V. Wedgwood. *The Thirty Years War* (New York: Book of the Month Club, 1995), p. 526.
2. Peter Wilson. *The Thirty Years War: Europe's Tragedy* (London: Penguin, 2009), p. 5.
3. Wedgwood. *The Thirty Years War*, p. 526.
4. Wilson. *The Thirty Years War: Europe's Tragedy*, p. 753.
5. Philip Jenkins. *The Great and Holy War: How World War I Became a Religious Crusade* (New York: HarperOne, 2014), p. 87–88.
6. Albert Marrin. *The Last Crusade: The Church of England in the First World War* (Durham, North Carolina: Duke University Press, 1974), p. 139.
7. A rainha Vitória reinou na Inglaterra até a sua morte, em 1901. O seu filho mais velho, Eduardo VII, assumiu o trono neste mesmo ano e governou até a sua morte, em 1910. Em relação aos valores que definem família, fé e a ordem social e política, "os eduardianos eram uma extensão dos vitorianos". Eksteins, *Rites of Spring*, p. 130.

John Garth.

8. *Tolkien and the Great War: The Threshold of Middle-earth* (Boston: Houghton Mifflin, 2003), p. 20–21.
9. Richard Schweitzer. *The Cross and the Trenches: Religious Faith and Doubt among British and American Great War Soldiers* (Westport, CT: Praeger, 2003), p. 4.
10. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 50.
11. George Sayer. *Jack: A Life of C.S. Lewis* (Wheaton, IL: Crossway, 1994), p. 77.
12. Hooper, (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 71.
13. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 232.
14. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 43.
15. Humphrey Carpenter (ed.). *J.R.R. Tolkien*, p. 91.
16. Don W. King. *C.S. Lewis: The Legacy of His Poetic Impulse* (Kent, OH: Kent State University Press, 2001), p. 55.
17. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 89.
18. Ibid., p. 88.
19. Ferguson. *Empire*, p. 359.

20. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 179.
21. John Ellis. *Eye-Deep in Hell: Trench Warfare in World War I* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1976), p. 162.
22. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 179–180.
23. http://www.firstworldwar.com/source/asquithspeechtoparliament.htn
24. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 236.
25. Michael Burleigh. *Earthly Powers: Religion and Politics in Europe from the French Revolution to the Great War* (London: HarperCollins, 2005), p. 144–145.
26. Citado em Marrin, *The Last Crusade*, p. 59.
27. Alasdair I.C. Heron. *A Century of Protestant Theology* (Philadelphia: The Westminster Press, 1980), p. 75.
28. Joseph Fort Newton. *The Sword of the Spirit: Britain and America in the Great War* (New York: George H. Coran), xiii, xv.
29. John Spurr. *The Post-Reformation: 1603–1714* (Harlow, England: Pearson Longman, 2006), p. 16.
30. A.J. Hoover. *God, Germany, and Britain in the Great War: A Study in Clerical Nationalism* (New York: Praeger, 1989), p. 69.
31. Ibid.
32. Stuart Mews. "Spiritual Mobilization in the First World War", *Theology* (1971), 74:258, p. 259.
33. Hoover. *God, Germany, and Britain in the Great War*, p. 69.
34. Marrin. *The Last Crusade*, p. 177–186.
35. Conrad Cherry (ed.). *God's New Israel: Religious Interpretations of American Destiny* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998), p. 83.
36. Ibid., p. 64–65.
37. Woodrow Wilson. "Address to Congress Requesting a Declaration of War Against Germany (2 de abril, 1917), University of Virginia Miller Center, http://millercenter.org/president/wilson/speeches/speech-4722.
38. Cherry (ed.). *God's New Israel*, p. 276.
39. Andrew Preston. *Sword of the Spirit, Shield of Faith* (New York: Alfred A. Knopf, 2012), p. 254.
40. Ray H. Abrams. *Preachers Present Arms: The Role of American Churches and Clergy in World War I and II with Some Observations on the War in Vietnam* (Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 1969), p. 55.
41. Burleigh. *Earthly Powers*, p. 444.

42. Hoover. *God, Germany, and Britain in the Great War*, p. 94.
43. Ernst Troeltsch. *Deutscher Glaube und deutsche Sitte in unserem grossen Kriege* (Berlin: n.d.), p. 19. Citado em Burleigh, Earthly Powers, p. 442.
44. Ibid., p. 442.
45. As nações Aliadas acusaram o Imperador e o povo alemão de blasfêmia por sua intimidade confiante em Deus, expressada em frases como *Gott mit uns* [Deus está conosco], uma frase posteriormente usada pelos nazistas.
46. Jenkins. *The Great and Holy War*, p. 12.
47. Hoover. *God, Germany, and Britain in the Great War*, p. 2. Hubbard morreu a bordo do RMS Lusitania, que foi afundado por um submarino alemão na costa da Irlanda, em 7 de maio de 1915.
48. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 83.
49. Dan Todman. *The Great War: Myth and Memory* (London: Bloomsbury, 2005), p. 124.
50. *First World War: An Illustrated History*, p. 44.
51. Meyer. *A World Undone*, p. 297.
52. Hoover. *God, Germany, and Britain in the Great War*, p. 24.
53. Ibid., p. 29.
54. Ibid., p. 24.
55. Marrin. *The Last Crusade*, p. 137–138.
56. Abrams. *Preachers Present Arms*, p. 104.
57. Ibid., p. 108.
58. Ibid., p. 104.
59. Hoover. *God, Germany, and Britain in the Great War*, p. 9.
60. Gamble. *The War for Righteousness*, p. 160.
61. Basil Mathews (ed.). *Christ: And the World at War* (London: James Clarke & Co., 1917), p. 46.
62. Ibid., p. 170.
63. Gamble. *The War for Righteousness*, p. 3.
64. Preston. *Sword of the Spirit, Shield of Faith*, p. 275.
65. Joseph Fort Newton. *The Sword of the Spirit: Britain and America in the Great War* (New York: George H. Doran, 1918), p. 38.
66. Gamble. *The War for Righteousness*, p. 175.
67. Paul Bull. *Christianity and War*, citado em Kevin Christopher Fielden, "The Church of England in the First World War" (Electronic Theses and Dissertations. Paper 1080, 2005),

http://dc.etsu.edu/etd/1080.

68. C.S. Lewis. *The Weight of Glory* (New York: HarperCollins, 2001), p. 51.
69. Embora tenham sido feitos alguns estudos excelentes sobre a fé dos soldados durante os anos da guerra, devemos ter o cuidado de não fazer generalizações sobre as suas crenças pessoais ou sobre as suas visões a respeito do significado do conflito. Veja Rich Schweitzer, *The Cross and the Trenches: Religious Faith and Doubt Among British and American Great War Soldiers* (Santa Barbara, CA: Praeger, 2003).
70. Ellis. *Eye-Deep in Hell*, p. 156.
71. Schweitzer. *The Cross and the Trenches*, p. 168.
72. Burleigh, *Earthly Powers*, p. 451.
73. Robert Graves. *Good-Bye to All That* (New York: Vintage International, 1998), p. 189.
74. Marrin. *The Last Crusade*, p. 242–243.
75. Graves. *Good-Bye to All That*, p. 189.
76. Schweitzer. *The Cross and the Trenches*, p. 259.
77. Burleigh. *Earthly Powers*, p. 453.
78. Schweitzer. *The Cross and the Trenches*, p. 81–82.
79. Keegan. *The First World War*, p. 289.
80. Jonathan Phillips. *Holy Warrior: A Modern History of the Crusades* (New York: Random House, 2010), p. 323.
81. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 243.
82. Humphrey Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 197.
83. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 455.
84. C.S. Lewis. *That Hideous Strength* (New York: Simon & Schuster, 1996), p. 178. [Aquela Fortaleza Medonha].
85. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 60.
86. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 170.
87. Lewis. *The Weight of Glory*, 70.
88. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 140.

Capítulo 3: Numa Toca no Chão Vivia um Hobbit

1. "The Battle of Jutland, 1916", Eye Witness to History, 2006, http://www.eyewitnesstohistory.com/pfjutland.htm.
2. Gilbert. *The First World War*, p. 252.
3. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 58–59.

4. Meyer. *A World Undone*, p. 361.
5. "The Battle of Verdun", History Learning Site, 2014, http://www.historylearningsite.co.uk/battle_of_verdun.
6. Charles F. Horne (ed.). Source Records of the Great War, vol. IV (National Alumni, 1923), http://www.firstworldwar.com/diaries/verdun_vaux.htm.
7. Meyer. *A World Undone*, p. 427.
8. Alistair Horne. *The Price of Glory* (London: Macmillan, 1962), p. 236.
9. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 138.
10. A data exata de quando Tolkien cruzava o Canal da Mancha foi em 6 de junho de 1916.
11. Tolkien. "The Lonely Isle", http://webpages.charter.net/sn9/literature/poetry/2tolkienpoems.htr
12. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 62.
13. Modris Eksteins. *Rites of Spring*, p. 178.
14. Keegan. *The Face of Battle*, p. 221.
15. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 41.
16. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 53.
17. Keegan. *The Face of Battle*, p. 221.
18. Mathews. *Christ: And the World at War*, p. 134–35.
19. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 53.
20. Meyer. *A World Undone*, p. 363.
21. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 180.
22. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 188.
23. Paul Fussell. *The Great War and Modern Memory* (Oxford: Oxford University Press, 2013), 51. Ibid., p. 52.
24. Keegan. *The First World War*, p. 52.
25. Hastings. *Catastrophe 1914*, p. 516.
26. Gilbert. *The Somme*, p. 194.
27. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 231.
28. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 822.
29. Gilbert. *The Somme*, p. 71.
30. Keegan. *The Face of Battle*, p. 260.
31. Meyer. *A World Undone*, p. 446.
32. David Lloyd George. *War Memoirs of David Lloyd George*, 1915–1916 (Boston: Little Brown, 1933).
33. Gilbert. *The Somme*, p. 269.

34. Keegan. *The First World War*, p. 295.
35. Churchill. *The World Crisis*, p. 667.
36. Gilbert. *The Somme*, p. 64.
37. Sir Martin Gilbert. "What Tolkien Taught Me About the Battle of the Somme", The Cutting Edge, 25 de agosto, 2008, http://www.thecuttingedgenews.com/index.php?article=716&pageid=23&pagename=Arts.
38. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 155.
39. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 6.
40. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 157.
41. Keegan. *The Face of Battle*, p. 231.
42. G. J. Meyer. *A World Undone*, p. 261.
43. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 765, itálicos acrescentados.
44. Ibid., p. 188.
45. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 221.
46. Ibid. *Itálicos do autor.*
47. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 161.
48. Ibid., p. 114.
49. Ibid., p. 164.
50. Ibid., p. 166.
51. Keegan. *The First World War*, p. 296.
52. Philip Gibbs. *The Battles of the Somme* (Toronto: McClelland, Goodchild, and Stewart, 1917), p. 6.
53. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 165–166.
54. Ibid., p. 166.
55. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 72.
56. Carpenter. *J.R.R. Tolkien*. p. 92.
57. Gilbert. *The Somme*, p. 140–141.
58. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 9.
59. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 883.
60. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 193.
61. Ellis. *Eye-Deep in Hell*, p. 96.
62. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 808.
63. Ellis. *Eye-Deep in Hell*, p. 98.
64. Gilbert. *The Somme*, p. 85.
65. Ibid., p. 220.
66. Carpenter, *J.R.R. Tolkien*, p. 94.

67. Tolkien (ed.). *The Monsters and the Critics*, p. 60.
68. Carpenter. *J.R.R. Tolkien*, p. 91.
69. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 828.
70. Nancy Marie Ott. "J.R.R. Tolkien and World War I", em http://greenbooks.theonering.net/guest/files/040102_02.html.
71. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 626.
72. Ibid., p. 631–32.
73. Ibid., p. 627–28.
74. Gilbert. "What Tolkien Taught Me About the Battle of the Somme".
75. Gilbert. *The Somme*, p. 239–240.
76. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 303.
77. Ibid., 215. Também em Tom Shippey, *J.R.R. Tolkien: Author of the Century* (Boston: Houghton Mifflin, 2002), p. 2.
78. Sheffield. *Forgotten Victory*, p. 157.
79. Ibid.
80. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 934.
81. Keegan. *The Face of Battle*, p. 219.
82. Churchill. *The World Crisis*, p. 667–668.
83. Gibbs. *The Battles of the Somme*, p. 18.
84. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 158.
85. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 52.

Capítulo 4: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa

1. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 70.
2. Ibid., p. 72.
3. Ibid., p. 113.
4. Ibid., p. 111.
5. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 42.
6. Homero. *The Iliad*, introdução e notas por Bernard Fox (London: Penguin Books, 1998), p. 26. [A Ilíada].
7. Gilchrist. *A Morning After War*, p. 27.
8. Ibid., p. 26.
9. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 125.
10. George MacDonald. *Phantastes* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), xi.
11. George MacDonald. *The Complete Fairy Tales* (Penguin Books, 1999), p. 9.

12. W. H. Lewis (ed.). *Letters of C.S. Lewis* (San Diego: Harcourt, 1988), p. 179.
13. Ibid., p. 27.
14. Green and Hooper. *C.S. Lewis: A Biography*, p. 45.
15. Em uma carta datada de 21 de janeiro de 1960, Lewis elogia as obras de MacDonald a John Warwick Montgomery. Hooper (ed.). *The Letters*, vol. 3, p. 1125.
16. Sayer. *Jack*, p. 107–108.
17. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 129.
18. Ibid., p. 131.
19. Ferguson. *The War of the World*, p. 127.
20. Douglas Gresham. *Jack's Life: The Life Story of C.S. Lewis* (Nashville: Broadman & Holman, 2005), p. 33.
21. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 171.
22. Ibid., 208–209.
23. Ibid., 204.
24. Ibid., 212.
25. Gilbert. *The Somme*, 71.
26. Hooper (ed.). *C.S. Lewis: The Weight of Glory*, 51.
27. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 138.
28. Lewis (ed.). *Letters of C.S. Lewis*, p. 126.
29. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 230.
30. Ibid., 230–231.
31. Ibid., 342.
32. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 158.
33. Sayer. *Jack*, p. 122.
34. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 299.
35. Ibid., p. 310.
36. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 158.
37. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 315.
38. Ibid., p. 319.
39. Ibid., p. 338.
40. Ibid., p. 341.
41. Ibid., p. 346. Walter Hooper coloca Lewis em Monchy-Le-Preux, mas K.J. Gilchrist discorda, acreditando que Lewis estava em uma cidade a oeste de Arras. Veja Gilchrist, *A Morning After War*, p. 57–58.
42. Ibid., p. 351.

43. Gilchrist. *A Morning After War*, p. 56.
44. Ibid., p. 63. As descrições de fogo inimigo foram tiradas do diário do batalhão da Infantaria Somerset Light de que Lewis fazia parte, conhecido como o “War Diary of Intelligence Summary”.

45. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 195.
46. Ibid.
47. C.S. Lewis. *Spirits in Bondage: A Cycle of Lyrics* (Lexington, KY: Emereo, 2013).
48. McGrath. *C.S. Lewis: A Life*, x.
49. Lewis. *Spirits in Bondage*, p. 9.
50. Fussell. *The Great War and Modern Memory*, p. 123.
51. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 356.
52. Ibid., p. 363.
53. Gilbert. *The First World War*, p. 408.
54. De 21 de março até dois de maio, as baixas britânicas chegaram a 280 mil. Os franceses sofreram 340 mil perdas.
55. Walter Hooper. *C.S. Lewis: Companion and Guide* (New York: HarperCollins, 1996), 11.
56. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 363.
57. Várias referências biográficas sobre a experiência de guerra de Lewis o colocam incorretamente na Batalha de Arras, de 1917. Mas, na verdade, Lewis lutou em uma batalha diferente, perto da vila de Arras, em abril de 1918.
58. Meyer. *A World Undone*, p. 652.
59. Gilchrist. *A Morning After* War, p. 123.
60. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 96.
61. Hooper, ed., *Collected Letters*, vol. 1, p. 388.
62. Lewis, *Surprised by Joy*, p. 191.
63. Ibid., p. 191–192.
64. Ibid., p. 192.
65. Ibid., p. 193.
66. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 196.
67. Clyde S. Kilby & Marjorie Lamp Mead (ed.). Brothers and Friends: *The Diaries of Major Warren Hamilton Lewis* (New York: Ballantine Books, 1982), p. 6.
68. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 368.
69. Ibid., p. 414.
70. Sayer. *Jack*, p. 134.
71. Percy Dearmer (ed.). *Christianity and the Crisis* (London: Victor Golancz, 1933), p. 25–26.
72. Lewis. *That Hideous Strength*, p. 203–204.

73. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 196.
74. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 375.
75. Ibid., p. 374.
76. MacDonald. *Phantastes*, p. 149.

Capítulo 5: A Terra da Sombra

1. Margaret MacMillan. Paris 1919 (New York: Random House, 2003), p. 15.
2. Ibid.
3. Churchill. *The World Crisis*, p. 841.
4. Barbara Tuchman. *The Guns of August* (New York: Ballantine, 1990), p. 523.
5. Dan Todman oferece uma visão diferenciada do que é chamado de "a formação do mito moderno da guerra". As visões sobre a Primeira Guerra Mundial, segundo ele, mudaram ao longo do tempo: "Qualquer pessoa que afirmasse em público que a guerra havia sido fútil, incompetente e um desperdício de vidas, sem qualquer traço de heroísmo redentor, teria sido colocado para correr no início da década de 1920". Veja Todman, *The Great War*, p. 221–230. Niall Ferguson apresenta uma visão um tanto contrária: "Como já foi observado muitas vezes, a maior parte dos livros de memórias das décadas de 1920 e 1930 foi produzida por homens de escolas públicas e universitários com pouca experiência de qualquer sofrimento, muito menos de guerra. A desilusão deles tinha como base a ilusão de jovens privilegiados". Niall Ferguson, *The Pity of War: Explaining World War 1* (New York: Penguin Press, 1999), p. 451.
6. David Fromkin. *A Peace to End All Peace: The Fall of the Ottoman Empire and the Creation of the Modern Middle East* (New York: Henry Holt and Company, 1989), p. 212.
7. É reconhecido, de maneira geral, que o genocídio armênio teve início em 24 de abril de 1915, quando o governo turco prendeu e executou várias centenas de intelectuais armênios. Logo, o povo armênio passou a ser retirado à força de suas casas e homens, mulheres e crianças eram levados pelo deserto sírio, onde muitos morriam, em direção a campos de concentração. De uma população de dois milhões de armênios que viviam no Império Otomano no início da guerra, cerca de um milhão e meio morreu no genocídio.
8. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 255.
9. Gilbert. *The First World War*, p. 534.

10. Fussell. *The Great War and Modern Memory*, p. 342.
11. Erich Maria Remarque. *All Quiet on the Western Front* (New York: Ballantine, 1982), p. 294.
12. Overy. *The Twilight Years*, p. 3.
13. Ibid., p. 15.
14. Oswald Spengler. *The Decline of the West* (New York: Alfred A. Knopf, 1962), p. 34.
15. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 393.
16. Ibid., p. 46.
17. Carpenter. *J.R.R. Tolkien*, p. 108.
18. Ibid., p. 76.
19. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 250.
20. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, 419. Depois de ficar fora da Guerra por quase quatro meses devido aos seus ferimentos, Lewis deveria ser enviado de volta ao campo de batalha; tais eram as necessidades militares da Grã-Bretanha até o dia do Armistício. "É claro que com a necessidade atual de homens, se eu for aprovado pelo conselho, retornarei rapidamente à França", escreveu ele ao pai em 3 de setembro de 1918. "Embora eu não esteja muito bem, estou quase 'recuperado', no sentido militar da palavra, e dependo apenas do esquecimento das autoridades para minha permanência no hospital". Ibid., p. 395–396.
21. Ibid., p. 423.
22. Ibid., p. 428.
23. Lewis. *Letters of C.S. Lewis*, p. 129.
24. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 2, p. 747.
25. Humphrey Carpenter. *The Inklings: C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien, Charles Williams, and Their Friends* (Boston: Houghton Mifflin, 1979), p. 11.
26. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 606.
27. Walter Hooper (ed.). *All My Road Before Me: The Diary of C.S. Lewis, 1922–1927* (San Diego: Harcourt, 1991), p. 135.
28. Susan Kingsley Kent. *The Influenza Pandemic of 1918–1919: A Brief History with Documents* (Boston: Bedford/St. Martin's, 2013), p. 48.
29. Ibid., p. 1.
30. Ferguson. *The War of the World*, p. 144.
31. Kent. *The Influenza Pandemic of 1918–1919*, p. 2–3.
32. Conversation with Carmella Parrinello, 28 de dezembro, 2014.

33. Meyer. *A World Undone*, p. 513.
34. Paul Johnson. *Modern Times: The World from the Twenties to the Nineties* (New York: HarperCollins, 1991), p. 67.
35. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 502.
36. Burleigh. *Sacred Causes*, p. 58.
37. Michael J. Oakeshott. *The Social and Political Doctrines of Contemporary Europe* (Cambridge: Cambridge University Press, 1939), p. 164–68.
38. Johnson. *Modern Times*, p. 103.
39. Gilbert Murray. T*he Ordeal of This Generation: The War, the League and the Future* (London: George Allen & Unwin, 1929), p. 180–181.
40. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 257.
41. Johnson. *Modern Times*, p. 5.
42. Hooper (ed.). *All My Road Before Me*, p. 212.
43. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 605–606.
44. Johnson. *Modern Times*, p. 5.
45. Sigmund Freud. *The Future of an Illusion* (London: Hogarth Press, 1927), p. 28.
46. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 256.
47. Dearmer. *Christianity and the Crisis*, p. 68.
48. Ernest Hemingway. *A Farewell to Arms* (New York: Charles Scribner's Sons, 1969), p. 185. [Adeus às Armas].
49. Walter Hooper (ed.). *God in the Dock* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970), p. 116. [Deus no Banco dos Réus].
50. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 250.
51. Tolkien. *The Silmarillion*, p. 242.
52. Ibid., p. 243.
53. Carpenter. *J.R.R. Tolkien*, p. 100.
54. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 78.
55. Ibid., p. 144.
56. Ibid., p. 231.
57. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 836.
58. Niall Ferguson contesta a afirmação de que a memória da guerra na literatura e na arte era de horror absoluto. "A maioria esmagadora do grande número de poemas escritos durante a guerra, por combatentes e não combatentes, tinha um tom patriota". Ferguson. *The Pity of War*, p. 48–49.
59. Candace Ward (ed.). *World War One British Poets* (Mineola, NY:

Dover Publications,1997), p. 25.

60. Ibid., p. 36.
61. Todman. *The Great War*, p. 155.
62. Graves. *Goodbye to All That*, p. 186.
63. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 75–76.
64. Walter Hooper (ed.). *C.S. Lewis: Of This and Other Worlds* (London: Fount, 2000), p. 100–101.
65. Shippey. *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*, p. 232.
66. Tolkien. *The Silmarillion*, xv.
67. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 203.
68. Ibid., p. 239.
69. Fora da universidade, este foi o primeiro artigo publicado por Lewis.
70. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 397.
71. Lewis, *Spirits in Bondage*, p. 7.
72. Fussell. *The Great War and Modern Memory*, p. 364.
73. Churchill. *The World Crisis*, p. 4.
74. Jenkins. *The Great and Holy War*, p. 223.
75. O grupo Bloomsbury era uma associação influente de escritores, intelectuais, filósofos e artistas ingleses, que incluía Virginia Woolf, John Maynard Keynes, E.M. Forster e Lytton Strachey. Eles moravam e trabalhavam juntos, perto de Bloomsbury, em Londres, durante a primeira metade do século XX.
76. Hooper. *C.S. Lewis: Companion and Guide*, p. 25.
77. Murray. *The Ordeal of This Generation*, p. 173.
78. Friedrich Nietzsche. *Beyond Good and Evil* (New York: Penguin, 1990), p. 82.
79. Hooper (ed.). *All My Road Before Me*, p. 431–432.
80. Sayer. *Jack*, p. 219.
81. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 199–200.
82. C.S. Lewis. *The Pilgrim's Regress* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), p. 205. [O Regresso do Peregrino].

Hooper, (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 509.

83. Ibid., p. 649.
84. Ibid.
85. Ibid., p. 850.
86. Em uma carta a Arthur Greeves, datada de 25 de março de 1933, Lewis mencionou uma conversa com Tolkien "que, você sabe, cresceu

lendo Morris e Macdonald, e compartilha do mesmo gosto que o meu por literatura". Hooper (ed.). *The Letters*, vol. 2, p. 103.

87. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 918.
88. Não há nenhum registro escrito de sua conversa precisa, mas Carpenter faz um trabalho admirável de reconstrução do que foi discutido por eles, com base no poema "Mitopéia", de Tolkien. Segui a narrativa de Carpenter e acrescentei um pouco a ela com base em outras cartas e escritos de Lewis e Tolkien. Veja Carpenter, *J.R.R. Tolkien: A Biography*, p. 150–152.
89. Ibid., p. 234–235.
90. Carpenter. *The Inklings*, p. 43.
91. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 110–111.
92. Carpenter. *J.R.R. Tolkien*, p. 151.
93. Tolkien. *Tree and Leaf*, p. 87.
94. Carpenter. *The Inklings*, p. 44. Veja também a carta de Lewis a Arthur Greeves em Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 1, p. 976.
95. Carpenter, *J.R.R. Tolkien*, p. 151.
96. Tolkien, *Tree and Leaf*, 90.
97. Carpenter. *J.R.R. Tolkien*, 151.
98. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 136.
99. Hooper (ed.). *Collected Letters*, p. 974.
100. O primeiro livro escrito por Lewis após a sua conversão ao cristianismo, *O Regresso do Peregrino*, traça a sua própria busca intelectual e espiritual pela verdade.
101. Lewis. *Surprised by Joy*, p. 225.
102. Hooper (ed.). *C.S. Lewis: Of This and Other Worlds*, p. 7.
103. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 2, p. 501.
104. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 388.
105. Ibid., p. 29.
106. Ibid., p. 341.
107. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 2, p. 262.
108. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 209.
109. Ibid.
110. J.R.R. Tolkien. *The Hobbit* (New York: Ballantine, 1973), p. 17. [O Hobbit].
111. Carpenter. *J.R.R. Tolkien: A Biography*, p. 180.
112. Tolkien. *The Hobbit*, p. 268.
113. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 2, p. 631.

114. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 388.
115. Ibid., p. 68.
116. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 2, p. 990.
117. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 362.
118. John Bunyan. *The Pilgrim's Progress* (London: Penguin, 2008), p. 67.
119. Philip Gibbs. *Now It Can Be Told* (New York: Harper and Brothers, 1920), p. 131.
120. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 518.
121. Ibid., p. 61.
122. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 81.

Capítulo 6: Aquela Fortaleza Medonha

1. Tucídides. *The Peloponnesian War* (Oxford: Oxford University Press, 2009), p. 98. [História da Guerra do Peloponeso].
2. Ibid., p. 99.
3. Meyer. *A World Undone*, p. 396.
4. Ibid., p. 397.
5. Hooper (ed.). *C.S. Lewis: Of This and Other Worlds*, p. 95.
6. Ibid., p. 98.
7. Ibid., p. 102.
8. Veja Tom Shippey. *J.R.R. Tolkien: Author of the Century* (Boston: Houghton Mifflin, 2000), xvii–xxxv.
9. Roger Sale. "Tolkien and Frodo Baggins", em Neil D. Isaacs and Rose A. Zimbardo (eds.), *Tolkien and the Critics: Essays on J.R.R. Tolkien's The Lord of the Rings* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1972), p. 247.
10. Ernst Jünger. *Storm of Steel* (New York: Penguin, 2004), p. 71.
11. Meyer. *A World Undone*, p. 547.
12. Em uma carta a Jocelyn Gibb, datada de 16 de abril de 1961, Lewis se mostra perplexo com o autor David Richard Davies, que parecia ter descoberto, por causa da Guerra Civil espanhola, que a humanidade era capaz de grandes atrocidades. Lewis escreveu: "A maioria de nós descobriu isso durante a Primeira Guerra Alemã". Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 3, p. 1254–1255.
13. Esta é a descrição de Lyndsay da Torre de Babel bíblica. Lewis a pegou emprestada para usar no título do terceiro livro da sua série de ficção científica, *Aquela Fortaleza Medonha*.

14. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 47.
15. Ibid., p. 267.
16. Shippey. *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*, 114. Sou profundamente grato a este trabalho incrível de Shippey sobre o tema. Veja p. 112–160.
17. Ibid., p. 630.
18. C.S. Lewis. *The Screwtape Letters* (New York: MacMillan, 1982), x. [Cartas de um Diabo a seu Aprendiz].
19. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 47.
20. Ibid., p. 118.
21. Ibid., p. 62.
22. Veja Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 173.
23. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 76.
24. Lewis. *That Hideous Strength*, p. 293.
25. Hooper. *C.S. Lewis: Companion and Guide*, p. 240.
26. Veja Shippey. *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*, p. 112–160.
27. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 51.
28. Ibid., p. 268–269.
29. Ibid., p. 331.
30. Tolkien. *The Silmarillion*, p. 298.
31. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 357.
32. Ibid., p. 358.
33. Hooper (ed.). *C.S. Lewis: Of This and Other Worlds*, p. 28.
34. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 777.
35. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 82.
36. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 172.
37. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 61.
38. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 271.
39. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 199.
40. Ibid., p. 222.
41. Drout. *J.R.R. Tolkien Encyclopedia*, p. 75.
42. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 398.
43. Ibid., p. 259.
44. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 393.
45. Lewis. *That Hideous Strength*, p. 203.
46. Ibid.

47. Shippey. *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*, p. 117.
48. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 267.
49. Ibid., p. 269.
50. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 246.
51. Isaacs and Zimbardo (eds.). *Tolkien and the Critics*, p. 36.
52. C.S. Lewis expressou da seguinte maneira: "Essas coisas não foram planejadas para refletir nenhuma situação específica do mundo real. Foi ao contrário: acontecimentos reais começaram, de forma horrível, a se encaixar nos padrões que ele criara". Veja Carpenter, *Tolkien: A Biography*, p. 193.
53. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 332.
54. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 945.
55. Lewis. *The Screwtape Letters*, p. 56.
56. Lewis. *That Hideous Strength*, p. 130.
57. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 125–126.
58. Arthur Weinberg (ed.). *Attorney for the Damned: Clarence Darrow in the Courtroom* (Chicago: University of Chicago Press, 2012), p. 56.
59. Johnson. *Modern Times*, p. 71.
60. Ibid., p. 70.
61. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 258.
62. Gênesis 4.7.
63. Tolkien certa vez recebeu uma carta de um admirador que se dizia "incrédulo", mas, mesmo assim se sentira atraído pela sensibilidade religiosa da história. "Você cria um mundo em que algum tipo de fé parece estar em toda parte, mesmo sem uma fonte visível, como se fosse uma luz vinda de uma lâmpada invisível". Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 413.
64. Hooper (ed.). *C.S. Lewis: Of This and Other Worlds*, p. 99.
65. Ferguson. *The Pity of War*, p. 186.
66. Thomas Hardy. *The Collected Poems of Thomas Hardy* (Ware, Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1994), p. 509.
67. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 531.
68. Croft. *War and the Works of J.R.R. Tolkien*, p. 16–17.
69. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 849.
70. Ibid., p. 848.
71. Ibid., p. 631–632.
72. Ibid., p. 458.
73. Ibid., p. 823.

74. Croft. *War and the Works of J.R.R. Tolkien*, p. 26.
75. Brian Rosebury. *Tolkien: A Critical Assessment* (New York: St. Martin's, 1992), p. 126.
76. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 292.
77. Ibid., p. 170–171.
78. Brian Melton. "The Great War and Narnia: C.S. Lewis as Soldier and Creator", 22 de setembro, 2011, Mythlore. Muito de minha análise segue o excelente trabalho conduzido por Melton sobre este tema.
79. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 358.
80. Ibid., p. 732.
81. Em um ensaio que explorou a sua tradução inovadora de Beowulf, por exemplo, Tolkien explicou que os homens dessas lendas "foram concebidos como reis de cortes cavalheirescas" e que "a imaginação do autor de Beowulf se baseava na cavalaria cristã, se é que não totalmente influenciada por ela". Tolkien (ed.). *The Monsters and the Critics*, p. 57.
82. Garth. *Tolkien and the Great War*, p. 292.
83. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 650.
84. Ibid., p. 402.
85. Sou grato à análise de Verlyn Flieger da tradição heroica presente em *O Senhor dos Anéis*, em seu ensaio "Frodo and Aragorn: The Concept of the Hero", em Zimbardo & Isaacs (ed.). *Understanding The Lord of the Rings*, p. 122–125.
86. Zimbardo & Isaacs (ed.). *Understanding The Lord of the Rings*, p. 123.
87. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 171.
88. Ibid., p. 62.
89. Eksteins. *Rites of Spring*, p. 258.
90. Hooper (ed.). *Present Concerns*, p. 15.
91. Lee Rossi. *The Politics of Fantasy: C.S. Lewis and J.R.R. Tolkien* (Ann Arbor: UMI Research Press, 1984), p. 2.
92. Lewis disse em *The Discarded Image*: "Espero que ninguém pense que estou recomendando um retorno ao modelo medieval. Estou apenas sugerindo considerações que podem nos induzir a considerar todos os modelos da maneira correta, respeitando todos, sem idolatrar nenhum". C.S. Lewis, *The Discarded Image: An Introduction to Medieval and Renaissance Literature* (Cambridge: Cambridge University, 2003), p. 222.
93. Hooper (ed.). *Present Concerns*, p. 14.

94. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 160.
95. Ibid., p. 179.
96. Hooper (ed.). *Present Concerns*, p. 16.
97. Stephen E. Ambrose. *Band of Brothers* (New York: Simon and Schuster, 1992), p. 61.
98. Alan Jacobs. *The Narnian: The Life and Imagination of C. S. Lewis* (New York: HarperOne, 2006), p. 88.
99. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 583.
100. Ibid., p. 244.
101. Veja Mike Bellah. *A Celebration of Joy: Christian Romanticism in the Chronicles of Narnia*. http://www.bestyears.com/thesis__7.html
102. C.S. Lewis. *The Four Loves* (San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1988), p. 87. Veja a excelente análise de Lewis sobre o tema da amizade neste trabalho, p. 87–127. [Os Quatro Amores].
103. Kilby & Mead (ed.). *Brothers and Friends*, p. 284.
104. Lewis. *The Four Loves*, p. 104.
105. Alister McGrath argumentou de forma convincente que Lewis se juntou à Infantaria de Somerset Light para que pudesse servir ao lado de seu amigo Paddy Moore. Veja McGrath, *C.S. Lewis*, p. 65–66.
106. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 105.
107. Ibid., p. 104.
108. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 88.
109. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 87.
110. Ibid., p. 940.
111. Os membros do Inklings incluíam Lewis, seu irmão Warren, Tolkien, Charles Williams, Owen Barfield, e Hugo Dyson.
112. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 94.
113. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 2, p. 501.
114. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 303.
115. Hooper (ed.). *Collected Letters*, vol. 3, p. 249–250.
116. Em sua carta a Tolkien, datada de 13 de novembro de 1952, Lewis não se refere explicitamente à Primeira Guerra Mundial quando menciona “a Guerra” como uma das coisas que o trabalho de Tolkien ajudou a tornar permanente. Contudo, parece improvável que tivesse em mente a Segunda Guerra Mundial, acabada sete anos antes.

Hooper (ed.). *Collected Letters*

117. , vol. 3, p. 1458.
118. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 694. *Itálicos do autor.*

119. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 341.
120. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 216.
121. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 870.
122. Ibid., p. 500.
123. Spacks. "Power and Meaning in The Lord of the Rings", em Zimbardo & Isaacs (ed.), *Understanding The Lord of the Rings*, p. 60.
124. Ward (ed.). *World War One British Poets*, p. 25.
125. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 78.

Conclusão: O Retorno do Rei

1. "November 11th 1918", History Learning Site, http://www.historylearningsite.co.uk/november_11_1918.htm
2. Thomas Hardy. "And There Was a Great Calm", em Ward (ed.). *World War One British Poets*, p. 58.
3. Meyer. *A World Undone*, p. 486.
4. Hooper. *C.S. Lewis: Companion and Guide*, p. 444.
5. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 717.
6. Walmsley (ed.). *Faith, Christianity and the Church*, p. 46.
7. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 111.
8. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 962.
9. Ibid., p. 950.
10. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 252.
11. Tolkien. *Tree and Leaf*, p. 68–69.
12. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 255–56.
13. Carpenter (ed.). *The Letters*, p. 253.
14. Ibid., p. 69.
15. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 185.
16. Ibid., 737.
17. Ibid., 759.
18. Em seu ensaio "Sobre Contos de Fadas", Tolkien não deixa dúvidas sobre a sua compreensão do significado central do cristianismo. "O nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do homem. A ressurreição é a eucatástrofe da história da encarnação. Essa história começa e termina em alegria". Tolkien. *Tree and Leaf*, p. 72.
19. Isaacs & Zimbardo (ed.). *Tolkien and the Critics*, p. 248.
20. Tolkien. *Tree and Leaf*, p. 69.
21. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 954.

22. Esdras 3.11–12.
23. Churchill. *The World Crisis*, p. 3–4.
24. Meyer. *World Undone*, p. 260.
25. Citado em Dan Rodricks, "The Sad, Senseless End of Henry Gunther", 11 de novembro, 2008, Baltimore. Sunhttp://articles.baltimoresun.com/2008–11–11 /news/0811100097_1_henry-gunther-11th-month-war-i.
26. Overy. *The Twilight Years*, p. 12.
27. T.S. Eliot. *The Wasteland and Other Poems* (Orlando: Harcourt Brace & Company), p. 33.
28. Remarque. *All Quiet on the Western Front*, p. 294.
29. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 339.
30. Ibid., p. 766.
31. MacDonald. *Phantastes*, p. 188.
32. C.S. Lewis (ed.). *George MacDonald: An Anthology* (New York: HarperCollins, 2001), xxxv.
33. Lewis. *The Chronicles of Narnia*, p. 557–558.
34. Lewis (ed.). *George MacDonald*, xxxv.
35. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 968.
36. Joel 3. 14.
37. Tolkien. *The Lord of the Rings*, p. 953.
38. Apocalipse 22. 5.

Uma Lembrança

1. *The Story of the 91st Division* (San Francisco: H.S. Crocker Co., Inc., 1919), p. 19.
2. Ibid., p. 32.

ÍNDICE REMISSIVO

A Cadeira de Prata (Lewis) 178, 181, 199.

A Face da Batalha 73, 91.

A Grande Guerra 11–14, 18–19, 22, 29, 38, 41–43, 45, 91, 114, 121, 125–126, 130, 135, 138, 154, 162–163, 169, 177, 186, 191–192, 197, 201.

A Queda de Gondolin 131, 173.

A Queda de Gondolin 131, 173.

A Sociedade do Anel 66, 85, 92, 152, 164, 183–184. Veja *O Senhor dos Anéis*.

A Viagem do Peregrino da Alvorada (Lewis) 27.

A World Undone 192.

Abel Ferry 74.

Alan Jacobs 181.

Albert Lewis 108–109.

Aldous Huxley 13.

Além do Planeta Silencioso 146.

Alemanha 11, 13, 22–23, 36, 40–41, 43, 46, 50–52, 56–59, 62, 73, 93, 98, 107–108, 119–120, 128, 133.

Alister McGrath 28, 106, 227n105.

Alma humana 18, 145, 155–156, 187, 189.

Ambrose, Stephen, *Band of Brothers: Companhia de Heróis* 180–181.

Amizade 15–16, 18, 95, 97, 104, 134, 138, 140, 142, 145, 177, 180–182, 184–187, 189, 204, 227n102.

Antroposofia 138.

Aquela Fortaleza Medonha (Lewis) 113, 158, 166, 169.

Aragorn 160, 172, 178, 200.

Aravis 163, 181.

Armistício 15, 64, 121, 191, 198, 206, 221n20.

Arthur Greeves 48, 96–97, 101, 106, 123, 141–142, 145, 223n87.

Arthur Winnington–Ingram 47.

Artilharia 79.

As Crônicas de Nárnia 14, 17, 28, 39, 66, 147, 150, 153–154, 156, 177, 181–182.

Aslam 28, 39, 149–150, 156–157, 162–163, 165–166, 182, 192, 195–196, 199.

Associação Genética Americana 34.

Ateísmo 64, 100–101, 106, 110, 124, 126.

Baixas de guerra 11, 69, 78, 88, 99, 136.

Balrog 160.

Barbara Tuchman, *Canhões de Agosto* 13–14, 119.

Barbárvore 28.

Batalha da Jutlândia 69–70, 87.

Batalha de Arras 109.

Batalha de Verdun 70.

Batalha do Somme 15, 29, 65, 76, 78–79, 83, 87–89, 99–100, 106, 133, 142.

Beeching 59.

Benito Mussolini 13, 127–128.

Beowulf 17, 48, 88, 177, 186.

Beregond (soldado do Exército de Gondor) 80.

Bilbo Bolseiro 26, 147, 155.

Billy Sunday 57.

Bloomsbury Group 137, 223n75

Boromir 164–165.

Brejeiro 181.

Brian Rosebury 175.

C. F. Thomas 55.

C. S. Lewis (Clive Staples) 14–20, 22, 24, 26–29, 32, 35–36, 38, 47–49, 58, 63, 65–67, 93–114, 123–124, 127, 129–130, 134–136, 138–150, 152–154, 156–158, 161–164, 166–172, 175–177, 179–183, 185–187, 192, 194, 196, 198–109, 200, 203–204, 210n21, 218n15, 219n41,

219n44, 221n20, 224n101, 225n12, 226n52, 227n105.

C. V. Wedgwood 45.

Caça–Trufas 28.

Caim e Abel 171.

Capitalismo 119, 126, 128.

Cartas de um Diabo ao Seu Aprendiz (Lewis) 145, 169.

Cemitérios 42, 120.

Cerco de Gondor 76, 88.

Charles Darwin 31, 35.

Christine Rosen, *Preaching Eugenics* 38.

Christopher Tolkien 131, 168, 188, 193.

Christopher Wiseman 70, 87.

Cinismo 17, 64, 130, 188.

Cirith Ungol 161.

Clarence Darrow 170.

Clérigos 50–52, 54, 57, 59, 63.

Clube do Chá e Sociedade Barroviana (*Tea Club and Barrovian Society*, TCBS) 70, 74.

Comunismo 126–127, 166.

Condado 25–26, 35, 43, 66, 72, 79–80, 160, 184, 188.

Conrad Cherry, *God's New Israel* 55.

Conselho Nacional de Paz da Grã–Bretanha 23.

Conto de Fadas 17, 147, 153.

Coragem 17, 20, 38, 49, 64, 67, 74, 88, 90–91, 94, 100, 130, 147, 164, 177–179, 185, 192, 194, 198, 200.

Cristianismo 16, 30, 32, 47, 51–52, 54, 60–62, 65, 100, 102, 111, 119, 128, 137, 139, 141–142, 144–146, 158, 185, 200.

Cristianismo 16, 30, 32, 47, 51–52, 54, 60–62, 65, 100, 102, 111, 119, 128, 137, 139, 141–142, 144–146, 158, 185, 200.

Cristianismo muscular 47.

Cristianismo Puro e Simples (Lewis) 145.

Dan Todman, *The Great War* 58, 220n5.

David Cairns 60–61.

David Lyndsay 155.

David Railton 64.

De Profundis (Lewis) 106.

Death in Battle (Lewis) 135.

Debate intelectual 138.

Deus 16, 20, 27, 29, 33, 37, 50, 52–57, 60, 62–64, 66, 93, 99–100, 102, 106, 110, 120, 129–130, 135, 137–138, 140, 142–145, 149, 152, 157–158, 167, 171, 197.

Dever 17, 46–47, 49–50, 65, 67, 72, 92.

Donald Hardman 98.

Douglas Haig 65, 109.

Dr. Weston 158.

Eduardo VII (Rei da Inglaterra) 213n7.

Edward Francis "Paddy" Moore 104, 108, 182.

Edward Grey 43.

Elbert Hubbard 57.

Elihu Root 60.

Elrond 66, 156, 160, 164, 167, 178, 183, 187.

Elwin Ransom 158.

Eneida (Virgílio) 17, 210n21.

Ents (árvores humanoides) 27–28.

Éomer 172.

Éowyn 193.

Erich Remarque 119;

Ernest Francis 69.

Ernest Hemingway 119.

Ernst Jünger, *Tempestades de Aço* 154.

Ernst Troeltsch 56.

Escapismo 16, 17, 180, 193.

Esdras 197.

Estábulo 195–197.

Estados Unidos da América 13, 23, 29, 31, 33, 34, 36, 37, 47, 52, 55, 57, 59, 61–62, 108, 117, 120, 125, 127, 137, 181, 205.

Eucatástrofe 195–197.

Eugenia 33–38, 166.

Europa 13–14, 21, 23–24, 29, 33, 40, 42–43, 45–46, 49, 51–52, 57, 60–63, 91, 109, 117, 119, 125, 127–128, 136–137, 170, 173.

Evangelho social 32–33, 61.

Exércitos 40.

Ezra Stiles 54.

F. B. Meyer, *Religion and Race–Regeneration* 35.

Faca de Morgul 164.

Fantasia 17–18, 81, 95–96, 153, 171–172, 186.

Faramir (Capitão de Gondor) 20, 187, 193, 200, 210n30.

Fascismo 127, 166, 168.

Feiticeira Branca 157, 166, 169, 176, 195.

Força Aérea Real 140, 188.

Força Expedicionária Americana 191, 205–206.

Força Expedicionária Britânica (BEF) 11, 15, 49, 64–65, 72–73, 90–91, 95, 103, 122.

Força Voluntária de Ulster 99.

França 11, 13, 22–23, 40–41, 47, 49–52, 58, 63, 69–71, 73, 89, 98–99, 103–104, 107–108, 112, 117, 119–121, 132, 174, 180, 191, 206.

Francis Galton 33.

Frank Winter Perret 109.

French Nocturne (poema) 105.

Frente Ocidental 69, 73–74, 76, 80, 88, 90, 93, 95, 99, 107–109, 122, 155, 164, 174, 177,
179–180, 182, 205–206.

Friederich Nietzsche 138–139.

Frodo Bolseiro 67, 80, 150, 155, 184.

Fuzileiros de Lancashire 72, 79, 83, 88, 183.

G. A. Studdert Kennedy 59.

G. B. Smith 83, 87.

G. J. Meyer 80, 152;

Galadriel 17, 160.

Gandalf 28, 35, 66, 92, 149–150, 155, 159–160, 163–165, 167, 179, 184, 188, 195.

Gary Sheffield, *Forgotten Victory* 13.

Geoffrey Smith 81.

George Holley Gilbert 60.

George MacDonald 96, 97, 114, 141, 186, 199.

George Newman 125.

George Sayer 48, 97, 138.

Gilbert Murray, *The Ordeal of This Generation* 128, 138.

Gimli 160, 183.

Giovanni Pico della Mirandola, *Discurso sobre a Dignidade do Homem* 22.

Giuseppe Aiello 13.

Gollum 89, 161, 179, 195.

Goodbye to All That 118, 133.

Gottfried Naumann 56.

Grã–Bretanha 15, 22–25, 33–34, 41–43, 47, 50–51, 53, 58–59, 71–73, 93, 108–109, 120–121, 125, 127, 136, 149, 152–153, 221n20

Gripe Espanhola (1918) 125, 128.

Guerra do Anel 28, 35.

Guerra do Peloponeso 151.

Guerra dos Trinta Anos 45–46.

H. G. Wells 23, 118.

Harold Macmillan 65.

Hedonismo 130.

Henry Bradley 123.

Henry Gunther 191.

Herbert Henry Asquith 50.

Herbert Spencer 31.

Herói épico 200.

Hobbits 17, 25–26, 35, 67, 79, 85, 90, 91, 147, 152–153, 160, 178–180,

183–184, 188.

Homero, *A Ilíada* 94, 110.

Horror animal da guerra 83, 88.

Hugo Dyson 142.

Humanidade 12, 22, 25, 27–28, 30–32, 34–36, 38, 42, 50, 56, 59–62, 71, 117, 119, 122, 138, 149, 164, 192–193.

Humildade 20, 67, 179, 200.

Humphrey Carpenter 25, 131.

Igreja da Inglaterra 34, 52, 54, 64, 137.

Imaginação 14, 16, 74, 96, 101, 111, 140, 142, 147, 149, 153–154, 159, 161, 168, 193, 201, 227n81.

Immanuel Kant 23.

Império Austro–Húngaro 41, 136.
Harry Ayres 111.

Industrialização 25, 27, 40.

Infantaria de Somerset Light 109–110.

Inklings 145–146, 185, 228n111.

Inocência perdida 14, 135.

Inocêncio X (papa) 46.

Instituto Nacional de Experimentos Coordenados (N.I.C.E.) 113, 158, 169.

Invasão alemã da Antuérpia 93–94.

Itália 13, 127.

J. A. Hobson, *Imperialismo* 52.

J. Engall 49.

J. R. R. Tolkien (John Ronald Reuel) 14–20, 22, 24–29, 35–36, 38–39, 47–49, 63, 65–74, 76, 79–92, 99, 103, 106, 112–113, 122–123, 130–135, 141–150, 152–154, 156–158, 160–162, 164, 166–168, 171–181, 183–188, 192–196, 198, 200, 203–204.

Jadis (Rainha do Gelo) 39, 157.

James Day 60.

James Plowden–Wardlaw 59.

James Turner 32.

John Askins 124.

John Garth 47, 85, 177;
John Hancock, *God's Dealings with the British Empire* 53.
John Keegan 12, 40, 75;
John Mott 62.
John Spurr 53.
Josef Wenzl 12.
Joseph Fort Newton, *The Sword of The Spirit* 62.
Joseph Wright, *Primer of the Gothic Language* 48.
Karl Barth 136–137.
Kenneth MacArthur 37.
L. W. Forster 89.
Laurence Bertrand Johnson 104.
Lee Rossi 179.
Légolas 160.
Leo Baker 140.
Leon Trotsky 126.
Leonard Darwin 35.
Liberdade 27, 35, 47, 54–55, 162, 166, 171, 187–188, 198.
Livre Arbítrio 159, 161, 163–164.
Livros publicados após a Primeira Guerra Mundial 121–122.
Lloyd George 78, 108.
Lord Kitchener (Secretário de Guerra) 72.
Lyman Abbott 61;
Maleldil 158.
Margaret Macmillan 118.
Mark & Jane Studdock 158.
Martin Gilbert 41, 78, 81, 89.
Max Hastings 29, 75.
Max Plowman 106.
Merry 85, 174, 183, 188.
Mervyn Evers 86.

Michael Burleigh, *Earthly Powers* 51, 57.

Michael Tolkien 168.

Michele Loconte 13, 108.

Miraz 28, 176.

Mito e Mitologia 16–17, 131–134, 141–144, 147, 149, 153, 172, 175, 182, 186, 196.

Mitopéia 36, 143, 223n89.

Modernização 27.

Modris Eksteins 12, 50, 128.

Monchy–Le–Preux 105.

Mordor 26, 35, 87, 89, 155–156, 159, 161, 163–164, 171, 173–174, 184, 197.

Morgoth 131–132.

Morte dos armênios 120, 221n7.

Nacionalismo 51–52, 56.

Nacionalismo cristão 51–52, 56.

Nada de Novo no Front 119.

Nancy Marie Ott 89;

Nárnia 18, 27–28, 38, 43, 112–114, 150–156, 157, 159, 162, 163, 165–166, 171–172, 175, 177, 179, 182, 192, 195–196, 198, 200.

Nazismo 166.

Neo–ortodoxia 137.

Niall Ferguson 24, 40, 49, 98, 220 n5, 222n58.

Nikabrik 165–166.

Norman Angell, *A Grande Ilusão* 23.

O Anel 39, 155–156, 159–160, 162, 164–165, 167–168, 178–179, 184–185, 188, 193–195.

O Cavalo e seu Menino (Lewis) 163, 175, 181.

O Centauro Roonwit 192.

O Grande Abismo (Lewis) 145.

O Hobbit 14, 16, 90, 147, 173.

O Leão, a Feiticeira e o Guarda–Roupa (Lewis) 66, 169, 175, 195.

O Livro dos Contos Perdidos 134. Ver *O Silmarillion*.

O Mito do Progresso 21, 31–32, 37–39, 41–43, 52, 62.

O Regresso do Peregrino (Lewis) 224n101.

O Retorno do Rei (Tolkien) 76, 132, 173, 188.

O Senhor dos Anéis 14, 16–20, 26, 35, 39, 67, 72, 76, 79–80, 85, 88, 90, 131–132, 134, 147–148, 150, 153–155, 159, 162, 167–168, 173–174, 178, 186, 193, 200.

O Silmarillion 131, 134.

O Sobrinho do Mago (Lewis) 157, 162.

Oliver Wendell Holmes 31, 37.

Orgulho 80, 165, 168, 182.

Oswald Smythe 94.

Oswald Spengler 122.

Otto Dix 154.

Ovillers 81–83, 99.

Owen Barfield 138.

Pacifismo 20, 130, 180.

Paganismo 54, 59, 144.

Palácio de Cristal 24

Patricia Meyer Spacks 17, 188.

Patriotismo 46–47, 50, 65, 72–73, 130.

Paul Bull 63.

Paul Fussell 136.

Paul Johnson 12,128–129, 171.

Percy Dearmer 60.

Perelandra 36, 158.

Peter Wilson, *The Thirty Years War: Europe's Tragedy* 46.

Phantastes 96–97, 114, 199.

Philip Gibbs 83, 148.

Philip Jenkins 57;

Pippin 19, 85, 160, 174, 183.

Poggin 196.

Pós–guerra 16, 19, 63, 119, 125, 128, 130, 137–138, 140, 152, 164, 166, 170, 193, 198.

Primeira Guerra Mundial 12, 14–16, 19, 22, 31, 40, 45–47, 49–50, 53, 55, 63, 66, 70, 86, 89, 117, 119, 121, 131–132, 136, 139, 152, 154, 159, 164, 175–176, 179, 191, 203–205, 220 n5, 228n116. Veja Grande Guerra.

Primeiro Congresso Internacional de Eugenia 35.

Príncipe Caspian (Lewis) 28, 165, 176.

Protestantes 35, 37, 52, 57, 64.

Providência divina 55.

Psicanálise 129, 138.

Psicologia Freudiana 125, 128.

Pureza Racial 34.

Queda do homem 39, 143, 159.

Queen Mary (cruzador de batalha) 69.

Ralph Stuart Payton 87.

Randolph McKim 56.

Realismo da fantasia 172.

Reforma Protestante 45.

Regina Trench 85.

Rei Caspian 27.

Religião 16, 30, 32–34, 37, 42, 45–47, 51, 53, 60, 65, 102, 130, 142, 149, 158.

Renovação Cultural 61

Revolução gloriosa (1689) 53.

Revolução Industrial 23–25.

Richard Cooke 60.

Richard Gamble 42;

Richard Overy 121.

Richard Schweitzer, *The Cross and the Trenches* 64.

Richard Tarnas, *A Epopéia do Pensamento Ocidental* 30.

Riez du Vinage 109, 111, 175.

Ripchip 28, 66.

Rob Gilson 74, 78, 83.

Robert Graves 64;

Roger Green 97.

Roger Osborne 25, 42.

Roger Sale 14, 153.

Rudolf Steiner 138.

Rússia 40–41, 51, 60, 107, 119, 126, 136, 154, 170.

Sam Gamgi 18, 89, 90, 156, 184.

Samuel Zane Batten 55.

Saruman, o Mago 26, 28, 165.

Sauron 26, 28, 35, 155–156, 159–161, 165, 167, 195, 200.

Segunda Guerra Mundial 131, 133, 167–168, 181, 185, 188, 193, 228n116.

Shasta 163, 175, 181, 187.

Siegfried Sassoon 133, 198.

Sigmund Freud 129, 139.

Smaug 173.

Sociedade 13, 18–19, 27, 31–35, 37–38, 42, 51, 60–62, 118, 127, 148, 157, 180.

Sociedade do Anel 85, 184.

Spirits in Bondage (Lewis) 102, 135.

Sr. Straik 66.

Susan Kingsley Kent 126.

T. S. Eliot 119, 137, 198.

T. W. Crafer 53

Tash 192, 196.

Terra de ninguém 12, 77, 79–80, 82, 85–86, 88, 173.

Terra Média 17, 25, 27–28, 35, 38–39, 131–132, 134–135, 147, 149, 155, 157, 159–160, 165, 167–168, 171–172, 179, 193, 198, 200.

The Evolution of Christianity 32.

The Great and Holy War 47.

The Lonely Isle (poema) 72.
The War for Righteousness 61.
Théoden 132.
Theodore Hardy 64.
Thomas Hardy 173, 191.
Thomas Kenneth “Tea Cake” Barnsley 87.
Tirian (rei) 195.
Tisroc 171.
Tolkien and the Great War 81.
Tom Shippey 167.
Tratado de Brest–Litovsky 107.
Tratado de Paz de Vestfália (1648) 46.
Tratado de Versalhes 118.
Trégua de Natal (1914) 11, 62.
Trilogia Cósmica (Lewis) 36, 153.
Trincheiras 12, 14–15, 18, 38, 41, 46, 63, 74–77, 81–83, 86–88, 90, 93, 99, 104–106, 123, 129, 131, 133–134, 136, 152, 175, 184.
Tucídides 151.
Universidade de Oxford 15, 76, 90, 123, 138.
Valfenda 39, 160, 180.
Vera Brittain 29.
Verlyn Flieger 178, 227n85.
Victor Davis Hanson 18.
Vida Intelectual 38, 139.
Virginia Woolf 137, 223 n75.
Vitória (rainha da Inglaterra) 25, 213n7.
Vladimir Lênin 126, 170–171.
Volksgeist 57.
Vontade divina 56.
W. H. Auden, *carta de Tolkien* 90.
W. M. Spellman 41.

W. R. Matthews 130.
Walter Hooper 97, 145, 192.
Walter Lipmann 16.
Warren Lewis 27, 95.
Washington Gladden 33.
West Midlands 25.
Wilfred Owen 74, 132, 188.
William McFadzean 100.
William Thompson Kirkpatrick
93–94, 98, 100–101, 111, 124.
Winston Churchill, *The World Crisis* 91, 118.
Woodrow Wilson 55, 61, 117.
Ypres 11, 58, 65, 86–87, 120, 142.